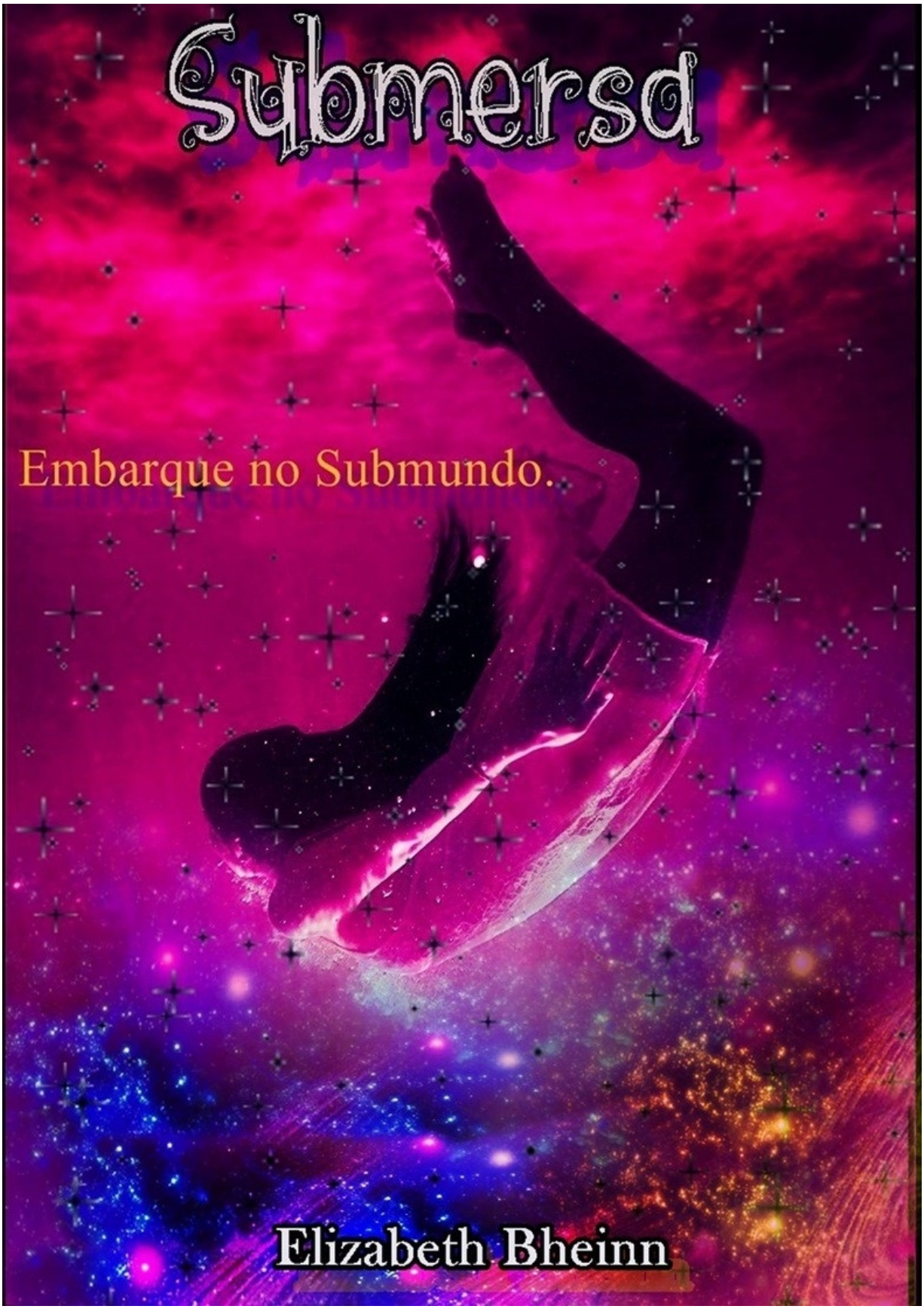

Submersa
Embarque no Submundo.
Elizabeth Bheinn

1

Submersa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Elizabeth Bheinn

2

3

Copyright © 2017 Elizabeth Bheinn.

Todos os direitos reservados, lei 9.610.

ISBN: 9781521011744

Formato; e-book Kindle

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou
transmitida de qualquer modo
ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou
qualquer outro tipo de
sistema de armazenamento e transmissão de informação sem
autorização por escrito da
Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e
acontecimentos descritos são
produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes,
datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

4

5

Para Adonai, a melhor irmã do mundo.

Esse livro é para você.

Te amo!

6

7

“Há

sempre alguma loucura no amor. Mas há

sempre um pouco de razão na loucura.”

-Friedrich

Nietzsche

8

Antes

Que a bunda dele apodreça, encolha e caia logo depois. —Clarence fala, e ao mesmo

tempo cospe seu chiclete que quase me acerta, esquivo-me rapidamente.

—Eu sempre soube que aquela Jayne era uma “vadiazita”. —Zum praticamente grita,

atraindo a atenção de quase a escola inteira. Ele é um dos meus melhores amigos,

acreditava cegamente que empregando “Zita”, e “Ito” no final das palavras as tornavam

espanhol.

—Já chega disso. —Levanto-me e me despeço com um aceno de mão. —Vou ao

banheiro.

—Vou com você. Comi toda essa bolacha... Preciso vomitar. —Clarence sussurra as

últimas duas palavras. Impeço-a erguendo uma das mãos.

—Preciso fazer isso sozinha. —Falo descendo os poucos degraus do ginásio.

—Você não manda no banheiro da escola. —Grita por cima do ombro, eu a ignoro, e

sigo meu caminho. Corro até o conforto do banheiro e tranco a porta. Molho o rosto

com água fria para espantar a vontade de vomitar—isso acontece pelo menos uma vez

por semana, logo depois de eu tomar meus coquetéis de antipsicóticos. —, funciona

dessa vez.

Sento-me no chão frio e encaro as portas esbranquiçadas, até meus olhos arderem, e

imagens começarem a tomar formas. Sacudo a cabeça nervosamente, talvez tenha que

ver a dra. Verônica novamente. Meus medicamentos provavelmente estão perdendo o

efeito. E eu não quero surtar de novo, não igual à última vez...

Meu telefone toca, reconheço o número de Pierre—não o número dele de verdade, o

número de sua irmã, já que bloqueei suas chamadas. —, desligo o celular, e jogo a

bateria no lixo. Antes de me arrepender reviro o lixo recuperando minha bateria,

deposito o celular no bolso de minha calça. Levanto-me do chão do banheiro e

destranco a porta—que está sendo esmurrada por algumas garotas.

—Qual o seu problema Flowerence, por que sempre se tranca na droga do banheiro? —

Jayne grita enquanto alisa o cabelo loiro escovado. A ignoro e continuo andando. Odeio

aula de educação física, ser obrigada a socializar e ficar perto de pessoas é um dos meus piores pesadelos.

Sento-me na escada novamente, sozinha. Meus amigos haviam sumido... Ah, me

esqueci de contar; eles nunca existiram de verdade. Nem zum, nem Clarence, são

apenas amigos fictícios de minha imaginação desvairada.

9

Depois

Meu nome é Allykah Grace Flowerence—o sobrenome gringo eu herdei dos meus avós

estrangeiros—, vou fazer dezoito anos daqui um dia, apenas. Eu sou louca, louca de

verdade, comprovada e tudo, tomo até antipsicóticos—que já não estão fazendo efeito

como deveriam. —, mas não vou me aprofundar nisso.

Não vou mais a escola desde meu surto.

Minha mãe me mantém trancada quase o tempo todo no quarto—ela e meu pai

discutiram muito sobre isso, ele era contra, e ela a favor. Mas tudo mudou quando surtei na escola. —, ela só entrava para deixar minha comida, mas só

quando eu caía no sono.

Ela não é uma carrasca se é o que você pensa, na verdade, tudo isso foi a pedido meu.

Não confio em mim, por que outra pessoa deveria?

No primeiro dia eu a odiei totalmente, mesmo tendo sido eu a propor tal ação—uma

parte de mim queria que ela debatesse e me dissesse que não era necessário, brigasse

por mim—, ela me abandonou—de certa forma—, me isolou do mundo. Deixou-me a

mercê dos monstros que habitam o meu quarto.

Estico meu corpo e volto a me sentar na cadeira de balanço—que pertenceu a minha

avó, eu acho—, o dia já está acabando e a escuridão se infiltra pelo papel de parede

florido. Eu mesma o havia escolhido, antes, antes de tudo. Antes de enlouquecer...

10

Antes

Você sabe que eu poderia ter o cara que eu quisesse. —Jayne pisca.

Eu gargalho—esquecendo completamente que estou numa sala de aula, a professora

chama minha atenção.

Desde pequena Jayne sempre fora convencida, mas piorara quando entrou na

puberdade, principalmente quando seus limõezinhos se tornaram melões. Jayne

era

minha amiga desde os seis anos de idade—e o laço intensificou ainda mais aos treze

anos, explico o porquê depois. —, nunca ficamos brigadas por muito tempo, talvez uma

vez quando ela roubou algumas cervejas dos pais.

Ficamos bêbadas na terceira garrafa, e *ficamos*. Acordamos nuas e agarradas em seu quarto em um domingo, a mãe dela entrou para se certificar de que estávamos nos

arrumando para a missa, imagine a cena. Ela brigou comigo, e eu nem sabia o porquê.

De fato, nós não transamos, mas rolou algo quente, eu acho. Não me lembro de muita

coisa, só dos beijos. Depois de alguns meses, eu deixei o orgulho de lado e fui até sua

casa— mesmo não tendo sido eu a romper a amizade—, no fim nós voltamos às pazes.

—E se ele descobrir? —Sussurro. Jayne namorava o tal de Ralph—e queria traí-lo com

Ben. —, íamos a uma festa dele, e ela pretendia transar.

—Não vai. Vou arranjar aquele amigo bonitinho dele pra você. —Rabisca algo em seu

caderno cor-de-rosa, apostaria um braço que não tinha nada a ver com a matéria, ela só

estava enrolando até o término da aula. Vasculho minha mente tentando encontrar o

rosto desse amigo “bonitinho” e ver se valia a pena fugir de casa para ir a tal festa.

Eu dormiria na casa de Jayne para podermos nos esgueirar pela janela, mas minha mãe

havia se recusado a me deixar ir. Eu estava oficialmente de castigo por ter deixado que

minha irmã caísse do beliche, como se eu pudesse ter evitado.

Copio três palavras em meu caderno e ouço alguém chamar meu nome.

—O que...? —Olho para Jayne, ela dá de ombros e se volta para o celular respondendo á

um SMS.

“Allykah” alguém sussurra por cima do meu ombro.

Olho em volta, mas todos estão distraídos em livros, cadernos ou facebook.

“Allykah”.

Bufo, isso devia ser uma pegadinha de Jayne. Convencera todos a me chamar ao

mesmo tempo, imitando vozes sinistras.

—Flowerence se empenhasse metade da sua energia em fazer algo em minha aula,

talvez seu boletim não estivesse tão colorido. —A professora repreende me encarando

por cima dos óculos com armadura verde néon. Meus colegas riem de mim.

Paro de me remexer na cadeira, e finalmente as vozes param. Jayne dá um risinho

cínico.

“Você precisa encontrar, Allykah”, alguém sussurra.

—Já chega! —Explodo. Todos me olham sobressaltados quando me levanto furiosa. —

Se eu ouvir meu nome mais uma vez eu...

11

Minha voz some ao ver uma mulher esverdeada passar por mim. Ela está vestida de trapos escuros, seu nariz é grande e adunco, tem algumas verrugas espalhadas pelo rosto

e braços, o que a deixa mais sinistra, como se fosse possível. Ela se senta em uma

carteira vazia entre mim e uma garota ruiva.

—Flowerence. É melhor se sentar ou vou pedir que se retire da sala. —A professora fala

alto.

Olho para todos os olhos curiosos que me encaram como se eu fosse uma aberração—a

temperatura parece ter despencado. —, solto um longo suspiro, e a fumaça dança em

minha frente, enevoando-se. Olho mais uma vez para os rostos, depois para a mulher,

ninguém parece percebê-la. Ela sorri para mim, seus dentes são marrom-escuros, me

encolho.

Sento-me e me viro para meu caderno, relutantemente. Meu coração está disparado, a

adrenalina se espalha pelo meu corpo rapidamente. Meus pelos se eriçam, e um

calafrio

desce por minha espinha. Uma camada fina de gelo se forma em meus lábios.

Não é a primeira vez que eu vejo coisas desse tipo. Teve uma vez em meu aniversário

de dez anos, uma esquisita criatura escamosa me assombrou o verão inteiro.

Meus pais até mesmo desistiram do divórcio—minha terapeuta disse que meu

comportamento era uma revolta inconsciente—, pois tudo acontecera um dia depois

deles me darem a notícia.

—Vamos começar uma nova brincadeira, papai vai se mudar pra outra casa, e você fica

com a mamãe. É tipo esconde-esconde, só que te encontro uma vez por semana, papai te

ama, e ama muito a *mamãe*... —Meu pai tentou enfeitar a verdade.

Um dia depois comecei a acordar aos gritos no meio da noite. Incrivelmente quando

meus pais decidiram continuar juntos, o bicho-papão desapareceu—como a terapeuta

disse que aconteceria, acreditei nela daquela vez... —, só que agora estava acontecendo

de novo, e não existia nenhum divórcio para culpar.

A criatura fantasmagórica faz sons horríveis. —Parece uivo e choro misturado. —

Tento ignorá-la, então ela começa a fazer ruídos mais altos. Um nó se forma em meu

estômago

—Precisa encontrar... —Fala algo coerente que consigo discernir. —Encontre. Eles

estão vindo até você...

—Eu não ligo, cale a boca. —Sussurro. Ela bufa e bate o pé, uma rachadura gigantesca

se forma sob meus pés, suas ramificações aumentam e um abismo está prestes a se

irromper.

—Você precisa me deixar passar para seu plano. —Choraminga. Quase gargalho de

histeria. Passar para meu plano. Como se realmente eu pudesse decidir quem passava ou não para onde quer que seja. Mesmo que eu tivesse esse poder eu nunca deixaria uma

bruxa louca atravessar nada, mas não digo isso a ela. —Deixe-me entrar Allykah.

Como minha terapeuta dizia: Aquilo era fruto de minha imaginação, por isso as

criaturas sempre pareciam saber nome e fatos importantes sobre você, porque era seu

subconsciente, quem melhor para nos conhecer do que nós mesmos?

Como que se para enfatizar ainda mais minha lógica a rachadura desaparece.

—Então terei que te isolar do seu mundo, sinto muito. —Ao dizer isso ouço o grito

agudo de Jayne, a bruxa a mumifica com teias de aranha gigante e brilhante.

—Façam alguma coisa! —Grito, mas todos parecem estáticos sendo envolvidos momentaneamente em casulos de teias. Pondero me sentar e ignorar toda aquela cena

macabra, aquilo é apenas minha imaginação. Forço-me a acreditar, mas os gritos

abafados me mostram o contrário. Todos precisam da minha ajuda, eu consigo vê-la,

então posso impedi-la, certo? Errado.

“Eu posso impedi-la” com esse pensamento pego uma tesoura e começo a cortar as

teias, libertando Jayne. Por que quanto mais corto, mas seu rosto se deforma? De medo,

raiva, dor...?

—Pare com isso! —Mãos fortes me seguram. —O que está havendo com você, garota?

Paro de tentar me livrar do aperto quando percebo o rosto imóvel—de susto/medo—, e

ensanguentado de Jayne. Vejo pela primeira vez minha mão coberta de sangue que

segura a tesoura. Olho para os alunos que agora se amontoam o mais longe possível de

mim, como ovelhas amedrontadas. O fantasma havia desaparecido.

Como eu imaginara aquilo nunca acontecera, Jayne nunca ficara em perigo, o fantasma

nunca existira. Minha imaginação havia me pregado uma peça, armado uma armadilha e

eu caí feito um patinho.

Meu Deus o que eu fiz?

Balbucio isso por uma semana inteira.

13

Depois

Antes que tudo esteja totalmente imerso na escuridão eu acendo a luz, que lança um

brilho fluorescente por todo o quarto dando a impressão de que as flores do papel de

parede são bidimensionais. Balanço-me na cadeira de balanço por alguns minutos.

Eu estava na luz, nada de ruim me aconteceria, repito isso por um tempo até que eu me

sinto melhor, de verdade. Quando se é louca é fácil se enganar. Como naqueles sonhos

lúcidos, quando você pode ver & ser o que quiser.

Recordo-me de como conheci Clarence. Eu perambulava pelo bairro, as estrelas e lua

estavam mais brilhantes do que costumeiramente, então eu a vi se balançando na

gangorra. Era estranho uma adolescente por ali, principalmente àquela hora da noite. Eu

adorava caminhar de madrugada—me esgueirava pela janela sempre que podia —, tinha

a sensação de estar só no mundo, e isso naquele momento era bom.

Agora eu estava só no mundo de verdade, e não era nada bom.

Foi mais ou menos assim...

—Está sozinha? —Clarence pergunta.

—Caminhando. —Respondo incerta se devia falar com ela.

—Podemos ser amigas? —Sorri, retribuo e me aproximo. Seus cabelos cor de uva

estavam puxados em um rabo de cavalo malfeito.

“Cale seus pensamentos, tem ideia de quão patética você é?”, uma vozinha grita em

minha cabeça.

“Não foi bem assim que aconteceu”, outra irrompe.

—A lembrança é minha, me lembro do jeito que eu quiser. —Murmuro.

“Clarence nunca existiu, você a inventou, isso é ridículo. Ninguém no meio da

madrugada conversa com estranhos. Ficar presa aqui está te fazendo mal”.

—Eu converso. Foi assim que conheci Clarence.

“Você não tem amigos, você é louca. Você feriu a única amiga que teve”.

Depois do episódio da escola Jayne convenceu sua mãe a não prestar queixa, minha

mãe faltou colocá-la no colo. Apesar de todo o sangue eu *havia* apenas arranhado seu rosto, ombro e braços—na tentativa errônea de libertá-la do casulo imaginário de teias

—, nada que precisasse de pontos ou ser amputado.

Pode parecer insensível da minha parte, mas é que pensei que a tinha matado, eu nunca

vira tanto sangue na minha vida antes. A mulher ectoplasmática não havia aparecido

mais depois disso, ela devia saber o que a aguardava.

Bocejo com sonolência—deve ser o remédio—, faz quase quatro dias que não durmo.

Da última vez cochilei por poucos minutos e a luz se apagou—como se alguém tivesse

comprimido o pavio da vela entre o polegar e indicador—, e por segundos senti a

opressão da escuridão. Levantei rapidamente tropeçando nas almofadas do chão e liguei

novamente o interruptor, talvez eu estivesse sendo assombrada.

Minha TV ligava todo santo dia—mesmo eu desligando-a da tomada—, até que a

destruí. Abro meu guarda-roupa o vasculhando, encontro um mini dálmata de pelúcia.

Lembro bem de quando o ganhei.

14

—Gostou? —Amós indaga enquanto remexe a areia em busca do relógio do seu pai que ele enterrou.

—Acho que não. —Olho o dálmata de pelúcia mais uma vez. Ele me prometera um belo

presente, eu esperava uma Barbie. As pessoas sempre me decepcionavam.

Amós e eu éramos amigos desde que me entendo por gente, brincávamos a maior parte

do tempo, quando não estávamos estudando. Quando brigávamos cedo, à tarde já

tínhamos feito às pazes. Éramos inseparáveis até que ele partiu. Aí eu e Jayne nos

tornamos inseparáveis.

—Devia ter comprado uma boneca pra você. —Vira-se para me fitar. Seu cabelo loiro

claríssimo reflete a luz do sol, e ele quase parece angelical. Pena que eu ainda não me

interessava por garotos, naquela época eles ainda eram nojentos e melequentos. —Eu vi

uma lá no centro. —Começa se voltando para a areia. —Era gorda e tinha o cabelo feio

como o seu, vocês duas teriam se gostado.

Jogo areia em seu cabelo, ele devolve.

Desde muito pequena eu odiava pentear meu cabelo, usava uma touca vermelha por

cima, mas Amós a tirava, e sempre me importunava. Até o início da puberdade eu era

mais cheinha, o que rendia mais provocações. Eu não ficava por baixo, apesar das

ofensas mútuas nós nos amávamos.

—Vai ao meu aniversário? —Pergunto depois que a raiva passa.

—Sim, meu pai sempre me obriga a ir. —Sorri. Seu sorriso desaparece tão rápido

quanto um relâmpago. —Quero bolo de chocolate, Ok?

—O aniversário é meu. Quando for o seu então você escolhe, mas como é *meu* vai ser de amendoim. —Tento passar os dedos pelo cabelo, mas eles ficam presos. Tiro-os

sofregamente e tento disfarçar, mas Amós percebe e sorri maliciosamente.

—Amendoim é uma merda.

—Eu quero um presente decente. —Ignoro que ele falou palavra feia, ele era assim

tinha uma boca muito suja, era o que minha mãe dizia.

—Já te dei um. —Indica o dálmata. —Você é uma exploradora, meu pai está certo.

—O seu pai diz que sou uma *exploradora*?

—Não só você, as mulheres do mundo inteiro. Explora os homens, usam a beleza para

nos fazerem de escravos. —Me encara semicerrando seus olhos azuis. —Não é seu

caso, você é feia.

Pego o dálmata e jogo em cima dele antes de sair dali pisando duro. Depois disso ele

foi até minha casa e entregou o cão de pelúcia a minha mãe—que o guardou para mim

até que eu o perdoasse, o que aconteceu dali umas horas—, ela sempre ficava do lado

dos outros, invés do meu.

Eu não tinha uma foto, uma carta, nada. Esse cachorro idiota era a única coisa que eu

tinha dele para me lembrar.

“Talvez você o tenha inventado”, replica a vozinha incessante.

—Não ele é real. —Me abraço ao cachorro e inspiro. Quase consigo sentir o cheiro

daquele dia, cheiro de sol, areia e nossas mãos imundas de sujeira.

“Como sabe que ele é real?”

15

—Eu tenho essa pelúcia. —Murmuro. Na verdade aquele cachorrinho não provava muita coisa. Corro até minha cama e me ajoelho, pego uma caixa cheia de bugigangas, e

bem lá no fundo pego um Rolex prateado.

Admiro o relógio em minhas mãos. —Eu nunca contei a Amós, mas roubara o relógio

do seu pai enquanto estivera distraído com a areia. Não sei por que eu fizera isso, não

foi por maldade...

Quando eu disse que as pessoas sempre me decepcionavam eu não mentira, e isso

acontecia sempre na véspera do meu aniversário, Amós foi uma delas. Quando

completei onze anos ele me deixou—foi logo depois de seu Bar Mitzvá*****—, seus pais se separaram e ele foi morar com o pai em outra cidade. Sua mãe continuou por aqui.

Ela queimou todas suas roupas na churrasqueira no quintal, e durante uma semana

levou o lixo para fora completamente nua—minha mãe disse que ela queria se insinuar

para o papai—, depois de um tempo sua casa começou a ser bastante frequentada.

Sempre tinha homens e mulheres seminus andando pela casa ou saindo, se não estavam

saindo estavam chegando.

Ela morreu afogada na banheira três anos depois, a casa está fechada até hoje. Guardo

o relógio novamente na caixa e apanho alguns materiais de limpeza. Lavo meu banheiro

e limpo meu quarto até não restar um grão sequer de poeira. Muitos preferem fazer isso

durante o dia, mas eu sou diferente, excêntrica gosto de pensar, faço esse tipo de coisa a noite.

Abro um pacote de biscoitos e mordisco um, não me lembro da última vez que eu

comi. Os remédios deixam meu estômago irritado. Ouço um ruído na porta, deito-me na

cama—ainda com as mãos enluvadas—, e finjo dormir.

Minha mãe entra e inspira o cheiro de rosas do meu quarto, ela deixa um prato

embrulhado para mim e uma jarra de suco.

—Allykah? —Chama meu nome, ela pronuncia meu nome como “Állykah” nunca

entendi o porquê. Meu pai disse uma vez que é porque ela queria que eu me chamasse

Angéllyca, mas isso não faz nenhum sentido. Talvez esse fosse um jeito carinhoso que

ela tinha para mim. Ela se aproxima—felizmente estou virada para a parede, então ela

não vê minhas pálpebras tremerem—, e acaricia meu cabelo.

—Mãe? —Falo baixo e me viro para ela. Seu cabelo loiro escuro está preso em

um

coque, ela parece cansada, aparenta ter muito mais do que seus trinta e cinco anos.

—Allykah. —Sussurra. Ela se sente mal consigo mesma, eu consigo sentir. Sente-se

mal por ter que me trancar no quarto—a pedido meu—, prefiro isso a uma clínica, mas

ela não entende. Ela acha que é uma péssima mãe, que tudo isso é culpa dela. —Eu te

amo.

—Eu te amo. —Afago seu rosto.

—Sua irmã já adormeceu junto ao seu pai lá na sala, os dois nunca veem o final de

qualquer filme. —Sorrimos ao mesmo tempo. —Fiz torta de frango hoje, está divino. —

Gesticula para o prato.

—Acho que preciso ver a minha psiquiatra dra. Verônica, meus remédios não estão

fazendo efeito como deveriam.

Minha mãe olha para a prateleira—ao lado dos livros—, para o monte de frascos que

se amontoam.

—Depois do seu aniversário. —Tenta sorrir, deve ser difícil ter uma filha esquizofrênica. Mas me matar seria um sofrimento ainda pior para mamãe, sei porque já

tentei. O melhor a se fazer é ir a psiquiatra tomar meus remédios adequadamente e

continuar confinada. Não é uma solução definitiva, mas por agora é tudo o que tenho.

Mamãe fica mais um tempo comigo—ela elogia o quão bem mantenho o quarto limpo

e cheiroso—, depois se despedi, não sem antes insistir em me deixar uma cópia da

chave, mas me recuso—uma parte de mim até queria—, não posso me dar o luxo de

cometer nenhum erro.

Apesar de me parecer ser bem tarde ainda são seis horas—ouço o barulho de caminhões

estacionando na casa ao lado, parece ser a casa dos Krieger, isso seria impossível, então deduzo serem os Sullivan—, o céu desaba e uma chuva forte e torrencial cai, abafando

qualquer barulho que eu possa escutar.

Se minha janela fosse comum—digo sem a grade extra e a tinta escura no vidro —,

talvez eu pudesse abri-la, mas joguei a chave da grade fora, mesmo assim antes ela já

não abria toda, vivia emperrada.

Vou dizer porque selei a janela. Algumas vezes... Tipo quase sempre algumas criaturas

aladas se esgueirava por ela e se escondiam por entre minhas cobertas e esperavam até o

anoitecer para me atacar. Sussurravam no meu ouvido a noite, dialetos que eu nunca

ouvira. Uma vez jogaram meus medicamentos fora. Lógico que devia ter uma

explicação lógica pra isso. Eu surtava e me livrava dos comprimidos, sem os

medicamentos eu começava a sonhar acordada de novo, e por aí vai...

Ouço um latido abafado. Não é um simples caminhão de entregas parece ser de

mudanças, seria apenas um pressentimento se eu não tivesse ouvido alguém gritar que

deviam esperar a chuva se acalmar antes de descer os móveis. Meu telefone vibra, é

Pierre—meu namorado—, eu ainda não o vi desde tudo, desde que surtei.

Ele lota minha caixa postal, eu nunca as ouço, apenas apago. Não queria magoá-lo, só

quero protegê-lo de mim, se tenho que machucá-lo emocionalmente pra isso—para

evitar que o machuque fisicamente—, é um preço baixo. Infelizmente não tenho

coragem para terminar com ele pessoalmente. E como todo mundo ele vai querer um

motivo—um motivo além de eu estar pirada—, o problema é que não tenho.

Sou péssima em conversação, sempre ensaiava minhas falas antecipadamente, mesmo

assim quando eu estava realmente cara a cara com alguém eu gaguejava, e tropeçava

nas palavras. Mordo um grande pedaço da torta de frango, está divino, devoro os dois

pedaços antes que eu perceba.

Bebo todo o suco de laranja da jarra e me sinto sonolenta logo em seguida, finalmente

meu apetite havia retornado—com ele o sono, só de pensar nisso sinto um calafrio—,

mas tudo bem. Mais tarde a chuva havia parado. Alguém bate na porta, escuto o som

dos passos de minha mãe—ficar confinada em um quarto por meses tem lá suas

vantagens, minha audição e visão agora estão aguçadas—, ela abre a porta e então um

breve silêncio.

—Oii. —Ela diz alegre, e a imagino sorrindo. Não consigo escutar a voz da pessoa da

porta, sei apenas que é masculina. —Ela está dormindo agora, volte amanhã. —Se

desculpa, depois de um tempo diz:

—Claro querido. Também adorei revê-lo.

17

E fecha a porta. Lá pelas onze a chuva recomeça e meus olhos pesam. Fecho-os sem querer e apago.

***** Consiste na concessão da maioridade religiosa aos jovens judeus,

sendo considerada a mais importante cerimônia na vida de um judeu.

Depois

Acordo tremendo de frio, ainda não amanheceu deve ser de madrugada por volta de 4

ou 5 horas. Uma corrente de ar frio entra pela janela que está escancarada, pulo da cama e olho novamente para a janela tentando entender o que aconteceu.

Meus olhos não estão me pregando uma peça, a janela está realmente aberta, e a luz

está apagada. Bufo e corro até o interruptor e ligo a luz. Vou até a janela e ela

simplesmente está aberta até o fim, a grade está destrancada como que por mágica.

Só que sei que mágica não existe...

—Isso não é real. —Falo calmamente para acalmar meu cérebro e o ataque de pânico

que me espreita. A porta do meu quarto se abre produzindo ruídos que me remete á

filmes de terror. Inspiro e expiro calmamente, tentando relaxar como dra. Verônica me

ensinou. Fecho a janela e caminho em direção à porta para fechá-la, uma voz me chama

atenção.

Vem do final do corredor, é minha irmã. Olho no relógio do meu pulso e são

exatamente 04h59min quem poderia estar no quarto com ela? Algo se agita em mim.

Medo. Ensaio algumas vezes sair do meu quarto, por fim consigo dar os três passos

restantes.

Pronto, estou fora do quarto. Meu corpo se arrepia enquanto caminho em direção à

porta fechada, coloco a mão na maçaneta gelada e a giro.

—“Állyka”. —Minha irmã de oito anos corre em minha direção e abraça minha cintura,

seu cabelo trançado está meio bagunçado—de um jeito fofo—, apesar do cabelo dela ser

claro igual ao dos nossos pais ele é rebelde assim como o meu. Nunca entendi de onde

vieram meus fios grossos e escuros, meus avós tantos os paternos e os maternos

possuíam cabelos claros, os fios finos e lisos.

Era um mistério.

18

—Com quem está falando? —Pergunto, vasculhando o quarto, meus pelos se eriçam pela temperatura baixa do ambiente. Seus olhos claros brilham e hesita. —Lana? —

Insisto.

—Minha boneca. —Menti.

—Que boneca? —Ando pelo quarto a procura de alguém ou... Alguma coisa.

—Essa aqui. —Corre até a caixa e pega uma Barbie. Eu sabia que ela estava mentindo,

mas não tinha como provar. Vasculho o quarto inteiro e não encontro nada. A

temperatura já voltara ao normal. —Feliz aniversário! —Ela me abraça de novo.

Percebo que oficialmente tenho dezoito anos.

—Obrigada. Hmm... Que abraço gostoso. —Ajeito seu cabelo na orelha, mas como ele

é rebelde ele volta ao mesmo lugar. —Foi você quem abriu minha janela? —Pergunto

devagar, eu sei muito bem que é impossível ser ela, foi alguém... Foi alguma coisa.

Ela nega com a cabeça. Beijo sua testa e a coloco para dormir, digo pra ela ficar com

as luzes acesas. Antes de sair do quarto eu me detenho na porta.

—Lana?

—Hum?

—Não fale com eles. —Falo baixo e saio. Não tenho certeza se ela ouviu ou não. Fecho

a porta e volto para meu quarto. A luz está apagada novamente, a acendo num soco, a

luz pisca três vezes e se detém. —Não meta minha irmã nisso! —Grito para o vazio.

Deito-me novamente e apago.

—Princesa. —Papai sussurra em meu ouvido, ao abrir os olhos me deparo com seu

lindo sorriso que vai até os olhos, criando pequenas rugas. —Feliz aniversário! —

Estende uma caixa enorme prateada para mim.

—Obrigada pai. —O pego e abro. É um lindo vestido preto e vermelho de renda tomara

que caia. —Eu amei. —O abraço.

Logo minha mãe aparece acompanhada de Lana, ganho mais dois presentes. Um estojo

de maquiagem e brincos de pérola. Esse ano eu disse que não iria querer festa, talvez

uma pequena comemoração entre nós. Tomo meus remédios antes que me esqueço

deles, ou me esqueço de que sou louca.

Desço as escadas pela primeira vez em muitos meses e olho para nosso mural de fotos

na parede. Há uma foto de casamento de minha mãe ao lado do meu pai, uma de mim

banguela sorrindo. Outra minha sorrindo aos 13 anos de aparelhos cor-de-rosa, uma de

Lana recém-nascida em meu colo, outra da família inteira, ambos loiros, apenas eu de

cabelos escuros lançando um forte contraste.

Vou até a cozinha ajudar minha mãe a preparar o bolo, ela se recusa porque sou a

aniversariante.

—Adivinha quem veio atrás de você ontem? —Minha mãe lambe a colher com

chocolate, desde que Amós foi embora minha preferência mudara. Sempre que comia

bolo de chocolate era quase como se ele ainda estivesse aqui.

—Não sei. —Nem tento adivinhar, seria bem difícil, já que o número de pessoas que

vem “atrás de mim” é bem *limitado*.

—Amós. —Ela ergue a sobrancelha três vezes, sorrimos.

19

“Ele realmente existe eu não o inventei”, deixo como lembrete em minha mente, que fica silenciosa sem nenhuma réplica aparente.

—Ele voltou finalmente. —Diz, já que eu não respondi, ainda estou em choque. —Acho

que devia vê-lo ou convidá-lo para sua festa.

—Não tenho certeza... —Finjo um sorriso para minha mãe e dou de ombros. Levanto-

me e corro para meu quarto. Tranco a porta, um ataque de pânico me domina. Pego meu

cubo mágico e conto os quadrados várias vezes até que passa. Volto a minha janela e

encaro o gramado dos Krieger, finalmente vejo alguma atividade naquela casa imensa.

O pai de Amós começa a montar a churrasqueira, uma garota de cabelos vermelhos—

tingidos— o ajuda com as carnes.

Depois de pronto ele traz uma vasilha cheia para nós, continuo no quarto mesmo

quando mamãe me chama, ela se desculpa dizendo que devo estar de fones no

computador. Ambos sabemos que não tenho mais computador, muito menos fones—já

que uma vez sem querer quase me sufoquei com eles. Minha mãe faz a besteira de

convidar o senhor Krieger para meu aniversario—agora é oficial não vou comparecer a

minha festa—, e ele... Aceita.

Não pode piorar.

Passo uma grande corrente na grade das janelas antes de ir para o banho. Me apronto

rapidamente usando todos meus presentes para deixar minha família feliz, meu vestido

—que parece ser curto demais—, termina na metade da coxa e tem uma saia armada

com tules vermelho. A maquiagem, e por fim meus brincos.

Destaco meus olhos castanhos com sombra metalizada e apenas penteio meu cabelo

que se enrola em cachos grossos nas pontas. Eu potencialmente seria muito bonita, se eu

não tivesse um grande defeito. Minha sanidade, ou melhor, falta dela. Eu era como uma

maçã viçosa que por dentro estava podre, ou aqueles livros com capas belas, mas uma

péssima narração e enredo.

Meu bolo está delicioso, eu sei disso porque passei o dedo discretamente nele e lambi.

Lana viu e também me imitou até que mamãe viu e o colocou no alto.

—Você está linda de morrer. —Minha mãe me olha de cima abaixo, dou de ombros

encarando minhas sapatilhas pretas. Por um instante ela me olha com pena, mas

dura

apenas um instante. —Esses brincos eram da sua avó, guarde-os bem. —Assinto. É a

segunda bugiganga que tenho da vovó, giro o anel—de pedra verde—, em meu dedo

indicador o admirando.

Congelo no lugar ao ouvir a campainha tocar, decidindo se fico e me finjo de invisível

ou se corro loucamente balançando os braços—igual Finn de Hora da Aventura —, e me

tranco no quarto.

Mas não. Quero ver meu melhor... Ex melhor amigo de infância. Reparar se ele está

cheio de espinhas, ou se ainda falta um dente—o que seria impossível já que ele é dois

anos mais velho que eu—, mas é Pierre que aparece, seus olhos brilham quando me vê.

—Allykah. —Corre em minha direção. Ele esta quase exatamente do mesmo jeito que

meses atrás. Pierre sempre fora meu sonho de consumo, com sua pele morena e lindos

olhos verdes, tinha muita sorte de ele querer ficar comigo, mas confesso que nesse

momento eu queria correr pra bem longe...

—Pierre... —Falo. Ele me interrompe e beija meus lábios. Sou pega desprevenida, mas

retribuo sentindo um leve gosto de bala de café—a sua preferida.

20

—Ei. Tenho um bom taco atrás da porta. —Meu pai nos interrompe, fico agradecida.

—Senti tanta sua falta... —Pierre o ignora. —Jayne me contou o que... Como você está?

—Bem. —Torço os dedos, seus olhos acompanha meu movimento. —Você falou com

Jayne?

—É. Foi ela quem me contou que hoje seria seu aniversário. —É claro, ele nunca teria

lembrado sozinho, ele nunca se lembrava de nada.

Fico encarando o relógio esperando algum dos Krieger tocar a campainha a qualquer

momento—imagino se a garota ruiva virá também, e qual sua ligação com Amós —,

mas ninguém chegou.

—Eu senti muita sua falta. —Pierre repete. Beija meu ombro nu, antes que me beijasse

novamente viro o rosto fingindo prestar atenção em outra coisa.

—Eca! —Lana faz careta com a cena.

—Cala a boca. —Sorrio. Ela termina de comer a grande fatia de seu prato e mete a cara

no restante do bolo e começa a comê-lo com a ajuda das mãos gorduchas. —Não faz

isso...

Parto um pedaço enorme e coloco em seu prato, mas ela continua destrinchando o

bolo.

—Allykah eu disse pra não a deixar comer tanto doce. —Minha mãe me repreende, ergo

as sobrancelhas e lanço um olhar do tipo “Não é minha culpa”. Esse é o problema de ser

irmã mais velha temos uma grande responsabilidade nas costas. —Tipo um treinamento

precoce de como ser mãe em tempo integral.

Mamãe leva Lana para se lavar e me deixa sozinha com Pierre que não cessa suas

investidas, meu pai está na sala vendo TV. Um olho no futebol e outro na gente, mas se

esquece de nós assim que seu time faz um gol. Preciso sair daqui.

—Você não quer me esperar no meu quarto? —Falo enquanto parto uma grossa fatia de

bolo e coloco em uma vasilha roxa de plástico. Lambo o meu dedo sujo de chocolate.

—Tá. —Sorri e beija meus lábios rapidamente. Acho que esses meses todos confinados

em meu quarto me mudou, me tornou uma estranha—abriu um enorme abismo entre

mim e Pierre—, qualquer contato humano é demais pra mim. Bom, talvez o problema

seja com ele, com minha família continuo normal.

Espero até escutar seus passos subindo para meu quarto e me esgueiro pela porta da

sala.

—Ei. Aonde vai? —Meu pai finalmente percebe alguma coisa.

—Até a casa de Amós levar esse bolo. —Gesticulo, torcendo para meu pai não pegar no

meu pé.

—E o ” *Pileque*” ? —Faz careta.

—O mandei pro meu quarto, estou tipo fugindo dele. —Falo com a mão na boca,

confidenciando um segredo. Meu pai sorri alegremente e pisca.

—Seja feliz.

A noite está fresca. Atravesso a rua e bato na porta dos Krieger, mas ninguém atende.

Suspiro. Rondo a casa e percebo que as luzes estão apagadas, um vulto escuro passa

atrás de mim, sinto o tecido roçar minha panturrilha, dou um salto para trás.

21

A temperatura cai alguns graus, sinto na minha pele estrategicamente nua pelo vestido.

Olho para o céu nublado e sinto calafrios, saio das sombras e fico debaixo da luz

protetora dos postes. A porta da minha casa se abre, Pierre sai.

—Allykah? —Chama. Que mala. Esgueiro-me pelos arbustos e corro para longe, graças

à sapatilha os sons dos meus passos são inaudíveis contra a grama. Começo a andar a

esmo pelo bairro como eu costumava fazer. —Foi assim que conheci Clarence, acho que

já contei isso.

“Clarence não existe”, a vozinha responde como se estivesse cansada.

Estou pronta para uma réplica quando ruídos estranhos chama minha atenção. Faço

careta, e pego meu celular—que eu colocara entre os seios—, acendendo a sua lanterna

vou à procura da fonte dos barulhos.

Apago a luz do celular rapidamente ao perceber que não eram ruídos, e sim *gemidos*.

Uma garota estava apoiada no muro de concreto enquanto um garoto estava por trás...

Meu rosto queima instantaneamente.

—Aí que nojento! —Arfo. Saio dali às pressas. Não era minha intenção dizer aquilo,

mas foi o que saiu na hora. “A boca diz o que o coração está cheio”, essa frase nunca foi tão equivocada quanto agora. Eu não era nenhuma sem noção que odiava sexo, só... Que

aquilo foi muito constrangedor. Ouço os passos da garota atrás de mim.

—Ei, qual é o seu problema? —Grita. Coro ao perceber que ela esta sem a parte de

cima, segurando os seios minúsculos com as mãos. Seu cabelo é vermelho como

sangue, mesmo na luz tênue dos postes. Ela me parece familiar, mas minha

memória

péssima não ajuda. —Se eu não tivesse com as mãos ocupadas te dava uma surra, sua

imbecil!

O garoto aparece abotoando a bermuda preta, ele gargalha contagioso e

divertidamente, por um momento sinto vontade de rir também, mas me seguro, essa

garota é bem mais alta que eu, provavelmente mais velha.

—Calma, Lê. Não devia ofender a garota, e sim convidá-la para nossa festinha. —Sua

voz é grave e sexy. Pisca para mim. Coro, mas de raiva, e constrangimento.

—Vai se ferrar! Você é um grande cafajeste safado. —Dá as costas e volta para a

escuridão, tomara que seja para buscar o restante de suas roupas. Congelo-me no lugar

invés de correr quando o garoto se aproxima—apesar de meu corpo estar vibrando de

adrenalina—, também estamos bem próximos á minha casa é só eu gritar...

Será que quero gritar?

—Não se preocupe ela não morde, pelo menos, não mulheres. —Ele me olha de cima

abaixo, sua expressão é difícil de discernir—principalmente nessa parca luz—, não sei

se ele aprova ou não, mas estou certa de que pareço uma palhaça, com duas bolas

vermelhas na cara.

—É bom saber. —Por que eu ainda estou aqui? Talvez porque ele seja... Lindo. Seu

cabelo comprido é de um dourado brilhante, não consigo identificar a cor dos seus olhos

—pela pouca luz suas pupilas estão dilatadas—, mas sei que são claros.

Ele é bem mais alto que eu, provavelmente agora eu o estava encarando com ar

abasbacado. Encaro o chão sem ter o que dizer, só quero ficar na companhia dele mais

um pouco.

22

—Isso é chocolate? —Ele aponta para a vasilha. Uma luz se acende em minha cabeça, é claro a garota de cabelo vermelho eu a vira no quintal dos Krieger então...

—Amós...? —Pergunto incerta. Uma ruga se forma em sua testa e ele sorri de lado.

—Ally? —Morde os lábios carnudos, um pouco inseguro.

—Eu queria ser um bolo de chocolate, agora. —Falo.

—Hein? —Sorri. Estapeio-me mentalmente.

Lembrete: Parar de ser louca e falar pelos cotovelos.

—Esse bolo é pra você. —Entrego a vasilha, ele a pega sem hesitar. —Tchau.

Dou as costas e saio caminhando rapidamente que nem uma doida varrida, ele me

segue, mas a garota o segura e exige que ele a leve em casa. Fico grata por isso. O vento faz meus cabelos esvoaçarem pelo rosto e me impede de enxergar, por um fio quase

pisoteio um cachorro que me segue pela rua. Afago suas orelhas e pelos assim posso me

recompor. A voz de Amós ainda ecoa em minha cabeça, como se fizesse parte de mim.

O cachorro se encolhe de repente e uiva. Olho para trás, não há ninguém apenas nós,

convenço a mim mesma primeiro, depois eventualmente o cachorro. Reinicio minha

caminhada e mantenho o celular nas mãos causo precise ligar para a polícia. As luzes

dos postes se apagam, uma por uma, até que fico totalmente imersa na escuridão. Isso

não é bom, nunca é bom. Ligo a tela do celular que lança uma luz pálida esverdeada em

meu rosto.

Alguém de capuz preto caminha em minha direção, não consigo ver seu rosto.

As mangas estão vazias e flácidas como se o homem fosse apenas uma animação

vazia. Detenho-me no lugar e tento retroceder, mas há outro homem encapuzado

também vindo da outra direção, são três, me encurralam.

O cachorro geme como que se desculpando e sai correndo. “Boa sorte, amiguinho”,

falo mentalmente, eu faria o mesmo se eu pudesse.

—Você é Allykah Flowerence?—O primeiro “homem” pergunta. Percebo que ele não

tem sapatos, muito menos pés, ele flutua. Ouço a voz da dra. Verônica em minha mente

me alertando que tudo isso é apenas fruto da minha imaginação, eu devia respirar bem

fundo, e ignorar. Isso em nada me ajuda.

—Quem quer saber? —Digito discretamente 190 sem olhar e coloco para chamar.

Ele ergue a manga da blusa e meu celular sai de minha mão e se espatifa na parede ao

lado.

—Oh-oh... —Murmuro.

—Flowerence, é de suma importância que venha conosco. —O outro se aproxima.

—É tentador, mas eu tenho outros compromissos, quem sabe outro dia? —Falo

enquanto me afasto.

—Você vai vir agora, por bem ou por mal.

—Eu vou pensar amanhã te respondo. —Corro, mas os dois me seguram—o que não

faz sentido já que eles não têm braços, mas na minha vida quase sempre nada faz

sentido—, começo a flutuar, prisioneira de dois fantasmas obscuros.

Contorço o corpo até que o aperto se desfaz e eu caio no chão. Minha bunda dói com a

queda, antes que eu me levante um deles já está sobre mim novamente.

23

—Amarre-a se preciso. —Um grita. O que está sobre mim puxa meu vestido para baixo, grito e o estapeio, ele me segura, me contorço.

—Não se gabe você não faz meu tipo. —Grunhi enquanto tenta me despir.

—Não é o que parece. —Abro seu casaco revelando um corpo fantasmagórico.

Viramos a cabeça ao mesmo tempo ao ouvir o som de skate.

—Solta ela! —Amós grita correndo em nossa direção. Olho-o estupefata. Quando o

fantasma não o obedece—se ele tivesse rosto, eu juraria que ele estava tão estupefato

quanto eu—, Amós o acerta nas costas usando seu skate, ele juntamente com seus

colegas se desfazem em centenas de corvos pretos, que saem voando

desordenadamente.

As luzes se acendem novamente, uma de cada vez.

Ele larga o skate e me levanta em um puxão como se eu fosse uma boneca de pano.

Cambaleio. Ele me apoia em seu corpo quente. Estremeço. Estranhamente seu toque

não me produz vontade de me esquivar. Pelo contrário, sinto uma onda de calmaria,

como se nada pudesse me ferir enquanto eu estivesse em seus braços. Sinto-me...

Segura como não me sentia há muito tempo.

—Você também viu? —Balbucio. Ele assente, noto que ele tem dois piercings—um de

cada lado—, de argola em seu lábio inferior. Resisto à vontade de perguntar se colocá-

los doeu, era uma pergunta estúpida e ele devia ouvi-la constantemente.

—O que são aquelas coisas?

—Não sei... —Percebo tarde demais que metade do meu sutiã está pra fora, ajeito meu

vestido no lugar. Amós puxa a parte de trás com força—quase o partindo—, pelo que

parece metade da minha bunda também estava pra fora. Se não fosse trágico, seria

cômico.

—Vou te levar pra casa. —Apanha o skate e me conduz de volta, eu não havia me

afastado tanto assim da minha casa. Pierre nos encontra no meio do caminho, os dois se

encaram por um instante como dois leões selvagens se analisando.

—Qual seu problema, quer me beijar? —Amós coloca o cabelo atrás da orelha.

—Quem é esse idiota Allykah? —Pierre indaga.

—Quem é você, seu *puto*? —Amós replica.

—Ele é meu amigo. —Começo, me sentindo muito cansada de repente. Os dois quase

se pegam na pancada, felizmente impeço. Agradeço Amós pela ajuda e digo que preciso

conversar com Pierre, a sós, ele se recusa a ir embora—e eu meio que gosto disso—,

então se afasta, e nos dá um pouco de privacidade.

Explico para Pierre que preciso de um tempo—ele explode—, o controlo, ou tento. No

fim, ele decide que amanhã estará de volta para terminar nossa conversa—já que eu não

estou “raciocinando” direito—, bufo e assinto. A verdade é que amanhã vou pedir pra

papai barrá-lo na porta e impedir mamãe de deixá-lo entrar.

Amós me acompanha até a porta, demoro uma eternidade para colocar a mão sobre a

maçaneta.

—Desculpa por não ter ido ao seu aniversário. —Enfia as mãos no bolso da bermuda.

—Eu estava ocupado...

24

A cena constrangedora repassa pela minha mente, faço careta, ele percebe.

—Eu sei bem.

—Aquilo foi estranho. —Sorri. —Mas eu vim na sua casa ontem, sua mãe disse que

estava dormindo, mas eram bem cedo.

—Eu durmo cedo. —Antes que ele abra a boca para falar algo acrescento: —

Geralmente.

—Temos muito que conversar. —Olha para cima, quando acompanho seu olhar ele

enrola uma mecha do meu cabelo no dedo—aquilo me produz um arrepio, arrepio bom

—, seus dedos ficam presos no emaranhado do meu cabelo quando ele tenta tirá-los. Eu

os tiro de arranco e meto um tapa em sua mão. —Ai. —Gargalha.

Meu pai aparece na porta, e não posso mais protelar minha ida, tenho que entrar. Amós

acena para mim e se afasta de costas.

—Amanhã conversamos sobre aquilo. —Fala por cima do ombro.

—Vai direto pra casa Amós, está muito tarde. —Meu pai sibila.

—Sim senhor Flowerence. —Bate continência. —Shalom!

—O que ele quis dizer com “*aquilo”* ? —Papai pergunta enquanto fecha a porta.

—Nada demais pai. —Sorrio rapidamente.

Minha mãe decide deixar minha porta destrancada, não troco de roupa, gostei bastante

daquele vestido—espero mamãe se deitar para trancar a porta e escondo a chave dentro

de um all-star—, deito com a barriga para cima. Tateio o criado-mudo em busca de um

calmante, quando o encontro o solto novamente.

Repasso o que aconteceu de novo e de novo. Amós também os vira, havia duas opções,

aquilo realmente aconteceu ou eu e ele éramos loucos. Fico com a primeira opção, já

que a segunda é muito pouco provável. Tremo—e nada tem a ver com frio—, aquelas

coisas queriam me pegar, pra fazer o que só Deus sabe. Bocejo sentindo meus olhos

pesando a cada segundo. A chuva recomeça, bombardeando meu telhado e

janela. O

som é reconfortante, adormeço.

Ando depressamente pelos corredores escuros—estou na casa dos Krieger—, era

esperado que eu sonhasse com Amós ou com qualquer coisa relacionada a ele. Estive ali

muitas vezes quando criança, mas agora não lembro bem onde ficava seu quarto.

Encolho o corpo toda vez que ouço um barulho, tenho medo de esbarrar em sua mãe,

então me lembro de que ela está morta. Mas algo em mim acredita que isso não seria um

empecilho para eu vê-la. Finalmente em meio á um monte de portas encontro a certa,

apesar de desconfiar que qualquer uma que eu escolha será a certa porque isso é um

sonho, certo?

O quarto de Amós é uma total bagunça de caixas desorganizadas, papelão, e roupas

espalhadas pelo chão. Consigo sentir o cheiro dele assim que entro—imagino se meu

quarto também tem o meu cheiro, e só não o sinto porque estou habituada a ele —, o

aroma de sua colônia me envolve. Os móveis a maioria estão desmontada, apenas a

cama estava em pé, e ele estava nela.

O observo enquanto ele dorme com a barriga para cima e seu cabelo liso se espalha de

lado cascateando pela cama. O quarto está quase totalmente imerso na escuridão —

apenas o abajur em forma de Ferrari está aceso, lançando uma luz amarelada mortiça

25

pelo lugar, fazendo-o parecer ainda mais um elfo de conto de fadas—, mesmo assim percebo quando ele abri os olhos, surpreso.

—Allykah? —Se senta. —Não conseguiu esperar até amanhã?

—Tecnicamente o amanhã é hoje. —Faço uma piada para ouvir sua risada deliciosa,

isso é um sonho—ao que tudo indica um sonho lúcido—, mas ele apenas sorri de lado.

—Senta aqui comigo. —Bate a palma da mão ao seu lado na cama. Arqueio a

sobrancelha não foi para isso que vim, eu nem sei porque tinha vindo. Meus pés

comicham para que eu comece a me aproximar mais.

—Allykah... —A voz de Lana me chama ao longe. Amós e eu nos viramos

sincronizadamente.

—Ally. —Ele se levanta. E o sonho desaparece. Explode como uma bolha de sabão.

26

Depois

—Allykah. —Lana ainda grita ao longe, tão baixo quanto um pálido eco residual do

meu sonho. Acordo suando frio, minhas bochechas estão quentes, levo alguns segundos

para entender o que está se passando. As janelas assim como a porta estão escancaradas,

grito e corro em direção ao último quarto do corredor.

Escorrego nas pegadas negras de lama que terminam na porta—que está encostada—,

com um empurrão eu a abro. Lana flutua no ar suspensa por sombras negras

fantasmagóricas cobertas por folhas secas—reprimo a vontade de vomitar pelo forte

cheiro de carne podre e ovo choco que arde em meu nariz—, essas criaturas são

diferentes das que me atacaram na rua.

—Não deixe eles me levarem. —Choraminga. —Fiz o que você pediu... Parei de falar

com eles... Eu sou uma burra, desculpe Allykah. —Sangue goteja no chão, há um corte

fundo em seu braço.

Procuro visualmente algo para atacá-los, não encontro nada satisfatório avanço assim

mesmo, mas antes que eu os toque eles me lançam contra a parede. Fico atrelada, como

uma presa em uma invisível teia de aranha gigante. Meu corpo dói com o esforço

inumano que faço para escapar, em vão.

Eles a arrastam pelo ar, grito histericamente implorando para que parem e me levem no

lugar, sou ignorada. Minha irmãzinha é levada e sugada pelo cesto de roupas sujas.

Eles a jogam primeiro—penso que ela vai se machucar ou ficar presa—, mas seu corpo

desliza, e eles deslizam logo em seguida, um clarão verde ilumina o quarto e tudo fica

em silêncio. Só resta o sangue que tinge o chão de púrpura. Olho no relógio e são uma

da manhã. Meu corpo cai na mesma hora em que a porta se abre.

Meu pai entra com seu taco de beisebol, e minha mãe grita a procura de Lana, mas ela

não está mais aqui, só restou a mim. Ela me segura pelos braços com força e me fita

histericamente—seus olhos estão vermelhos e injetados para fora—, pergunta onde está

minha irmã. Tento dizer algo, mas minha voz está presa em minha garganta.

Sinto um nó se apertando em meu pescoço. Ela insiste, desabo e começo a chorar,

soluçar, perder o ar. Mas ela continua me chacoalhando, beirando a histeria.

—Eles a levaram... —Consigo dizer. —Sinto muito.

—Levaram? Quem... Quem levou? —Grita. —O que você fez, onde você a colocou sua

louca! —Suas palavras me ferem como lamina.

Ela acha que eu a matei, que eu escondi o corpo, mas isso não é verdade. Eles são

reais, e a levaram. Amós também os viu, talvez eu seja amaldiçoada, mas não estou só

ele também vê.

Ela bate forte em meu rosto, caio no chão, papai a segura—antes que ela parta para

cima de mim novamente, ensandecida—, ele não me olha, também desconfia que eu

seja a culpada. Ele me odeia. Ela me odeia!

Os dois correm para o andar de baixo e chamam a polícia, ouço dizerem que a filha

esquizofrênica pode ter matado a própria irmã e ocultado o corpo em alguma parte do

quarto, ou da casa. Rastejo-me até o cesto azul repleto de lantejoulas—eu e Lana

havíamos o enfeitado no natal passado e dado a mamãe, mas no fim Lana o reivindicou de volta—, não há nenhuma roupa suja dentro dele.

Apesar da luz do quarto estar acesa o seu interior continua escuro, e uma brisa gélida

sopra em meu rosto—como se fosse um portal dimensional—, não penso muito nas

consequências, apenas pulo, me sentindo idiota por acreditar que aquilo me transportará

para algum lugar, esse sentimento desaparece quando caio espiraladamente por um

vórtice frio e escuro.

Meu corpo bate com toda força em uma superfície molhada de pedra—com pouco

menos de cinco centímetros de espessura—, tem formato de tábua de passar roupa, ela

se parte com meu peso. Antes que eu caia em um abismo de água me seguro à borda—

que fere meus dedos—, a água da cachoeira cai sobre mim sem piedade, fazendo meus

dedos doloridos oscilarem, agora estão entorpecidos e escorregam.

Eles se soltam um a um, antes que eu despenque água abaixo uma mão quente e forte

me prende pelo pulso. Amós me puxa para cima com um tranco que quase desloca meu

braço—com algum esforço—, por um momento penso que nós dois vamos cair.

Equilibramo-nos precariamente sobre o que sobrou da superfície de pedra, olho-o

agradecida e ele apenas assente, seus olhos mudam o foco rapidamente.

Um pássaro gigante com asas sobrevoa nossas cabeças, dando voos rasantes sobre nós,

a mochila de Amós cai de seus ombros o desiquilibrando.

—Vamos ter que pular. —Grita competindo com o barulho alto da queda d’água. Olho

para baixo e meus pelos se arrepiam ao ver com que força a água cai. Se pularmos

iremos morrer, mas se ficarmos aqui também vamos morrer. Se não for pelas garras da

criatura alada vai ser de fome ou congelados, porque estamos isolados. Não há outra

saída, além de pular. —Temos que tentar. —Ele fala como se lesse meus pensamentos.

Reflito rapidamente os prós e os contras. A criatura guincha novamente e sobrevoa

sobre nós, desta vez ela crava suas garras em meus ombros e me carrega consigo.

Percebo que não é um pássaro, e sim uma criatura humanoide alada. Amós pula

segurando-se em uma de suas pernas escamosas, a coisa vacila por um segundo e é o

bastante para Amós feri-la com um canivete, ela grunhi de dor e nos solta.

Fico dividida entre alívio e medo, alívio por não estar mais nas garras daquela criatura medonha, e medo por estar caindo sobre o que me parecia ser um infinito de água. Caio

já sem fôlego nenhum na água gélida—que parece triturar meus ossos com minúsculas

agulhas feitas de gelo—, eu sei nadar, não muito bem é claro, mas o bastante para

chegar à superfície.

Antes que eu tivesse a oportunidade de colocar tudo que eu aprendera em prática uma

forte corrente de água me lança para o fundo, me agito na água tentando subir para a

superfície que parece tão perto e ao mesmo tempo longe. Amós está a poucos

centímetros de distância tento nadar até ele, mas a correnteza me traga novamente.

Bato o pé em algo sólido e pontiagudo, a dor é lancinante, abro a boca para gritar, e um mundo de água a invade. Engasgo. Resisto à vontade de tossir, meu corpo parece pesar

toneladas, sinto minha cabeça latejar por estar prendendo a tosse e pela falta de

oxigênio.

Tenho consciência de algo quente me segurar fortemente e me puxar para cima. Já na

superfície sorvo o ar com tanta ferocidade que engasgo ainda mais, e não consigo

respirar. Amós passa seu braço a minha volta me apertando, me espreme com força para

cima. Á agua retorna quente por minha boca, a minha garganta queima.

—Nade! —Amós grita com raiva. Mas o pânico ainda me domina então o seguro como se ele fosse um bote salva-vidas e isso faz com que nós dois submergimos. —Se não me

ajudar vou te deixar morrer. —Imergimos novamente, pego mais ar e grito quando algo

puxa minha canela.

Afundo novamente, Amós segura minha cintura e me traz de volta a superfície

sofregamente.

—Me deixe aqui... —Tusso, continuo me afogando incapaz de nadar sozinha. Sinto meu

corpo ser arrastado até a beira. Amós fere com o canivete algo que tenta se aproximar—

tingindo a água de vermelho—, antes que eu me apavore ele me ajuda a subir na borda

da terra-firme com um impulso. Deixo meu corpo cair pesadamente sobre a terra firme e

cálida

Tento me levantar, mas o que faço é rolar e rastejar até que fico de quatro—tendo outra

crise de tosse—, meu corpo expulsa o restante da água. Meu nariz e garganta ardem

ferozmente. Tento agradecer Amós—que agora afaga minhas costas—, por ter salvado

minha vida pela segunda vez, mas o que faço é desabar no chão.

29

Depois

Acordo, aquecida em minha cama. Tudo não passara de um sonho ruim, afinal. Olho ao

redor e percebo que estou dentro de uma barraca cinza—e não em minha cama—, de

camping. Levanto-me rapidamente e minha cabeça gira. Sinto um leve desconforto em

meu peito e meu corpo todo está dolorido.

Pela primeira vez dou-me conta da dor em meu pé esquerdo—mas é apenas um corte

superficial em forma de foice, de aproximadamente cinco centímetros—, está inchado e

um pouco avermelhado. Abro o zíper da barraca e saio mancando, por um instante perco

o fôlego ao não ver Amós, mas rapidamente meus olhos o encontram atiçando uma

fogueira.

Ele não percebe que acordei—acho—, porque está de costas para mim. Sua mão tateia

cegamente o interior de uma mochila—da mesma cor da barraca—, ele retira seu

Smarthphone e o checa, depois estala a língua. A noite havia caído, as estrelas gigantes despontavam no céu como brilhantes ornamentos em um enorme tapete negro

aveludado. A lua parece estar tão próxima—que tenho a impressão de que se eu fosse

mais alta e erguesse a mão poderia tocá-la—, é como uma deslumbrante joia prateada.

Decido que essa é uma boa hora para me manifestar então ando em sua direção —

arrastando o pé machucado mais do que devia—, e paro ao seu lado.

—Boa noite. —Fala ainda ajoelhado levantando as palmas das mãos para aquecê-las no

calor da fogueira.

—Já tive noites melhores. —Minha voz sai esganiçada. Dou a volta e arrasto um tronco

de árvore para que eu possa me sentar, Amós se levanta para me ajudar, sento-me na

parte podre do tronco e ele cede. Me levanto—mantendo o pouco de dignidade que me

resta—, antes que ele me ofereça à mão. —Obrigada por...

—Tudo bem. —Responde enquanto traz um novo tronco para que eu me sente, e é o

que faço. —Eu queria mesmo falar sobre isso... Eu quero seu perdão. —Franzo o

cenho

sem entender. —Por eu ter dito que deixaria você pra morrer. Não era verdade, eu fiquei

nervoso, você estava em pânico e começou a puxar nós dois para o fundo, fora que tinha

alguma coisa na água.

—Não foi tão ruim, no seu lugar eu teria surtado. —Tremo. Ele retira seu moletom e o

coloca sobre mim, eu devia recusar—ou pelo menos fingir não querer—, mas enfio

meus braços pelas mangas grandes e largas demais. —Obrigada. —Agradeço tanto por

ele ter me tirado da água, por ter curado meu ferimento, pela blusa, por ter pulado atrás de mim. —Lana... —Levanto-me, mas ele me detém, sento-me novamente me sentindo

impotente.

—O que houve lá? —Senta-se no chão cruzando as pernas na altura do tornozelo e me

encara. Por causa da pouca iluminação suas pupilas estão gigantes novamente

dificultando a discernisão da cor de seus olhos—mas sei que são azuis. A cor mais linda

que eu já vi. Aproximadamente um verde claro azulado surreal—, desvio o olhar.

—Eles a levaram. —Respondo triste, ele assente. Não sei se ele entende o que quero

dizer, o certo seria contar tudo, mas não quero ter que repetir o que aconteceu,

não

quero ter que pensar... —Como veio parar aqui?

30

—Depois que você *invadiu* meu sonho eu fui até sua casa e escalei a janela, como eu fazia quando éramos crianças. Ouvi seu choro no quarto de Lana, fui até lá vi você

pulando e pulei logo atrás.

—Então o sonho era mesmo real? —Fungo. Isso devia me assustar. Tudo o que ele disse

tudo o que estava acontecendo, mas dada as circunstâncias assimilei tudo com certa

resignação, isso me surpreendeu. —Isso não pode ser real. —Olho ao redor tentando

encontrar e me agarrar a alguma esperança de que isso é um delírio. —Isso não

acontece...

—Tudo aqui é real. —Suspira. —Amanhã cedo voltamos à cachoeira, iremos encontrar

o caminho de volta, tudo isso vai acabar.

—Não. Lana... Preciso encontrá-la. —Meu corpo treme.

—Eu sei, vamos voltar depois com a polícia ou o exército o que for preciso para

resgatá-la.

—E se for tarde demais? Pelo que eu me lembro o portal se fechou logo após pularmos.

—Ally. Não podemos ficar. Tudo por aqui é mortal. —Exaspera. —Aquela coisa

estranha com asas, a criatura na água...

—Se você quiser tentar voltar eu não me importo, mas eu vou ficar aqui. —Levanto-me

e dou as costas, enquanto fecho a porta da barraca percebo que ele continua lá, imóvel.

Deve estar decidindo se vai ou se fica, pra mim não importa, já fiz minha escolha e vou

ficar. E logo que amanhecer vou resgatar Lana. Ainda não sei bem como fazer isso—

seria bom, na verdade, seria ótimo ter a companhia de alguém nessa empreitada —, no

fundo tenho medo de que Amós decida partir, tenho medo de ficar só. Medo de quando

encontrar Lana—"se encontrar", me recuso a pensar nisso—, eu não seja

suficientemente forte para resgatá-la.

Ele aparece duas horas depois para me oferecer biscoitos e toddynho de caixinha —

quente.

Fico agradecida por ele se importar de matar minha fome. —Mas desconfio que ele

quisesse mesmo era entrar na barraca, já que o frio estava feroz do lado de fora.

—Ainda sem sinal, como eu esperava. —Fala enquanto bloqueia a tela do celular.

—De onde surgiram todas essas coisas? —Reviro a embalagem quase vazia para que os

farelos de biscoito caiam em minha boca.

—Já estava tudo dentro da mochila, como você sabe, eu e meu pai acampamos... —

Coloca mais alguns biscoitos em minha mão. —Agradeça por ela ser impermeável. —

Entendo o porquê de ele ter tido um surto de raiva na água. Precisava nadar contra a

correnteza, salvar a mochila—que, diga-se de passagem, é enorme, provavelmente

muito pesada—, e me salvar de um afogamento iminente e de alguma *coisa* que havia na água.

Penso em como ele foi corajoso e leal, igual quando éramos crianças. Todo o trabalho

que tivera para me carregar até aqui— percebo que não estamos muito longe da

cachoeira daqui eu podia escutar o som da água desabando nas rochas—, curar meu

ferimento, montar essa barraca... Mas não quero pensar nisso agora. Não quero me

desviar do ponto crucial, sempre faço isso, meus pensamentos desordenados sempre se

perdem ou dão voltas em círculos, se desviam do verdadeiro objetivo. Assim como uma

bola de boliche se desvia no último instante de acertar o alvo.

31

—E, antes de pular atrás de mim você teve tempo de pegar todas essas coisas? Quero dizer, não estou reclamando... —Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

—Também não está agradecendo. —Pigarreia antes de continuar. —Eu peguei antes de

ir pra sua casa, tive um pressentimento. —Coloca as embalagens sujas em um saco e

amarra o colocando do lado de fora. Seu braço roça no meu—está gélido—, retiro seu

moletom, e jogo para ele. —Pode ficar. —Ele o devolve rapidamente e o aceito de volta

sem cerimônia. —Tinha duas barracas antes, mas meu pai fez o favor de estragar. Não

se preocupe, eu vou dormir lá fora, só to fazendo um pouco de hora.

—Tem muito espaço aqui... Não vou permitir que você durma do lado de fora, aliás a

barraca é sua.

—Só se não for um problema. —Enrola as correntes da sua bermuda no indicador e me

encara, desvio o olhar.

—Não. Eu faço questão. —Deito me enrolando no cobertor. A verdade é que eu quero

muito que ele fique ali comigo, e também não faria sentido ele dormir lá fora, não com

todo esse frio.

—Valeu. —Sorri. —Pena que não temos nenhuma escova de dente.

—É. —É o que digo. O vento uiva do lado de fora, está tão forte que chega a balançar a

barraca. Amós se deita á uma distância considerável de mim. Ofereço-lhe uma

parte do

cobertor, ele recusa. Enrolo-me ainda mais nela como se fosse um casulo, tremendo de

frio. —Não está sentindo frio?

—Não. —Apoia a nuca em sua mão. —Sentir frio é questão de opção.

—Nunca acreditei nisso.

—É uma das valiosas lições que se aprende no exército. —Vira seu rosto para mim,

seus olhos cor de céu me fitam. Deitado ele é ainda mais bonito—o que me parece

impossível. Apesar de seu cabelo ser claro e seus pelos—pelo menos os visíveis —, sua

sobrancelha é um pouco escura, um lindo contraste com seus cílios.

Dessa vez não desvio o olhar, ele move os lábios para dizer algo, mas se detém no

último minuto. Estar congelando não impedi minhas bochechas de corarem. —Digo

para mim mesma que é o frio, o que não é de tudo mentira, muitas pessoas coram

quando está muito frio.

—Seus olhos estão negros. —Fala seriamente, penso que ele vai sorrir, não o faz.

—Não faz isso. —Sussurro.

—Fazer o que...? —Ajeita o corpo e se vira para mim.

—Não repare meus olhos. —Meu corpo treme involuntariamente. Ele pisca para

mim.

—Eu não estou dando em cima de você, mas sabe o que seria ótimo para te esquentar?

—Nego com a cabeça. —Corpo a corpo.

—Me diz onde isso não é dar em cima. —Reviro os olhos sem que ele perceba, ele

gargalha e sua risada deliciosa parece me aquecer. Ele se arrasta até mim entrando

debaixo do cobertor, os pelos da sua perna roçam nas minhas e sinto um frenesi. Seu

corpo me encurrala, fico entre ele e o tecido da barraca. —Está funcionando. —Digo

para me distrair.

—Seria melhor se estivéssemos nus. —Sinto seu hálito quente com cheiro de bolachas e

toddynho. —Ou na *atividade*.

—Contente-se. Isso é só o que terá hoje. —Me arrependo assim que digo.

—Hoje? —Gargalha. Imagino que ele vai insistir no assunto, mas não ele simplesmente

muda de assunto: —Quando conheceu Pierre, e *oh* meu saco de onde veio esse nome

escroto de merda, ele é italiano?

Reprimo o riso.

—Faz um ano, foi na escola. E para seu governo Pierre é francês, qual o seu

problema?

Ele não responde, apenas dá de ombros, seu cabelo cai sobre mim como uma cortina

de seda. Devia tirá-los do meu rosto—faz cócegas—, mas o cheiro de shampoo e

cigarro me envolvem. Já estou aquecida então relaxo o corpo um pouco. Sinto vontade

de abraçá-lo—seria estranho, seria dá muito mole? —, minha timidez vence, então fico

só parada tentando controlar minha respiração.

—Como conheceu sua namorada? —Indago baixo, ele para de fitar o teto e me olha,

depois se volta para cima novamente.

—Que namorada?

Reviro os olhos, e agradeço por ele não ter visto, quando éramos crianças sempre que

eu revirava os olhos ele me dava um tapa na testa.

—A ruiva.

—Ela não é ruiva. —Ele ri de uma piada interna, e eu já imagino qual. —O cabelo dela

é cor de groselha, isso não chega nem perto de ruivo.

—Já entendi. —Retruco. —Por que você é tão chato? —Bufo.

—Me desculpe. —Gargalha e se inclina, penso que vai beijar meus lábios—, ele beija

minha bochecha, isso não me impede de sentir outros daqueles frissons. —Ela é só uma

amiga, não é *namorada*.

—Uma amiga... Como eu?

—Não você é minha melhor amiga, a ela me refiro como “amiga do sexo”. Aquela

coleguinha que você sabe, faz...

Suas palavras ecoam em minha cabeça: “Não, você é minha melhor amiga. A ela me

refiro como amiga de sexo”, “Não você é minha melhor amiga a ela me refiro como

amiga de sexo”, acrescento vírgulas e pontos onde não tem—ou imagino que não tenha

—, mesmo assim ainda me soa mal.

O ruim de conversar com alguém pessoalmente é isso, quando as pessoas falam algo

você pode interpretar de formas diferentes do que realmente são—ainda mais se não

consegue ver a expressão delas—, não existem vírgulas nem pontos no ar. Não sei se me

sinto grata ou não por ser a “melhor amiga”, sinceramente não sei por que me importo

tanto. Lá vou eu pensando demais novamente...

Quando o percebo já adormeceu, inclino-me e apago a luz, e também apago.

Acordamos ao som da música “Acordar”.

—Você ouve Fresno? —Pergunto ainda sonolenta, enquanto ele se apressa em desligar o

despertador do celular.

—Eu não. —Dá de ombros.

—Eu gosto.

33

—Que bom pra você. —Pisca. —Me passa esse travesseiro. —Gesticula. —Ereção matinal, coisa de garoto. —Sai da barraca se cobrindo, me pergunto se era necessário

ele me dizer aquilo, apanho seu celular e zapeio sua playlist, encontro uma quantidade

absurda de músicas da Fresno—pra quem diz não gostar—, nesse momento ele retorna.

—Pra quem diz não gostar você tem muita música da banda. —Provoco. Ele me encara

semicerrando os olhos.

—Eu comprei esse celular semana passada, provavelmente as músicas vieram junto. —

Reprimo um riso. —Cuide da sua vida, vem vou preparar nosso café.

Nosso café da manhã consiste em dois pacotes de passatempo e suco de caixinha.

Apesar de ser quase nove da manhã o sol é apenas um eco pálido.

—A comida acabou. —Fala chutando a imundice do chão. —Precisamos tentar voltar

hoje.

—Eu já te disse que vou ficar.

—Que utilidade nós teremos no resgate de Lana se estivermos mortos de fome?

—Podemos caçar. —Ele gargalha nervoso. —Não estou dizendo pra ficar, me dá mais

hoje... Vamos procurar... Sabe você pode voltar, você tem um lugar pra voltar. Eu não.

Meus pais me odeiam, acham que eu a matei, se eu voltar sem ela... Eles não vão me

perdoar, muito menos eu.

—Contamos a verdade, e voltamos com ajuda.

—Eles nunca vão acreditar. Você acreditaria? —Amós não responde apenas fita o

horizonte. —E se o portal nunca mais abrir?

Ficamos em silêncio depois disso, ele não diz mais nada apenas dá longos suspiros.

Ajudo-o a desmanchar a barraca e a guardar nossas poucas coisas—tudo para me

manter ocupada—, meu pé esta bem melhor, o agradeço, mas ele dá de ombros.

Sinto medo de que ele decida partir e me abandone—não posso obrigar ele a ficar, e

uma parte de mim quer que ele vá embora—, meu corpo todo treme e imagino se é a

abstinência dos antipsicóticos. Uma hora dessas já pulei mais de seis comprimidos, mas

não importa porque tudo isso é real.

Penso na quantidade absurda de dinheiro e tempo que perdi com a dra. Verônica —

tentando me convencer de que eu era uma louca delirante—, em como maltratei meu

corpo com uma porrada de remédios desnecessários, no tempo que eu perdi trancafiada

no quarto. No quanto eu fui covarde. Se eu tivesse prestado atenção aos sussurros e não

os ignorado talvez não tivessem levado minha irmãzinha.

Lana também os via—seja o que isso for é de família—, assinei sua sentença ao proibi-

la de falar com eles, ou talvez esse fora sempre o plano. Levá-la, assim eu viria atrás, se fosse mesmo o plano tinha funcionado.

—Calce-os, vamos dar uma volta. —Amós joga um par de coturnos militar para mim.

Sento no tronco para calçá-los.

—Onde conseguiu? —Eu sei onde ele conseguiu, mas aproveito a deixa para puxar

assunto.

—Da época da ESA. —Acende um cigarro e coloca outro atrás da orelha, aquilo o deixa

muito sexy, mas não digo a ele.

—Me dá um?

—Não, isso mata. —Antes que eu retruque ele me interrompe. — Vamos. — Joga a mochila nas costas e acena para que eu o siga. Voltamos à cachoeira para que ele encha

algumas garrafinhas de água, depois, voltamos e seguimos adiante. Seguimos por uma

trilha de terra íngreme—que não tem muito mais do que cinquenta centímetros

de

largura—, pelo que me parece a eternidade, as árvores começam a se agigantar diante de

nós, o sol pálido desaparece e o céu começa a escurecer.

—Obrigada. —Começo, quando tenho sua atenção prossigo: —Por decidir ficar.

—Não quero falar sobre isso. —Fala rudemente. Retiro seu moletom e o amarro na

cintura, os coturnos fazem meus passos ficarem duros e pesados—como se eu estivesse

em uma eterna marcha—, cogito na ideia de propor uma troca com seus all-star, mas

deixo quieto, o pé dele é gigante comparado a meu, e também ele já tá bastante

incomodado.

No fundo fico feliz por ele ainda estar aqui—mas talvez ele tivesse pensado melhor no

que eu dissera sobre o portal não estar mais lá—, ele junta os cabelos no alto da cabeça e os prende em um coque.

Olho no meu relógio de pulso—percebo que ele parou de funcionar—, concluo que

não deve ser muito tarde, deve ser por entre onze e meio-dia, no entanto, o céu está lilás e purpura, raios prateado cortam o céu. Um vento frio sopra meus cabelos.

—Ai... —Amós afaga a nuca nua e olha torto para mim, mas continua andando. O céu

parece escurecer mais um pouco, sinto meus pelos se eriçarem. Algo do tamanho de um

feijão acerta minha têmpora, olho para os lados e vejo apenas árvores. —Ai que droga,

Ally. —Reclama afagando novamente sua nuca, que agora está vermelha. Não contei,

mas Amós diz meu apelido de uma forma engraçada e fofa soa como “L”.

—Que foi? —Ele não responde apenas continua andando mais rápido, tenho que me

esforçar ainda mais para acompanhá-lo, isso me irrita. Gotas pesadas começam a cair do

céu, primeiro na ponta do meu nariz, depois na testa e etc...

—Droga, mais essa agora. —Pragueja. —Precisamos encontrar um abrigo. —Gesticula.

À medida que caminhamos o chão se torna lamacento por causa da chuva que aumenta

gradativamente. Prendo a respiração ao chegarmos á uma ampla clareira rochosa. Meu

coração para, depois retoma a batida acelerado, como se quisesse compensar esse um

segundo sem bater.

—Oh não. —Engulo em seco, enquanto a água gélida da chuva cai sobre o topo de

minha cabeça com força. Há mais de duas dúzias de pequenos corpos mutilados

cravados em estacas gigantescas. O cheiro de carne podre, lama e enxofre me faz querer

vomitar. —São crianças?

Amós que parece petrificado se move e checa um dos corpos desfalecidos.

—São anões. —Confidencia. —Tudo bem isso já está sinistro o bastante, vamos voltar

por aonde viemos, rápido. —Segura em minha mão, eu a aperto com força e obedeço.

Estou em pânico—tenho vontade de gritar, mas não o faço—, meu coração se acelera

ainda mais e as palmas das mãos começam a suar. Minúsculos seres alados aparecem do

nada e começam a puxar meu cabelo.

Detenho-me no lugar e estendo a palma da mão para cima, a criatura em miniatura

pousa levemente—sinto cócegas—, meu pavor parece desaparecer naquele instante. É

um ser andrógino—de aproximadamente dez centímetros—, sua pele é cinza

esverdeada, os cabelos são de um tom muito escuro assim como suas vestes

esvoaçantes. Suas asas translúcidas batem tão rápido quanto de um beija-flor, é lindo.

—Eca. Não toque nessas coisas. —Amós sacode minha mão. —Vamos Ally.

—São fadas. —Sorrio admirando-as.

—Não são fadas, essas coisas são estranhas e nem são coloridas, cadê aquele pó

mágico... Hãn? —Ele se contorce quando as fadas começam a puxar seu cabelo. Olho

novamente para a clareira e vejo todos os corpos mutilados, a náusea e o terror me

tomam novamente.

—Deixem ele em paz. —Repreendo-as, elas obedecem e se juntam agora ao meu lado

sussurrando baixo, não entendo. Amós me puxa pelo braço e então começamos a refazer

nossos passos, a chuva aumenta ainda mais e começo a escorregar. As fadas nos seguem

e começam a puxar meu cabelo, a princípio fraco, mas depois começa a me incomodar.

—Me deixem, vão embora. Xô! Xô!—As espantos com as mãos igual se faz com

moscas.

A fada que pousou em minha mão junta as duas mãozinhas no ar como se fosse orar e

gesticula que nós a sigamos.

—Ela quer que nós a seguimos. —Digo escorregando novamente. A fada levanta o

polegar para cima indicando que finalmente acertei em algo. Amós bufa e me ignora—

isso me irrita, lembra-me de quando eu era criança e via criaturas sobrenaturais corria

até meus pais para confidenciar, e então eles me ignoravam—, o coque de seu cabelo se

desfaz e cobre suas costas como uma cortina.

De repente o chão começa a tremer ao som de passos extremamente pesados. Amós se

detém no lugar e me olha pela primeira vez—desde que saímos da clareira—, ele parece

assustado, assim como eu.

—Corre. —Fala entre os dentes cerrados.

—Pra onde?

—A clareira, é pra lá que esses mosquitos da dengue queriam nos conduzir, né? —

Caímos no chão ao mesmo tempo quando um pé gigantesco—e com um forte odor de

queijo estragado—, pisa a centímetros de nós. É um gigante, levantamos rapidamente e

corremos o mais rápido possível, olho para trás e vejo que as fadas tentam distraí-lo, ele fica tonto por um instante, mas logo se recupera.

Outro gigante aparece—é uma mulher—, o primeiro gigante consegue apanhar

algumas fadas e as enfiam dentro da boca e começa a mastigar—o sangue escorre pelos

cantos de sua boca—, caio no chão e Amós me ajuda a levantar. Ele se livra da mochila

para ganhar mais velocidade.

Minhas panturrilhas ardem, assim como o meu peito por tanto esforço. Isso era um

verdadeiro excesso de atividades em contraponto com a vida sedentária que eu levava

há alguns dias. Por mais que corramos rápido os gigante estão sempre em nossos

calcanhares.

—Oferendas frescas. —O gigante fala e gargalha, o som é parecido com raios e trovões.

—A caverna. —Amós resfolega. —Pra caverna.

A giganta asquerosa consegue apanhá-lo, ela fecha sua mão enorme e obesa logo

abaixo de suas costelas, e o ergue.

36

—Olha pai como ele é lindo. Um filho de Adão, oh ele é vermelhinho o quero pra mim.

—Bate o pé no chão, que por sua vez treme. Sua voz é esganiçada e tão asquerosa

quanto ela. Paro e chuto o pé do gigante.

—Devolva-o! —Ordeno, ele gargalha fazendo o chão tremer. Depois se inclina para

frente e me lança longe com um sopro quente e fétido, desmaio.

37

Depois

Pode parecer ironia do destino—e talvez seja mesmo—, pretendíamos correr para uma

caverna, e *voilá*, estávamos agora em uma. Percebo que meus pés e mãos estão presos em tiras de couro, apertadíssimas.

A caverna é imensa. Repleta de teias de aranha gigantes—não me espantaria se os

gigantes tivessem que disputar com a aranha pra ver quem ia devorar quem. Para criar

teias daquela magnitude ela devia ter um popozão avantajado—, o gigante

asqueroso

está sentado ao lado de uma pilha de ossos humanoides.

Estou na parte mais alta da caverna—assim consigo vê-lo lá embaixo, bem no centro,

ele está devorando alguma coisa até o osso—, chego à conclusão de que qualquer forma

se eu conseguir escapar não vai ser possível sair daqui. Só se eu voar, mas não tenho

asas.

A pele do gigante é cinza escura, ele é gordo e calvo, me lembra até o pai de Jayne—,

tento me soltar das amarras, mas só consigo fazer com que elas me machuquem.

A filha horrorosa dele não está aqui—e isso me preocupa—, Amós também não está

talvez ele esteja com ela. Não quero pensar na possibilidade dele ter sido devorado, me

forço a acreditar que ele está com a giganta horrenda. —Isso também não ajuda, entro

em agonia só de imaginar o que ela pode estar fazendo com ele.

O gigante se levanta e sacode o corpo para se livrar dos restos de carne e ossos. Chupa

a medula de um osso, depois o descarta na pilha. Seu corpo obeso e flácido se balança

como gelatina enquanto ele se aproxima. Encolho-me, me sentindo do tamanho de uma

pulga.

—Finalmente, finalmente. —O chão começa a tremer, me encolho o quanto posso, e

quase perfuro a parede com as costas. —Acordou pequena *errant*. —Prendo a

respiração antes que eu desmaie novamente com seu bafo. Ele me chamou de errant,

não sei o que isso significa e não pretendo ficar muito tempo para descobrir.

—O que quer comigo? —Grito. Ele gargalha novamente, e seu hálito quente e fétido

quase me cozinha.

—Errant muito valiosa, dá muito ouro. A rainha vai adorar tê-la. —Seus olhos

vermelhos me encaram curiosamente enquanto ele palita os dentes—com o fêmur de

alguém—, amarelados, e podres.

—Cadê meu amigo? —Tento chutar seu olho, ele me pega pelas pernas e me sacode

furiosamente no ar como um pêndulo. Sinto meu sangue pulsar em minhas têmporas, e

minha cabeça lateja. Ouço novos passos, é sua filha, ele me coloca no lugar e oferece

alguns cadáveres de anões a ela.

Suspiro de alívio ao ver que Amós está em uma de suas mãos, ela o trata como um

pequeno bibelô. O coloca em uma parte íngreme e alta da caverna—seu braços e pernas

não estão amarrados—, mesmo assim pela altura absurda ele não pode fugir nem se

quiser. Ela é tão feia quanto o pai—talvez até mais—, é uma versão mais jovem e

feminina dele.

—Têm algumas fadas zanzando por ai. Papai vai cuidar delas, fique de olho nos dois. —

O gigante sai e algumas partes da caverna se desmoronam.

Tento chamar a atenção de Amós, mas ele, bem, está ocupado.

38

—Você é tão bonito, seus olhos são como o lago dos condenados. Sua pele é macia como seda, seu cabelo resplandecente como o sol. —A giganta recita enquanto se senta

e suspira enquanto admira Amós. É mole? Sinto vontade de puxá-la pelos cabelos,

depois lhe dá umas boas bofetadas. Ele me olha, aterrorizado, devolvo seu olhar,

impotente. —Por que está olhando pra ela? —Dá um soco no chão, que reverbera.

Amós lhe diz que não olhou para mim, e subitamente sua raiva desaparece. —Você tem

namorada?

Ele ri nervosamente.

—Escuta. Você parece ser uma... —Engole em seco, ela o fita esperançosa. —*Garota*

muito legal, mas eu acho que isso... Meio que não vai dá certo.

—Eu acho que você precisa de um banho. —Sorri.

—Não, não, não. —Sua voz está rouca.

—Te garanto que depois que eu te banhar você vai repensar sua decisão.

—Não, por favor... —Implora, depois olha para mim desesperado.

Ela dá outro soco no chão.

—Não olhe pra ela! Você é meu, só meu.

—Tudo bem, calma. —Ergue as palmas das mãos. Ela se levanta e a barriga flácida se

balança—como se tivesse vida própria—, ao menor movimento. Sua papada é tão

grande que se junta aos seios dando a impressão de um triseio.

—Vou matar sua namorada e vou te reivindicar. —Se aproxima. Encolho-me.

—Não toque nela! —Grita. —Por favor... —Ela apanha uma foice do tamanho de um

bonde e o ergue no ar preparando o golpe. Não que fosse preciso, acho que um peteleco

com aquela mão gigante e gorda já poria fim a minha breve vida. —Eu topo aquele

banho.

Um sorriso lascivo a atinge como um raio, e então ela se livra da foice, que cai no chão reverberando.

—Não. —Grito tentando chamar sua atenção, mas já é tarde demais. Ela o apanha com

todo cuidado em suas mãos gigantes e sai cantarolando—mais partes da caverna se

desmorona e quase me atingem—, gasto toda minha voz gritando por Amós. Ódio me

toma por estar tão impotente, e ser uma porra de donzela de mãos atadas.

Luto com as lágrimas que teimam em sair. Um nó se fixa em minha garganta e só vai

embora quando eu choro, é o que faço. Quando fico rouca e com arranhões

avermelhados nas panturrilhas—de tanto me contorcer tentando me soltar—, descanso

meu corpo lânguido no chão rochoso.

Lembro-me das pessoas quebrando os polegares—para escapar das algemas—, será

que isso também funcionava com essas malditas tiras de couro? Mesmo que funcionasse

vamos ser sincera comigo mesma, eu não faria. Não tenho coragem o suficiente pra

isso. Acho.

Ouço um choro agudo—se parece com os barulhos que os gatos costumavam fazer em

cima do meu telhado—, a criatura quase perde o fôlego, mas logo o recupera, e retoma

o choro. É um bebê. Por que raios teria um bebê aqui?

Rastejo-me de onde estou encostada e percebo minúsculos bracinhos se remexendo em

meio á um monte de panos carcomidos. Aquele choro é como um tônico para mim, ele

revigora minhas forças e minha vontade de escapar dali. Me sinto culpada em não ter sentido o mesmo ânimo quando Amós foi levado.

“Ele não estava em um perigo real, o que de tão ruim tem em um banho?”, a vozinha

fala baixo em minha cabeça. Achei que aqui ela desapareceria de uma vez por todas,

mas eu estava errada. Consigo chegar até a beira do barranco e olho cuidadosamente

para baixo, não consigo ver muita coisa além de uma pilha de corpos em decomposição,

trapos e corpos de animais. —Dali deve vir o cheiro de algo podre que tanto arde

minhas narinas.

Se eu fosse uma pessoa sensata eu me afastaria, refletiria uma forma melhor de

escapar. Mas não existe outra forma, eu não sou sensata, sou insana comprovada e tudo,

então lanço meu corpo para o abismo de corpos.

Minha queda é demorada. Caio pesadamente sobre um alce morto—e alguns

cadáveres—, dói... Dói muito. Um fedor exala dos cadáveres, impulsionado pela minha

queda. Só para deixar registrado: Carne em decomposição fede à beça. Percebo nessa

hora o quanto eu sou uma completa idiota.

Agora eu estava amarrada—pés e mãos—, á um monte de corpos fedorentos. Mas eu

não estou satisfeita, então rolo o corpo pela carcaça putrefata do alce, sua carne mole

cede, e por pouco não enterro meu rosto nas larvas. Vomito. Nada além de bile. Respiro

profundamente para me recuperar e rolo mais duas, três, quatro vezes até que caio da

gigante cesta mórbida.

O neném detém o choro, e agradeço pela folga aos meus ouvidos, assim consigo pensar

claramente. O chão começa a tremer—o gigante está retornando—, faço um esforço

descomunal para sair do lugar, consigo me ajoelhar, e apoiando-me nas mãos me

levanto cambaleante. Vejo o reluzir de uma faca—presa a bainha de um anão morto—,

pulo que nem Saci Pererê—só que no caso tenho as duas pernas, tão juntas uma da outra

que é como se fossem uma só, uma monoperna—, mergulho no cesto novamente. Quem

diria.

O gigante está de volta, ele está alegre e julgando por sua boca suja de sangue fresco

ele matou algumas fadas. Meu estômago se revolve mais uma vez. Seu sorriso doentio

desaparece do seu rosto assim que percebe que falta algo: EU. Quase sorrio de

satisfação, mas o lugar onde estou está muito fedido, talvez outra hora.

Ele urra e sapateia, um pedregulho desaba a poucos centímetros de acertar sua cabeça.

O gigante tem sorte, afinal. Pelo visto mais do que eu.

—Errant, onde você está? Maldita bastarda apareça. —Vasculha toda a caverna e entra

em desespero ao não me encontrar. Se tivesse um pouco de inteligência ele procuraria

na cesta, por favor, né? Uma humana—aparentemente—, escapa de um lugar

extremamente alto... E logo abaixo tem uma cesta repleta de carcaças que amortecem

quedas... Não era preciso ter muita imaginação, sou eternamente grata por isso. Ele

chama pela sua filha, depois começa a falar um idioma estranho, o bebê retoma o choro.

Lembro que é por ele que fiz tudo o que fiz. —E de novo eu estava me desviando do

que era para eu fazer, de fato.

Aproveito a distração do gigante para tatear os cadáveres às cegas e encontrar a faca.

Algo afiado corta meu dedo, reprimo um gemido. O gigante para por um instante sua

insana procura por mim—dentro de um formigueiro gigante, mas não tão grande para

me caber dentro dele—, me congelo, provavelmente seus ouvidos extragrandes

captaram algum som dos meus movimentos. Ele olha para o cesto por um instante e seus olhos vermelhos encontram os meus.

Acho que ele olha, mas sem ver de verdade, sabe do que estou falando né, sabe? Ok.

Prendo a respiração, o choro imparável do bebê me desorienta—não sei como ele

consegue nem notar. —, ele coça o rego peludo, depois cheira, e volta-se novamente

para o formigueiro. Pergunto-me como ele conseguiu procriar, mas desisto de chegar a

uma conclusão, e me concentro em meu plano de fuga.

Seguro a faca afiada entre as palmas das mãos—o sangue do corte faz com que ela

escorregue bastante—, prendo o cabo com os polegares e indicadores e a roço nas tiras,

elas demoram a ceder, mais cedem no final. Eba!

—Cale a boca criaturinha maldita! —O gigante grunhi para o bebê, um ódio cresce

dentro de mim. Nunca maltrate animais, nem velhinhos, muito menos bebês na minha

frente, você pode se dar muito mal. Eu ia dá uma lição naquele grandalhão, não agora,

depois. —Tem sorte de que aquela cabeluda desapareceu, do contrário você seria minha

sobremesa. Mas espere só até eu voltar. —Cuspi as palavras e sai.

“Cabeluda?”, aquilo me ofende, corto as amarras dos pés imaginando que elas são o

gigante. Guardo a faca entre meus seios rezando para não me cortar sem querer, e corro

até o bebê enrolado em trapos, ele parou de chorar novamente e dorme um sono

tranquilo. “Só bebês conseguem tal proeza em um momento como esse”, penso.

É um lindo bebezinho de cabelos escuros e bochechas rosadas. O pego

desajeitadamente, ele quase acorda. O envolvo nos braços, tomando todo cuidado para

deixá-lo longe dos meus seios—talvez a faca possa feri-lo—, adorável, a primeira fase

do plano estava concluída. Agora eu só precisava achar a saída, resgatar Amós da

gigante pervertida e fugir.

Sigo pelo caminho que o gigante sempre usa quando sai e sinto uma brisa fresca entrar.

Ponto! Achei a saída. Prendo a respiração. Eu estou fedendo, estou fedendo muito.

Estou fedendo a mil cadáveres podres, não sei explicar como o neném não morreu

sufocado ou simplesmente golfou em mim.

Alguém agarra minha cintura e tapa minha boca, me prendendo contra a parede

rochosa e escurecida. Não é um gigante, apesar de ser generosos centímetros mais alto

que eu.

—Argh! Você fede. —Amós me solta. Uau! Repelente contra homens mal-

intencionados, fragrância cadáver, anotaram essa? Ok. Não que Amós fosse um... Mas

entenderam a dica.

—O que está fazendo aqui? —Sussurro semicerrando os olhos ofendida por ele ter dito

que eu fedia, mesmo quando eu estava fedida, e Deus sabe como eu fedia.

—Eu ia te resgatar. —Falou como se isso fosse óbvio demais, e eu fosse lerda.

—Cadê a...

—É uma longa história, temos que ir agora. —Olha pela primeira vez para meus braços.

—O que é isso?

—Um bebê. —Agora eu falo o óbvio.

—Deixe-o, ele só vai nos atrasar. Fora que ele é do gigante esquisitão que se parece com o pai de Jayne. —Bufa.

41

Viu? Eu disse que ele se parecia com o pai de Jayne. —Ela me daria um tapa forte por tal comparação.

—Você está louco? Não vou abandoná-lo, graças a ele tive um incentivo para escapar

daquela *droga*, enquanto você se divertia tomando banho.

Ele me olha perplexo, depois sua expressão muda para ódio.

—Você acha que eu estava me divertindo? Retire o que você disse, agora! — Duas rugas

se formam entre suas sobrancelhas escuras.

—Não.

—Você acha que eu sou papa-baranga? Eu devia esfregar sua cara na carniça.

—Vai enfrente, já estou cheia disso até o pescoço, meu bem. —O bebê percebe a

agitação e recomeça o choro a todo fôlego. Sinto um leve tremor no chão. O gigante se

aproxima.

—Larga ele está atraindo o gigante. —Implora. —Por favor.

—Não posso e se ele fosse seu *filho*, o abandonaria?

Ele se aproxima e segura meus ombros firmemente.

—Mas ele não é meu filho. —Fala duramente, pisco absorvendo suas palavras. E

agradeço por eu estar aqui para salvar uma vida. Meus instintos de mãe me faz dar as

costas e correr, os passos do gigante se aproximam cada vez mais, Amós incendeia a

caverna com ajuda de tochas antes que partimos. —Isso vai atrasar o gordão. —Diz

atrás de mim.

Já é noite do lado de fora, o céu está de um azul profundo e estrelas brilhantes

salpicam o céu. Olhando para cima até dá para fingir por um instante que essa é uma

noite qualquer, uma noite normal, mas não é.

Corro a todo vapor enquanto apoio o bebê verticalmente em meu corpo, apoiando sua

cabeça com uma mão e o corpo com a outra. Seu choro se torna entrecortado por causa

de minha corrida, tenho medo que ele se engasgue então eu paro. Amós também, ele

curva o corpo resfolegando e se apoiando nos joelhos.

Caminho rapidamente para longe dali, ele me segue. Quando a caverna em chamas fica

a uma distância considerável eu diminuo os passos, tentando fazer minha

respiração

voltar ao normal. O choro cessa e tudo fica silencioso. Checo à respiração do bebê

repetidas vezes até que me dou conta de que ele dorme.

Quem diria, uma humana qualquer conseguiu escapar de uma caverna de gigantes sem

poder nenhum—e com certeza sem nenhum cavaleiro de armadura reluzente—,

impulsionada apenas por um choro de bebê. Sinto orgulho de mim mesma e por um

instante apenas respiro o ar límpido, apesar de a brisa lembrar-me constantemente que

sou uma fedorenta.

—Não acredito que salvou mesmo esse bebê. —Amós caminha lado a lado comigo.

—É. Salvei, e não com sua ajuda, é claro. —Respondo de mau humor.

—Sinto muito por ter sido escroto... Essa criança pode ser do gigante. —Constata. —

Será que poderemos balançar nos braços do nosso novo *filho* quando ele tiver cinco anos? —Ri. Eu quase rio também, quase... Reprimo a risada.

—Ele seria a sobremesa. —Retruco. Amós se cala, coloca as mãos nos bolsos e encara o céu. —Por quanto tempo eu dormi? Perdemos mais um dia. —Ele apenas dá de ombros.

—Precisamos achar uma caverna para nos abrigarmos.

—Acho que já chega de cavernas por hoje.

—Sério. Não sabemos o que mais tem *aqui*. Essa criança não pode ficar a céu aberto dessa forma, fora que tem os animais. —Joga o cabelo para tirá-lo de seu rosto. Mordo

os lábios. A vida era muito injusta mesmo, eu estava fedida, descabelada, maquiagem

borrada e provavelmente horrorosa—não tanto quanto a giganta—, mas horrível. Em

contraponto Amós tinha passado quase pelos mesmos episódios que eu, e parecia um

modelo que acabava de sair de um ensaio fotográfico. Ou um colírio da revista

Capricho.

—Tudo bem. —Meu corpo treme de frio, Amós esfrega suas mãos quentes em meus

braços. Quero empurrá-lo, ainda estou chateada pela sua atitude na caverna, mas sinto

muito frio então aceito de bom grado.

—Devemos estar bem perto de um rio, olha como está frio. —Sua respiração solta

fumaça branca no ar. Escuto realmente ao longe barulho de água. Encontramos uma

pequena caverna escura e nos abrigamos nela—hesitei no início, mas assim que entrei e

senti o hálito quente da caverna, não me opus mais—, Amós acende um isqueiro que ele

retira da bermuda. —Veja. —Gesticula para um monte de fenos que improvisam uma

cama e algumas lenhas. —Existem humanos por aqui.

—Isso não quer dizer nada. —Suspiro.

—Que seja. —Em poucos minutos temos uma bela fogueira que lança uma luz âmbar

em nossos rostos projetando nossas sombras nas paredes escuras, e aquece nosso corpo.

—Onde aprendeu essas coisas? —O bebê se remexe em meus braços e faz barulhinho

que despertam ainda mais meu lado leoa protetora. É bem engraçado, mas eu morreria

por ele, mesmo não sendo meu.

—Escoteiros. —Dá de ombros.

—Ah é... —Sorrio. Lembro-me que sempre que ele ia para o acampamento eu sofria sua

falta, e quando ele voltava eu fingia nem ter sentido. Levanto-me e coloco o bebê

adormecido na cama improvisada, ao lado há uma cabaça cortada, a pego. —Vou até o

rio pegar água. —Antes que Amós se levante eu digo: —Vigie ele.

Ele revira os olhos, mas permanece no lugar.

Sou pega desprevenida pelo vento que quase me leva junto consigo. Embrenho-me

pela vegetação rasteira—iluminado apenas pela luz da lua—, o chão está repleto de

folhas secas e heras venenosas o que me faz tropeçar algumas vezes. A escuridão

predomina quando as árvores se agigantam, caminho sem enxergar nada.

Até que caio no rio, antes que o pânico me domine eu me levanto e percebo que estou

na margem e a água só chega até minha cintura. Está gélida, mas aproveitando a

oportunidade eu me esfrego tentando fazer o fedor desaparecer por completo. Depois de

alguns minutos não consigo mais sentir nada do pescoço para baixo, poderia fazer uma

tatuagem ou colocar um piercing numa boa.

Mergulho para molhar meu cabelo e lavar meu rosto. Deixo o rio após encher a cabaça

de água, minhas pisadas são jocosas—por causa dos coturnos molhados—, a cada passo

ouço um barulho de pato, e isso me faz rir sozinha na escuridão. O vento faz meu cabelo

formar uma cortina escura em meu rosto, quase caio, e me surpreendo quando percebo que encontrei o caminho de volta.

Amós me espera na entrada da caverna—ele suspira a me ver, depois entra—, coloco a

cabaça e a faca no chão e fico bem próxima do fogo para me aquecer. Estendo as palmas

das mãos contra ele. Minutos depois meu vestido está apenas úmido.

—Bem melhor agora. —Sorri, eu devolvo o sorriso. —Vamos ter que apagar a fogueira

antes de dormirmos. Sabe, pode chamar atenção.

—Não vamos apagar. —Começo. —O bebê...

—Você ainda tem medo de escuro? —Reprimi o riso, depois pigarreia.

—Vai se ferrar! —Mostro o dedo do meio.

—Estou aqui, Ally. Não precisa ter medo. —Cruza os braços em volta das pernas.

—Igual na caverna...? —Eu não o culpava de verdade, nem sei porque eu dissera isso.

Só gostava de provocá-lo um bocadinho.

—Não acredito nisso. —Dá um soco na parede da caverna, a escuridão me impede de

ver se sua mão está machucada, não que eu me importe. —Eu estava indo te salvar

naquele momento.

—Talvez eu não precisasse ser salva. —Bufo. —Eu é que estava indo te salvar, ok?

—Não importa... —Desgrenha o cabelo loiro entre os dedos.

—Como você conseguiu escapar, falando nisso? —O interrogo, ele revira os olhos. —O

que fez pra ela te deixar escapar?

—Do que está me *acusando*? —Diz alto o bastante para sua voz grave reverberar pela caverna. —O que acha que eu fiz?

—Eu-não-sei. Por isso estou te perguntando, por que fica respondendo minhas

perguntas com outras perguntas?

—Não foi intencional. —Remexe a fogueira com um galho.

—Então... O que você fez?

—O que tive de fazer. —Trava a mandíbula. “O que tive de fazer”, ecoa em minha

cabeça. E várias coisas repugnantes giram em um torvelinho descontrolado em minha

mente, me produz ânsias. Essa resposta é vaga, eu quero mais, eu quero saber realmente

o que aconteceu. Dói-me imaginar o que Amós pode ter feito para escapar, só de

imaginar ela o tocando por mais breve que seja me irrita, me faz ter vontade de arrancar a cabeça dela. —Que cara é essa, o que está se passando dentro dessa cabecinha?

—Você transou com ela? —Soa mais como uma acusação do que uma pergunta. Não

consigo controlar simplesmente sai. Eu sei que ele não transou isso seria impossível,

mas o ódio me cega, faz meus pensamentos se enublarem, meu raciocínio me abandona.

—Mostrou alguma parte sua pra ela, deixou que ela te tocasse?

Seus olhos azuis me fitam por um longo momento—penso que ele vai socar minha

cara—, até que ele cai na gargalhada, como se eu tivesse contado a mais engraçada das

piadas. Minhas bochechas se ruborizam e eu tenho um ataque de fúria. Quando percebo

já estou em cima dele dando-lhe bofetadas, ele segura minhas mãos e usa meu peso para

me jogar no chão. Sinto ódio por não conseguir atacá-lo, e mais ainda por ele ser mais

forte do que eu.

44

Ele prende minhas mãos acima da cabeça e se deita sobre mim, perco o ar subitamente

—desconfio que não seja pelo seu peso—, seus olhos fitam os meus novamente.

—O que você está fazendo, Ally? —Seu hálito quente sopra meu rosto. A raiva se

dissipa, evapora, como um cuspe na chapa quente. O olho de verdade pela primeira vez

e vejo o quanto ele é bonito e o quanto *gosto* dele. O quanto estou feliz por ele ter pulado atrás de mim, e de ainda estar aqui. Percebo que quero muito beijar seus lábios,

sentir seu gosto e tirar a dúvida—que está me consumindo—, quero saber se quando eu

beijá-lo os piercings vão me ferir os lábios, se aqueles *anzóis* interferem de alguma forma no beijo. Mas eu sou muito tímida então apenas respiro entrecortadamente

sentindo seu calor corporal se apossar de mim.

Quero ficar nessa posição para sempre, pensar nisso faz minhas bochechas corarem

ainda mais. Ele se inclina se aproximando, seu cabelo sedoso cai sobre mim como uma

cortina que me acaricia o rosto, o colo, os seios. Não fecho os olhos—ainda não tenho

certeza se é um beijo—, não quero parecer presunçosa.

Controlo-me. Me pego desejando agarrar sua nuca e fazê-lo me beijar o mais rápido

possível. Seu nariz roça o meu, aqueles segundos se arrastam demoradamente, e antes

que algo realmente aconteça o bebê chora.

Ele se levanta rapidamente e se senta na fogueira, como se o que acabara de acontecer

não significasse nada. Como se ele estivesse prestes a cometer um erro e tivesse

acabado de ter sido salvo pelo gongo. —O bebê. Levanto-me ainda sem sentir minhas

pernas, sentindo-me uma idiota por não ter oferecido resistência nenhuma quando ele

insinuou que me beijaria, ou por ter o olhado embasbacada enquanto ele apenas me

segurava para que eu não o ferisse.

Eu entendera tudo errado os sinais. Via algo onde não havia nada. Pego o bebê quente

em meus braços e o embalo—o choro continua—, aquele breve momento que tive com

Amós fez com que meu vestido se secasse por inteiro. Sento-me de frente a fogueira e

checo o bumbum do bebê, ele está limpo, então o aninho em meu peito.

—Eu menti pra ela. —Amós fala encarando a fogueira. —Sabe. Aquela *conversinha*

que a gente joga nas garotas. —“a gente” = os homens, só para constar. —Ela ia

nos

ajudar a escapar, mas você se antecipou. Naquele momento que te encontrei eu estava

indo te avisar que quando o pai dela dormisse, nós escaparíamos. —Fala alto para

sobrepor ao choro do bebê.

Dou de ombros sinalizando que não me importo.

—O que você acha que houve? —Zomba. —Seria como *foder* um elefante com um

palito de fósforo, e essa analogia nem chega perto da realidade.

—Será que poderia não usar essa palavra "*foder*" perto do bebê? Obrigada.

Do nada começa a chover, vasculho a mente e lembro-me de um céu limpo com

estrelas, mas não importa porque agora está chovendo. Relâmpagos iluminam a entrada

da caverna, o choro aumenta ainda mais, o bebê parece assustado.

—Coloca seu peito na boca dele. —Amós diz com raiva. —Essa criatura está com

fome.

—Eu não sou a mãe dele. —Falo o óbvio. —Não tenho leite.

Ele revira os olhos para mim, sinto vontade de jogar algo em sua cara.

—Eu sei. Mas pode enganá-lo. —Me encara, desvio o olhar e aperto o bebê contra mim.

—Por que você não coloca o seu mamilo na boca dele? —Rosno. Ele quase ri,

quase.

—Sério, seu cheiro vai enganá-lo por um tempo. —Cerro os dentes querendo esganá-lo,

imaginando se isso é verdade e se ele tinha aproveitado aquele momento para ficar me

farejando que nem um cachorro. —Já chega disso. Minha cabeça está começando a

doer. —Se levanta, agarro ao pequeno ser com mais força.

Amós puxa o pedaço da coberta—que separa o rosto do bebê do meu vestido—, ele

chora ainda mais.

—Pare. O que acha que está fazendo seu babaca?

—Seja uma boa garota e coloque o rosto dele entre seus seios, por favor? Ou eu mesmo

faço. —Ameaça me dando um olhar gelado.

—Você não se atreveria. —Tento retribuir o olhar ameaçador, mas devo parecer um

gatinho indefeso, porque não surte efeito.

Ele me lança uma olhar do tipo “Não me teste”, e eu faço o que ele sugeriu só para ver

a cara de idiota dele quando souber que está errado. O bebe para de chorar, as asinhas de seu nariz se abrem e ele começa a me cheirar. Dou meu dedo para ele sugar, e me

surpreendo quando ele o chupa esfomeadamente.

Meu coração dói, ele realmente está faminto e não há nada que eu possa dar para ele. E

quase me arrependo de tê-lo salvado—evitar que ele seja devorado para que ele morra

de fome—, as lágrimas escapolem dos meus olhos. Amós se senta ao meu lado e afaga

meus braços.

—Eu queria ter algo para dar a ele, além da droga do meu dedo. —Fungo. Ele me

encara semicerrando os olhos, e abre a boca, mas volta a fechá-la sem efetivamente ter

dito algo.

No fim o bebê dorme novamente, deito-me na cama improvisada feita de feno, até que

é bem confortável. Deixo o bebê sobre minha barriga para que ele me esquente, Amós

se deita do outro lado, ele cruza as mãos embaixo da cabeça, e não apaga a fogueira.

Agradeço por isso.

—Coloca ele entre nós. —Fala tão baixo que imagino se eu escutei errado, então ele

pega o bebê e o coloca entre nós. A claridade da fogueira diminui e meus olhos pesam.

—Ally?

—Eu. —Bocejo.

—Por que nunca respondeu minhas cartas?

—Que cartas? —Tento encarar seu rosto que está oculto sob a escuridão.

—As que eu mandei durante esses sete anos, mês após mês, mas nunca houve respostas.

—Você ficou fora por oito anos e não sete.

Ele bufa.

—Eu mandei por sete anos, depois eu desisti.

—Nunca recebi carta nenhuma.

—Não?

—Não, Amós.

—Ally?

46

—Eu.

—Eu senti muito sua falta, de verdade.

47

Depois

Acordo com o choro incessante do bebê. O aninho em meus braços enquanto meus

olhos ardem com o pouco de luz que ilumina a caverna enegrecida. Procuro por Amós,

mas ele não está em parte alguma. Corro até a entrada da caverna, o céu está nublado e

nada de Amós em lugar nenhum.

Percebo que a cabaça com água sumiu—sinto um nó no estômago—, imagino se ele

seria capaz de me abandonar assim. Talvez o bebê tivesse sido a gota d’água para ele já

que bem antes era sua vontade partir. Evito me debulhar em lágrimas e traço um novo

plano. Trocar o bebê e alimentá-lo, procurar por comida, encontrar e resgatar minha

irmã.

Não era muito, eu havia escapado de um gigante, por favor. Devia ter mais fé em mim.

Começaria pelo mais fácil que era trocar o bebê, o levo para a margem do rio e com um

pano molhado eu o limpo. Não é menino e sim uma linda menina. A água está amena,

aproveito para lavar meu rosto nela, e matar minha sede. Apanho a bebê e caminho de

volta para a caverna, quase solto um grito ao ver que Amós caminha em minha direção.

Corro em sua direção e o abraço apertado com um braço só.

—Calma. —Retribui. —Achou mesmo que eu tinha caído fora, acha que sou tão babaca

assim?

—Você não estava em lugar nenhum. —Começo a chorar em sua camisa. —Desculpa.

—Caramba, quanto drama. —Gargalha. —Eu trouxe leite pro *garoto*. —Balança a

cabaça que parece estar cheia. Choro ainda mais, e abano meu rosto a fim de espantar as

lágrimas.

—Você é demais. —O abraço de novo. —Onde conseguiu?

—Encontrei uma cabra logo ali, demais não é? Toma aproveita que ainda está

quentinho. —Entrega para mim, a pego. Quando nós voltamos para a caverna eu molho

o pano no leite e o espremo na boca do bebê—para evitar que ele se engasgue—, Amós

olha a cena com cara de nojo.

Depois de alimentada a bebê dorme um sono dos deuses. Amós joga uma maçã para

mim. Eu dou uma bela mordida na polpa doce e suculenta.

—Eu quase matei a cabra pra gente comê-la. —Cospe o caroço da maçã.

—Ainda bem que não matou.

—É parece que agora temos um filho. —Arqueia a sobrancelha e um sorriso paira em

seus lábios.

—Filha. —Ele me olha intrigado. —É uma garotinha.

—Sabe que não podemos ficar com ela, Ally. Ela tem pais que a amam.

—Eles não estão aqui agora. —Olho por cima do ombro e vejo a bebê dormindo.

—Não precisa roubar o filho dos outros, você pode ter o seu, conheço um cara que pode

te fazer um bebê, por dez pratas. —Jogo o resto de minha maçã nele, e sorrimos.

—Vai se ferrar. Ainda tenho que pagar?

—Ou... —Me encara decidindo se termina ou não. —Dê graças por eu ter encontrado uma árvore carregada de maçãs, do contrário a cabra já era. —Brinca.

—Bendita árvore de maçãs. —Passo a língua nos lábios sentindo o gosto doce da maçã.

—Como vamos chamá-la?

Ele reflete um pouco.

—Que tal pequena Ally? —Semicerra os olhos.

—Gostei. Pequena Ally.

Amós diz que precisamos partir o quanto antes para podermos encontrar Lana, o ajudo

a colocar as maçãs em um saco, a cabaça ele leva na mão enquanto eu carrego à

pequena Ally. Um imprevisto atrapalha nossos planos, começo a menstruar, ali

naquele

lugar.

O pânico me toma. No conforto de casa com absorventes íntimos e todos os recursos,

menstruar já é algo chato. Agradecemos por ser apenas uma vez no mês, e sempre

rezamos para que acabe mais cedo. Bom, há vezes que muitas mulheres rezam para a

regra vir—quando transam sem proteção—, já vi minha mãe dar três mortais uma vez

quando sua regra finalmente veio. Agora eu menstruava... Justo aqui.

É claro, não temos como controlar essas coisas, dizer ao nosso corpo que estamos em

um lugar *diferente*, e que ali não é um bom lugar pra isso. Como não desconfiei antes?

Toda aquela histeria, chororô e sensibilidade à flor da pele. Corro até o rio para me

lavar, Amós me segue, meu rosto cora. Oculto a metade do corpo na água enquanto ele

me olha, seu rosto está branco como gelo.

—Ally, você está bem...? —Pergunta incerto.

—Ahan. —Quase rio de nervosismo.

—Você está sangrando. —Se aproxima. Ergo as mãos para que ele se detenha onde está.

—Eu acho... Eu posso...

—Está tudo bem. É coisa de garota. —Pisco.

—Ah... É aquele troço de garota...? —Tropeça nas palavras. Assinto. —Mas isso não

vem uma vez por ano? —Dessa vez eu rio, quem dera que viesse uma vez por ano, mas

não digo isso em voz alta.

—É todo mês. —Confidencio. —Me traz um pano, ok?

—Quer minha camiseta?

—Não, algo bem menor, por favor. Não estou tendo hemorragia nenhuma.

Graças à pequena Ally me ajeito com uma parte do seu cobertor. Decidimos

permanecer na caverna pelos próximos três dias até que isso acabe. Agora ambas

precisamos ser trocadas de hora em hora, fico estressada a maior parte do dia. O bebê

chora demais e sinto cólicas horríveis. Expulso Amós da caverna, depois choro por ele

ter me deixado sozinha, esses três dias são péssimos e vergonhosos por isso vou apenas

resumir. Amós *sequestra* a cabra para que ela fique mais perto de nós, o bebê está bebendo muito leite, e nós também tomamos um pouco, ás vezes quando sobra.

Comemos maçãs, jabuticabas, peras e banana. Não sustenta por muito tempo então

estamos sempre comendo. Amós disse que voltaria a clareira para tentar recuperar sua

mochila, ele demora quase a tarde toda para voltar. Sinto medo novamente de ele ter nos

abandonado, dessa vez dou-lhe um voto de confiança.

49

Fico sentada na entrada da caverna até que chove. Os relâmpagos assustam o bebê, quando a chuva ameniza e se torna uma fina garoa Amós retorna, estou em prantos de

novo—e isso me mata, eu queria que ele me desse uma bofetada por ser tão

ridiculamente dramática—, até a pequena Ally sorri pela primeira vez, ao vê-lo.

Ele traz consigo dois coelhos selvagens mortos, e consegue recuperar sua mochila.

Quando a pequena Ally adormece vou até a beira do rio e o ajudo a limpar os coelhos—

eu não sei, mas ele me ensina—, ele tem duas novas facas e uma espada.

—Você tem que parar de ficar chorando toda vez que apareço, vou começar a achar que

sou especial. —Não olha para mim. Dou um discreto sorriso, sua barba extremamente

clara—da mesma cor do cabelo—, está crescendo.

—É que sempre penso que você não vai voltar você sai demais. —Confidencio. E me

arrependo, não quero que ele pense que dependo dele para viver—o que não é

totalmente mentira—, suspiro.

—Eu precisava dessas coisas, precisamos de comida também. E na minha mochila tem

algumas roupas que você pode usar aí. —Aponta com a faca para minha pélvis, jogo

água nele. Sorrimos. —Eu disse que voltaria, sempre que saio digo que vou voltar. Você

se esqueceu? Meu nome é Amós: Aquele que ajuda a carregar o fardo.

—Eu sei... —Suspiro.

—Nunca menti pra você Ally. —Seus olhos extremamente claros como um lago

congelado me fitam. —Bom, só uma vez... —Ergue uma sobrancelha e encara as tripas

do coelho. —Quando eu disse que não escutava Fresno.

—Eu sabia. —Jogo um monte de água em seu cabelo. Ele devolve e me joga na água

ficamos alguns minutos na água gélida até que a pequena Ally acorda querendo mais

leite. O deixo lá e corro até ela.

À noite temos frutas e carne de coelho—sem sal—, apesar disso é algo sólido e que

nos sustenta por mais tempo. Pergunto onde ele conseguiu as facas e a espada ele dá de

ombros e diz que pegou de algum morto na clareira.

—Há mais mortos lá? —Um arrepio sobe minha espinha.

—Um montão. Acho que é um tipo de oferenda aos gigantes.

—Mas quem?

—Os humanos. Havia um monte de pegadas humanas lá, tipo um batalhão. Talvez a

bebê pertençam a eles...

—Acha que eles podem nos machucar?

—Não sei, mas vamos ficar longe do caminho deles, certo? —Assinto. Amós coloca a

música “Nesse lugar” da Fresno para tocar, a bebê sorri, e nós também. Na terceira vez

que toca paro de prestar atenção apenas na melodia, e noto pela primeira vez a letra.

“Tem tanta coisa pra falar, dizer que eu sofri

Estando em todo lugar, sem ter você aqui

Mas não tem como evitar

Todo esse tempo longe só me fez te querer mais.”

50

Meu rosto cora ao notar seu olhar sobre mim. Tento disfarçar meu desconforto ninando a bebê. —Mas ela me trai e não quer saber de dormir, insisti em ficar se contorcendo em

meu colo, balbuciando e babando em mim.

“Nesse lugar, a gente pode enxergar

A mais distante das estrelas

Nesse lugar, ninguém jamais vai nos achar

Tudo o que eu quero é ficar pra sempre aqui.”

.

Meu coração dispara, ele ainda me encara. Minhas mãos soam e sinto um frenesi no

estômago—uma dúzia de borboletas imaginárias faz algazarra dentro de mim—,

como

eu desejo sentir cólica agora, seria uma distração. “Nesse lugar ninguém jamais vai nos

achar”, não seria tão ruim ficar ali com ele para sempre. Depois de encontrar Lana, se

não conseguíssemos voltar para casa eu não reclamaria se ficássemos nós quatro aqui,

para sempre.

Será que isso era um tipo de sinal, um código Morse da paquera? Ou simplesmente

coincidência, ele *gostava* dessa música, e não, não estava usando a música para dizer coisas que ele não conseguia literalmente dizer.

Mas por que ficava me encarando daquele jeito? Será que ele sempre me olhava

daquela forma, mas meus hormônios estavam distorcendo tudo? O que eu devia fazer?

Jogar-me em cima dele, ou devia confrontá-lo? Seria a melhor opção, abrir o jogo... O

que eu estou dizendo? Ele quem deveria abrir o jogo invés de fazer joguinhos.

“Acho impossível abrir ainda mais o jogo”, a vozinha buzina. “Ser mais claro que isso

só se ele tirar toda a roupa e pular em você.”

Eu não vou escutar essa voz idiota, que bem pode ser meu subconsciente. Da última

vez eu baixei minha guarda e para quê? Ele nem me beijou—claro a bebê nos

interrompeu, mas não é desculpa—, depois agiu como se nada tivesse acontecido. Se ele

quisesse teria que vir pra cima de mim, então eu ofereceria um pouco de resistência,

sabe né... Aquele charme. Depois eu o agarraria como se ele fosse o último homem da

terra, e de certa forma ele era o único ali.

Não que se eu tivesse outras opções eu não o escolheria óbvio que ele sempre seria

minha primeira opção. Ai meu Deus como ele é sexy com essa barba por fazer, e

também muito idiota. O que ele pensa que vai conseguir se ficar apenas me olhando

com essa expressão de fome?

Suas pupilas ali na pouca luz estavam tão dilatadas que seu olhar era completamente

negro em mim. Ai meu Deus eu quero um sinal, devo ou não devo avançar nele, me

mande um sinal, por favor?

—Quer que eu a segure? —Estende os braços. A entrego para ele sem relutância —meus

braços já estão doloridos—, um choque elétrico passa por mim arrepiando os pelos do

meu braço quando nossa pele se toca. Será que ele sentiu isso? Não consigo ver está

muito escuro. Ele nunca pegou a pequena Ally antes será que esse era o sinal? AI-MEU-

DEUS.

Começo a estralar os dedos nervosamente enquanto a pequena Ally adormece

em seus

braços. Começo a rir nervosamente, ele pergunta o que é tão engraçado e dou de

ombros. Sou uma completa idiota.

51

O clima dura apenas mais alguns segundos. Amós desliga o celular e diz que está tarde, mordo os lábios com força, estraguei tudo, eu sei que estraguei tudo.

Agora eu nunca vou saber o que de fato ele queria, se a música era uma coincidência

ou... Suspiro quando ele me entrega à pequena Ally e vai se deitar na nossa cama

improvisada. Ao me deitar aninho Ally em meus braços, enquanto me forço a acreditar

que aquilo fora totalmente normal.

Ele só estava com saudades daquela música por isso a colocou para tocar no *repeat*.

“Umas vinte vezes, com certeza”, a voz sussurra.

—Amós. Ainda está acordado? —Sussurro, mas ele não responde. Eu sei que ele ainda

está acordado, conheço sua respiração do sono, ritmada. Viro-me de costas e fecho os

olhos.

52

Depois

Acordo com o choro da pequena Ally. Meu coração dispara ao ver que Amós não está

aqui, alimento a bebê, e suspiro aliviadamente ao ver que ele volta do rio. Seu corpo e

cabelo estão molhados, ele está sem camisa. Tento desviar meu olhar para ás árvores ao

longe. E não encarar seu peito e sua barriga sarada por muito tempo.

—Se quer tomar um banho antes de irmos, a hora é agora. —Para de frente para mim,

gotículas de água pingam de sua barba platinada. Apenas aceno e caminho em direção

ao rio sentindo seu olhar em mim.

Retiro minha roupa e mergulho na água, finalmente aquele *troço* chato chamado

menstruação já acabou, me sinto aliviada por isso. A água está deliciosamente morna. A

imagem de Amós sem camisa não sai da minha cabeça, mergulho o corpo todo na água

e fico alguns segundos, submersa. Mesmo embaixo da água a imagem teima em

continuar.

Será que eu estava na seca, seria uma mera atração extremamente sexual? Mas por que

raios ele não demonstrava nada, agia normalmente como se tudo estivesse totalmente

normal? Não tinha nada de normal aqui. Se ele sentia algo ele escondia muito bem. Ah

é, eu sou apenas a “melhor amiga” por isso ele não consegue me ver de outra forma.

Isso me frustra. Sou tão feia assim? Aquela garota antipática de cabelos

vermelhos não

era tão grande coisa assim, eu sou mais bonita que ela, e outra eu sou a única que tem

por aqui, até agora. Ou será que há outras, talvez ele tenha visto alguma que gostou em

uma dessas pequenas viagens para encontrar alimento.

Puta merda, eu não posso competir com as garotas daqui. Se existe alguma. Elas

realmente devem ser muito atraentes—tirando a giganta—, se forem fadas então... Sim

pode ter fadas por aqui, até elfos até onde sei. Como posso competir com elfas?

Eu devia ir até agora naquela caverna e me jogar nele, mesmo que ele não quisesse. Eu

o agarraria assim mesmo. Minha nossa! De onde saiu isso Allykah Flowerence? Até

parece que eu conseguiria dominar um homem barbado de um metro e noventa, cogitar

nessa possibilidade me faz rir.

Percebo que os pelos finos de minha perna começaram a crescer, o quanto antes nós

encontrarmos Lana e partirmos dali, melhor. Estava a ponto de enlouquecer para usar

um shampoo, condicionador, sabonete, e me sentir bonita e limpa novamente.

Penso se meus pais estão sentindo minha falta, ou se acham que eu apenas fugi para

não arcar com as consequências. Devem estar sofrendo por Lana, por mim nem tanto,

mas por ela, ela é a caçula.

Visto o mesmo vestido—por mais que eu o lave ainda exala um forte odor corporal—,

e as mesmas roupas íntimas—ainda molhadas. —, novamente, que ótimo. Meu cabelo

está um horror, não consigo fazer nem que os fios passem por meus dedos. Faço um

coque alto.

Amós está com outra camiseta preta com um dragão vermelho que cospe um fogo

verde azulado flamejante.

—Que pena que você é tão pequena. Poderia te arrumar roupas limpas. —Murmura

baixo para não acordar a pequena Allyka. Cruzo os braços sobre o peito.

—E por que eu precisaria de roupas limpas, eu já lavei essa porcaria de vestido! —

Rebato na defensiva. Será que eu estava tão fedorenta assim que já estava o

incomodando, e por isso queria que eu vestisse as drogas das suas roupas?

—É que...

—Cale a boca. Não fale comigo. —Antes que retruque eu o silêncio com minha mão

erguida. Chuto uma pedra quando ele me fita como se eu fosse uma louca e tivesse

fazendo tempestade em copo d’água.

—Que porra. —Bufa. —Só estou tentando ser gentil com você.

—Não preciso de gentileza. Ah, guarde para a giganta ou qualquer *outra*, tanto faz, eu não me importo de qualquer forma.

Ele me impede de pegar a bebê.

—Eu a levo até seu vestido secar.

Dou de ombros e abandonamos nossa moradia provisória. Olho para trás e já sinto

saudades. Amós insiste que levemos a cabra conosco, então tenho que conduzi-la com a

ajuda de uma coleira feita de cadarços.

Babaca, idiota, escroto, quem ele pensa que é? Deixo-o para trás, e fico o imaginando

caindo de cara na lama ou bosta, pouco me importa. Bundão, ele bem que podia me

deixar e eu nem ia ligar, eu sobreviveria sozinha. Não procuraria por ele. Eu dava conta de cuidar de Allykah, matar alce, coelho selvagem ou sei lá o que. Eu tinha uma faca,

podia fazer isso, quem ele pensava que era, o papai viking?

E quem precisa sair todos os dias por causa de suprimento? Safado, aposto que estava

se agarrando com alguma vadia daqui, é isso. É. Claro que é. Imundo, eu não acredito

que me deixei enganar tanto. Ele era um idiota, chuto uma pedra com força. Felizmente

meu coturno—correção o coturno de merda dele—, já estava seco e limpo. Começo a

chutar a esmo para detonar aquele coturno idiota. O sol queima dolorosamente minha

pele, não entendo como o clima é tão instável aqui.

—O que está fazendo? —Sua voz grave reverbera pela floresta.

—Exercício para as pernas. —Zombo. Ele passa a mão despreocupadamente pelo

cabelo loiro. Meu Deus por que o senhor o fez tão lindo? Alguém não deveria ser tão

atraente assim, isso não é natural. —Babaca.

—Falou comigo?

—Não. Claro que não falei com você... —Cuspo as palavras. —O mundo não gira em

torno de você, Amós.

—Escuta Ally. —Para em minha frente. —Qual é o seu problema?

—Nenhum... Droga. Por que o problema sempre tem que ser comigo?

—É comigo? —O olho por um minuto segurando a pequena Ally com um braço e

apoiando a mochila pesada com o outro, ele fazia parecer tão fácil. Ele é tão forte... Será que ele sempre fora tão forte assim? Mordo os lábios... Nossa... —Allykah?

—Não... —Sussurro.

—Acho que seria melhor você ficar com o neném na caverna, devíamos voltar.

Meus olhos se arregalam.

—O que? Não. Eu estou bem, ok?

—Não é o que está me parecendo. —Me olha preocupado. Será que ele já suspeitava que eu fosse maluca? Minha mãe já devia ter contado ao pai dele— ela era uma

fofoqueira mesmo—, ou Jayne. Os dois se falavam, será que eles *ficaram*?

—E Lana, como fica...? —Encaro o chão.

—Você me espera na caverna e eu encontro uma forma de resgatá-la.

—Por que você, só porque é homem?

Suas narinas se dilatam, e ele bufa.

—Ah, por favor. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, caralho! —Palavrão. Ele só

xingava assim quando estava muito puto da vida. E geralmente isso acontecia quando

ele estava comigo, é tem uma coisa que não contei sobre mim: Eu estresso as pessoas.

—Você está agindo estranho, acho que você está tomando muito sol na cabeça, o sol

daqui está bem forte.

—Vê se me erra, Amós. Se tiver alguém que não suporta muito bem o sol aqui esse

alguém é você. —Indico sua pele avermelhada. —Camarão. —Apesar dos meus pais

serem bem branquinhos, eu por outro lado me bronzeava fácil. E após um banho de sol

minha pele ficava viçosa e mais corada.

Dou as costas.

Entramos em uma floresta. O ar cai, o sol é ofuscado pelas copas cheia das árvores.

Uma vez ou outra um corvo passa por nós, nos assustando, na verdade, me assustando.

—Fica perto, deve ter feras por aqui. —Avisa. Desta vez diminuo os passos, ele me

entrega a bebê e empunha a espada. —Sabe... Eu penso e repenso, e não encontro uma

solução.

—De que?

—Como vamos encontrar Lana, sem nenhuma pista, nada? —Eu também já havia

pensado naquilo e também não encontrei nenhuma saída daquele labirinto. —E se...? —

Se detém antes de terminar a frase.

—Se ela estiver morta eu quero pelo menos levar o corpo dela de volta. —Falo

simplesmente, sentindo um nó na garganta. Isso é subjetivo, é claro. Ela pode muito

bem ter sido devorada, e então o que eu levaria para casa? Pelo menos eu iria tentar

matar a coisa que o fez, lutaria com todas minhas forças para vingar minha irmã.

Mas era pouco provável, quero dizer, eles não a queriam realmente. Ela era uma isca

para *me* atrair. Não a machucariam porque ela seria uma moeda de troca, com toda

certeza eles queriam algo de mim. Como eu a encontro? Esse lugar no início se pareceu

tão mágico com criaturas sobrenaturais, e agora só me parecia um lugar inócuo

qualquer. Sentia-me até parte de um elenco de algum filme sobre viagem ao tempo das

cavernas.

Seguimos pelo norte—segundo Amós—, a cada passo nos embrenhava mais e mais em

uma floresta desconhecida. Sentia medo por nós três, mas muito mais pelo bebê.

Começa a chover, me escondo embaixo de um carvalho com o bebê enquanto Amós

monta a barraca às pressas.

Felizmente estamos perto de uma cachoeira, levamos a cabra para beber água e

também matamos nossa sede. O leite da cabaça azeda—por ter ficado tanto tempo

exposto ao sol—, então temos de colher mais leite. Amós o faz e me ensina. Espirro

leite em sua barba e ele em meu cabelo. O bebê ri. A colocamos sentada recostada a

mochila, ela consegue manter-se ereta por alguns segundos, bambeia e cai sobre os panos.

Suas bochechas estão coradas, ela deve ter no mínimo uns sete meses agora. É como se

ela tivesse crescido meses durante pouquíssimos dias. O mesmo pensamento passa pela

cabeça de Amós, então ele diz:

—Teremos nossa própria gigante em pouco tempo. —Gargalhamos, a pequena Allykah

nos acompanha. Seus olhos eram de um azul escuro, mas agora clareara se tornando um

verde excepcionalmente claro. Não acredito que ela seja um gigante, literalmente. Ela

deveria ser bem mais alto causo fosse verdade.

No entanto, ela tinha um crescimento acelerado.

—Talvez ela não seja pequena Allykah, afinal.

—Grande Allyka. —Amós concorda. A noite cai rapidamente e fazemos uma fogueira

—que demora a pegar por causa dos galhos úmidos—, nos sentamos em volta dela, e a

pequena Allykah treina alguns passos enquanto eu a amparo. —Eu vou nadar um pouco na cachoeira, se quiser pode escutar música, mas baixo para não chamar atenção de

algum animal... —Coloca seu celular no meu colo, a bebê desiste de andar e começa a

remexê-lo. —Eu vou estar de olho aqui, qualquer coisa... —Indica a cachoeira que está

logo à frente, mesmo que esteja lá dá para se ter uma ampla visão daqui.

Fico o olhando enquanto tira a camisa e mergulha na água cristalina. Canto uma

música de ninar para Allykah—a verdade é que estou esgotada—, quero que ela durma

para que eu possa dormir também. Minhas costas doem. Meu estômago também.

Bebo

um pouco de leite.

Fecho os olhos por apenas dois segundos. Quando volto a abri-los Amós prepara nosso

jantar, ele assa um porco-do-mato no espeto, julgando pelo seu cabelo seco eu devo ter

dormido por muito tempo. Levanto-me e percebo que Allyka dorme em meu colo,

coloco-a dentro da barraca e me sento de frente para a fogueira, minha boca enche-se de

água.

Comemos grandes pedaços suculentos de porco e temperamos com tempero em saquê.

—Me desculpa por hoje mais cedo. —Começo, evitando olhá-lo.

—Tudo bem, eu senti falta das nossas brigas, se lembra? Quando éramos crianças a

nossa convivência se resumia em brigas.

—E mesmo assim a gente não se largava. —Rio.

—Sim. É sinal de que nada mudou, você continua sendo minha Allykah, minha melhor

amiga de sempre. —Sorri, devolvo o sorriso. Vou até a beira da cachoeira para beber

água direto da fonte.

Lembro-me da última vez que estive em uma cachoeira, da coisa tentando me puxar,

dá água entrando em meu corpo, de Amós me salvando. Olho até nosso acampamento e

o vejo zapeando sua playlist. Aproveito para retirar meu vestido e o coturno—ficando

apenas de lingerie—, e nadar um pouco, na parte rasa, só por precaução. A água está

quase cálida, ela lambe meu corpo de uma maneira morna e prazerosa. A lua está

enorme—como da primeira vez que eu a vi—, tem o formato de um queijo reluzente,

ela lança uma luz pálida sobre minha pele.

56

Meus longos cabelos flutuam á minha volta, um emaranhado escuro e denso. A água desagua cascateando sobre as pedras escuras de calcário, lançando pequenas ondas que

se quebram em meu corpo.

Inspiro enquanto nado de costas, as estrelas brilha intensamente no céu límpido azul

escuro—do mesmo tom que os olhos da pequena Allyka eram—, a cena toda parece até

conto de fadas.

Dou-me conta de que Amós não está mais de frente para fogueira, viro a cabeça para

procurá-lo, e o encontro parado na beirada da cachoeira, segurando uma toalha enquanto

me olha fixamente.

—É perigoso nadar depois de comer. —Se agacha. Seus olhos claros parecem

ferinos

daqui, tombo a cabeça para observá-lo de outro ângulo—igual quando éramos crianças

—, ele me imita.

—Não comi tanto assim. —Asseguro. Fico imaginando quanto tempo ele vai ficar ali

me encarando, estou cansada de nadar, mas não vou sair agora de jeito nenhum, não tão

longe do meu vestido.

—Quer que eu pegue seu vestido? —Indaga despreocupadamente. Sinto como se ele

lesse minha mente, eu tinha que controlar minhas expressões, estava desacostumada a

ficar perto de *pessoas*, e me esquecia de que agora eu era constantemente observada, analisada. Por que ele ficava me analisando?

Relaxo a testa, eu sei que a estou franzindo.

—Não, tudo bem. Eu quero nadar mais um pouco. —Falo incerta. Ele se senta. Ah, qual

é? Por que ele não fica no acampamento cuidando do bebê, ou alimentando o fogo, ou...

O que esse garoto quer?

Finjo nadar, mas é impossível. Eu sinto o olhar dele em mim, e sim, eu estou corando.

Então provavelmente ele sabe, ou imagina que eu sei que ele está me encarando. Por

que ele não para? É falta de educação encarar, droga. Ele ergue os braços, e

penso que

ele desiste, mas era apenas para alongar o corpo.

Isso quer dizer uma coisa: Ele pretende ficar um bom tempo ali. Começo a tremer de

frio, será que ele percebe? Está me testando? Ai meu Deus, é um sinal? Ou ele apenas

quer companhia? São tantas perguntas que minha cabeça enubla-se e se torna tão escura

quanto à água está agora, à noite.

Mergulho mais uma vez e vou para a beirada onde Amós está—se eu fosse até meu

vestido, ia ser estranho, como se eu estivesse fugindo—, ele se levanta para me entregar a toalha, eu a pego e me cubro.

—Você está gelada. —Sorri, enquanto esfrega a mão em meu braço, está quente e faz

meu corpo inteiro se arrepiar—não me espantaria em nada se meu cabelo também

estivesse eriçado para cima, como se eu tivesse levado um choque—, me enrolo na

toalha. Depois torço meu cabelo repetidas vezes.

Dou ás costas para ele.

—Aonde você vai? —Gesticula para meu vestido. Solto um “ah, é mesmo” e corro até

ele. Quando o apanho Amós já está logo atrás de mim, um sorriso malicioso brinca em

seus lábios. A barba está tão grande que os piercings quase se perdem ali. Ele

joga os

braços em volta de mim, quando fico imóvel ele me puxa para perto.

57

Sinto seu corpo em brasa contra o meu—por que ele é tão quente? —, me queimando, talvez por que eu estivesse gelada. O que ele está fazendo? Agora ele praticamente me

espreme contra ele, mordo os lábios, desconcertada. Ele me pegou desprevenida.

“Mentira. Você já sabia o que ia acontecer, a partir do momento que percebeu como ele

te olhou”, ecoa em minha mente.

Eu não sabia, eu nem imaginava. Ele me aperta tanto contra si que instantaneamente

perde o equilíbrio e desaba no chão me levando junto. Caio em cima de seu corpo, perco

o fôlego e sinto um frio na barriga. Seu cheiro envolvente invade minhas narinas, e

agora ele me abraça de modo protetor.

—Fale alguma coisa...? —Sorri carinhosamente, o sorriso chega até seus olhos claros e

produz pequenas rugas—quase imperceptíveis—, que me lembra dos sorrisos de papai.

Dou-me um tapa mentalmente, isso era hora de pensar no meu pai? Eu não sei lidar.

Sinto-me como aqueles cachorros de rua que vive latindo para os carros, e quando o

carro finalmente para eles ficam lá imóveis sem saber o que fazer a seguir. Ele

me rola

até que eu fique deitada na grama fofa e me envolve com seus braços musculosos.

—O que você está fazendo? —Arfo, tomando consciência dos estremecimentos de

prazer que meu corpo dá. Amós sorri e se senta me levantando junto, nos sentamos na

beira da cachoeira.

—Você quer ir ver se a pequena Allykah está bem? —Murmura enquanto sua mão

encaixa na curva da minha cintura.

—Provavelmente ela está. —Minha voz falha, Amós encara além da cachoeira,

aproveito a deixa para observá-lo, em como ele é bonito ou em como sua pele parece

cintilar a luz do luar. Abaixo o olhar, eu sei que ele tem plena consciência de que eu o encaro com olhos famintos. Tento acalmar minha respiração, sei que meu corpo está

quente agora porque sinto o rubor em meu rosto.

Ficamos abraçados até tarde, até que minha bunda começa a doer. Digo para ele se

virar para que eu me vista o que não faz sentido já que ele já me viu antes, mas não

importa. Ele segura minha mão ao voltarmos para a barraca, à pequena Allykah ainda

está adormecida.

Amós se deita de barriga para cima e oferece o braço para que eu me deite,

hesito um

pouco, mas logo cedo e me aninho confortavelmente, ele beija minha bochecha e a

mordisca. Jogo meu braço em cima dele e afundo o rosto em sua pele, os pelos do seu

peito fazem cócegas em meu nariz, seu coração bate tão rápido quanto de um filhote de

cachorro, assim como o meu. Adormecemos em um sono imperturbável.

Bocejo ao acordar. A pequena Allykah rolou e quase está debaixo do meu corpo, me

levanto tomando o máximo de cuidado para não esmagá-la. Amós como sempre não

está, saio da barraca e deparo-me com um batalhão de homens.

58

Depois

O que estou segurando—e não lembro o que—, cai da minha mão. Há ali mais homens

do que eu vi em toda minha vida. Homens enormes, barbudos, com pinta de malvados.

Estão vestidos de peles de animais, seus rostos são pintados de modo a se parecerem

com caveiras. Pelo menos a primeira vista se parecem humanos.

Um homem robusto de cabelos escuros—que aparenta ser o líder—, de olhos verdes

extremamente claros se aproxima, me encolho. Ele diz algo para mim—em um idioma

que nunca ouvi antes—, continuo o encarando sem saber o que fazer.

Mais homens chegam, estão com Amós— ele está com as mãos amarradas com tiras

de couro—, ele me olha como se pedisse desculpas mudas. O homem retorna a falar, e

quando não respondo ele começa a gritar. Amós tenta escapar e alguém lhe da um golpe

tão forte que o faz desmaiar.

Minha cabeça gira e sinto náuseas. Eles começam a destruir a barraca e então grito

com eles que tem um bebê ali dentro, os homens não escutam, então entro lá novamente

e apanho a pequena Allykah, alguém segura minha cintura e me puxa com brutalidade.

O líder diz algo para o homem—ao ver o bebê—, e as mãos se afrouxa.

Ele fala gesticulando muito, praticamente faz mímica para eu entender, devo segui-los,

não vão me amarrar porque seguro uma criança. Antes de partimos eles queimam todas

nossas coisas. Os sigo, relutantemente. Rapidamente nosso acampamento improvisado

—e em chamas—, fica para trás.

Sinto-me uma criança—carregando outra—, no meio daqueles gigantes. Muitos deles

têm cabelos muito compridos e trançados. Estão armados de lanças, machados e foices.

Contornamos uma montanha que parece nunca chegar ao fim, depois atravessamos uma

ponte de pedra estreita a beira de um precipício, quase caio, mas alguém me segura, tão

forte que quase parte meu ombro.

Olho por cima do ombro novamente, e um rapaz de maquiagem—de caveira—, cuspi

palavras ríspidas para mim em seu idioma estranho, não me altero porque nem imagino

o que significa. Começa a nevar—não estou brincando—, tento fazer Allykah se

acalmar—mas ela sente fome—, e não para de chorar.

Meu corpo treme. O mesmo rapaz de antes me segura me prendendo no lugar, olho

para os lados—mas ninguém parece ligar—, ele diz algo baixo, depois grita me

encarando ferozmente, percebo que seus olhos são azuis esverdeados. Penso comigo

mesma que são olhos muito bonitos. O bebê chora ainda mais.

Ele retira seu casaco de pele e o joga em minhas costas—eu quase tombo com o peso

—, e grita.

—Cóta. —Repete mais duas vezes.

—“Cóota”. —Meu Deus, esse homem vai me matar.

—Cóta. —Repete com raiva, depois me vira e me faz continuar caminhando. Amós

continua desacordado—deitado desajeitado sobre os ombros de um homem com

cabelo

grande e crespo—, seus braços assim como seu cabelo comprido pendem de um lado

para outro. Os homens marcham pela neve, enquanto eu tropeço e atolo a todo o

momento. O vento cortante chicoteia meus cabelos furiosamente. Afundo a bebê em meu colo tentando protegê-la.

Um pássaro enorme sobrevoa o céu escurecido—precocemente—, deixando os

homens em alerta. O líder grita algo e todos empunham suas armas de guerra. O rapaz

atrás de mim está armado com uma enorme lança com penas vermelhas no cabo. Ele

grita mais uma vez comigo, e gesticula para que eu ande mais depressa.

Digo que o casaco não me deixa caminhar mais rápido, mas ele não responde. Percebo

que não é um pássaro, é algo alado. Se parece muito com o que nos atacou na cachoeira

no dia em que chegamos. Á criatura alada berra, e todos tapam os ouvidos. Ela tenta se

aproximar de mim, mas o rapaz—que gosta bastante de gritar comigo—, a acerta com a

lança.

Refiro-me a criatura como “ela” porque dá para perceber que ela tem algum seio e sua

púbis não é definida—me lembra uma boneca nua—, pode ser macho ou fêmea. A

criatura cai berrando ainda mais, olho para céu e além das nuvens escuras ele está vazio.

O rapaz corre até ela e retira sua lança, depois a golpeia repetidas vezes até que a

estraçalha—se eu tivesse algo no estômago eu vomitaria agora—, ele recolhe a lança a

limpando no cadáver e retorna. Todos continuam seu caminho apenas eu havia parado

para olhar aquela cena—e me arrependo disso—, bizarra. Começo a andar antes que ele

grite, mas é tarde demais, ele me empurra e continua dizendo palavras que nunca vou

saber o significado.

Andamos pelo que me parece à eternidade, e mais um pouco. Anoitece, Amós começa

a dar sinais de que está acordando. Já estava começando a me preocupar que ele tivesse

tido um traumatismo craniano, ou algo bem pior. O homem o joga no chão, ele cai na

neve se dobrando no meio, sem pensar duas vezes eu chuto o homem grandalhão, ele se

vira para mim gargalhando, fazendo sua barba crespa se chacoalhar.

Antes que ele me dê um tapa o rapaz—que grita o tempo todo—, segura sua mão e

indica que ele continue andando. Ele assente e levanta Amós de arranco o obrigando a

seguir em frente. Seu corpo treme de frio, chamo a atenção do rapaz que me

defendeu

puxando sua roupa—que é macia e quente ao toque—, gesticulo para que ele dê algo

para aquecer Amós. Ele não faz nenhum esforço para entender.

—Có-ta. —Falo, ele se vira para mim novamente, talvez imaginando que eu dissera

algo. —Cóta, cóta! —Grito, e mais homens se viram. Um esboço de sorriso cruza seus

lábios, mas está escuro demais para ter certeza. Ele vocifera alto algumas palavras e

alguém joga uma espécie de pele no corpo trêmulo de Amós.

Chegamos a um acampamento gigantesco—de longe é possível ver as tochas—, há

milhares de tendas escuras, em sua maioria, fechadas. Os homens se dissipam aos

poucos, restando eu, o rapaz vociferante em meu calcanhar, Amós e seu algoz.

As mulheres saem das tendas para observar-nos—algumas secando as mãos nas

cadeiras—, um aroma delicioso de refogado atravessa minhas narinas, e meu estômago

ronca alto. As crianças começam a jogar terra em mim e Amós, mas nossos captores os

espantam esbravejando. Os dois grandalhões nos conduz mais um pouco até que

chegamos diante da maior tenda que havia por ali—essa sustenta um estandarte maior

que todas as outras—, entramos.

O lugar é todo iluminado por tochas, há meia dúzia de pessoas distribuídas em bancos

de madeira. Todas usam túnicas—que parecem feitas de linho—, por baixo dos enormes

casacos. Eles nos olham curiosamente, seus cabelos estão ordenadamente trançados.

Seguimos até o centro onde há dois tronos elaborados, com estofamento de veludo azul.

Há um homem e uma mulher—de mãos dadas—, ele parece ter passado dos quarenta

anos de idade, mas ela parece apenas um pouco mais velha que eu. Ela se agita ao ver o

bebê em meus braços. Ela diz algo e então o rapaz tira à pequena Allykah dos meus

braços, tento recuperá-la, mas ele coloca uma foice em minha garganta.

Amós rosna e soca o homem que o prende para tentar chegar até mim, o cara

cambaleia, e logo se recupera. O homem—que parece ser o rei—, sentado no trono

gargalha, e antes que o grandalhão revide, ele o impede estendendo as mãos.

O rapaz entrega a bebê a mulher—que cobre a boca com as mãos, sem acreditar—, ela

chora e diz algumas palavras ao rei, que assente. Parece que aquela é sua filha, fico

imaginando o que ela fazia então na caverna dos gigantes.

—Tudo bem. Entendemos que a criança é de vocês, agora será que podem nos

soltar?

—Amós fala transtornado. O homem assente para o grandalhão que chuta a parte

posterior do joelho de Amós o obrigando a se prostrar. Ele sussurra algo baixo para

apenas ele escutar. —Não entendo seu idioma, panaca. —Esbraveja.

O rapaz gesticula para que eu me prostre também, obedeço-o, relutante.

Um minuto inteiro se passa em silêncio—apenas a voz eufórica da princesa brincando

com a pequena Allykah—, alguém suspira alto, desconfio que seja o babaca que está

atrás de mim.

Um homem parado ao lado do “rei”—que julgo ser seu guarda costas lhe sussurra

algo, e os dois caem na gargalhada—, me sobressalto, ele acena para que nos

levantemos.

O “rei” diz algo para Amós.

—Eu não entendi porra nenhuma. —Dá de ombros. —Você fala ou não a merda do meu

idioma?

O homem se levanta, e todos se levantam também.

—Sim. Eu falo a porra do seu idioma. —Fala com sotaque. Sua voz é severa. Amós e eu

nos entreolhamos por um instante.

—Por que estavam falando aquela língua esquisita, estavam tirando com a minha

cara?

—Basicamente. Vivemos até hoje para isso, eras e eras para simplesmente chegar a esse

dia e nós tirarmos uma com sua cara. —Se senta novamente, e todos o imitam.

—É pelo menos você tem senso de humor, gosto disso. —Amós zomba. O homem

barbudo lhe da um soco no estômago.

—Não se dirija ao lorde sem permissão, insolente!

—Pare! Vocês já tem o que queriam agora nos solte. —Exijo. O rei olha para mim pela

primeira vez, acena e alguém me empurra para frente. Quase caio, mas consigo me

equilibrar antes de meter a cara no chão.

—O que você estava fazendo com minha filha? —Indaga, enquanto pousa a mão repleta

de anéis sobre o braço do trono.

—Nós a salvamos da caverna dos gigantes. —Sussurro.

—Nós?

—Eu e Amós.

—Você e seu homem?

—Ele é meu amigo. —Pigarreio, tentando evitar corar.

—Claro que é. —Nos olha com cara de quem desacredita. —Quem são vocês? Por que

ele conseguiu atravessar o portal? —Indica Amós. Franzo o cenho.

—Nós dois passamos.

—É visível que sim. —Debocha. —Você é claro, mas por que o humano conseguiu

passar, é o que quero entender. —A palavra ” *humano*” ecoa em minha mente, o que ele quer dizer com isso? Amós me encara ceticamente, dou de ombros.

—Creio que eles não são uma ameaça, Torinn. Nossos amigos merecem um bom banho,

comida e uma cama quente, depois de resgatarem nossa única filha e cuidar dela esse

tempo todo. —A princesa sorri, seus olhos são cor de esmeralda.

—Claro... Claro. Solte-o. —Ordena para o homem de barba, ele corta as amarras de

Amós num golpe só.

—Podemos ir embora, agora? —Amós trava mandíbula.

O lorde reflete por um instante, um sorriso lacônico brinca em seus lábios.

—Ela sim, você fica.

—Por quê? —Exijo saber. O rapaz atrás de mim me mostra uma espada cravejada de

brilhantes e com o mesmo estandarte que eu vira na tenda. —A mesma que Amós

pegara na clareira.

—O que isso tem haver? —Amós bufa.

—Você roubou algo do lorde, e será punido.

—Eu não roubei. A encontrei na clareira... Pensei que pertencesse aos anões. —Se

explica.

—Então você saqueia os mortos...?

Amós joga a cabeça para trás, exasperando.

—Bom, eles não precisariam mais dela, aliás, esse não é o ponto... Veja bem, eu

precisava de algo para me defender.

—Garoto eu gosto de você. —O lorde pisca.

—Sinto muito, mas eu não sou gay. —Replica. Todos caem na gargalhada, até mesmo a

mulher. —Falando nisso, esse cara vai me sarrar a noite inteira? —O barbudo

grandalhão o fuzila com o olhar, mas com um aceno de Torinn ele se afasta um pouco.

—Então, Iron como o forasteiro deverá ser punido, o que os deuses dizem sobre isso?

—Torinn enxuga as lágrimas das risadas.

—Quando se rouba algo de um lorde ou rei, segundo os deuses, creio que a punição

adequada é a morte... —Um homem extremamente velho fala calmamente.

—Não. —Interrompo. —Não podem fazer isso. —Tento chegar até o tal lorde para lhe

dar umas bofetadas para que ele veja o quanto está errado, mas alguém me segura com

força no lugar.

—Essa é nossa única opção? —A princesa interfere.

62

—Como eu ia dizer antes que me interrompessem. —O velho olha de soslaio para mim.

—Ou ele pode lutar até a morte com o guerreiro que escolher.

—Isso é o mesmo que a morte. —Digo assustada desejando que Amós tivesse me

abandonado e voltado ao mundo real, pelo menos agora não estaria nessa enrascada.

—Você subestima demais seu amante. —Torinn coça seu cavanhaque com o polegar.

Antes que eu replique sou interrompida.

—Eu aceito. —Amós diz determinado.

—Amós...? —Toco seu braço.

—Vai ficar tudo bem. —Me lança um olhar calmo e suspira. —Eu quero lutar com ele!

—Indica o homem grandalhão de barba.

—Ótima escolha. —Torinn aprova. —Amanhã, quando o galo cantar três vezes você

lutará com Liel até a morte.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

Meus olhos estão inchados de tanto chorar, sei—tenho a certeza—, que Amós morrerá.

Não que eu desacreditasse em sua força—não—, mas ele lutaria com um oponente

muito mais forte que ele—um homem que lutou/matou a vida toda, provavelmente

desde a infância—, Amós nunca pegou em uma espada até vir para cá.

—Está tudo bem, vai dá tudo certo. —A mulher que foi “designada” para me dar banho

diz. Após Amós aceitar o duelo mortal, Torinn ordenou que me lavassem e me dessem

de comer—enquanto Amós foi arrastado para outro lugar, para longe de mim—, me

encolho quando ela tenta ensaboar meu corpo com uma esponja.

—Eu quero ficar sozinha. —Peço.

—Sabe que não posso... —Se desculpa. —Preciso manter meus olhos em você para

evitar que fuja.

Como se eu fosse mesmo fugir e deixar meu melhor amigo morrer aqui.

—Então eu quero me lavar sozinha... Será que você pode se virar, por favor? —Ela

reflete um segundo, depois se vira. Afundo meu corpo na água—que agora está quase

fria—, ensaboou-o logo em seguida com um sabonete escuro—feito de ervas—, com

aroma adocicado e refrescante.

Após o término do banho ela me ajuda a terminar de me aprontar, desembaraça meus

cabelos enquanto tento sofregamente abotoar meu vestido na parte das costas.

—A princesa te espera para o jantar. Não deve se atrasar. —Sorri e termina de abotoar

meu vestido amarelo banana. O tecido é quente e me lembra veludo, sinto-o cair pesado

quando levanto. Ela trança meu cabelo da mesma forma que o dela. —E a metade das

mulheres dali.

—Eu preciso ver Amós. —O reflexo pálido que me encarara no espelho mexe os lábios

—tem minha voz—, mas não se parece comigo. Não gosto da forma como ela trançou

meu cabelo. Não gosto daquele vestido. Não gostei que ela tivesse queimado o meu—

era um presente do meu pai, algo que me ligava a terra, a minha família, agora se fora

—, calço os coturnos, feliz por ainda ter o anel de vovó em meu dedo. Porque os brincos eu perdera na cachoeira enquanto me afogava.

—Ele é um prisioneiro por enquanto, amanhã se ele vencer você o verá quando quiser.

“Se ele vencer”, essas três palavras me assombram até o final da noite. A garota me

conduz até outra tenda onde a princesa está sentada em uma enorme mesa de carvalho—

a pequena Allykah está em seu seio sendo alimentada—, ela sorri quando entro e acena

para que eu me sente ao seu lado, me sento em outra cadeira afastada. Ela não diz nada.

A mesa está farta e fico com água na boca. Mas não toco em nada.

—Senti saudades disso. —Indica seu seio. —Sirva-se

Continuo olhando para os lados, depois o teto até que digo:

—Quero ver Amós.

—Ele é um prisioneiro, sinto muito. Coma, já você o esquecerá. —Faço uma careta. Em

que ela estava pensando em que me empanturrar me faria esquecer que alguém que eu

amo morreria dali algumas horas?

—E se eu decidir que quero uma recompensa por ter salvado sua filha. Quer dizer, eu

acho que mereço, é o mínimo que você pode fazer. —Fito seus olhos cor de esmeralda.

—Você já tem sua recompensa, ainda está respirando. —Diz friamente. —Está agora

lanchando com a princesa. O que mais poderia desejar?

—Eu quero meu amigo de volta.

—Ele estará de volta. —Belisca um cacho de uvas. —Os deuses sussurraram no ouvido

do nosso sacerdote. Agora coma filha de Eva.

—Quem são vocês? —Mordo uma maçã tão polpuda que escorre em meu queixo.

—Somos a nação da morte.

—Isso explica os rostos pintados. —Murmuro. —Mas que mundo é esse?

—Você está no Submundo de Helmore.

—São humanos, certo? —Devoro uma coxa suculenta de frango, e me sinto culpada,

Amós deve estar faminto uma hora dessas.

—Não. Somos bem mais evoluídos que o seu povo. —Sibila. Encaro ao redor

assinalando minha falta de fé.

—Vocês vivem como nós vivíamos há séculos atrás, onde isso é ser evoluídos?

Ela sorri.

—Entendo seu ceticismo, querida. Mas somos evoluídos de várias formas. Somos livres

em uma totalidade que vocês jamais alcançarão. Você verá com o tempo, se decidir

ficar, é claro. Quer um conselho?

Não respondo.

—Nunca ame nada que possa ser tirado de você, quanto mais rápido absorver esse

conselho, melhor. —Aninha a bebê em seu outro peito. Desvio o olhar, mulher

amamentando é lindo, maravilhoso. Mas ter de ficar vendo os peitos dela não é bem o

que eu queria num jantar.

É então que chego à inesperada conclusão.

—É fácil ver a situação desta forma quando se está de fora. —A encaro. —Foi seguindo esse maravilhoso conselho que você sacrificou centenas de anões, e Deus sabe mais o

que para tê-la de volta? —Ela sorri duramente para mim.

Já havia chegado a essa conclusão há um tempo, mas só agora eu tinha a oportunidade

de jogar em sua cara—e como uma boa descendente de Eva que sou—, é o que muitos

de nós fazemos constantemente jogamos na cara das pessoas seus erros. O bebê estava

sob a posse do gigante, e na clareira havia dezenas de anões dispostos em estacas —

Amós me dissera que parecia ser um sacrifício—, o rei estava tão ocupado suprindo a

fome dos gigantes que até esqueceu sua espada por lá. Era só somar um + um.

O sacrifício constante era uma tentativa—inútil—, de terem sua filha de volta.

—Você não entende, talvez quando se tornar uma mãe. —Na verdade eu sabia sim, ou

pelo menos imaginava, mas não disse nada a ela. Sei como é amar alguém, sei o que é

se sacrificar pelo bem daquela pessoa. Foi isso que fiz quando pulei naquele cesto de

roupa suja—me abastei de minha autopreservação—, para resgatar Lana. E, depois pela

pequena Allykah, mas não por Amós. Eu estava impotente em relação a isso.

—Qual é o nome dela?

—Não chegamos a dar um nome a ela. Qual o seu nome?

—Allykah, Allykah Flowerence. —Beberico um pouco da taça e cuspo novamente ao

perceber que é cerveja.

—Esse será o nome dela, Allykah. —Sorri.

—Tem certeza?

Cruzo os braços.

—Claro, se você não se importar...

—Tudo bem, é assim que eu a chamava antes. Pequena Allykah. Responda-me algo.

Impressão minha ou o tempo aqui é diferente? —Olho novamente para a criança em seu

colo, que parece ter quase um ano.

—Eu não posso lhe responder isso porque nunca estive em seu mundo, não

pessoalmente sei apenas de histórias.

Claro que não.

Fiz mais algumas perguntas até que a moça do banho retorna para colocar Allykah na

cama. Peço, melhor imploro para a princesa Danis me deixar ver Amós. Um último

pedido, eu prometo. Ela aceita e pede para Dalai me acompanhar, espero até que ela se

retire e abasteço uma toalha com guloseimas—ninguém daria falta—, Dalai me olha de

forma reprovadora, mas não diz nada.

O acampamento está silencioso—um ou outro homem de guarda zanza pra lá e pra cá

—, as tochas das tendas estão apagadas. Ela me entrega uma tocha e me diz que vou

entrar sozinha, a luz âmbar ilumina precariamente a tenda, meus olhos vasculham o

lugar até que eu encontro Amós deitado sobre uma cama aparentemente confortável.

Ele se levanta de guarda rapidamente.

—Já amanheceu? —Sorri brincalhão, não me contenho e sorrio também.

—Ainda não.

65

—Ally... —Acaricia meu rosto com as costas da mão. Ele me puxa em um abraço, tomo todo cuidado para não queimar seu lindo cabelo. Seu corpo esta deliciosamente quente.

Tenho vontade de ficar ali para sempre. Ele me separa gentilmente de seu corpo e pega

a tocha de minha mão a fixando no suporte.

Estendo a toalha repleta de comida sobre sua cama.

—O que é isso? —Me fita preocupadamente.

—Comida, idiota. —Sussurro.

—Onde arranjou tudo isso? Diga que não roubou... —Suspira. Abaixo o olhar e o

ignoro.

—Não roubei. —Minto.

—Allykah! —Bufa, mas dá uma boa mordida em uma parte suculenta do frango, depois

parte para o pão, as frutas, come como um animal faminto. —Como está gostoso. —

Fala de boca cheia.

—Amós. —Chamo sua atenção. —E se fugirmos de madrugada? Podemos...

—Eles nos matariam, conhecem esse lugar inteiro como a palma da mão deles, esquece

isso. Eu já me decidi.

—Eu-não-quero-perder-você. —Falo entre os dentes.

—Não diga bobagem. —Retira um pedaço de frango que ficou preso no piercing. —

Prometa que vai torcer por mim?

—Você vai morrer... —Começo a chorar. —Eu quero te proteger, Amós. Igual quando

nós éramos criança.

—Você não me protegia, na verdade, você me esculachava pra valer.

—Cale a boca. —Fungo. Ele me puxa para outro abraço, enterro meu rosto em sua

clavícula—e sinto cheiro de frango em sua barba—, ele inspira meu cabelo.

—Está cheirosa. —Tenta me deixar, mas o prendo com força entre meus braços. —Você

é bem mais forte do que pensei. —Geme.

—É isso que tento te dizer, mas você é um cabeçudo. —O solto. Estamos ajoelhados ao

lado da cama, ele me olha analisadamente, depois se inclina, penso que ele vai beijar

meus lábios, mas não o faz apenas enterra seu rosto em meu ombro.

—Estou com medo Ally... —Sussurra baixo, seu hálito aquece meu ombro.

—Eu sei... Também estou me deixe te salvar. —Peço, apesar de não saber como fazer

isso, e temendo que eu não seja capaz. Mesmo assim não deixo meu receio transparecer.

—Não, você não entende. Não tenho medo de morrer, não necessariamente, tenho medo

de... De... —Suspira. —Isso é difícil pra *caralho*.

—Então diga.

—“Que não vai sair da minha vida, diga que não passa de mentira quando dizem que o

amor morreu”. —Parafraseia sorridente.

—Não é hora para brincar. —Dou um soco de leve em seu peito.

—Tenho medo de não sobreviver e te deixar aqui sozinha, eu quero te ajudar a resgatar

Lana.

—Não se preocupe com isso...

—Devemos ir agora. —Dalai entra sorrateira nos interrompendo.

—Me dê mais alguns minutos.

—Agora. —Fala energicamente.

—Tudo bem. Até amanhã. —Amós despede-se. Fico de pé e o encaro por um instante

desejando ter a coragem necessária para pular em seus braços e beijá-lo. Não quero que

seja tarde demais para mim, não quero que nosso primeiro beijo—e último—, seja com

ele de olhos fechados e sem seu calor habitual. Não quero beijar seus lábios gelados,

Dalai segura minha mão e me arrasta dali enquanto dois guardas retomam seus postos

na entrada.

Ela me acomoda em uma tenda grande próxima a tenda real. Olho ao redor e há apenas

uma cama grande—havia também algumas lanças no canto, mas as tiraram antes que eu

entrasse—, e alguns pertences de alguém. Jogo-me na cama e tento dormir, em vão. Ao

invés disso eu imagino o que meus pais estão fazendo uma hora dessas, no quanto estão

sofrendo.

No quanto eu sou uma filha ruim e egoísta. Se eu tivesse escutado o que as criaturas

queriam me contar—se é que queriam contar algo útil—, ou atravessado alguém, sei

lá... Só acho que errei muito, e vir até aqui resgatar Lana não muda a pessoa ruim que

sou. Um ato de bondade no presente não muda um passado de erros. E aqui estou eu em

Helmore—seja lá o que isso signifique—, parafraseando melancolicamente em uma

cama macia em uma tenda, esperando que meu melhor—e único—, amigo seja morto.

Impotente.

“Você precisa confiar, ele não é um bebê já é um homem.”

—Eu confio... —Sussurro para a escuridão.

67

Depois

E nfim, acho que consegui dormir. Bem, é assim que penso quando Dalai me acorda.

Saio às pressas da tenda, o céu ainda está escuro, o dia ainda está clareando. Bocejo. O

vento frio sopra meu rosto levando embora qualquer vestígio de sono.

Não me sinto descansada, me sinto ainda mais cansada do que antes. Juntamo-nos a

uma multidão de homens, mulheres, crianças e idosos que aguardam o combate. Estão

todos olhando ansiosamente para uma caverna—e não entendo o motivo—, o lorde

aparece ao lado de Danis, ela acena para que eu me aproxime dela.

Sento-me ao seu lado, fico entre ela e Dalai—que está na ponta. Torinn faz um

discurso enérgico e inspirador no idioma deles, todos aplaudem, as mulheres gritam

euforicamente enquanto os homens armados golpeiam seus escudos com suas lanças. Os

olhos das crianças brilham de curiosidade.

—Isso vai ser ótimo. —Danis fala por cima do ombro enquanto aninha Allykah que não

quer parar deitada.

Não respondo.

Liel aparece finalmente rodeado de mulheres— uma por uma elas o deixam—, ele joga

seu escudo com força no chão e dá um grito de guerra, armado apenas com uma lança.

Sinto um calafrio na espinha e estremeço. Amós aparece por último, ao lado de um

guarda que vigiava sua tenda ontem à noite—está desarmado—, ele enrolara seu cabelo

em um coque no alto da cabeça.

Parece não ter dormido direito e está sem camisa—não preciso dizer que foi alvo de

olhares cobiçosos—, seu rosto não demonstra expressão nenhuma, e sinto medo por

isso. Medo de que ele estivesse distraído, com a cabeça em outro lugar, ele não podia...

—Acho que já passou da hora desse duelo começar. —Torinn gargalha e todos o

imitam. —Vocês dois lutarão dentro da caverna, como de costume. Entrarão sem armas

de qualquer tipo, lutarão de igual para igual, punho a punho.

Liel gargalha—e sua barba se chacoalha—, ele joga sua lança no chão e retira sua

camiseta. Ele é extremamente forte—eu achava o corpo de Amós bem definido e com

bastante massa muscular, mas em comparação com Liel ele era bem franzino—, ele

gargalha novamente me fazendo arrepiar toda.

Sinto vontade de chamar Amós, mas não quero distraí-lo só quero que isso acabe logo.

Torinn pede para que um guarda reviste os dois—a procura de alguma arma—, depois

pede para que ele acompanhe-os até o interior da caverna.

—Uma vez dentro da caverna tudo é valido, não há regras. Só um sairá desta caverna

com vida, não há espaço para fraqueza nem piedade e que vença o melhor! —Torinn

grita e todos comemoram, depois fazem silêncio.

O guarda retorna e um silêncio se arrasta por segundos—que se parecem horas, dias—,

e então os gritos de guerra se iniciam. Barulhos de socos, corpos caindo pesadamente ao

chão, gemidos de agonia. Meu coração está disparado e quase sai pela garganta,

levanto-me da cadeira e corro até a caverna aos berros—não me importa que

Amós

escute e se distraia como eu disse há uma parte minha grandemente egoísta—, só quero

entrar lá e atacar Liel.

68

O guarda — de rosto pintado—, me impede prendendo meus braços. É o mesmo rapaz de olhos azuis esverdeados. Ouço o grito agonizante de Amós, e uma parte em mim

inflama de ódio. Liel o está matando, e o que eu posso fazer é só ouvi-lo. Os minutos se arrastam até que o silêncio domina a caverna, respiro com dificuldade tremendo, mas

logo o combate se inicia novamente.

—Shhhh. —Sussurra em meu ouvido. —Você tem sorte que ele não tenha me escolhido,

porque eu sim acabaria com ele de verdade, destruiria aquele rostinho de elfo.

—Agora você fala meu idioma, não é seu babaca? —Falo entredentes.

—Sempre falei. —Estala a língua. —Se ele morrer, eu cuido de você. —Prende meus

braços com mais força.

—Só por cima do meu cadáver. —Dou um pisão em seu pé, mas ele parece nem sentir.

—Eu gosto mais das duronas. —Dá uma risada rouca.

Tudo fica em silêncio novamente, ouço as pessoas comentando que aquilo está

demorando muito, o que era para ser um combate rápido se mostra um duelo

interminável. Que mesmo que Amós morra ele é persistente ninguém nunca

resistiu

tanto tempo a Liel. —Ele é um guerreiro nato.

Ouvimos sons de passos, meu coração para por um segundo inteiro e tudo corre em

câmera lenta. Ouço os passos pesados de Liel e então ele aponta na saída da caverna

coberto de sangue—o sangue de Amós.

—Seu loirinho já era. —O guarda sussurra, e parece estar muito longe, quilômetros de

distância. Não o escuto muito bem, um zumbindo invade meus ouvidos, como se uma

granada tivesse acabado de explodir ao meu lado.

Todos gritam euforicamente, comemorando. Liel se arrasta sofregamente, se apoia nas

beirada até que cai pesadamente no chão, os gritos cessam quando Amós sai logo atrás

igualmente coberto de sangue. Ele olha diretamente para mim e me lança um sorriso

cruel—que eu nunca o vira dar—, não sei de onde tiro forças, mas desfiro uma

cotovelada em meu algoz e corro até ele.

Pulando em seus braços, eu o abraço fortemente, beijo suas bochechas, seu nariz, sua

clavícula. Sua pele está muito quente, quase febril, sujo minha boca de suor e sangue,

mas eu não me importo. O guarda corre e checa a pulsação do pescoço de Liel, depois

balança a cabeça negativamente para Torinn. Noto que o sangue que cobre o corpo de

Amós não é dele.

A multidão que se calara explode novamente em comemoração e aplausos, muitos

guerreiros vêm até nós para parabenizar Amós. Torinn também vem até nós, ele segura a

mão de Amós parabenizando-o energicamente.

—Nenhum forasteiro jamais conseguiu derrotar nenhum de nossos guerreiros. —Torinn

fala gesticuladamente.

—Já houve outros antes de mim? —Amós resfolega.

—Ah, sim. —É só o que responde. —A partir de hoje você será Amós O Humano

Inquebrável. —Diz alto e todos comemoram. —É direito seu usurpar tudo que já

pertenceu a Liel... Inclusive suas mulheres. —Sorri de lado e Amós aprova.

As mulheres que ladeavam Liel retornam dançando sinuosamente a nossa volta, travo a

mandíbula.

—Bom, a única coisa que quero usurpar agora é uma cama, estou exausto. —Se queixa.

—Não antes de tomar o banho dos vitoriosos. —Torinn sorri. —Xedan, banhe nosso

campeão. Depois quero que você tenha uma ótima noite de sono, pois

festejaremos hoje

em seu nome. —A ruiva assente tirando Amós de perto de mim.

—Amós? —Chamo.

Ele dá de ombros.

—Me espera na minha nova tenda. —Pedi.

E assim ele desaparece seguido pelas *vadias* de Helmore. Tenho vontade de chorar—

não é o que faço—, ao invés disso acompanho Dalai até a *minha* tenda. Deito-me na cama a fim de descansar um pouco, e quem sabe por sorte conseguir pregar os olhos.

Dalai arrasta uma enorme banheira para a tenda e a enche de água, depois fecha a

tenda.

—Não tem nada que um bom banho não cure. —Se ajoelha afagando meu braço. Sorrio

sem vontade.

—Diz isso ao finado Liel. —Respondo secamente. Ela dá um amplo sorriso e me encara

com seus olhos claros—noto que sou a única ali de olhos escuros—, e entendo porque

eles aceitaram Amós tão facilmente, ele é bem semelhante a esses

selvagens/vikings/alienígenas.

—Sentimentos ruins nos destroem, não se apegue tanto, ninguém é dono de ninguém.

Fidelidade em um relacionamento é um conceito fadado ao fracasso. —Não

respondo,

até porque não presto atenção realmente no que ela diz.

Imagino agora o que Amós está aprontando com todas aquelas mulheres a sua

disposição. Ele não era obrigado a aceitar que elas o banhassem, e não eram necessárias

quase dez mulheres para banhar um homem apenas. Retiro meu vestido e entro na

banheira redonda de madeira—que mais parece um balde gigante—, a água está morna.

Dalai ensaboa minhas costas delicadamente—delicadamente demais como se eu fosse

quebrável—, isso me irrita, pego a bucha da mão dela e me esfrego com bastante força,

até minha pele ficar avermelhada. A verdade é que eu queria era esfregar a fuça de

Amós.

—Você precisa relaxar. —Dalai se levanta e me olha de uma forma estranha, começo a

me sentir nua, nua demais.

—Eu estou relaxando. —Sussurro. Ai senhor, quero sair daqui. —Que horas irá

começar o festejo?

—À noite. Temos muito tempo. —“Temos muito tempo”, se repete em minha cabeça.

Afundo o corpo na água—que agora está branca de espuma—, e quando minha cabeça

emerge vejo Dalai se despindo de seu vestido. Rapidamente ela está nua em pelos em

minha frente, seu corpo é cheio de curvas, seus seios são pequenos e rosados, engulo em

seco, incerta.

“Temos muito tempo.”

Ai meu Deus... Não! Definitivamente, não!

Ela coloca uma perna dentro da banheira redonda—e evito olhar seu sexo—, ela se

senta de frente para mim, e me surpreende que caibamos nós duas ali. Ela enrosca suas

pernas lisas nas minhas.

—Você está nervosa? —Pergunta baixo, quase sussurrando.

“Claro que não”. Supernormal, acontece sempre.

—Você sabe meu nome, você ao menos sabe meu nome? —Pigarreio.

—Já disse para não se apegar tanto a fatos, relaxe, Allykah. —Se inclina sobre mim e

posso sentir seu hálito quente. Ela me beija, fico imóvel por um instante—mas me

lembro de que Amós tem a festa dele, talvez eu devesse ter a minha—, é claro que ele

não estava se pegando com nenhum barbudo dali, mas quem se importa?

Seus lábios são macios e gentis—mas eu não sinto nada—, isso me lembra dos beijos

de Pierre, eu só sentia alguma coisa quando *esquentava* entre a gente, mas ai era apenas sexual. Ela agarra meu seio, e eu agarro o dela por reflexo, ela solta um gemido baixo,

imagino se eu devia estar sentindo algo também, ou se deveria fingir estar sentindo algo.

Ela xinga algo em sua língua por cima do meu ombro. Viro-me e Amós está na entrada

da tenda nos encarando, não ceticamente, nem triste, nem alegre—a maioria dos

homens acha *cool* duas mulheres se pegando—, talvez furioso. É claro que ele está se controlando, mas o conheço sei que por dentro ele quer esganar alguém.

Meu rosto queima em chamas. Sinto tanta vergonha que desejo que um raio caia do

céu e me parta ao meio. Isso é constrangedor, tanto quanto da vez que minha mãe me

flagrou me masturbando.

—Se eu estiver atrapalhando eu volto mais tarde. —Fala entredentes.

Minha voz não sai, e então ele desaparece. Retiro Dalai delicadamente de cima de mim

e me enrolo na toalha, me secando rapidamente.

—Quer que eu saia? —Ela se levanta desvio o olhar para a cama.

—Sim, obrigada. —Sussurro. Ela se enrola em uma toalha pega suas roupas, e sai pela

porta. Respiro demoradamente tentando desacelerar meu coração. Isso foi uma das

coisas mais bizarras que já aconteceu. Sempre me imaginei sendo flagrada dando uns

pegas em alguém, acontece com todos.

Mas se há uma semana me contassem que eu seria flagrada por um cara pegando uma

garota eu riria como nunca e diria a essa pessoa o quanto isso era insano. Sobressalto-

me quando Amós entra e me flagra de toalha.

—Será que posso ter um pouco de privacidade? —Grito, histérica. No fundo eu só

estava com vergonha, muita vergonha dele. Eu pensei que ele era um babaca e pisaria na

bola, mas no fim eu acabei sendo a babaca a pisar feio na bola.

—Desculpe. —Se vira de costas.

—Eu quero que saia agora.

—Não vou sair daqui, sinto muito. —Diz baixo. Grito um “Ok”, e digo que se ele espiar

eu corto fora suas bolas, ele assente. Pego o vestido cinza pálido—que está sobre a

cama—, e o visto por cima do meu lingerie. —Pronta?

Não respondo apenas me jogo sobre a cama, ele se vira e me encara esperando que eu

me explique—acho—, mas só o encaro de volta em silêncio. Não lhe devo explicações

nós não temos nada, e sempre que tento me aproximar dele ele se afasta deixando isso

bem explícito. Ontem mesmo eu dei todos os sinais que se podem dar até conversei com

ele encarando seus lábios—às vezes sem a consciência disso—, e nada.

71

Ele sorri nervosamente e se senta na beirada da cama, percebo que ele está com a espada de Liel na cintura.

—O que foi isso? —Gesticula nervosamente no ar.

Mordo os lábios sem a menor vontade de respondê-lo.

—Não sabia que você curtia isso. —Coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. —

Colar o velcro. —Ele tirou a barba e seu rosto de garoto está de volta—meu velho

melhor amigo de volta—, e não um sobrevivente dos últimos dias.

—Eu não curto... —Digo baixinho.

—Rá eu vi mesmo. Não importa, de qualquer forma. —Seus olhos encaram os meus. —

Por que não foi na minha tenda?

—Queria te dá privacidade com suas *diabretes*. —Provoco.

—O que... ?Foi por isso que você resolveu se aventurar em um momento lésbico? —

Sua raiva desaparece.

—Não seja egocêntrico e tão presunçoso. Eu estava a fim... —Minto, dando um dos

meus sorrisos sexys.

—E por que não me chamou? —Zomba. Reviro os olhos. —A sua tenda é mais fresca

que a minha e tem um aroma melhor.

—Por que, a sua fede a morte?

—Não. Fede a homem e sexo. Acho que não quero quase nada do que Liel tinha ao não

ser essa espada. —Retira ela da bainha e a joga para o lado depois retira seus coturnos

ficando apenas de meias. Azuis de bolinha.

—Que viril. —Provoco-o.

—Sobre isso que eu queria falar com você, sabe. Você é minha melhor amiga e tudo de

engraçado que acontece a mim eu quero compartilhar contigo. —Prende seu cabelo em

um coque no alto da cabeça. —Ia te contar o que me aconteceu, foi aí que vi você na

maior putaria.

—Bom. Algum de nós tem que ser popular. —Pisco.

Ele sorri e começa:

—Depois que despachei aquelas gatas um cara entrou na minha tenda e... —Não deixo

de demonstrar que o adjetivo “gatas” me deixa com uma pontada de ciúmes.

—E?

—Ele tentou me ensaboar. —Espera por uma reação minha então gargalho, e ele me

acompanha. —Quando me recusei ele mudou de tática e tentou me dar um beijo.

Rio ainda mais.

—E você não o beijou? —Provoco.

—Não. Ele nem me pagou um drink antes. —Morde o indicador, e eu rio ainda mais.

—E o que você fez?

—Ah qual é? Eu dei um soco na cara dele e o desmaiei depois me vesti, e vim direto pra

cá. —Diz seriamente.

—Acha que foi a coisa certa a se fazer?

—Foi à coisa mais certa que eu já fiz em toda minha maldita vida. —Gargalha depois sua expressão séria retorna. —Ally, precisamos partir o mais rápido possível.

—Concordo, hoje?

—Não, amanhã. Vamos ficar para o festejo em minha homenagem, Amós O Humano

Inquebrável.

—Você adora ser paparicado, não é? —Deito-me.

—Por que se incomoda em perguntar se já sabe a resposta? —Morde o piercing, fico

alguns instantes olhando-o, admirada, depois, recobro a consciência.

—Essa sua mania de sempre me responder com outra pergunta.

Amós se deita ao meu lado e suspira—seu braço encosta no meu e sinto uma sacudida

elétrica—, eu sentia isso apenas com o leve toque de nossas peles, o que aconteceria se

eu o beijasse?

—Também quero ficar para conversar com Torinn a respeito dos outros humanos que já

estiveram aqui. —Ele me surpreende. —Talvez, mais humanos já foram raptados

antes... E ele saiba as respostas para nossas perguntas, tais como quem/onde e por quê?

—Isso é brilhante. —Me viro para ele. —Foi difícil... Matar Liel?

Ele me fita com seus lindos olhos azuis.

—Até que não. Foi bem mais fácil do que pensei, era eu ou ele. —Dá de ombros

indicando que era só isso que ele tinha a dizer. Passo meus dedos delicadamente no

pequeno corte em seu lábio inferior—um pouco inchado—, ele estremece.

—Desculpe. —Recolho meus dedos. —O bom é que agora você tem lábios de Angelina

Jolie. —Amós sorri e apanha meus dedos ainda no ar e os coloca sobre seu rosto, o

acaricio, sua pele é suave e macia ao meu toque.

—Não quero correr o risco de sua namorada me bater. —Retira gentilmente minha mão.

Reviro os olhos pela segunda vez.

—Acho melhor dormirmos um pouco. —Falo de mau humor.

—Também acho, vou dormir aqui com você, certo? —Boceja e eu também bocejo,

contagiada. Passam-se minutos e estou quase dormindo de verdade quando Amós me

chama baixinho como se não quisesse me acordar, mas tal ideia não faz sentido. —

Ally? —Sussurra. Espera por alguma reação minha, mas estou com muito sono então

finjo dormir. —Eu senti ciúmes. —Diz mais baixo do que da primeira vez.

“Eu senti ciúmes.” Adormeço.

Allykah... Allykah... Allykah.

Alguém sussurra, a voz ecoa pela tenda, olho todo o lugar de olhos semicerrados, está

escuro e frio. Durmo novamente, pelo o que parece nada mais do que alguns minutos.

Escuto a voz de Lana agora, grita meu nome uma vez. Levanto em um pulo, coberta de

suor e com muita sede. Mas não há ninguém aqui.

Amós não está—que novidade—, arfo em busca de ar, alguém entra na tenda

iluminando-a é Dalai. Ela deixa água para mim sobre uma mesinha, e diz que preciso

me arrumar, os festejos começarão em breve. Peço que ela me arranje água fria para um

novo banho, ela diz que é impossível agora conseguir ir e vir com baldes de água —por

causa da grande movimentação lá fora—, para a banheira.

E oferece me levar a outra tenda, aceito. É a banheira de Danis, ela me presenteia com um lindo vestido branco. Depois de pronta Dalai tenta ajeitar meu cabelo, mas me

recuso. O penteio tentando deixá-lo alinhado, mas ele se encaracola nas pontas como

tentáculos escuros de polvo.

Para a alegria de Danis a deixo melecar meu rosto com maquiagem.

—Não muito... Droga... —Murmuro.

—Você é tão chata. —Danis revira seus olhos, Dalai sorri enquanto segura nas mãos da

pequena Allykah que já consegue andar sozinha. Após nós terminarmos de nos aprontar

saímos para nos juntar aos outros. O acampamento todo foi enfeitado com o estandarte

roxo e negro da nação da morte—é uma caveira roxa idêntica a dos piratas em um fundo

negro—, há também muitas atrações.

Pessoas cuspindo fogo, dançarinas provocantes, pessoas pisando em brasa, homens

competindo quem seria o mais forte e etc... Nada me interessou, queria encontrar Amós

aonde diabos ele se metera? Dalai corre até mim, ela usa um lindo vestido vermelho que

destaca suas curvas.

—Você não vai se sentar conosco?

Nego com a cabeça.

—Estou procurando por Amós.

—Eu sei. Ele deve estar com Torinn ou qualquer outro. Venha eu te ajudo a encontrá-lo.

—Oferece sua mão.

—Vou caminhar um pouco. Mas obrigada. —Sorrio, depois começo a caminhar. Afasto-

me das pessoas que festejam e observo um pequeno lago congelado, aproximo-me, e me

sento em um balanço feito de cipó e madeira.

Espero que a conversa que Amós tenha com Torinn seja produtiva, e pelo menos

tenhamos uma pista de onde Lana está. Apanho algumas pedrinhas e acerto o lago

imaginando se ele cederia se eu tentasse escorregar nele. Sempre tive vontade de patinar no gelo, mas o Brasil não é bem o país das neves.

Admiro os flocos de neve que caem do céu, espiralando se derretem em meu rosto,

cabelo e roupa. Pego alguns na boca e impulsiono minha perna no chão, o balanço em

vaivém. Chuto a neve com os pesados coturnos táticos, e por um instante me esqueço de

onde estou.

Até que alguém segura o balanço e me prende no lugar, sinto um arranco brusco e se

eu não estivesse me segurando com cuidado teria dado de cara no chão. Viro-me para

dar um sermão em Amós, mas não é ele.

—Sabia que estaria isolada em algum lugar. —Reconheço a voz rouca e carregada de

sotaque.

—Meu Deus eu não consigo ter um minuto de paz... Quase não te reconheci sem sua

costumeira maquiagem. —Zombo. Ele sorri soltando o balanço, e se recosta no tronco

de uma árvore. Sem a maquiagem de caveira eu consigo ver sua pele morena e seus

lindos olhos azuis esverdeados que dão um belo contraste.

—Você deve estar feliz por seu humano inquebrável ter vencido aquele duelo.

—Triste eu não estou. —Encaro o lago.

—Soube que você e Dalai se deram bem. —Franzo a testa e o encaro, ele dá um largo sorriso. Seus dentes são tão brancos que quase faíscam. Será que não havia acontecido

nada mais importante naquele acampamento, que merecesse tal atenção?

—Eu não sei ao menos seu nome e você sabe tanto sobre mim, não me parece justo. —

Fico imaginando quem dera com a língua nos dentes, Amós ou Dalai? Mais pessoas

podiam ter visto também, vimos Amós porque ele continuou por lá, mas e se mais

alguém tivesse apenas espiado e caído fora?

—Guy.

—Não ligo a mínima, só disse o que eu disse apenas por dizer. Quem te contou sobre

mim e Dalai?

—Não importa. Não foi pra isso que eu vim aqui. —Cruza os braços.

—E pra que então? —Levanto-me, Guy se aproxima me prendendo contra o balanço.

—Quero te fazer uma proposta. —Se curva para que seu rosto fique na altura do meu.

—Não vou deixar você me ensaboar. —Falo entredentes. Ele gargalha divertidamente e

sinto se hálito quente em meu rosto.

—Quem sabe depois. —Se diverte. Empurro seu peito para longe, ele não se mexe um

centímetro. Que droga. —Sei que está aqui para resgatar sua irmã. —Abaixo os braços

os deixando ao lado do corpo.

—Como, você é vidente?

Ele gargalha.

—Não seja boba. Amós estava tagarelando a todos, depois que Torinn o embebedou.

—Foi ele quem contou sobre mim e Dalai? —Fico furiosa.

—Isso não importa agora.

—É claro que importa. Vou esganar aquele imbecil. —Guy segura meu queixo, ele

parece se divertir ainda mais com minha fúria crescente.

—Você fica ainda mais bonita com toda essa fúria. —Antes que eu proteste ele

pressiona seus lábios nos meus. Não é como o beijo que eu Dalai compartilhamos. Seus

lábios são quentes e macios, mas é diferente, eu sinto vontade de beijá-lo também. Suas

mãos enlaçam minha cintura e me puxa para perto do seu corpo.

Nosso beijo não dura muito.

—Mas que porra é essa? —Amós fala arrastadamente, cambaleio para trás e as mãos

fortes de Guy me amparam. Por que raios ele sempre chega nesses momentos?

—Esta tudo bem. Estávamos apenas conversando. —Guy mente descaradamente, o

sorriso nos seus lábios adverte que ele só quer provocar.

—Um caralho que estava. —Vocifera empunhando a espada de qualquer jeito, ele está

bêbado. Mais que bêbado.

—Amós, será que podemos conversar em algum lugar, por favor? —Me separo de Guy,

percebendo que minha cabeça dói um pouco.

—Podemos. Mas só depois que eu acabar com esse puto! —Tenta atacar Guy— que me

empurra para longe—, Amós erra o alvo porque está muito bêbado, e cai na grama

coberta de neve, sua espada escorrega de suas mãos.

Ele se levanta rapidamente atacando a cintura de Guy e o prensando contra á árvore, Guy afunda os dois cotovelos em suas costas e ele desaba no chão. Grito para que os

dois parem, mas não me ouvem. Os dois rolam aos socos no chão, mas Guy tem a

vantagem—ele não está caindo de bêbado—, ele soca várias vezes o rosto de Amós.

Chuto seu rosto e ele sai de cima de Amós que já cuspe sangue—um cuspe espesso e

vermelho—, Guy se levanta como que se recuperando sua lucidez e limpa sua roupa

coberta de neve.

—Se quiser ouvir minha proposta, sabe onde me encontrar. —Lança um último olhar de

ódio para Amós e dá as costas. Isso não faz sentido eu não sabia onde encontrá-lo, mas

não penso muito nisso, minha preocupação agora é o estado de Amós.

—Você é um babaca idiota. —Lhe dou um soco no braço, ele geme tentando se levantar.

—E você é uma *piranha*. —Cuspe mais sangue. Dou-lhe uma bofetada no rosto

segurando a respiração para não chorar. —“Jezabel”! —Lhe bato de novo ainda mais

forte.

—Retire o que você disse! —Grito.

—Não. —Grita ainda mais alto. Seguro seu cabelo com força—o bastante para

machucar—, e obrigo a me encarar. —Pode me bater Ally, mas não vai mudar

nada. —

Ele está bêbado e não quero ter que surrá-lo até a morte e depois me sentir culpada. Por isso me levanto e dou as costas. —Não vai mudar a piranha que você é. —Grita rouco á

minhas costas.

Viro-me novamente para encará-lo—e ele já está de pé—, não penso nas prováveis

consequências e chuto entre as suas pernas, bem no meio das bolas, ele grunhe uma

vasta gama de palavrões e rola pelo chão. Dou as costas pisando duro, ouço o barulho

de algo cedendo e tudo fica em silêncio.

Olho para trás para checar se ele ainda está lá se contorcendo de dor—é melhor que

esteja—, mas não há nada lá. Detenho-me no lugar imaginando como ele pôde ter saído

de minha vista tão rapidamente, ao não ser que ele não tenha... Sua espada continua no

mesmo lugar onde ele a deixara cair.

Corro até o lago congelado e o gelo cedeu onde seu corpo caiu, a água azul de

metileno está imóvel. Grito por socorro, mas ninguém parece me escutar.

76

Antes

Desde que Elias—o pai de Amós—, mandou que fizessem uma enorme piscina —em

forma de gota—, de quase três metros de profundidade, eu venho aqui quase todos os

dias. Menos aos domingos, porque eu e minha mãe levamos a vovó para pegar sol no

parque.

Venho ensinar Amós a nadar—e o mais importante usar sua piscina—, ele é teimoso e

tem medo de água o que dificulta um pouco seu aprendizado, mas é melhor para mim

quanto mais tempo ele demorar a aprender mais tempo terei na piscina.

—Você é uma idiota. —Chupa seu gelinho de céu azul. —Você nem se importa se eu

aprendo ou não a nadar, só está interessada na minha piscina nova.

Gargalho apanhando mais um gelinho para mim. Sento-me na beirada da piscina e

mergulho as panturrilhas na água fria e de aparência azulada.

—O universo não gira em torno de você. —Bufo. —Como você é chato, quer aprender

a nadar ou não?

—Quero. Lógico que quero. —Me olha raivosamente. Percebo que ele tem duas pintas

marrons no couro cabeludo—sua mãe acabara de raspar seu cabelo por causa do surto

de piolhos—, ele leva a mão para mexer em seu cabelo imaginário e eu rio. —Por que

sua mãe não cortou seu cabelo?

—Eu sou garota, se lembra?

—Ah é... Ainda bem que você sempre me lembra. Porque olhando nem parece. —

Debocha. Jogo água em seu rosto.

—Agradeça a sua mãe por te fazer parecer um garoto. —Mostro a língua.

Ele chuta a bandeja de gelinhos para dentro da piscina.

—Que foi Amós não aguenta brincar? —Provoco-o e o acerto com o resto do meu

gelinho, depois corro até sua caixa de brinquedos e pego seus patins novos do Homem-

Aranha.

—Não mexe nas minhas coisas! —Grita. Olho ao redor para ver se os seus pais estão

por perto, depois mostro minha língua azul e calço seus patins.

—É pecado ser tão cobiçoso, você nem se lembrava deles. —Tento me equilibrar.

—Pecado é cobiçar brinquedos alheios Vai embora agora da minha casa, sua baleia. —

Pega uma bola para me acertar, mas saio cheia de charme patinando dali.

—Não vou. Garoto *Xuxa* vem me pegar. —Provoco-o, ele corre atrás de mim e o faço

de bobinho até que escorrego no chão molhado e caio na piscina, Amós comemora. É

questão de tempo para eu nadar até a borda novamente e enchê-lo de pancada.

Dou braçadas na água tentando chegar à borda, mas minhas pernas não me

acompanham, os patins começam a pesar e me impossibilita de nadar. Sou arrastada

para baixo—a única coisa que vejo antes de afundar é o rosto de Amós mudando de

alegria para desespero—, a rodinha dos patins se prende ao ralo, seguro a respiração

tentando retirá-los.

77

A água começa a invadir meu nariz e começo a me afogar, meu corpo agoniza. Ouço gritos desesperados na superfície, reconheço a voz de Amós ele grita por socorro, e pula na água. O olho embasbacada—por um segundo me esquecendo de que me afogo—,

então ele sabia nadar, e mentira para mim apenas para me manter por perto.

Isso me faz querer dar-lhe um puxão de orelha, depois que tudo isso acabar. Mas ele

não nada, não vem me salvar, apenas afunda até chegar ao fundo. Dou-me conta de que

ele não sabe mesmo nadar, dentro da água azulada seus olhos me parecem ainda mais

azuis e sua pele ainda mais pálida. Ele me olha por um instante, logo depois se abaixa e me liberta dos patins.

Consigo chegar até a superfície rapidamente e puxo o máximo de ar que consigo, tusso

um pouco, grito por ajuda e ouço os passos do senhor Krieger se aproximando.

Mergulho novamente e o corpo de Amós está inerte lá no fundo, como um manequim

infantil. Tento segurá-lo pela cintura e levá-lo a superfície. Mas não tenho força o

suficiente em meus membros—de nove anos—, ele é maior que eu e pesado.

Só subo a superfície quando seu pai o enlaça pela cintura e o leva para cima. Ele deita

delicadamente seu corpo flácido no piso molhado e força a água a sair. Amós está

branco como giz e seus lábios estão azulados, quase o mesmo tom da água.

Choro, sua mãe grita histérica culpando o senhor Krieger por ter comprado a piscina.

Seguro sua mão gelada e imploro para que Deus não leve meu melhor amigo. Ele tosse

e volta. O abraço tão forte que ele se engasga mais. Não me importa que o certo seja que seus pais o abracem primeiro. É meu rosto que quero que ele veja quando volta à

consciência.

—Por que pulou se não sabia nadar? —Pergunto uma hora depois, enquanto ele está

deitado em sua cama.

—Eu não pensei direito. —Sorri deixando a mostra a falta de dois dentes de leite.

—Amós... —Pressiono.

—Você faria o mesmo por mim. —Respira pesadamente.

Assinto com a cabeça, concordando.

—Eu não consegui te salvar. Eu tentei... Mas não consegui. —Confidencio.

—Não importa. —Fecha os olhos.

—Obrigada por ter pulado. —Enterro meu rosto em suas cobertas.

—Eu sempre vou pular por você.

78

Depois

Livro-me do enorme casaco feito de peles, o coturno e pulo. Minha pele queima, sinto

que estou mergulhando em um lago de chamas congelantes. Sinto meu corpo ser

perfurado por incontáveis minúsculas agulhas feitas de gelo.

O lago é turvo na superfície, e ainda pior em seu interior. Parece ter milhões de metros de profundidade, não suporto ficar de olhos abertos por muito tempo, preciso encontrar

meu amigo e cair fora dali. Consigo vê-lo desfocadamente. Ele luta para escapar de algo

que o segura, pelos pés e mãos.

Nado até ele e vejo formas negras o prendendo, Amós começa a se afogar. Puxo seu

braço, alguma coisa me ataca dando-me um golpe no rosto. Afundo sentindo a água se

tornar mais cálida à medida que submerso. Criaturas do tamanho de um São Bernardo

agarram minhas canelas me fazendo afundar mais rápido, tento chutá-las, em vão. O

antigo anel de vovó se acende lançando uma luz esverdeada, as criaturas rincham—

criando bolhas na água—, e se escondem nas profundezas.

Com a ajuda da luz do anel encontro Amós novamente—desacordado—, as mesmas

criaturas peludas o arrastam para longe, elas urram ao ver a luz—mágica do anel —,

tentam me atacar, mas lanço mais luz em suas direções e elas se escondem.

Seguro o corpo pesado de Amós e tento levá-lo para a superfície, sem êxito— quase

sinto um deja vu—, isso já acontecera uma vez. Dessa vez ia ser diferente—não havia

ninguém além de mim ali para salvá-lo—, retiro seu casaco de pele e o deixo afundar a

esmo, as criaturas aproveitam minha distração para tentar roubá-lo novamente.

As empurro e uma descarga elétrica corre em meus dedos, uma faísca brilhante as

acerta as deixando inconscientes, elas afundam gradativamente como pesados bichos de

pelúcia, molhados. As que restam sentem muito medo de mim para me atacarem. Sinto

muita falta de ar, minha cabeça arde pela falta de oxigênio. Entro em agonia, o pânico a espreita.

Quero me sucumbir e puxar o ar—que não há—, mas sei que se fazer isso vou me

afogar e matar a nós dois. Seguro seu rosto e pressiono meus lábios nos seus para tentar ganhar mais alguns segundos de ar. Sinto um estremecimento e uma nova descarga em

meu corpo todo, Amós se sacode e abre seus olhos avermelhados.

Ambos nadamos o mais rápido possível para a superfície, ele me ajuda a subir até a

beira apoiando sua mão em meu bumbum e me força para cima. Subo depressamente,

tenho medo de que aquelas formas escuras o puxe de volta para a escuridão. O ajudo a

sair da água e caímos sem fôlego no chão coberto de neve.

Olho para meu anel e a luz já havia desaparecido—me pergunto se Amós viu alguma

coisa que aconteceu lá embaixo—, ele se levanta cambaleante e tosse algumas vezes,

depois se afasta. Respiro mais algumas vezes e rolo até ficar de pé e o sigo.

Ele anda depressamente—cambaleante—, ainda está bêbado, apesar do mega *banho*

frio. Amós atravessa a multidão que festeja desvairadamente, todos estão embriagados

em sua maioria que nem percebem nossas roupas molhadas e nossa tremedeira. Seus

passos são bem rápidos, então preciso me esforçar demais para acompanhá-lo, eu nem

sei por que estou o seguindo. Talvez eu esperasse pelo menos um “obrigado”, sei lá.

Amós acotovela as pessoas para que saiam do seu caminho, dá um soco no rosto de um

cara—que cai longe—, que tenta enfrentá-lo, depois entra na sua tenda e a fecha.

79

Reflito do lado de fora decidindo o que faço a seguir. Entro e encontro Amós se livrando de sua camisa molhada, ele sabe que estou ali, mas evita me olhar. Desvio o

olhar de sua barriga sexy.

—Obrigada, Allykah. De nada, Amós. —Começo, ainda tremendo.

Ele bufa e me encara furiosamente, seus olhos brilham de ódio, ele chuta uma bacia

d’água. —Que cai pesadamente molhando uma parte do chão.

—Para início de conversa se você não tivesse me chutado eu não teria perdido o

equilíbrio, então não se gabe. Não fez mais do que deveria.

Eu rio nervosamente.

—Nossa. Você é mesmo um grande babaca. —Mordo os lábios com raiva.

—Eu não presto nessa história? Se enxerga Allykah. Eu estava conseguindo

informações importantes para te ajudar, você... E você? Estava chupando a língua de um

estranho, pela segunda vez.

—Sério? Mesmo... Estava adquirindo informações aonde, no fundo das garrafas?

—Eu não estou bêbado. —Se joga na cama de barriga para cima. Dou meia volta e saio,

mas ele me chama de volta, mordo o interior da bochecha querendo continuar adiante—

até minha tenda—, mas meus pés conspiram contra mim, e quando percebo já estou de

volta. —Me desculpe Ally. Por ter surtado.

—Você não surtou. —Sorrio. A palavra “surtar” tem outro significado para mim, é bem

mais complexa do que parece. Implica muito mais do que ficar furioso de ciúmes de

alguém—supondo que seja o que está acontecendo agora—, incitar briga com alguém e

levar uma surra por estar incapacitado por embriaguez.

—Então eu podia ter feito melhor? —Sua expressão se suaviza e me lança um largo

sorriso.

Mordo a língua com os incisivos e deixo escapar outro sorriso.

—Bom, pra começar você podia não ter levado a pior com o Guy.

—Esse é o nome *dele*? —Faz pouco. Assinto. —Que ridículo. —Fala. Apanha um galão

de vinho do chão e bebe direto do bico.

—Amós... Não. —Tiro o pesado galão de suas mãos e a jogo para fora da tenda. —

Amanhã nós vamos dar o fora daqui, precisa dormir e descansar.

—Quantas horas? —Se levanta e olha do lado de fora. —Maldito lugar não tem uma

merda de relógio.

—Eu não sei, mas já deve ser tarde. —Minto. Sei que ainda deve ser umas onze, mas

preciso dele recuperado para amanhã.

—Tem certeza de que quer ir mesmo embora? —Se aproxima por trás me

surpreendendo, caio na cama.

—Claro. Por que eu não iria querer...?

—Sei lá deixar a Dalai *aqui*. —Cerra a mandíbula. —Ou o *Gay*...

—Guy. —Retruco divertida. —Não começa... Por favor. —Me levanto e ele me prende

em seus braços. Sinto um leve solavanco elétrico.

—Acho que não te agradeci devidamente por ter pulado por mim naquele lago congelado. —Me coloca gentilmente sobre a cama, outra vez.

—Tudo bem. Não fiz aquilo por medalhas. —Gaguejo. Merda por que sempre faço

isso? Ele recosta sua testa na minha, tenho de fazer um esforço sobre-humano para não

agarrá-lo pelo cabelo e enterrar seus lábios nos meus. —Acho melhor não... —Forço as

palavras a saírem a qualquer custo.

—E por que não? —Seu hálito doce de vinho penetra em meus sentidos, Amós roça seu

nariz frio em minha bochecha. Fecho os olhos deliciando-me com aquele momento que

esperei desde sempre.

—Você está bêbado. —Arfo.

—Ally. —Seus lábios pressionam minha bochecha, depois meu pescoço, meu corpo

todo vibra implorando por mais.

—Não, Amós. —Seguro seus ombros e tento empurrá-lo, mas é como tentar mover uma

montanha. —Amós, eu disse que não! —Digo severamente. Viro o rosto quando ele

tenta me beijar.

—Eu não vou te deixar sair daqui. —Fala entredentes. Enterro meu rosto em seu peito e

começo a chorar compulsivamente. —Ally... —Sai de cima de mim e me senta na cama.

—Desculpe, eu estava brincando. —Se ajoelha e segura minhas mãos. —Ally... Sinto

muito. Fale comigo. —Seus lindos olhos azuis estão arregalados de preocupação.

Não consigo parar de chorar por mais que eu queira. Engasgo, Amós me ajuda a me

levantar enquanto afaga minhas costas.

—Ally, eu não ia te forçar a nada. Sinto muito. —O empurro para longe e ele cambaleia

até a cama.

—Não estou chorando por causa disso! —Vocifero.

Seus olhos brilham de curiosidade.

—Então qual o problema? —Em segundos ele está de pé novamente, espero até que ele

se aproxime novamente e fito seus olhos.

—Eu só estou muito decepcionada com você. —Sussurro.

—Me desculpe. Eu sou um grande babaca, realmente. Mas Ally eu nunca te machucaria,

eu não sei por que eu disse aquilo. —Diz sinceramente.

—Não é por isso, Amós. Eu adoraria ficar aqui com você, para sempre se eu pudesse,

adoraria que você fizesse amor comigo... —Detenho-me, sentindo pena de mim mesma

por estar soando tão piegas.

Ele se afasta alguns passos como se estivesse surpreso demais pelas minhas palavras e

então diz:

—Isso é ótimo, então qual o *problema*?

—O meu problema é você ter que estar bêbado como um porco para criar coragem o

suficiente pra ficar comigo.

—Não estou bêbado, Ally... —Gagueja.

—Você pode odiar o quanto quiser Guy e Dalai, mas eles não precisaram encher a cara

para tomar uma iniciativa. —Amós fecha os olhos os apertando, como se minhas

palavras o marcassem a ferro. —Você não me quer de verdade, só está fazendo isso por que não quer perder sua “melhor amiga”.

Fungo. Desejo ardentemente que ele diga que é mentira, um equívoco meu. Mas ele se

cala e desvia o olhar. Engulo o choro e saio o mais rápido que consigo dali. Entro em

minha tenda e me jogo raivosamente sobre a cama. Enterro o rosto no travesseiro e grito

até ficar rouca. Eu estava certa, o tempo todo eu estive. Amós nem se dera ao trabalho

de vir atrás de mim, e pelo menos, mentir como qualquer *outro* faria nessa situação, mentir para se dar bem...

A verdade é que eu não valia o esforço, nem valia seu tempo ao empregar as mentiras...

Fico ali deitada na cama por um longo tempo apenas olhando a escuridão e sentindo

meu nariz ficar entupido.

Antes de adormecer me surpreendo ao me pegar relembrando o breve beijo com Guy.

A calidez de seus lábios sobre os meus... E qual seria sua proposta? Talvez, ao alvorecer eu o procure, provavelmente ele pode ter informações preciosas sobre o paradeiro de

Lana. Cubro-me e adormeço ao som da comemoração da Nação Da Morte.

Minha noite é repleta de pesadelos dos quais não me lembro ao acordar. Dalai traz uma

bacia d’água para que eu lave meu rosto, acordo com gosto de alumínio na boca. Tudo

que eu queria era uma escova de dentes e minha cama, queria estar em casa e não nesse

lugar. Ela me diz que Torinn quer me ver em sua tenda, ajeito meu cabelo de qualquer

jeito e a acompanho até sua tenda.

No caminho ela me conta que ele quer falar sobre supostos humanos que estiveram

aqui, um esboço de sorriso se cria em meus lábios, e até penso que esse café da manhã

pode ser agradável. Mudo de ideia ao ver Amós na mesa escura de carvalho junto a

Torinn e Danis.

—Um lindo dia, não? —Torinn sorri criando vincos no rosto.

—Pra alguns, talvez. —Me sento.

Ele gargalha.

—Que bom que todos estejam aqui. —Gesticula para que Dalai nos sirva. Enquanto ela

enche nossos copos ele continua: —Amós me contou sobre a busca de vocês.

—Claro que contou. —Sorrio forçadamente enquanto mordisco uma fruta. Não olho

nem um minuto sequer na direção de Amós, e creio que não farei isso por um bom

tempo.

—Estou sentindo uma tensão? —Coça a nuca. —O que está havendo, crianças?

—Nada. —Amós fala pela primeira vez. —Torinn me contou sobre as crianças

humanas ontem à noite. —Se dirige a mim, mas o ignoro e fito Torinn.

—Crianças humanas?

—Sim. Há séculos elas são raptadas pela rainha do reino dos espíritos.

Minha boca seca momentaneamente.

—Para quê?

—Há um monte de histórias, particularmente eu não conheço nenhuma, mas sua irmã

está segura até a primeira lua cheia, que é quando ela mata as crianças, para que

finalidade eu não faço ideia.

—Espera... Você não sabe o que ela faz com as crianças humanas?

—Não, nunca me importou... —Beberica seu vinho. —Ela não toca nos pequenos daqui,

então nós não nos metemos no caminho dela. Eu sei que você está pensando que sou um

covarde... Mas você não a conhece como nós. Ela tem magia, magia negra de verdade, é

muito forte. Nós acabamos de selar um acordo de paz entre os três reinos.

—Magia... —Balbucio.

—Sim, dizem que ela controla espíritos malévolos. Talvez ela ofereça as crianças em

algum tipo de culto ao mal.

Perco a fome instantaneamente.

—Como eu chego a esse tal reino dos espíritos?

—Eu já expliquei a Amós, mas posso lhe desenhar um mapa se for de sua vontade.

—Você não está pensando mesmo em ir até lá, não é? —Danis pousa a mão

sobre o

peito.

—É a minha irmã que está lá. —Eu digo. —Você podia nos ajudar, digo mandar alguns

de seus homens conosco... —Me dirijo a Torinn.

—A rainha reconheceria meus homens e me acusaria de quebrar o tratado, não quero

problemas com ela, sinto muito.

—Por que esse acordo é tão importante, assim? —Pergunto estupidamente.

—Por quê? Você não sabe as barbaridades que aquela mulher é capaz de fazer. Ela solta

os espíritos para que colham almas, raptas as jovens, destrói plantações, congela os

lagos, rios... Assassina todos os animais. Já aconteceu uma vez. Quando meu pai

governava, graças aos deuses nunca precisei enfrentar tais acontecimentos.

—Mas você disse que acabaram de selar o acordo de paz.

—E é verdade. Faz menos de cinquenta anos, foi quando assumi a coroa logo após a

morte do meu pai. —Olho para Torinn ele parece ter menos de cinquenta anos, penso se

aquilo tudo é uma piada para ele.

—Quantos anos você tem?

—Cento e vinte invernos. —Ergue uma sobrancelha. Então ele realmente não estava

brincando ao referir-se Amós e a mim como crianças, ali realmente éramos *crianças*.

—E você...? —Olho para Danis, que a primeira vista eu achei que não era muito mais

velha que eu.

—Eu sou bem mais jovem. —Sorri radiante. —Tenho oitenta invernos completos.

Dessa vez meu olhar e o de Amós se cruzam, ele também está espantado.

—Não entendo. Como se parecem tão jovens?

—Qual é a estimativa de vida em sem planeta? —Torinn sonda.

—Não sei... —Respondo incerta. —É uma raridade chegarem aos cem, isso é certo. —

Dou de ombros.

Os dois gargalham como se eu acabasse de contar a coisa mais insana que já tinham

ouvido. Percebo o quanto desviamos do assunto e retorno a ele:

—Você diz que o rapto de crianças acontece há séculos, quantas ao todo?

—Quatro se incluir sua irmã. —Pigarreia.

—Tem algum padrão? —Amós irrompe.

—São sempre crianças e jovens, geralmente são gêmeas.

—Gêmeas? —Uno as sobrancelhas.

—Sim. Há também intervalos.

—Precisamos chegar a esse reino o mais rápido possível. —Me dirijo a Amós e ele

assente.

—Torinn conte a ela o que me disse ontem. —Pediu. Torinn crava seus olhos azuis e

pequenos sobre os meus.

—Você não é a primeira humana a vir aqui atrás de uma irmã perdida. —Meu mundo

gira. Bebo mais um pouco de suco e sinto vontade de fazer xixi, cruzo as pernas para

prender.

—Não...? —Indago incerta.

—Não. Há cerca de vinte anos uma garota da mesma idade que você procurava por sua

irmã raptada, eu a conheci. Ela era vivaz assim como você, se sentou nesse mesmo lugar

que você está. —Sorri. —Estava decidida a encontrar sua irmã gêmea.

—E o que aconteceu, ela a encontrou?

—Não sei. Nós lhe demos armas, comida, e ela partiu. Nunca mais foi vista novamente.

Depois disso mais uma criança foi raptada, mas ninguém veio atrás dessa... —Balança a

cabeça negativamente.

—Talvez essa não fosse gêmea.

—Eu duvido muito. Mas acho que o ciclo recomeçou novamente, você veio

resgatar sua

irmã.

—Não somos gêmeas, minha irmã tem oito anos e eu tenho dezoito.

Torinn franzi o cenho.

—Estranho.

—Talvez seu apetite tenha mudado. —Danis sibila. —Todos nós mudamos um dia.

—Ou ela pode ter pegado a menina errada. —Amós pigarreia.

—O que? —Desde o início eu já sabia que o quer que tenha levado Lana havia pegado a

pessoa errada, mas ver que Amós chegou a tal dedução me provoca arrepios.

—Ah qual é? Você bem que poderia ter tido uma irmã gêmea em algum momento da

vida. —Brinca. Tento me lembrar se nasci com uma irmã gêmea, mamãe era, a vovó

também fora, mas eu não. Em nenhum momento. Nasci somente eu, e oito anos depois

nasceu Lana.

Nego com a cabeça.

—Torinn pode não conhecer as histórias, mas todas as princesas sabem um pouco sobre

o reino dos espíritos. —Danis começa. —Eu sei de uma história que papai me contava

quase toda noite antes de dormir. É sobre o amor impossível entre seres de povos

diferentes.

84

Há muito tempo houve uma princesa bondosa no reino dos espíritos, todos a amavam. E havia paz entre os reinos. Ela era muito formosa, e todos os príncipes e reis solteiros a cobiçavam, dizem as más línguas que até mesmo os casados.

No entanto, a princesa era muito triste e solitária, há muito havia perdido o pai e mãe. Ela era muito poderosa e tinha muita magia no sangue, então ela criou portais para o mundo dos humanos, mas nunca ousou atravessar, apenas os observava. Ela criava muitos portais que só poderiam ser atravessados por seres mágicos, um de seus vários portais se localizava no fundo de um lago, no mundo humano.

Cansada de apenas olhar ela atravessou e nadou no lago de águas cristalinas, um jovem humano a viu e se encantou totalmente com sua beleza única, ela também o amou no mesmo instante que seus olhos se encontraram.

Todos os dias eles se encontraram no lago até que ela conseguiu arrastá-lo para o fundo e atravessá-lo. Os dois se casaram, e todos claro foram contra a união de seres tão indistintos. Alguns anos se passaram e eles tiveram um lindo casal de gêmeas, mestiças. O

jovem apesar de amar muito a princesa sentia falta da mãe, irmãs, amigos...

A princesa lhe prometeu que se ele permanecesse por mais dez anos em sua companhia, ela o levaria de volta. Dez anos se passaram, e o reino estava dividido pelas gêmeas. Havia uma boa e a outra má. A boa era mais apegada ao pai, e a má a mãe, não se sabe de onde viera aquela maldade, já que a princesa era tão bondosa e etérea.

Quando o jovem rapaz partiu levou consigo a gêmea boa, a má ficou aqui com a rainha. Anos depois após a morte da rainha—dizem que foi a própria princesa—, ela criou novos portais e procurou por sua irmã gêmea, mas nunca encontrou.

Ela irou-se contra os humanos, e de tempos em tempos ela rapta gêmeas para separá-las das respectivas irmãs, para se vingar. Quer que todos sintam o que ela sentiu todos esses anos.

Depois

Indago a Dalai—enquanto ela prepara nossas coisas—, se ela acredita naquela bobagem

de gêmea boa e gêmea ruim, e ela diz que poderia ser possível, mas pouco provável.

Torinn disse que demoraríamos no máximo três dias até chegarmos ao reino dos

espíritos, e a lua cheia seria daqui a uma semana, quanto mais rápido partirmos melhor,

eu digo. Torinn foi contra a partida de Amós desde o princípio, e tentou convencê-lo a

ficar, em vão, meu amigo já estava decidido a partir comigo.

Saber que eu não era a primeira a vir resgatar uma irmã perdida me chocou, e fiquei

ainda mais chocada de saber que houve uma criança que ninguém viera procurar. O que

ela sentira? Será que Lana achava que eu não viria atrás dela? Será que ela acreditava

que eu a havia abandonado?

Torinn também partiria dali, voltaria para seu povoado e disse que nós—se

sobrevivêssemos—, sempre seríamos bem vindos lá. Apesar de que provavelmente nós

não o encontraríamos quase nunca em seu próprio povoado já que ele vivia fazendo

longas viagens para saquear e conquistar novos domínios. Ele permanecera todo aquele

tempo ali apenas para ter sua filha de volta, e agora nada o prendia ali. Já havia

conseguido mais riquezas que esperava.

Ele nos presenteou com dois casacos de pele, dois cavalos, frutas e comida. Abraço

fortemente Danis, e Torinn se demora cochichando ao ouvido de Amós, pelo visto ele

gostara realmente dele. Quando partimos a maioria acena para nós, principalmente as

crianças. O mais difícil para mim foi me despedir de Allykah, ela aparentava ter quase

dois anos e a cada dia ficava ainda mais bonita. Esperava revê-la algum dia.

Guy cruza os braços e não me responde quando aceno. Não me despeço de Dalai, pois

ela desaparecera, talvez não gostasse de despedidas. Uma grande floresta fica entra o

acampamento e o reino dos espíritos. A mata é um imenso mar de árvores nuas cobertas

de branco.

Amós e eu permanecemos em silêncio por um tempo. Cavalgávamos lado a lado, Dalai

nos alcança e lhe pergunto o que faz aqui. Ela responde que já estivera no reino dos

espíritos e nos conduziria, se quiséssemos. Amós suspira demoradamente e a manda ir

para o inferno, eu aceito sua ajuda. Seria bom ter mais uma garota por aqui para

conversar.

Perto do meio-dia o sol esquenta demais e a neve derrete rapidamente, retiramos

nossos casacos de peles. Paramos para descansar, e dar de beber para nossa montaria.

Aproveitamos também para comer pão, queijo e suco de uva. Dalai se senta ao meu lado

recostada em uma árvore e me conta mais histórias sobre seres mágicos, todos tem algo

em comum, nenhum tem um final feliz. É sempre lindo e trágico.

Amós se senta afastado de nós, carrancudo. Praticamente não toca no prato que

preparei para ele. Talvez ter aceito Dalai em nossa pequena excursão tenha sido um

erro. Mas o que ele queria que eu fizesse? Eu precisava ter certeza absoluta de que

chegaríamos ao meu destino antes da maldita lua cheia, e de como o tempo passava

rápido por aqui e o clima era inconstante talvez tivéssemos menos tempo do que

pensávamos.

Voltamos para o cavalo e cavalgamos até a noite, uma vez ou outra eu falava com

Dalai, ou Amós assobiava. Quando anoitece decidimos acampar, escolhemos um lugar

perto da água. Dalai faz uma fogueira e prepara nosso jantar, Amós não fica por perto e

passa a maior parte do tempo encarando o lago. Meu corpo prega de suor e tudo que eu mais quero é poder me lavar, espero até tarde para que Amós saia de perto do lago. Por

fim resolvo encarar a fera.

Ele esta sentado na beira e joga pedrinhas que criam ondulações na superfície.

—Não vai tomar banho? —Pigarreio.

Ele balança a cabeça.

—Não estou a fim. —Continua encarando o horizonte.

—Hmm ta. Será que você poderia...

—Claro. —Me interrompe e sai dali.

A água do lago é tão cristalina que consigo ver tudo o que acontece no fundo. Os

peixinhos se escondem quando percebem meus pés em seu habitat. Aproveito para

nadar um pouco, mas não me demoro, torço para que Dalai não tenha a maravilhosa

ideia de entrar na água comigo. Aí sim Amós piraria. Talvez aí sim ele *surtasse*.

Eu sei como é sentir ciúmes de um amigo, sei como é ruim a sensação. Só não entendo

o porquê de Amós se importar tanto com quem eu beijo ou não, já que ele não me quer.

Não como eu queria que ele me quisesse.

Me seco na toalha e coloco meu vestido novamente, o corto com a ajuda de uma faca

—me distraio e corto demais—, e ele vira um minivestido que não chega nem ao joelho.

Dalai e eu comemos, enquanto Amós sai para caminhar por ai. Como se não estivesse

cansado—como nós—, como se não tivesse passado o dia inteiro em cima de um

cavalo.

Preparo um prato para ele e digo a Dalai que volto já.

—Aonde você vai? —Quer saber.

—Vou procurar por Amós, ver se ele come um pouco. —Ela sorri e se levanta.

—Eu te ajudo a encontrar ele.

Ergo as mãos a impedindo.

—É melhor eu ir sozinha, quer dizer, ele é meu amigo... Eu sei como lidar com a *onça*.

—Mordo os lábios. Ela se senta resignada e dá de ombros.

Ando alguns metros e a floresta está clara como o dia—iluminada pela luminosidade

de uma linda lua crescente—, encontro Amós sentado em uma pedra espalhando as

folhas do chão com um graveto. Ele não levanta a cabeça quando percebe que estou ali.

—Trouxe o seu jantar. —Tento fingir que não existe um clima estranho entre nós.

—Sinto falta do meu velho, Ally. —Me encara e percebo que ele está triste e com

saudades de casa. Ele não é como eu, seu pai o ama—não que meus pais não me amem,

mas eu era a *louca* da família—, e devia estar enlouquecendo com o desaparecimento do filho.

—Isso tudo vai acabar logo e você vai voltar para casa. —Prometo.

Tenho a sensação de que Amós nunca mais verá seu pai novamente. Isso me faz querer

chorar.

—E se não haver como? —Pega o prato de minhas mãos e começa a comer.

—Eu vou encontrar um jeito. —Digo menos confiante

87

—Confio em você. —Fala baixinho. Sorrio e o empurro para que eu possa me sentar, aliso seu cabelo sedoso.

—Seu cabelo é tão macio. —Digo distraidamente.

Ele sorri e responde de boca cheia:

—Eu uso Seda... Bom, usava. —Zomba. Gargalhamos.—Lembra-se de quando você

trançou meu cabelo? —Assinto. —Depois me pediu que eu trançasse o seu só que eu

não sabia então dei um monte de nós?

Dou um tapa de mentira em seu braço.

—Lembro. Lembra que raspei suas sobrancelhas enquanto você dormia?

Ele gargalha divertidamente, e o clima estranho entre nós se quebra.

—Nós somos uma boa dupla, não é Ally?

—Sim. Somos uma ótima dupla.

—Eu sinto falta do bebê. —Fala de boca cheia novamente. —É estranho estar só nós e

a... —Faz carranca.

—Também sinto.

—Eu não gosto dela. —Ele não precisa dizer o nome porque sei de quem ele fala.

—Ela é uma ótima pessoa, foi ela quem me levou até a tenda que você estava, ela me

viu roubando comida para você, mas não me dedurou.

—Bom, agora sabemos o porquê. —Debocha.

—Não seja tão mal-agradecido.

—Eu odeio cavalo, odeio a Dalai, odeio essa tal rainha, e odeio essa floresta de merda.

—Se levanta alongando o corpo e estrala o pescoço. —E agora vou nadar um pouco, ver

se minhas bolas ainda estão no lugar.

Reviro os olhos.

Voltamos a risadas para nosso acampamento, e nos separamos para que ele tome banho

no lago. Finjo brincar com o galho da árvore enquanto encaro Amós se despindo, ele

fica de cueca e solta o cabelo dando um mortal na água.

—É ele voltou diferente. Você sabe mesmo como domar a onça. —Dalai brinca, mas na

verdade acho que ela quer mesmo é chamar minha atenção.

—Uhum. —Mordo os lábios. —Ele é um gato, não é? —Arqueio a sobrancelha. —O

que você acha de nós duas o espiarmos, tipo coisas de garotas? —Coro.

—Pode ir se quiser, prefiro olhar as estrelas. —Responde secamente. Isso corta meu

barato e me sento envolta da fogueira e a observo, crepitando em chamas laranja

azuladas. Dalai se aproxima para me mostrar alguns desenhos em sua faca—não

querendo ser presunçosa—, desconfio que seja só para ficar próxima de mim, e

provocar Amós, que seca seus cabelos com mais força do que necessário.

88

Amós

INFELIZ.

Puta merda! Acho que eu nunca odiei tanto uma garota na vida, o meu ódio é enorme,

mas olhar para a cara embasbacada dela o fazia inflar ainda mais. Infeliz. Tenho que

parar de olhar para ela e se concentrar em meu cabelo—antes que eu o arranque todo—,

o penteio com os dedos e o deixo solto para que seque com a brisa.

Dalai me encara com olhar satisfeito—se eu não tivesse princípios eu partiria a cara

dela agora—, sabe que atingiu meu ponto fraco, sabe que acabou com a minha

felicidade.

Havia um clima estranho—pesado, ouso dizer—, entre mim e Allykah. Desde nossa

última noite em minha tenda, em que eu conseguira estragar tudo. Eu estava um pouco

bêbado, realmente. Mas depois de quase ter virado picolé eu havia melhorado bastante.

Mas graças a nossa breve conversa o clima ruim havia desaparecido.

O meu primeiro erro foi pensar que Ally era qualquer uma, e aceitaria me beijar

naquele estado deplorável em que eu estava.

O segundo erro como vou dizer... Eu sou covarde. Eu a amo desde criança. Mesmo na

época em que ela usava aparelho, contraiu catapora e passou para mim. Quando fui

embora tentei esquecê-la, sem sucesso. Depois que eu a vi novamente no dia do seu

aniversário—vi como ela havia mudado, havia se tornado uma linda mulher, não que

antes ela já não fosse linda—, eu soube naquele instante que eu queria ficar com ela

para o resto da minha vida. Olha só eu sendo melodramático.

Sou péssimo com as palavras, mas eu dou sinais—tento dar—, mas ela não pesca

nenhum. Cheguei a pensar na possibilidade de ela ser *Gay* ao vê-la com Dalai. Não, não estou sendo machista. Mas sei que ela namorava o Piper, Pichef ou qualquer outra

merda que seja seu nome. E, depois a vi beijando o *G-A-Y*. Então pensei que talvez ela não sentisse o mesmo por mim, isso mudou quando ela me disse aquelas palavras na

tenda.

Que adoraria fazer amor comigo, talvez ela quisesse apenas algo carnal em

relação a

mim, e isso também seria ruim, porque no fim eu sairia magoado—é meio difícil de

acreditar, mas às vezes temos nosso coraçãozinho partido também—, eu queria algo

mais. Eu quero ser amigo e namorado... Quero ser o primeiro pensamento dela quando

acorda, e último quando for dormir... Não é pedir muito.

Quero ter coragem o suficiente para dizer tudo o que sinto em relação a ela, mas tenho

medo de ser rejeitado, nunca fui rejeitado na vida—mas já vi milhares de soldados BF

morrerem na batalha—, imagino que deve doer muito. Na caverna eu tentei criar um

clima para me declarar, mas ela começou a rir descontroladamente, não uma risada sexy,

mas uma puta risada de hiena com dor de barriga—mesmo assim eu amava a forma

como ela sorria/gargalhava—, assim minha coragem encolheu até desaparecer.

Ally se afasta de Dalai gentilmente—eu sei que ela se sente incomodada com a

proximidade excessiva de outra fêmea, sei porque conheço seu rosto, e ele é muito

expressivo—, sempre que ela está incomodada uma ruga se forma entre as sobrancelhas

e ela olha para o lado. Geralmente é engraçadinho, mas agora sinto vontade de resgatá-

la.

89

Pegá-la pela cintura jogar em meu cavalo negro e salvá-la de Dalai, a tarada. Eu sei melodramático de novo e de novo, Ally sabe se defender. Mas o problema é que ela

ainda é *muito* inocente, e muito educada para mandar a outra se foder!

Quando chega a hora de dormir Allykah vem até mim, seus olhos castanhos—estão

bem mais escuros à noite—, brilham, e eu amo o jeito que ela me olha.

—Boa noite. —Sorri.

—Boa noite. —Brinco com os piercing na boca. —Não quer dormir deste lado da

floresta, onde é *seguro*? —Gesticulo ao meu lado tentando parecer desinteressado, mas quero que ela aceite. Ela me repreende com o olhar, mas sorri discretamente.

—É... Você parece estar bem. —Beija minha bochecha esquerda, que estala. Seguro sua

cintura e a puxo para um abraço, sinto um leve choque, ela é macia em meus braços e

seu cabelo tem um cheiro cítrico. Allykah me aperta forte, tenho a plena consciência que seus seios fartos estão se comprimindo em meu peito.

Meu corpo sente a falta do dela quando ela se vai e se deita. Fico a observando até que

ela adormece em um sono inquieto—ela se mexe bastante enquanto dorme—, Dalai

também adormece, bocejo e me deito ajeitando-me sobre meu casaco até que

adormeço.

Acordo ao sentir alguém montar em mim—da última vez que isso aconteceu eu estava

tendo uma paralisia do sono, e a mulher que me cavalgava/tirava meu ar era feia que nem o Satanás, supondo que ele exista—, mesmo com olhos ainda turvos percebo que é

Dalai.

E eu pensando que não podia piorar, naquele momento desejei que aquilo fosse outro

terror noturno. Ainda não havia amanhecido, devia ser umas três ou quatro da manhã.

Caramba essa Dalai não perdia tempo mesmo, isso eu tinha que admitir. Ela tinha um

brilho estranho no olhar enquanto tentava se livrar da minha camisa.

Odeio meu corpo quando ele a responde enquanto ela se esfrega em minha pelve. Digo

a mim mesmo que é porque estou na seca.

—Que merda você está fazendo? —Sussurro nervoso, temendo que Allykah acorde. Só

essa que me falta para acabar com todas minhas possíveis chances com ela.

—Dando o que você quer. —Enfia sua mão por dentro de minha calça e segura meu

membro, no entanto, esconde a outra mão atrás das costas. —Uau. Acho que você

também quer isso.

Sem pensar duas vezes a tiro de cima de mim com um empurrão, ela cai de

quatro e se

levanta rapidamente tentando me golpear com sua faca. Desvio por pouco, ela arma

outro golpe e quase acerta meu rosto.

—Por favor... —Ergo as mãos me rendendo. —Os homens de minha família nunca

bateram em uma mulher, não me obrigue a quebrar essa tradição.

—Ela é minha e você está entre nós. —Tenta me atacar novamente e consegue cortar

meu antebraço, a minha pele arde e pulsa onde foi lesionado. Allykah se remexe ainda

dormindo alheia ao que acontece a sua volta. Imagino se vou conseguir matar aquela

linda mulher, apesar de eu a odiar não queria ter que fazer isso.

Mas se eu apenas a desmaiasse, quando ela acordasse talvez se controlasse, mas na

calada da madruga iria tentar me matar novamente. Se mandarmos ela embora,

provavelmente ela também vai tentar me matar. Não posso correr o risco de morrer e

deixar que Ally enfrente essa rainha louca sozinha.

90

Por isso quando Dalai tenta me atacar novamente, eu lhe dou uma chave de braço e com uma rasteira a derrubo no chão, depois com sua própria faca eu perfuro seu

coração. Não é uma cena bonita, mas não me arrependo, era eu ou ela. Eu fiz o que tive

de fazer. Com as mãos sujas de sangue, e com peso no coração me dou conta de que é a

segunda pessoa a perder a vida em minhas mãos.

91

Depois

Acordo ao som de um grunhido seguido de um gorgolejo. Minha mente demora a

registrar o que está acontecendo, me levanto num pulo e corro até onde Amós está

parado. Dalai dá seu último suspiro em meus braços, meus olhos ardem de vontade de

chorar. Mas meu corpo está muito ligado para que isso aconteça, estou completamente

chocada.

Dou um salto para trás quando Amós tenta pousar sua mão em meus ombros, uma

descarga de adrenalina me chacoalha me deixando muito alerta.

—Meu Deus o que você fez? —Percebo que estou chorando apenas quando quase

engasgo com as palavras.

—Você não entende. —Ele fala baixinho. —Desculpe, ela não me deu outra escolha.

—Meu Deus... —Balbucio. —Você é um maldito psicopata!

Ele se aproxima com as mãos erguidas sujas de sangue.

—Ally, me escuta. Posso explicar...

—Explicar o que? —Grito. —Estou vendo o que você fez. Eu estou com medo de

você... —Quando ele tenta me tocar eu apanho minha faca. —Não me obrigue a usá-la

em você.

—Ally... Só quero explicar. —Por um segundo de distração ele me toma a faca. Olho

para o corpo de Dalai—e a sua faca ainda está enterrada em seu peito—, mas está longe

demais do meu alcance. Corro para a floresta e ele vem atrás, grito a plenos pulmões

como se alguém pudesse me escutar.

Amós realmente *surtara* agora. Ele é mais alto que eu, suas pernas são mais longas e mais velozes. Ele me agarra pela cintura, uso o peso do seu corpo contra ele e o derrubo, caímos e rolamos pelo chão. Tento escapar de seus braços, não quero morrer agora, não

posso abandonar Lana aqui. Não quero que ela pense que eu sou como a outra irmã que

nunca veio procurar por sua gêmea.

O estapeio com força, ele não se defende apenas tenta se esquivar, mas a maioria dos

meus golpes o acerta. Seu rosto fica vermelho como um pimentão. Firo seu lábio e ele

começa a sangrar, machucá-lo me dói, mas o que mais posso fazer? Desisto e caio no

choro, ele me abraça contra seu peito. O empurro.

—Ally...?

—Você a matou Amós. —Resfolego.

—Ela tentou me matar. —Segura meu queixo para que eu o olhe. —Eu sinto muito, mas

enquanto você dormia ela tentou me matar.

—Mentira. —Fungo. —Você estava com ciúmes.

—Não seja tão presunçosa. —Sorri forçado. —Ela tentou mesmo me matar, olhe nos

meus olhos e veja se estou mentindo. Você sabe que eu nunca minto pra você. —Me

encara, olho em seus olhos claros como a lagoa atingida pelo sol, e sei que ele não

mente, eu sei que ele não teve escolha.

O abraço fortemente.

92

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

Cavo uma cova para Dalai—perto da lagoa onde a terra é úmida—, mesmo Amós

sendo contra. Ele a pega facilmente nos braços e a coloca lá—abotoou seu vestido antes

—, coloco sua faca entre suas mãos, e digo algumas palavras, depois a enterramos.

—Sabe qual é a pior parte? —Amós suspira. Nego com a cabeça. —Estou morto de

sono.

Eu também. O dia já havia clareado, mas eu não dormira quase nada.

—Por que o vestido dela estava desabotoado, vai me dizer que ela colocou os peitos pra

fora antes de tentar te matar? —Falo por fim.

—Ah corta essa. O que você acha que eu fiz? —Indaga estupefato, quando não digo

nada ele retorna a falar: —Ela veio para cima de mim antes, sabe, mas desconfio que ela

queria mesmo é cortar meu pau fora.

—Cortar fora seu...? —Quase engasgo.

—É... Bom, não é algo com que ela podia competir. —Ergue uma sobrancelha.

Mordo os cantos da boca para não rir.

—Você é inacreditável. —Murmuro.

Tomamos café da manhã e partimos dali. Amós não queria, mas soltei o cavalo de

Dalai—e lhe dei liberdade. —, apesar de poucas horas atrás eu ter sentido muito medo

dele e o enchido de bofetadas, agora a conversa entre nós fluía livremente. Como tinha

que ser e como sempre seria. Riamos e conversávamos a maior parte do tempo, que às

vezes quase caíamos do cavalo.

A brisa fresca fez meu cabelo esvoaçar sobre os ombros. O sol estava quente, mas não

queimava nossa pele e nem feria nossos olhos. Ele lança raios dourados em

Amós e

deixa seu cabelo resplandecente, como se fosse tecido de sol. Decidimos pular a hora do

almoço para nos adiantar ainda mais, ganhar mais chão.

No início de tarde após darmos uma trégua para os cavalos—que infelizmente não

eram de ferro—, recomeçamos nossa jornada. Os cavalos agora estão mais lentos, eu

apelido o meu de Giz, não me perguntem o porquê. Amós dissera que era meio

afeminado para um puro-sangue tão forte como ele, mas não me importei. O nome do

seu cavalo era Sleipnir*****.

À medida que andávamos a floresta parecia se tornar mais escura, e mais fechada.

Uma brisa gélida soprou em nosso rosto.

—Está ouvindo isso? —Amós pergunta baixo.

Tento escutar algo, mas o silêncio reina, será que meus ouvidos não são tão bons

assim?

—Não ouço nada. —Digo aguçando meus sentidos.

—Exatamente. —Coloca a mão sobre a espada. —Estamos em uma floresta e não há

som algum aqui. —Os cavalos relincham simultaneamente.

—Amós...? —Chamo baixo, começando a hiperventilar.

Nossos cavalos cambaleiam nos deixando ainda mais alertas. Me seguro firmemente a sela quando Giz relincha novamente, agora, desesperado. Meu cavalo tenta recuar,

cambaleia, empina as patas dianteiras, relinchando—seu pânico se espalha para o cavalo

de Amós—, aperto as pernas a sua volta para me segurar, e quase o sufoco.

É então que percebo que suas patas estão presas em uma espécie de barro, espesso cor

de mogno.

—Areia movediça. —Amós grita enquanto seu cavalo luta ainda mais para escapar—

como se tivesse traduzido o horror estampado em nossos rostos—, mas

consequentemente começa a afundar ainda mais.

—Vamos morrer. —Tento me equilibrar em meu cavalo que a cada segundo se enterra

mais ao fundo no chão. A metade dele já está submersa na lama grudenta.

—Quietinha. Não vamos morrer. —Amós pega algumas das bolsas velhas de couro e

usa seu cavalo—que agora está deitado se contorcendo—, como uma ponte para chegar

do outro lado. —Vem Ally. —Me chama.

Meu cavalo finalmente cai e me leva junto com ele. Grito de desespero. Ele relincha

descontroladamente se contorcendo, agarro em seu pescoço e sinto minha perna afundar

na lama.

—Ally, sobe nele! —Amós grita. —Sobe nele.

Faço o que ele diz. Agarro-me desesperadamente ao cavalo e o escalo, mas sem

sucesso ele tenta me derrubar, consigo retirar minha perna da lama.

—Ally seu tempo está se esgotando. —Arregala os olhos. Ele se livra das bolsas e pisa

em seu cavalo que afunda mais um pouco. —Vem me dê a mão. —Se agacha e estende

os braços para mim. Começo a tremer e entro em pânico quando o cavalo me derruba na

lama grudenta. —Ally!

Agarro seu pescoço largo e grito para que me perdoe.

—Ele vai morrer. —Choro enquanto uso seu pescoço para me reerguer.

— *Eles* vão morrer. —Diz resignado. —De qualquer jeito, mas nós ainda temos uma

chance.

—Eu não consigo... —Choramingo.

—Consegue sim, eu confio em você. Olhe nos meus olhos. —Pede, obviamente

tentando me distrair, obedeço. Amós está à beira do desespero, ele finge que está bem,

que está calmo. Mas eu sei que ele está à beira de um colapso. —Me diz que cor eles

são, Ally? —Murmura entre dentes, seu cavalo está quase todo encoberto mais alguns

segundos, e ele morre junto com ele.

—São azuis. —Me forço a dizer.

—São sim. Mas você esqueceu-se de uma coisa.

—O que? —Me equilibro no cavalo e me preparo para pular.

—São mais bonitos que os seus, e enxergam bem melhor que os seus. —Sorri

nervosamente.

—Não, isso não é verdade. Idiota! —Grito e pulo ao mesmo tempo, Amós me pega no

ar. Seu cavalo afunda ainda mais, então ele dá um impulso e me joga com força ao lado

das bolsas—de couro—, que ele conseguiu salvar. Ele cai na areia movediça. —Amós?

—Estendo a mão para que ele a pegue.

Ele a ignora.

—Amós... O que pensa que está fazendo?

—Você não vai aguentar meu peso... Sinto muito, Ally. —Continua imóvel, mesmo

assim seu corpo submerge rapidamente, a lama já engole sua cintura. —Salve Lana, e

diz pro meu pai que eu...

—Não! —Grito o interrompendo.

—Shhhh. Por favor, me deixa terminar.

—Cale a boca, Amós. Preciso pensar. —Procuro por algum galho resistente o bastante

para resistir a um homem de quase 1,90 de altura.

—Talvez seja o destino me punindo por ter matado Eliel e Dalai... Sabe o que é pior? —

Sua voz treme. —Não tem nada de sexy ou glorioso em morrer na lama, na verdade é

vergonhoso... —Sorri.

Encontro um galho visualmente resistente e o jogo a poucos centímetros de seu corpo.

—Agarre-o! —Grito. Ele balança a cabeça negativamente, mas suas mãos se movem e

ele agarra o galho, tento puxá-lo, seu corpo não se move um centímetro sequer.

—É tarde demais. Poupe sua energia já vai escurecer. —Fala resignado.

—Não vou te abandonar, você não vai morrer, não aqui, não agora... —Faço esforço

sobre-humano, e caio sem energias. Choro convulsivamente.

—Tá tudo bem, Ally. Tudo bem. —Sorri enquanto a lama encobre sua boca, seu nariz e

o topo de sua cabeça. Tento agarrar uma mecha de seu cabelo loiro que flutua por alguns

segundos sobre a lama antes de afundar. Acabou, está tudo acabado.

Dobro-me e abraço minhas pernas enquanto choro aos soluços. A lama se agita e uma

boca se forma entre o barro, ela gargalha escarnecidamente. Levanto num sobressalto e

chuto terra sobre ela.

—Me devolva ele. —Exijo.

—Não. —Diz, e alguns respingos de barro caem sobre mim. Percebo que meu anel

começa a brilhar, deixo que a boca o veja, ela rosna. —Ele é meu agora. —Grunhi.

—Me devolve! —Afundo minha mão na lama e bolhas começam a surgir, como se

estivesse entrando em ebulição. A boca se desfaz igual a um caldo de angu,

desaparecendo, então tudo volta à calmaria. Retiro minha mão da lama e observo a lama

do alto me convencendo a não pular, pois não adiantaria nada.

Amós não iria querer que eu fizesse isso, sua morte então teria sido em vão. De

repente, a lama se convulsiona e cuspe algo para fora, me assusto e caio de bunda no

chão. Amós cai quase ao meu lado, ele rola de barriga para cima e tosse

convulsivamente.

—Amós. —O abraço, ignorando que ele precise de ar. —Você está vivo.

—O que aconteceu? —Seus olhos se reviram espasmodicamente enquanto ele tosse

mais um pouco.

—Eu não sei direito. —Minto. Odeio mentir para ele, mas agora não é momento certo

para dividir meus segredos. Não que eu não confie nele, mas eu tinha um

pressentimento estranho em relação a mim e meus potenciais poderes. Eu já havia percebido que algo me incomodava, meu subconsciente já sabia há muito, mas eu não.

Ele consegue se levantar e assente para mim.

—Não importa. Temos que achar um lugar para acampar e que tenha água para um

banho. —Alisa uma mecha de seu cabelo que está duro de barro. O ajudo a levar as

bolsas que sobraram. —Droga. Eu perdi o mapa.

—Não esquenta. —Dou de ombros.

Encontramos um bom lugar para acampar antes que ficasse totalmente escuro. Havia

um rio poucos metros à frente, Amós se lavou primeiro, logo em seguida foi minha vez.

Fizemos uma fogueira e comemos em silêncio. Eu estava exausta, o simples

movimentar de minha boca para comer já me exauria.

—Você está bem? —Amós se senta ao meu lado.

—Sim, só muito cansada. —Deixo meu prato de lado e me deito encarando as estrelas,

minhas pálpebras pesam e as brilhantes estrelas se tornam borrões brilhantes. Estou tão

esgotada que consigo me ouvir piscar. Amós alimenta a fogueira, depois joga uma

colcha em cima de mim. —Não vai dormir?

—É melhor eu ficar de vigia por um tempo. Esse lugar é bem perigoso.

Assinto resignadamente. Quero protestar, mas não tenho forças o suficiente para isso.

—Você já foi *Emo*? —Quebro o silêncio de repente. Amós solta sua risada rouca —

aquecendo meu corpo e alma, de alguma forma me sinto mais leve—, que é sua marca

registrada. Ele vem até mim e se senta ao meu lado.

—Como? —Fala entre risos.

—A sei lá... Aquela fase nebulosa da vida. —Sorrio.

—Com certeza. Acho que todo mundo já foi um pouco *Emo* em alguma parte da vida.

—Sorri. —Eu era terrível. Cheguei a pintar minhas unhas, mas tive de entrar no eixo

aos dezoito quando fui servir o Exército. E você?

—Eu tive meus momentos. —Mordo o lábio inferior. Sorrimos, Amós se deita ao meu

lado, e consigo sentir o calor de seu corpo.

—O que você acha que tem nesse reino dos espíritos? —Se vira para me encarar.

—Espíritos atormentados? —Brinco. —Eu não sei, não cheguei a pensar sobre isso.

—Bom, amanhã descobriremos de qualquer forma. —Fecha seus olhos. Seguro sua mão

e adormeço.

*SLEIPNIR: o cavalo de oito patas de Odin, o cavalo mais veloz do

universo.

96

Depois

Preparo nosso café da manhã—noto que nossos suprimentos estão quase no fim,

teremos apenas um pouco para o almoço—, Amós acorda alongando o corpo e se cobre

com um pano enquanto caminha até uma árvore.

—Bom dia. —Diz enquanto se senta de frente para mim.

—Bom dia. —Sorrio e jogo um pedaço de pão, ele o pega e dá uma generosa mordida.

—Esse pão é muito bom. —Diz de boca cheia. —Mas não chega nem perto da chalá

que minha mãe preparava no Shabat. —Se lembra com uma pontada de tristeza.

Concordo com a cabeça eu mesma já havia provado esse delicioso pão doce trançado.

Aproximo-me e aperto de leve seu ombro. Ele bebe o vinho e se levanta num pulo.

—Então... O que estamos esperando? —Sorri e começa a juntar nossas coisas.

Começamos a caminhar pela floresta e Amós usa o sol para nos orientar. Ele carrega a

maior parte das nossas coisas, e ainda se oferece para carregar minha bolsa, nego com a

cabeça e digo que dou conta, quando escutamos um ruído.

Tateio minha cintura atrás de minha faca, e Amós me imita colocando a mão sobre o

cabo da espada. Durante bons minutos a floresta retorna em sua calmaria

habitual, e

relaxamos nossa postura. Amós gargalha e balança a cabeça rapidamente, também rio

me achando idiota por estar tão alerta pelo que poderia ter sido apenas um coelho

selvagem.

Continuamos a andar e o ruído retorna—um farfalhar de folhas ou asas—, Amós

estanca no lugar e bufa.

—Fique atrás de mim. —Gesticula com a espada. Encosto minhas costas na dele e

empunho minha faca, se alguma coisa viesse por trás iria se vê comigo. Escutamos o

som de asas novamente, parece estar bem próximo, olhamos para todos os lados em

alerta, e nada.

Aguço meu nariz e sinto um mau-cheiro de queijo estragado misturado a cecê. Olho

para o alto e vejo um pé sujo e cascudo, se aproximando, depois tudo fica escuro.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

—Eu vou te matar! —Ouço Amós ameaçar alguém. —Ally. . Acorde.

Abro os olhos me sentindo péssima. Uma dor de cabeça domina o alto de minha

cabeça.

—Consegue se levantar? —Amós me ampara. Assinto e levanto-me zonza. Uma

criatura metade humana e metade sapo nos encara. Parece ser fêmea ou macho, não dá

pra saber. Sua cabeça e pele são de sapo-boi, no entanto, seu corpo assemelha a de um

ser-humano. A criatura plana a poucos centímetros do chão, suas asas de libélula são

negras. —Me pergunto como asas aparentemente frágeis aguentam todo seu peso.

—Olá, meu nome é Grinei, sou uma ninfa da floresta. —Faz uma grande mesura. Amós

a olha dos pés a cabeça e empina o nariz desdenhosamente.

—Mentira. —Aperta os olhos.

—Eu nunca minto filho de humanos. —Diz esganiçadamente, ainda não me decidi se aquela voz era de macho ou fêmea. Tenho a leve impressão de que essa coisa vai ficar

muito ofendida se eu lhe perguntar.

—Difícil de acreditar. —Amós me aperta mais contra seu corpo protetoramente.

—O que que dizer com isso? —Coloca as mãos sobre as cadeiras. Percebo que a coisa

tem garras muito afiadas e sujas, se Amós continuar provocando-a será bem ruim ter

que enfrentar uma criatura alada. Aperto imperceptivelmente sua cintura, mas acho que

ele não entende e solta:

—O que você é, macho ou fêmea?

Amós nos colocaria em apuros algum dia por sua língua solta.

A criatura lhe dá um olhar gelado e furioso depois explode.

—Macho!

—Mas você disse que era uma ninfa.

Tento chamar sua atenção e pedir que cale a boca, mas ele me ignora.

—Eu sou uma ninfa da floresta.

—Você não pode ser uma ninfa da floresta se...

—Não existe ninfos por aqui, seu humano cabeludo idiota. Você não tem a menor

educação me apresentei a vocês, e o que me dão em troca? Ofensas. —Grita. —E se eu

dissesse a você que tem cabelo de menina? Isso não te faz menos homem, não é...?

—Desculpe-nos Grinei ninfa da floresta. Meu nome é Allykah e esse é meu amigo

Amós. Não queríamos lhe ofender, só estamos tentando chegar a...

—Já chega. —Amós me interrompe. —Não dê tantas informações a essa... Coisa.

A ninfa arqueia uma sobrancelha, que mais parece uma taturana queimada.

—Ao reino dos espíritos? —Indaga.

—Isso mesmo. —Confirmo.

—Vão precisar passar por este caminho primeiro para chegar até lá. —Indica a

passagem atrás de si, seu corpo está no meio, nos bloqueando.

—Quanta perspicácia. —Amós apanha as bolsas a colocando nos ombros. —Agora, por

obséquio—faz uma reverência. —poderia tirar o seu mega bundão do caminho?

Torço para Grinei não se ofender e também apanho minha bolsa pesada. Continuo

segurando minha faca por precaução.

—Claro. —Sorri. —Mas primeiro precisam pagar o pedágio.

Gargalha, reparo que os dentes que restam são podres.

—Era só o que faltava. —Amós empunha a espada. —Vamos fazer assim: o pedágio

que darei a você será eu não arrancar essa sua cabeça feia.

—Sinto muito, só aceito moedas de ouro.

—E por que acha que tenho moedas de ouro? —Fala de mau humor.

—Então não vão passar.

—Quer saber? Vou te dá um soco tão forte na cara que vou afundar ela. —Amós fala entredentes furiosamente. Coloco a mão em seu peito e o impeço de avançar.

—Escute Grinei não temos nenhum dinheiro, vir para cá não foi planejado. Precisamos

passar, eu preciso chegar ao reino dos espíritos e resgatar minha irmã antes da lua cheia.

—Suspiro.

—Ainda faltam quatro dias para a lua cheia. —Dá de ombros. —Podem dar a volta e

tentar passagem pelo bosque escuro, talvez a ninfa de lá aceite o soco na cara que seu

amigo tem a oferecer, invés de moedas.

Amós suspira audivelmente.

—Quantos dias isso pode levar? —Pergunto resignada.

—Talvez cinco. Seis...

—Não. —Tento segurar o choro. —Preciso chegar antes da lua cheia... Não tem outra

forma de pagarmos? —Amós se vira para mim arqueando a sobrancelha, o ignoro.

Grinei bate suas asas e se aproxima.

—Talvez... Mas não sei se estará disposta a pagar. —Um sorriso brinca em seus lábios

de anfíbio.

—O que seria? —Amós indaga.

—Eu quero um beijo na boca. Molhado e com língua. —Vira-se para mim fazendo

coisas obscenas com sua língua. Meu estômago se revolve. —Muita língua.

—A única língua que você vai ter... —Amós ameaça.

—Eu faço. —Dou um passo à frente.

—Não! —Amós me puxa novamente. —Eu vou matar esse *frutinha*.

—Ou você—Gesticula para Amós. —Pode beijar os meus lindos pés.

—Tá achando que eu achei minha boca no lixo? —Amós aponta a espada para seu

pescoço. —Você tá é louco de achar que eu vou beijar esse teu pé rachado.

—Então não irão passar! —Grunhi mostrando os dentes. Amós tenta lhe desferir um

golpe, mas Grinei voa para longe, e retorna espumando a boca de raiva. Jogo-me no

chão para não ser atropelada. Amós também se abaixa ainda olhando para cima, pronto

para acertar um de seus pés.

Mas Grinei desvia de seu golpe, e seu vestido ultracurto esvoaça para cima, revelando

mais do que devia.

—Que visão infernal, eu vou precisar de terapia quando sair daqui. —Cuspe no chão.

—Vai beijar meus lindos pés? —Dá meia volta pronto para atacar.

—Não! —Levanta-se num pulo pronto para briga.

—Você vai beijar meus pés siiiim! —Antes que ele ataque Amós eu grito e mostro meu

dedo do meio para ele—com o anel verde que fora da vovó—, ele se retrai, e demonstra

muito desconforto.

—Deixe meu amigo em paz! —Falo entredentes. —E nós iremos atravessar agora, e

não tente nos impedir. —O anel lampeja, lançando um raio verde que ilumina todo o

lugar por menos de um segundo. Grinei foge dali rapidamente e se esconde atrás das

árvores.

99

Amós ainda me olha boquiaberto.

—Vamos. —Falo ainda me sentindo durona o bastante para carregar minha pesada bolsa

com um braço só. Guardo a faca na cintura e começo a caminhar. Amós me imita e

guarda sua espada na bainha. Atravessamos a floresta em silêncio até que ele indaga:

—Mas que porra foi essa que acabou de acontecer? —Amós coça a nuca.

—Bom, sobre o anel...

—Não. Aquele cara esquisito querendo que eu beijasse aqueles pés nojentos. —

Gargalha e o acompanho. —Mas aquilo que você fez... Parou aquela coisa com apenas

um gesto... Você estava muito sexy. —Sorri de lado. Coro.

—Obrigada. —Falo sem jeito.

—Sério. Não que agora você não esteja sexy... Ér... Então. Qual o lance do anel? —

Muda de assunto.

Conto tudo a ele. Sobre como o usei no fundo do lago, depois contra a areia movediça.

—Acredita que ele é magico? —Franzi a testa.

—Possivelmente. Só não entendo como ele poderia ser de minha avó, e porque ele tem

tanto efeito nos seres daqui.

Amós não responde, apenas reflete. Fico imaginando como minha avó conseguiu esse

anel, será que ela já viera aqui? Provavelmente esse anel teria se originado nesse

Submundo, não havia outra explicação.

—Acha que sua avó já veio aqui? —Amós irrompe o silêncio. Sinto como se ele lesse

meus pensamentos.

—Não sei... —Confidencio. Meu estômago ronca.

—Vamos dar uma parada pra comermos. —Concordo com a cabeça, comemos em

silêncio nossa última refeição. —Não se preocupe deve ter muitos animais por aí que

posso caçar. —Sorri e me empurra mais um pedaço de pão.

—Não é com isso que estou preocupada. —Mordo o lábio. Não era mentira totalmente,

ficar sem comida era bem ruim, mas estávamos andando há muito tempo e nada de

chegar a esse reino dos espíritos. Estávamos ficando sem tempo, fora que eu estava com

um mau pressentimento em relação ao nosso destino.

Retomamos nosso rumo. O sol desaparece, é engolido por espessas nuvens escuras.

Apressamos os passos, Amós me passa a jarra d’água e bebo o último gole que

tínhamos. A coisa ia ficar feia se não encontrássemos algum lago o mais rápido

possível.

O ar cai, e relâmpagos cortam o céu.

Continuamos caminhando tentando ao máximo nos manter longe das árvores.

—Estamos no terceiro dia de viagem e não parece que estamos chegando a algum lugar.

—Perco a calma.

—Fique tranquila, é apenas um contratempo. —Amós fala calmamente.

—Como pode estar tão seguro, e tão calmo? Você está vendo o mesmo que eu, talvez

nós nos desviamos do caminho certo. —Digo mal-humada.

—O que está querendo dizer? Porque sou eu quem está nos guiando. —Me encara.

—Talvez... Você... Todo mundo erra.

100

—Não estou errado. É apenas um contratempo, que... —Passa a mão com força sobre o rosto, o deixando vermelho.

—Torinn disse que chegaríamos em três dias... —Insisto.

—Eu estava lá, Ally. —Grita, estressado. —Mas ele não contava que perdêssemos a

porra dos nossos cavalos na maldita areia movediça. Estamos a pé, droga. Me dá um

tempo.

—Para de falar tantos palavrões. —Repreendo-o.

—Eu falo do jeito que eu quiser. Puta que pariu caralho, boceta, porra!

—Você é um tremendo babaca. —Saio pisando duro. Ele me alcança.

—O caminho não é por ai, piroca. —Segura meus ombros e me vira para a direção

certa.

—Foda... Foda-se! —Grito a plenos pulmões. Ele me fita de uma maneira sedutora, isso

faz com que metade da minha raiva desapareça.

—Jovem padwan rápido aprende. —Pisca. —Só que falta muito para ser uma Jedi.

Reviro os olhos e começo a andar mais rápido.

—Hey, me espere. Qual o seu problema, Ally? —Ficamos lado a lado. —Você... Tá

menstruando de novo? —Minha raiva retorna em cem por cento novamente. O ignoro

para não ter que partir sua cara ao meio.

Ao longe avisto um lago imenso, onde podemos conseguir água para estocar. Indico o

lago para Amós e corro até lá. A água é de um azul límpido—dá mesma cor dos olhos

de Amós—, o fundo é salpicado de pedras preciosas, rubis, diamantes, topázios,

esmeraldas, e mais um monte que não consigo nomear. Admiro-as antes de lavar meu

rosto, colo e braços. Mato minha sede e me pergunto como poderia existir um lago

como esse repleto de preciosidades sem ao menos alguém para vigiá-lo.

Sinto vontade de pegar algumas pedras, mas decido que não seria certo. Encho nossa

jarra de água, e de repente percebo uma forma emergir das águas azuis cristalinas.

É uma linda mulher de longos cabelos platinados, nesse instante decido que já não

gosto dela. Sua pele é meio esverdeada, um tom pastel, meio esquisito tenho que

admitir, mas não interfere em nada em sua beleza. Ela me olha com olhos vidrados, seu

vestido está molhado e gruda em seu corpo cheio de curvas.

Olho para onde Amós estava quando o deixei—me certificando de que ele não está

olhando para aquela oferecida—, mas não o encontro. Pelo menos isso. Olho para ela

novamente, seus olhos são azuis cintilantes, mas não tão bonitos como os de Amós,

falando nisso onde ele está? Pergunto a mim mesma.

Percebo que a mulher não olha diretamente para mim, mas por cima de mim. Sigo a

direção de seu olhar e deparo-me com Amós, petrificado. Ele a olha boquiaberto, reparo

que seus olhos estão vazios e congelados. Ela acena para ele se aproximar, e ele começa

a caminhar para o lago.

Levanto-me num pulo, sentindo minhas juntas reclamarem.

—Amós? —Ele parece não me ouvir. —Amós olhe para mim! —Grito jogando

minha

bolsa no chão, e corro até ele. Por eu ser mulher devo ser imune ao poder de sedução

dessa coisa, ou ela já teria me impedido, uso isso em meu favor. Mas essa agora. Será

que essa mulher esquisita era uma sereia e tinha o hipnotizado para que ele se afogasse no lago? Não espero para descobrir.

Caio sobre seus pés e seguro suas canelas, ele não se detém, continua andando me

levando junto. Como se eu fosse apenas uma pedrinha em seu sapato, grito com ele, mas

também não funciona. Mais dois passos e ele estará dentro do lago, não quero nem

pensar no poder que ela terá sobre ele se conseguir fazê-lo tocar a água.

Levanto-me e puxo sua camisa, nada, ele me arrasta junto com ele. O idiota tem muita

força, pela primeira vez isso é ruim para mim. A mulher continua acenando, entro em

sua frente e tento empurrar seu peito para trás, mas ele me empurra e caio no chão. Ralo meu joelho, esbravejo. Desejo encher essa vadia de murros, mas primeiro tenho que

livrar Amós do perigo.

Ele chega à beira, antes que ele entre na água me jogo contra ele, meu corpo dói com

a solidez de seus músculos. Reprimindo a dor tento alcançar seus lábios para

beijá-lo,

quem sabe se eu enfiar a língua na boca dele, ele pode até voltar, pondero. Mas ele é

alto e não o alcanço, merda. Eu sei outra forma que detém um homem em qualquer

circunstância, mas não quero machucá-lo. Ele entra na água e a mulher se aproxima

flutuando sobre o lago.

—Me desculpe. —Peço baixinho e chuto bem forte seu saco, aquilo dói bem mais em

mim, acredite. Ele urra de dor, percebo que seus olhos piscam lacrimejantes. —Vire o

rosto! —Grito, ele ainda rola de dor e me encara sem saber o que está acontecendo.

A mulher começa a cantar para chamar atenção para si. Bufo, que vadia chata. Fico na

frente de Amós enquanto ele se senta e procura a fonte daquela bela voz.

—Me deixe ver. —Pedi enquanto ainda faz careta de dor.

—Vire o rosto, e olhe para o chão. Precisamos sair daqui, tem uma sereia do mau que

quer te afundar. —Ele choraminga, mas me obedece e enterra o rosto na areia. A mulher

retorna, agora atrás do meu ombro esquerdo, começa a cantar mais alto, Amós ergue a

cabeça novamente, mas antes que ele a veja eu desfiro uma cotovelada no rosto dela. —

Esquece. Esse é meu vai procurar outro!

Ela cai na água sangrando verde, acho que quebrei seu belo nariz, mas não ligo. Que

história era essa de querer roubar meu homem, na minha cara ainda por cima? Ela me

lança um olhar furioso, me certifico de que continuo entre ela e Amós.

—Corre. —Murmuro para Amós. Ela aproveita minha breve distração e agarra em meu

pescoço me lançando na água. Lembro-me do meu anel mágico e mostro a ela, mas não

surte efeito. Vagabunda.

—Sua magia barata não funciona comigo. —Grunhi apertando ainda mais minha

jugular. Sufoco sem ar. Minha cabeça começa a latejar, tento arrancá-la de cima de mim,

mas essa safada é muito forte. Tateio minha cintura em busca de minha faca, mas não

encontro, eu devo tê-la perdido na água.

Consigo acertar uma joelhada em seu estômago, e ela afrouxa as mãos ao redor do meu

pescoço, é o suficiente para que eu saia. A água se acalma por um instante, vislumbro

minha faca e a empunho.

—Não ouse se aproximar, ou te mato! —Grito. Noto que Amós se aproxima mancando.

Ela olha para ele novamente sinto um formigamento em meu nariz, e antes que ela o

hipnotize eu a empurro com força. Ela não é forte como Amós, ou qualquer outro

homem, e consigo derrubá-la longe como uma boneca de pano.

102

Seguro em seu pescoço e me preparo para cravar a faca em seu peito, mas desisto, não posso tirar a vida de outro ser humano. Acho que eu nunca conseguiria fazer isso. Eu

não era capaz, enterro a faca no chão da beira do lago. Ela segura em meu pescoço

novamente e me joga com toda força sobre as pedras do lago. O ar deixa meus pulmões,

e quase me afogo. Tento me erguer, mas ela continua a me afogar.

Ela segura meu cabelo e me ergue por alguns segundos.

—Você poupou minha vida, e agora eu tirarei a sua! —Submerge meu rosto novamente.

Minha mão tateia as cegas até que encontro o cabo da faca, a empunho, e a enterro até o

final no coração da sereia maldita.

Ela pisca e olha para baixo onde sangue verde escorre.

—Cantou vitória muito cedo, queridinha. —Forço ainda mais a faca querendo

atravessá-la, seus olhos perdem o foco, e depois a luz. Ela cai sobre mim, pesadamente.

Retiro o que disse, ela não é nem de longe leve como pensei quase me soterra no lago

com seu peso. Uma luz verde irrompe de sua boca, fecho a minha para evitar que ela

entre dentro de mim.

Mas a luz continua se aproximando e entra pelos poros do meu rosto me aquecendo o

corpo todo. Meu anel brilha e suga o resto daquela luz esverdeada, depois se apaga.

Amós a retira de cima de mim, ele se assusta ao ver a faca cravada no peito do cadáver,

mas não diz nada. O corpo sem vida começa a murchar e por fim vira areia branca.

Amós me olha embasbacado.

—Sua pele... Está linda. —Sussurra. Olho meu reflexo na água e vejo que toda a minha

pele brilha como se fosse feita de diamantes.

Depois

Olho para meus braços e minha pele já retornou ao normal. Amós termina de aprontar

nosso acampamento—ainda mancando—, enquanto eu estou sentada, refletindo. Eu

devia estar me sentindo culpada por ter acabado de matar uma criatura viva, mas não.

Pelo contrário, eu me sinto muito bem, revigorada, aquecida e poderosa. Será que era

essa a sensação que Amós sentiu quando matou Eliel e Danai?

Pela expressão de desconforto e a falta de brilho em seus olhos que eu vira, a resposta

era não. Então por que eu me sentia assim? Sentia-me tão bem? Por que aquela luz

entrou em mim, será que era a alma da sereia? E agora eu também era maligna? Devia

ter impedido aquela luz de entrar dentro de mim, mas como? Ela foi absorvida pelos

poros de minha pele, era impossível, fugir de qualquer forma.

“Primeiro de tudo você não devia tê-la matado”, uma vozinha irritante responde.

Mas se eu não a matasse então ela me mataria. Era matar ou morrer, e eu escolhi viver,

digo isso a mim mesma. Insisti para que continuássemos em nossa jornada, mas Amós

achou melhor acampar á poucos metros do lago. Acho que ele pensava que eu estava em

choque—por ter me calado e ficado tão refletiva de uma hora para outra—, a verdade

era bem mais obscura que isso. Não queria ser uma pessoa má.

Queria poder ter meu pai e mãe ao meu lado agora. Eu queria colo. Amós improvisa

uma lança e pesca alguns peixes no lago. Enquanto prepara a fogueira, ele mordisca um

peixe cru, penso que ele cuspirá logo em seguida, mas ele simplesmente mastiga e

engole como se estivesse comendo qualquer outra coisa.

Sorrio, ele faz a vida parecer tão fácil.

—Acho que ainda temos um pouco de sal pra temperar o peixe. —Indica o

peixe,

depois tira uma escama do dente. Ele era tão atencioso... Sorrio de lado para ele e ele

devolve o sorriso, um trovão nos interrompe. Logo, logo começaria a chover. —Vai cair

uma chuva forte agora mesmo. —Coloca meus pensamentos em palavras.

Ele me ensina a limpar peixe, depois os colocamos em espetos—feitos de galhos —,

para assarem no fogo. Comemos, e até tem um gosto bom, não está tão ruim quanto eu

imaginei que estaria. Amós desaba ao meu lado após a refeição, e coloca uma das mãos

entre as pernas e grunhi baixo.

Me sinto culpada.

—Eu te acertei em cheio, né? —Indago tristemente.

—Com certeza. —Solta um sorriso fraco para me confortar—sendo ele que precisa de

conforto—, percebo o quanto eu sou uma filha da mãe sortuda por tê-lo por perto,

mesmo que ele me considere apenas como “a melhor amiga”. —Tenho a impressão de

que nunca mais serei capaz de fazer filho em alguém.

—Para... Não me faça me sentir ainda mais culpada. —Sussurro. Ele se levanta e afaga

meu joelho—acima de onde eu ralei—, estremeço com seu toque.

—Não tinha outra forma de me deter, tudo bem. Essa dor no meu saco mostra que ainda

estou vivo, e não no fundo do lago sendo comida pra peixe, tudo graças a você.

—Falando assim. —Murmuro.

—Uma dúvida que está me consumindo, você disse que eu era seu, pra aquela sereia?

—Me encara. Engulo em seco e sinto minhas bochechas pegarem fogo.

—Não. —Minto.

—Sério?

—É. Eu disse que você era meu amigo, só isso. —O sorriso nos seus lábios murcha, e

ele recolhe a mão do meu joelho. Antes que eu diga algo idiota, começa a chover. Amós

se levanta rapidamente, pega nossos casacos e me leva pela mão até uma enorme árvore

frondosa—que eu não havia reparado antes—, entramos dentro dela.

Ela nos abriga como uma pequena caverna. Varro minha mente em busca da espécie

daquela árvore, será que eu já lera sobre ela? Não me lembro, na verdade acho que

nunca vi uma árvore como aquela. Nos sentamos por cima de nossos casacos, e

esperamos. O silêncio reina, assim como a chuva. Já é noite quando ela ameniza.

—Eu acho melhor dormimos aqui... —Amós começa, mas se interrompe e coloca o

dedo em meus lábios, me silenciando. Ouvimos passos pesados, formas escuras passam

por nossa árvore e se concentram ao redor do que restou da nossa fogueira.

—Eles estiveram aqui há pouco tempo. —Uma voz bestial troveja.

—Ainda podem estar. —Outro diz. Nesse mesmo instante ouvimos sons de relinchos e

trotadas. Amós enlaça minha cintura e me puxa para seu corpo, o ouço desembainhando

a espada, lentamente.

—Acho difícil. Eles devem ter conhecido a ninfa do lago, e fugiram amedrontados, até

deixaram suas coisas para trás, como pode ver.

—Vamos encontrá-los logo, são praticamente crianças perdidas numa floresta. Vai ser

moleza sangrá-los. —Dá um grito de guerra. As formas escuras chegam a quase dois

metros de altura, eles passam por nós novamente e saem galopando a cavalo.

Amós afrouxa seu agarre em minha cintura, e eu desmorono no chão, tentando acalmar

as batidas do meu coração.

—Vamos dar o fora daqui. —Levanto-me, mas Amós me puxa indicando que eu volte a

me sentar.

—Está muito escuro lá fora. Tanto que nem conseguiram nos ver, pode acontecer o

mesmo com a gente. Eles devem estar seguindo nossos rastros, temos que permanecer

aqui, pelo menos até amanhecer.

Não discuto. E acredito que mesmo que eu quisesse fugir ás pressas agora, minhas

pernas não me obedeceriam. Peço a Amós que me abrace forte, ele assente e sinto seus

braços fortes e quentes ao meu redor. Ele me aperta contra si, inspiro seu cheiro

delicioso que me conforta até quase me esqueço de onde estou, e que há criaturas

querendo nos matar.

Eu não achava estar com sono até aquele momento. Enrolo uma mecha de seu cabelo

em minha mão—que cheira a água, brisa de outono, floresta e a Amós—, como se fosse

um amuleto. Minhas piscadas começam a se tornar mais demoradas, até que pisco pela

última vez, e quando abro os olhos novamente já amanheceu.

Ainda estou enroscada no corpo de Amós—por mim eu ficaria assim para sempre—,

volto a fechar meus olhos, ele parece ainda não ter acordado, decido aproveitar seu calor mais um pouco.

—Ei, dorminhoca. —O seu sussurro me arrepia. Suspiro, resignada. E me espreguiço.

—Ai...

—Desculpe. —Solto a mecha que ainda estava enrolada em minha mão. Ele se levanta e alonga o corpo, percebo que ele não manca mais. —Você parece estar melhor.

—Nada como uma ótima noite de sono. —Pisca. Ele dormira sentado comigo nos

braços dele o tempo todo—se fosse eu em seu lugar estaria dolorida—, mas quem sou

eu para refutar. Amós se vira para a árvore e escuto um esguicho conhecido, isso me

lembra de que eu mesma estou muito apertada. Começo a me afastar em busca de um

lugar para fazer xixi. —Ei não se afaste muito. —Fala por cima do ombro. —Fique

onde eu possa te ver. —Gargalha.

Reviro os olhos e solto um Ok. Vou me aliviar atrás de algumas árvores. Quase não

consigo, já que tenho a leve sensação de estar sendo observada, olho para todos os lados e não há nada. Retorno até o lago para saciar minha sede, e partimos logo dali. As peles de urso enrolada em nosso corpo pesa, e nos atrasa um pouco.

Do nada começa a nevar, se fosse em outros tempos, uma mudança brusca assim

chamaria minha atenção, agora nem tanto.

—Lugarzinho amaldiçoado. —Amós cuspi no chão. Não sei por que, mas seu

comentário me incomoda um pouco, me repreendo por estar simpatizando com esse

lugar sinistro. Nossas respirações formam nuvens passageiras em nossa volta.

Arrependo amargamente de ter cortado a droga do meu vestido, agora minhas

pernas

sofrem com isso.

A pele cobre meu corpo como um cobertor, mas mesmo assim ainda peno no frio.

Amós diz para eu ficar ainda mais perto dele, olho para todos os lados e me parece que

andamos em círculos. Em todos os lados há árvores enormes de cor negra e o chão está

coberto de neve, meus coturnos afundam na neve que quase engolem minhas canelas.

—Lá se vai nossa chance de achar nosso café da manhã. —Amós lamenta me olhando

de esgueira. —Seus lábios estão arroxeados.

—Estou bem. —Sorrio.

—Acho que devíamos nos esquentar. —Olho para ele para ver “aquele sorriso”

estampado em seu rosto, mas ele está sério. Antes que eu cogite na ideia uma voz

interrompe meus pensamentos.

—Vocês dois parem já! —Olhamos ao mesmo tempo para trás, e nos deparamos com

um homem enorme coberto de peles. Não conseguimos ver seu rosto que está oculto por

um capuz.

Amós me puxa de arranco e me coloca atrás de suas costas, quase tropeço em meus

próprios pés e caio. Equilibro-me por pouco. Ele retira a espada da bainha e a empunha

ameaçadoramente.

—Estamos parados, e agora? —Amós diz hostilmente. Arranco minha faca da cintura e

me posto ao seu lado com minha expressão mais ameaçadora—mas como sou a mais

baixa dali, não funciona—, o homem gargalha e retira o capuz.

Não é um homem, mas sim um tipo de monstro—bom, pra mim é o que ele parece não

querendo estereotipar—, Sua pele se assemelha a couro velho e presas dente-de-sabre

brotam dos lábios, superior e inferior.

—Você pode ir, mas a garota terá de vir comigo! —Diz calmamente.

Amós explode em risadas.

—Ah cara, qual é? Procura a sua. —Fala divertidamente.

—Não quero lhe machucar filho de Adão, me entregue a garota ou morra! —Brada empunhando um machado de lamina dupla.

—Corra e se esconda, vou descer o pau nesse Rambo do Gueto, depois eu a encontro.

—Fala entredentes, estanco no lugar. —Agora! —Me empurra para o lado com força,

perco o equilíbrio e caio no chão. Continuo lá sentada encarando os dois

alternadamente. O homem tenta chegar até mim, mas Amós se joga no chão e

lhe dá

uma bela rasteira, ele perde o equilíbrio e cai no chão. —Ally! —Grita.

Levanto-me e procuro por minha faca, não posso simplesmente correr e deixar Amós

sozinho com aquela montanha de carne. Não encontro a maldita faca em lugar nenhum,

o orc se levanta rapidamente e desferi um golpe direto na cabeça de Amós—meu

coração para de bater por meio segundo—, mas felizmente ele desvia.

Corro até ele e chuto no meio das suas bolas, acerto o alvo. Ele se recupera no mesmo

instante e me dá uma bofetada forte no lado direito do rosto, caio quase um metro de

distância. Felizmente a neve amortece minha queda, Amós aproveita a deixa e crava sua

espada no peito do orc, que grunhi e retira a espada num arranco só. Sangue negro cai

sobre o gelo fazendo-o derreter.

O orc captura Amós pelo pescoço e o ergue do chão, sua mão tateia o cinto a procura

de seu machado. Levanto-me rapidamente—ainda sentindo meu rosto queimar, arder e

pulsar—, desfiro um golpe em uma de suas canelas com o machado, que solta uma

faísca verde e corta seu pé fora. Mais sangue negro borbulha no chão.

Amós enfia sua faca no olho esquerdo do orc e o golpeia repetidas vezes, até que ele o

solte. O orc cai no chão—e juro, faz tudo tremer com um estrondo—, rolando de dor.

Ergo o machado duplo para decapitá-lo, mas congelo no ar. Tenho medo de que se eu o

matar o poder/ou maldade dele passe para mim, como aconteceu com a piranha do lago.

Amós estende a mão e grata ofereço o machado a ele, com o pé apoiado no peito do

orc ele o decapita. Viro o rosto.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

—Você devia ter corrido quando mandei. —Amós levanta meu queixo para examinar

meu rosto. —Não está tão ruim...

Ele pega um pouco de gelo do chão e coloca contra meu rosto.

—Eu te ajudei não foi? —Objeto.

—Sim, obrigado. Mas se machucou. —Me encara, devolvo o olhar. Percebo que ele

perdeu uma das bolinhas do piercing esquerdo.

—Você perdeu uma bolinha. —Toco seu piercing. Ele estremece—não sei se é por

causa de minha mão gelada ou pelo meu toque—, depois revira os olhos.

—Isso não importa. —Continuamos nos encarando, se fosse com qualquer outra pessoa

eu me sentiria incomodada, mas com ele é diferente. É como se perder em uma galáxia

congelada, admirar um lago—sem ninfas assassinas—, uma miragem. —Você parece

pensar demais.

—Doeu? —Toco novamente seu piercing e deixo meus dedos escorregarem pela sua

barba por fazer, que pinica levemente meus dedos.

—Não mais do que aqueles dois chutes que você deu no meu saco. —Dá um sorriso largo que produz leves rugas em seus olhos. —Vocês garotas sabem mesmo como

chutar, hein, qual é, todas vocês vão á uma escola preparatória de como chutar bolas?

—Na verdade, foi minha mãe quem me ensinou. —Pisco.

—Então é uma tradição que atravessa gerações. —Brinca.

—Você ainda está aborrecido por isso...? Você se sentiria melhor se eu deixasse você

chutar as minhas partes? —Cruzo os braços. Amós passa o indicador e o dedo do meio

nos lábios fingindo pensar.

—Seria errado...

—Não estamos mais na terra, e não tem ninguém aqui pra ver. —Aponto.

—Tudo bem. Eu não guardo rancor. —Fala calmamente. Estou sentindo um misto de

emoção, menos calmaria. Meu coração bate tão rápido que tenho a plena certeza que é

possível ver minha clavícula pular. Amós me encara com uma expressão nítida de fome

e outra coisa que não consigo nomear.

Poderia ser estranho nosso ambiente de flerte—até porque tem um cadáver de orc á

poucos metros de nós—, estamos sentados sobre nossas peles em meio à neve, e está

muito frio. Mas não sinto tanto, a única coisa que tenho plena consciência é do quanto

Amós é sexy, depois de uma batalha, e que minhas bochechas estão pegando fogo.

O orc era gigante e amedrontador, mas Amós não tinha sequer um arranhão. Amós O

Humano Inquebrável nunca fez tanto sentindo como agora. Ele limpa o machado com

um pedaço de tecido, que másculo. Queria agarrar ele pela blusa e beijá-lo o tempo que

meu fôlego permitisse, mas eu precisava de um sinal de que ele também me queria. Não

queria parecer uma tarada, ele tentara me pegar em sua tenda, mas estava chapado até os

ossos, então não conta.

Ficar com alguém trêbado não conta, porque a pessoa não está cem por cento em suas

faculdades mentais. Mordo os lábios e procuro por seus olhos novamente, imaginando

que posso dar uma secada enquanto ele está distraído, mas ele me prende novamente em

seu olhar gelado.

Como em câmera lenta percebo suas pupilas se dilatarem—como se uma jabuticaba se

inflasse num lago—, olho admirada. Será que as minhas dilatam assim também? Em

olhos escuros deve ser mais difícil perceber.

Esse é o sinal pra eu dar uns pegas nele, penso. Seguro sua camisa e o puxo para cima

de mim, é agora ou nunca. Ele vai me corresponder ou me rechaçar, por pouco não

cruzo meus dedos. Seu pomo de Adão se agita quando ele engole em seco e fecha seus

olhos para me beijar.

Ouvimos simultaneamente relinchos de cavalos ao longe, do lado oposto ao que

seguíamos antes de sermos atacados pelo orc. Não é possível, choramingo por dentro.

Amós já está de pé quando volto a abrir meus olhos, ele segura minha mão e me puxa.

Meu corpo esfria instantaneamente.

—Deve ser os companheiros dele. —Segura o machado firmemente. —Eles não vão

ficar felizes de encontrar um dos seus, decapitado, vamos. Precisamos correr com sorte

eles não nos alcançarão.

108

Assinto pegando minha pele do chão e me enrolando nela. Começamos a correr de mãos dadas, torço para que o restante dos orcs apareça pra eu dar uma lição bem dada

neles por terem nos interrompido. Eu jurava que ia rolar... Droga de orcs.

109

Depois

Atravessamos a uma barreira visível que separa a floresta, a parte que neva onde

estávamos, e a parte adiante onde parece estar em plena primavera. Deixamos nossos

pesados casacos caírem a esmo. Amós e eu olhamos instantaneamente para trás —para a

floresta escura—, provavelmente tendo o mesmo pensamento.

Não dissemos nada um para o outro. Sinto o suor brotar em minha testa, costas e por

entre meus seios. Pego minha garrafa d’água e dou várias goladas, depois estendo para

Amós, ele seca o resto, mas não importa. Porque pelo que parece nós chegamos.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

O sol de primavera está forte e quente. O silêncio reina, exceto nossas respirações, não ouvimos mais nada. Nem um pássaro sequer, ou crianças, nada. Começamos a nos

aproximar, os pelos da minha nuca se arrepiam. Amós coloca sua mão sobre o cabo da

espada em sua cintura.

Nos deparamos com uma criança deitada sobre uma relva verde. Chamo, mas não há

resposta. Corro até ela e checo sua pulsação. Está viva, tento acordá-la, mas não adianta.

—Ela está morta? —Amós sussurra.

—Não. —Checo a pulsação novamente. —Parece... Estar dormindo.

Convenço Amós a me ajudar carregá-la até uma carroça logo a frente— protegida do

sol—, a colocamos delicadamente sobre o feno, e continuamos caminhando por aquele

lugar silencioso. Talvez mais adiante encontrássemos alguém desperto para nos dar

alguma informação.

—Você tem um plano? —Interrompe meus pensamentos.

—Tipo...? —Na verdade percebo que nunca cheguei a pensar sobre isso. Chegar ao

reino dos espíritos era meu plano, noto que preciso de um novo.

—Pelo que percebi essa tal rainha não vai nos entregar sua irmã de espontânea vontade.

—Tudo bem. O plano é o seguinte: Encontrar o castelo, localizar minha irmã, e fugir o

mais rápido possível daqui. —Engulo em seco.

—Seu plano parece horrível. —Gargalha, sua voz ecoa pelo silêncio. —Mas eu gostei.

—Se inclina e fala baixinho.

Chegamos à cidade, e a distância um glamoroso castelo se ergue. Brilha demais, quase

nos cegando.

—Bom. Metade do plano já foi. —Aperta o nariz entre o polegar e o indicador. Assinto,

sentindo como o ar está parado, quase opressor. Continuamos adiante, mais lentamente

agora para observar todos sobe algum encanto.

Tudo que encontramos em nosso caminho parece adormecido, pessoas, animais, nem

mesmo as árvores farfalham. Meu estômago se revolve, e se eu tivesse tomado café da

manhã agora seria a hora dele sair. Um taberneiro havia dormido sobre a vassoura—o

que quer que tenha acontecido pegou todos de surpresa—, Olhamos pelos vidros das

casas, e famílias inteiras dormiam sobre a mesa da cozinha—os pratos estão cobertos de

bolor e teias de aranha—, cachorros caídos sobre o trato, o padeiro caído ao lado do que já foi massa de algo algum dia. O que quer que haja acontecido acontecera à noite.

—Isso é tão... —Não encontro uma palavra para descrever aquilo. Meu estômago se revira de novo, sinto um formigamento em todo meu corpo e penso que vou desmaiar.

—Vamos sair daqui. —Amós passa o braço pela minha cintura e me ampara em seu

corpo.

Á poucos metros de distância do castelo surge um homem acompanhado de um gato

cinza e magricelo. Ele veste malhas de ferro e parece ser um soldado. Ele retira o elmo e exibe uma longa cabeleira cor de mel. Amós que havia começado a retirar sua espada da

bainha, a coloca de volta novamente, mas deixa sua mão apoiada no cabo.

O soldado retira um pergaminho do bolso e o abre olhando para nós. Ele se detém e

nos encara.

—Acho que ele quer que nós nos aproximemos. Talvez ele saiba o que houve, e onde

está minha irmã... —Falo sem convicção, alternando meu peso nos pés.

Amós olha examinadoramente ao redor.

—Tudo bem, mas fique atrás de mim. —Obedeço. Ao ficarmos frente a frente ao

soldado percebo que ele é muito baixo, uns dois centímetros mais alto que eu,

provavelmente deve ter no máximo 1,72. Não é nenhum anão, mas perto de Amós é

outra história.

—Isso está confuso. —Murmura. Acredito ser para si mesmo. Ele confere o pergaminho

novamente, e gotas de suor brotam da testa. Ele dá mais uma rápida olhada e inclina o

queixo para cima para poder encarar Amós, depois engole em seco. —Senhorita Allykah

Flowerence? —Se dirige a mim dessa vez.

O gato seco roça minhas pernas, minha pele pinica novamente.

—Sim. —Sussurro. —Você poderia me dizer...

—Certo! —Me interrompe. —A rainha não disse nada sobre um novo convidado...

—Como? A rainha nos espera? —Um arrepio percorre todo meu corpo, Amós aperta

meu ombro de leve.

—Nos leve até ela. —Exige.

—Errado. Apenas uma convidada, sem gigantes selvagens.... —O soldado balbucia. Ele

olha diretamente para mim e diz: —Seu amigo gigante terá que esperar aqui fora.

—Sem chance! —Amós gargalha e retira sua espada. O soldado dá um pulo

sobressaltado e tateia sua cintura, quando sua mão trêmula agarra sua espada ele a deixa cair. Amós ri-se ainda mais. O pobre homem se atrapalha todo tentando catar a espada

do chão, mas sem tirar os olhos de Amós. —Eu não sou um gigante, você que é um

tampinha!

—Gigantes não entram no castelo. São selvagens...

—Sou humano. —Amós bufa.

—Ele é meu amigo, não um gigante. —Completo.

—Humano? —Esbugalha os olhos. —Eres um filho de Adão?

—Se prefere assim.

—Tudo bem. Acompanhem-me. —Gesticula, nós obedecemos. Ele nos conduz para a

entrada do castelo onde tem um amontoado de soldados adormecidos, me pergunto por

que diabos ele está fazendo acordado? O gato ossudo ainda se enrosca em minhas pernas quase me fazendo tropeçar.

—Talvez ela queira negociar sua irmã. —Amós começa tirando-me de meu devaneio.

Antes eu pensava com meus botões se era nesse castelo que eles haviam inspirado os

contos de fadas, porque ele me lembrava em muito o castelo da Cinderela.

—Não temos nada a oferecer. —Sussurro para que o soldado não escute. Se fosse

mesmo isso tínhamos que blefar até conseguir colocar as mãos em Lana.

—Claro que temos. —Amós retira um saco de veludo de um dos bolsos e o abre, está

repleto de pedras preciosas, reconheço-as do lago.

—Você pegou...?

—Sim, são lindas demais para permanecerem no fundo daquele lago. Também são bem

mais valiosas do que moedas de ouro. —Sorri. Rio também me lembrando da ninfa da

floresta que mais se parecia um ogro.

Meu anel brilha. Movida a um pressentimento retiro-o e o guardo em meu sutiã.

Chegamos à muralha que parece feita de diamantes, o sol bate refletindo arco-íris no

chão. Sabíamos que esse era um reino muito rico, todas as casas que víamos na cidade

eram monumentais, mas isso já parecia absurdo.

O castelo é imenso. Feito de cristal e pedras preciosas, como uma cidade vertical com

torres cristalinas e pontes muito brilhantes, repleto de câmaras e torres, salões com

domos e corredores infinitos.

—Que beleza de castelo. —Amós pisca para mim enquanto adentramos no imponente

castelo, com todo aquela berrante demonstração de poder e riqueza. Imagino quanta

fortuna foi gasta ali. Somos conduzidos a um enorme salão, onde há uma mesa

comprida de carvalho coberta com um tecido aveludado cor de ouro, repleta de todas as

guloseimas que se possa imaginar.

Nada havia me preparado para o que vinha a seguir.

112

Depois

Congelo-me no lugar enquanto Lana corre para meus braços. Abraço-a fortemente e a

rodopio no ar—como eu sempre fizera—, antes de soltá-la para que pudesse

respirar

abraço-a uma vez mais, não acreditando que ela realmente está ali.

Tento dizer algo, mas minha voz não sai.

—Allykah. Você demorou, ficamos dias esperando por você. —Enrola seu cabelo loiro

no dedo. Arqueio a sobrancelha e olho para Amós, ele semicerra os olhos e fecha a cara

examinando todo o lugar.

O soldado trapalhão quase me atropela para se postar em minha frente—penso que ele

irá levar Lana para longe de mim—, mas ele apenas faz uma longa reverência.

—Finalmente. —A voz ecoa enquanto uma linda mulher desce graciosamente as

escadas. No mesmo instante que a vejo—reconheço que somos parentes—, minha ficha

cai e sinto minhas pernas fraquejarem. Todos os pelos do meu corpo se eriçam, e um

formigamento se inicia sob minha pele.

Amós entrelaça os dedos nos meus, aperto-os.

Antes que eu segure os ombros de Lana ela corre em direção à mulher e lhe dá um

grande abraço. Ela me encara dos pés a cabeça e dá um meio sorriso aprovando. Seu

sorriso se alarga ao desviar para Amós.

—Já chega Tenório. —O soldado que ainda estava a reverenciando se levanta e se posta

na ponta da mesa junto aos outros soldados.

—Quem é você? —Encaro sua mão que segura a de Lana.

—Quanta frieza. —Sorri com seus dentes brancos e perfeitos. —Esperava um encontro

mais afetuoso de minha outra adorável bisneta.

Minha garganta seca.

—Lihrá. —Sussurro. A encaro novamente, mas ela é totalmente diferente do que eu

imaginava. Minha avó tinha cabelo e olhos claros—minha mãe era idêntica a ela, só que

uma versão bem mais jovem—, imaginava que ela havia herdado isso de minha bisavó.

Eu não podia estar mais enganada.

Lihrá é Alta e esguia, sua pele cremosa é de um tom amendoado. Seu cabelo escuro—

mesmo tom que o meu—, é ondulado e rebelde—assim como o meu—, seu traços são

finos como de uma elfa. Ela é extremamente bela.

—Isso é... —Amós não termina a frase.

—Vejo que pelo menos já ouviu falar de mim. —Vem em minha direção e me arranca

das mãos de Amós, dando-me um caloroso abraço. Ela praticamente esmaga meu rosto

entre seus seios. —Você é tão linda. —Segura meu queixo. —Oh! Vocês devem estar

famintos...

Segura em minha mão e me leva até a mesa, puxo Amós junto. Ele se senta ao meu

lado me olhando interrogativamente. Devolvo seu olhar, sem ter o que dizer. Lana se

senta na ponta junto a nossa... Não consigo ligar aquela mulher a nossa bisavó, é

impossível. Ela é jovem demais, talvez seja uma imortal.

—Sirvam-se. —Bate palmas. —Onde está o pudim que eu pedi há mais de uma hora. —

Grita.

—Aqui. —Reconheço a voz. —Eu sinto muito os anões haviam roubado o primeiro, tive de fazer outro. —Uma garota de cabelo roxo aparece com um delicioso pudim e o

coloca sobre a mesa. Sorrio e a olho, ela devolve meu olhar sem animação nenhuma.

Franzo o cenho, percebo que Lihrá presta atenção em nós.

—Vocês se conhecem? —Sorri. Mas sabe aquele sorriso falso de vendedora de loja?

Pois é. Olho novamente para Clarence e ela me diz com o olhar que eu devo negar.

—Não. —Falo como se tivesse a boca cheia de pedras. —Eu só achei o cabelo dela

exótico. Diferente... Sempre quis ter uma cor dessas... —Paro de falar. Sempre que fico

nervosa começo a tagarelar.

—Clarence é uma mistura de elfo com... O que mesmo querida? —Abana a mão

indiferente.

—Ninfa. —Sussurra.

—É. Ela faz o melhor pudim do mundo. Pode ir. —Clarence faz uma mesura e se retira.

—Quem é esse lindo rapaz? —Passa a língua de maneira inconsciente no lábio superior.

Sinto um nó no estômago.

—Esse é Amós, meu melhor amigo. —Suspiro.

—Hmm. O gato comeu sua língua Amós? —Sorri se debruçando na mesa. Ela se inclina

o bastante para que ele tenha uma ampla visão de seu decote.

—Por que você raptou Lana? —Ele lança lhe um olhar ártico.

—Ela me salvou. Criaturas cruéis tentaram me roubar, mas Lihrá me salvou. —Desta

vez Lana responde automaticamente—como se tivesse ensaiado a semana inteira —,

com a boca cheia de glacê de bolo.

—Então por que não a devolveu? —Rebate, ainda encarando-a.

—Amós... —Coloco a mão em seu antebraço.

—Hmm. Você faz tantas perguntas—Joga uma migalha de pão em nossa direção. —,

você é tedioso. Eu não a devolvi porque queria passar um tempo de qualidade com

minhas duas únicas bisnetas.

—O que você é...? O que nós somos? —Indago incerta.

—Vocês devem estar cansados agora. Comam, descansem e conversaremos depois.

Estou com enxaqueca agora, nos vemos amanhã. Serene acomodem os dois após

terminarem de comer. —Sobe as escadas e lança mais um olhar para Amós antes de

desaparecer.

—Não confio nela. —Sussurra em meu ouvido. Assinto.

Serene se posta á certa distância da mesa. Ela não parece ser uma criatura mágica, tem

aparência de uma humana comum de meia-idade. Ela tem as bochechas rosadas e um

sorriso simpático no rosto, já me sinto a vontade com ela de primeira.

Meu estômago ronca, Amós me passa um pedaço de bolo que o pego agradecidamente.

Esse banquete é estranho. Não tem carne ou qualquer outro alimento que um adulto

aprovaria, apenas doces, bolos e tortas. Parece que esse banquete foi arquitetado por

uma criança.

—Foi você quem escolheu todas essas delícias? —Amós pisca para Lana. Pisco várias

vezes assustada de como pensamos iguais.

—Siiiim. Você gostou?

—Eu amei. —Dá uma enorme mordida em uma torta, faço o mesmo. Lana se levanta e

senta-se ao lado de Amós. Ela tem seu cabelo solto, loiros, pesados e rebeldes.

—Quem bom que gostou, posso preparar sua comida sempre que quiser. —Se debruça

sobre a mesa, seu olhos brilham como estrelas.

—Seria muito bom.

Lana o incita a se curvar para que ela lhe cochiche algo no ouvido.

—E se você se casar comigo então você teria muito mais disso. —Sussurra mostrando

toda a mesa, mesmo assim ainda consigo escutar.

Amós gargalha e me olha arqueando a sobrancelha.

—Uma proposta tentadora.

Após terminarmos de comer Serene nos leva até o andar de cima e nos acomoda em

nossos respectivos aposentos. Fico em um quarto ao lado de Lana, e Amós em um

quarto em frente ao meu. Peço a Serene que nos deixe no mesmo quarto, mas ela

arregala os olhos e diz que é impossível, e que ele é meu amigo.

Concordo com ela e digo que nós somos amigos realmente só que temos um “lance”

—pelo menos eu quero ter—, mas ela não se deixa convencer. Obedeço-a por enquanto

porque não quero lhe faltar com respeito e nem encrencá-la.

Sento-me em minha nova e provisória cama cor-de-rosa cheia de frufrus. Afasto os

dóceis que me incomodam e tento organizar meus pensamentos. Lana entra

acompanhada de Clarence. Dou um salto da cama e corro para abraçá-la, ela me aperta

com os dois braços.

Enquanto Clarence anda pelo meu quarto, tranco a porta. Ela examina as paredes e o

teto.

—O que está procurando? —Indago.

—O bichinho de estimação de Lihrá. —Olho debaixo da cama. —Ele é um espião de

sua bisavó, fofoqueiro que só ele.

—E...?

—Não está aqui. —Respira audivelmente.

—Lana eu senti tanta sua falta. —Pego-a em meu colo. Ela me abraça apertadamente.

—Eu também. Você demorou tanto pra vir.

—Tivemos alguns contratempos. Estou tão feliz que finalmente te encontrei. Mamãe e

papai vão ficar muito felizes quando voltarmos.

—Voltarmos?

—É voltarmos pra casa. —Sorrio. Lana se remexe em meu corpo até que eu a

solte, e

escorrega pulando no chão.

—Aqui é nossa casa agora, Ally.

—Não! Você não sabe do que eu sei Lana, a nossa bisavó é... —Antes que eu termine

Clarence me censura com o olhar. Contra minha vontade fico de bico calado.

—A nossa casa é aqui, agora! —Lana diz novamente, se certificando de que eu entendera.

—Claro. —Clarence sorri. —Lana busque seu lindo vestido para que Ally veja o quanto

é lindo.

Lana bate palmas—assim como Lihrá fez—, e sai às pressas do quarto dando pulinhos.

—O que está havendo aqui? —Indago.

—Você precisa ir embora daqui, Ally. —Cochicha. —Eu te avisei tanto para nunca por

os pés aqui no Submundo... Sua cabeça de vento. Você esqueceu não foi?

—Eu não me lembro de você ter dito nada...

—Deve ser todas aquelas porcarias que você tomava... —Revira os olhos. —E dá pra

me dizer quem é aquele deus-nórdico-loiro-gostoso que veio com você?

—É o Amós. E mantenha suas mãozinhas bobas e sujas longe dele. —Advirto.

—Ui. —Coloca a mão sobre o coração. —Que história era aquela que meu

cabelo é

exótico, diferente? Que brega! Meu cabelo é tudo menos exótico... Fiquei ofendida.

—Me desculpe, mas fiquei nervosa. —Curvo os ombros. —Por que está aqui?

—Pra criar roupas para você, e também sempre que Lihrá vai se deitar eu fico

vagabundeando por ai, vai me julgar?

Rio.

—Roupas, como assim?

—Você não quer ficar parecendo uma sem teto para sempre né?

Clarence era uma espécie de estilista mágica. Ela desenhava qualquer tipo de roupa no

papel, e através da magia as tornavam reais. Fiquei meia hora pensando no que eu iria

querer que ela desenhasse, até que ela beliscou meu braço. Lana já havia retornado e me

mostrara seu lindo vestido de princesa cor-de-rosa, não duvidava nada que tivesse sido

Clarence a decorar esse “meu” quarto.

Pedi que ela desenhasse meias pretas de bolinhas verdes para mim—só para testar—,

seus dedos ágeis logo desenharam e coloriam as meias—fiquei com medo de saírem

meias de bonecas que não caberiam nos meus pés—, com algumas palavras ela retirou

um lindo par de meias macias do papel.

“Uau” foi tudo o que consegui dizer.

As meias eram perfeitas e caberiam perfeitamente em meus pés. Noto que eu poderia

ter qualquer roupa que eu quisesse, mesmo assim eu estava sem ideia do que pedir. Pedi

duas calcinhas de seda—na cor vermelha e azul—e dois sutiãs. Percebo que eu estou

fedendo e preciso urgentemente de um banho. Quando meu primeiro lingerie azul ficou

pronto a peguei e fui direto para o banheiro.

Havia um roupão perolado de seda que eu poderia me enrolar, até que minhas roupas

ficassem prontas. Lana e Clarence estavam encarregadas de escolherem. Fechei a porta

do banheiro, e percebi que o papel de parede era rosa bebê, o carpete peludo cor-de-

rosa... Quase tive uma ressaca de tanta fofice. Mas o que mais me atraiu foi a enorme

banheira de louça, e os produtos de higiene feminina.

Tinha shampoo, condicionador, loções, perfumes, giletes—para depilar algumas partes minhas, principalmente minhas pernas peludas—, ajoelhei-me no chão e agradeci a

Deus por ele ser tão bondoso comigo.

Meu banho durou duas horas—foi o tempo que demorei pra tirar toda a imundice de

mim—, deixei o banheiro me sentindo nova em folha.

—Pensei que tivesse morrido lá dentro. —Clarence se levanta. —Preciso desenhar

algumas roupas para Amós, agora. Alguma chance dele ficar pelado pra eu tirar suas

medidas? —Pergunta inocentemente.

—Nem pense nisso. —Digo enquanto desembaraço meu cabelo. —Nós duas sabemos

que você não precisa tirar medidas nenhuma.

—Acho melhor eu ir com você. —Lana a fuzila com o olhar.

—Ótima ideia. —Digo. Clarence mostra a língua a nós duas e sai, Lana vai atrás dela.

Odeio minha ideia de ter deixado Lana e Clarence encarregadas de produzirem minhas

roupas. Remexo no que parece ser uma dúzia de lingeries cor-de-rosa. Reviro os olhos,

tenho mais ou menos duas dúzias de roupas cor-de-rosa que não são usáveis. Encontro

um minivestido vermelho de alcinha com estampa de joaninha—provavelmente Lana o

projetou—, a parte de cima dele me lembra um espartilho. Visto uma jaqueta de couro

por cima. —A peça de roupa mais normal que existe por ali.

Encontro um par de mini botinhas de salto alto em cima da cama—procuro pelo quarto

todo algum outro sapato, ou chinelo, mas não há—, calço aqueles troços—que

contém

três zíperes na lateral, cada.

Vou até a penteadeira e pego um dos muitos colares que estão dispostos em um

nécessaire de veludo preto—retiro o pingente e coloco meu anel no lugar—, abotoou a

correntinha de prata no pescoço e escondo-a dentro do meu decote. Alguma coisa me

incita a escondê-lo de minha bisavó. Saio do quarto por volta das seis. O quarto de Lana está em silêncio, então me dirijo até o de Amós. Preciso vê-lo, ter certeza de que ele está bem—e que acha tudo isso tão esquisito como eu—, no banquete não pudéramos

conversar direito.

Antes que minha mão encoste-se à porta ela se abre, e uma mão me puxa para dentro.

Depois

Amós me solta e senta-se na cama afastando os dóceis transparentes. Admiro-o por um

longo tempo—ele usa uma blusa preta de mangas, uma bermuda cargo e tênis—, está

ainda mais lindo de banho tomado. A barba por fazer continua—talvez aqui não tenha

giletes—, ele sorri me olhando de cima abaixo.

—Eu sei. Estou parecendo uma joaninha gigante. —Suspiro pesadamente e me sento ao

seu lado na cama.

—Eu gostei. —Dá de ombros ainda me encarando.

—Você também gostou daqui?

—Claro, amei. Quando vamos embora? —Arqueia a sobrancelha.

—Logo. —Passo os dedos por seu cabelo ainda molhado do banho, seus olhos se

fecham e tenho que me controlar para não pular nele. Se ele não tocara no assunto do

nosso “quase beijo” não seria eu quem iria. —Onde está Lana e a Clarence?

—Não sei. Saíram daqui á mais ou menos meia hora. —Se vira diretamente para mim.

—De onde vocês se conhecem?

Ele não precisa dizer sei a quem ele se refere. Conto a ele em como conheci Clarence e

Zum, mas não sem antes contar sobre os sussurros que eu ouvia das criaturas esquisitas,

sobre os remédios.. Conto que depois de matar a ninfa d’água o meu anel sugou algo

dela. Despejo tudo nele de uma só vez, ele ouve tudo com uma expressão neutra,

quando termino ele suspira.

—Você consegue explicar por que eu pude ver aquelas criaturas no mundo real, e passei

pelo portal?

Nego com a cabeça.

—Talvez porque você estivesse dentro da minha áurea quando atravessou o portal. Eu

acho que tenho o poder de atravessar pessoas, era isso que aquela bruxa velha na minha

escola queria.

—Ok, pode ser. Mas quando aquelas criaturas te atacaram as vi de longe, eu não estava

perto de você.

Nego com a cabeça.

—Não consigo explicar, precisamos encontrar Clarence ela pode nos esclarecer algumas

coisas. —Como se ouvisse meu chamado, ela entra pela porta. Diz algumas palavras e

ouvimos um click na porta, uma camada azulada nos encobre como um casulo

transparente.

—Agora podemos conversar sem que nos ouçam. —Senta-se no chão de frente para nós

e cruza as pernas. Seu cabelo roxo está preso em uma fita vermelha numa trança

elaborada. Ela nos diz que Lana está em um sono profundo em seu próprio quarto. —

Vocês sabem sobre a lua de sangue, não é?

—Um pouco. —Murmuro.

—Por que todos do reino estão desmaiados? —Amós indaga.

—Ótima pergunta. —Clarence parabeniza. —Na verdade, estão dormindo. Lihrá está se

alimentando da força vital de todos para ficar forte o suficiente para o ritual da lua de 118

sangue. Se ela os sugasse enquanto ainda estão acordados eles morreriam, ela não quer isso. É viciada em poder, gosta de reinar.

—O que acontece nesse ritual? —Um calafrio desce por minha espinha.

—Ela suga toda a energia vital de uma *errant*. É assim desde que ela... —Hesita. —Ela faz isso pelo poder, tornando-se cada vez mais forte.

—O que é uma *errant*? —Indago, me lembrando de que o gigante usou essa palavra

para se referir a mim.

—É latim, significa vagante. —Amós responde antes que Clarence tenha a chance.

—Certo. É uma vagante dimensional que é capaz de transportar criaturas do Submundo

para a terra ou vice-versa, desde que estejam no alcance de sua áurea. —Pisca. Amós

olha para mim e eu assinto, nós dois tivemos o mesmo pensamento: Eu acertei em

cheio. —Agora ela possui você e sua irmã, ambas vagantes.

—E o que isso significa?

—Que ela matará uma, e deixará a outra partir para se reproduzir. No futuro ela irá

pegar um dos seus filhos.

—Não se eu puder impedir! —Levanto-me cerrando os punhos.

—Como você sabe de tudo isso? —Amós quer saber.

—É uma tradição. —Respira resignada. —Sua mãe não lhe contou nada? —Se dirige a

mim.

—Como minha mãe poderia saber disso? —Retruco, querendo não ouvir a resposta.

—Ela sabe.

—Não...

—Sua mãe esteve aqui anos atrás. —Meus joelhos fraquejam e perco o ar. Amós me

puxa para seus braços, o agarro como se ele fosse um bote salva-vidas. Minha mãe já

estivera aqui, ela nunca me contara. Todas às vezes que eu compartilhara com ela que

havia visto algo anormal ela dizia que era minha imaginação. Mentira incontáveis vezes

para mim. Ela me fez acreditar que eu estava louca...

—E o que aconteceu? —Sussurro.

—Já falei demais. —Se levanta. —Falo tanto quanto um espírito inquieto do lago.

Preciso ir agora.

—Não! —Grito, mas ela já desapareceu. A porta se destranca com outro click, e o

casulo desaparece numa bruma azulada. —O que faremos agora?

—Tudo bem. —Segura em meu rosto me fazendo olhá-lo, desvio o olhar não é hora pra

flertar. —Ela nos deu uma dica, você não pescou?

Aperto os olhos duvidando da sanidade de Amós.

—Veja. —Me arrasta até a janela e abre as pesadas cortinas revelando um lindo jardim

de rosas vermelhas e negras—pretas de verdade—, logo adiante há um lindo lago

esverdeado que fica parcialmente encoberto por árvores e trepadeiras.

—O que você está querendo dizer? —Sinto que minha cabeça está lenta e pesada. Meu

anel está quente sob meu peito.

—Deve existir algum espírito inquieto por lá. E pelo visto ele pode nos contar o que queremos saber. —Sorrio e estou prestes a parabenizá-lo quando tudo escurece.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

Minha mente viaja de volta a minha infância com Amós.

Bato na porta dos Krieger pela sétima vez. A senhora Krieger a abre e solta um longo

suspiro.

—Amós já terminou? —Indago sorridentemente. Não sei como isso pode ser possível já

que só tem dez minutos desde minha última vinda aqui.

—Acho que não... —Sorri cortesmente e ajeita a armação de seus óculos sobre seus

lindos olhos azuis cristalino, que ela tinha passado adiante, assim como o cabelo loiro.

Encolho os ombros e encaro o chão. —Você pode entrar se prometer ficar em silêncio

até os garotos terminarem o estudo.

—Sim. —Sorrio novamente e entro, cumprimento o senhor Krieger que lê um pesado

livro na sala, e subo as escadas devagar. A porta do quarto de Amós está entreaberta, ele está acompanhado—como à senhora Krieger mencionara antes —, os dois conversam

em uma língua estranha. Parece hebraico, não consigo entender nada. Bato de leve na

porta, mas eles continuam a conversar e eu entendo a última palavra: Torá.

Sinto-me especial talvez em alguns dias eu até consiga conversar nesta língua com

eles.

—Então os preceitos positivos somam 248, número de órgãos do corpo humano. —

Amós diz fechando um pesado livro.

—Os negativos são 365 preceitos, e não devemos praticar, equivalem ao número de

vasos sanguíneos do homem. —O garoto de cabelo escuro diz. Seus olhos são verdes

como grama.

—Posso ficar aqui até vocês acabarem? —Sussurro não querendo interrompê-los.

Sento-me no chão de frente para eles.

—Já terminamos. —Amós sorri para mim. Depois indica o pequeno chapéu no topo da

cabeça de seu amigo. —Viu o meu kipá*?

O garoto balança a cabeça negativamente enquanto fecha seu livro, depois me encara.

—Quem é ela? —Gesticula para mim. —É uma Goym?

—É minha amiga. —Amós se levanta e suspira.

—O que é uma Goym? —Também me levanto.

Os dois se entreolham por um segundo.

—Cara, eu tenho que ir. Antes que a minha mãe ligue para sua, preciso ajudá-la nos

preparativos. A gente se vê. Shalom. —Acena para nós dois.

—Shalom. —Amós fecha a porta. —Vamos brincar de que?

—O que é uma Goym? —Essa palavra não me sai da cabeça.

—Não importa. —Revira os olhos.

—Ele estava me ofendendo?

Amós ri.

—Não seja boba. Goym é alguém não judeu, ok? Mas isso não tem importância... —

Sorri de lado. Lembro-me vagamente de mamãe ter me explicado sobre isso, ela me

dissera que nós éramos gentios, por isso nossa cultura era diferente dos Krieger. Por isso tínhamos o Natal e eles tinham o Chanucá.

—Aah você quer dizer gentio, né? —Cruzo os braços.

—Sim.

—Então fala direito, não fique se mostrando e usando essas palavras desconhecidas.

—Desculpe, mas não é desconhecida. Não é culpa minha se você não conhece todos os

termos para gentio. —Dá de ombros. —O que meus pais estão fazendo?

—Seu pai estava lendo quando cheguei, sua mãe estava atendendo a porta.

Amós dá um tapa teatralmente em sua testa.

—Como você é burra, ela não está atendendo a porta até agora. —Espia pela fresta da

porta. —Beleza. Acho que dá para nós dois escaparmos pela janela.

—E o seu Kipá?

—Encontro ele depois. —Abre a janela e segura minha mão para me ajudar a descer por

ela. Nós dois nos esgueiramos pelo telhado do andar de cima e tentamos chegar até a

árvore para usarmos seus galhos como apoio.

—Não vou conseguir, as telhas vão quebrar. —Sussurro, sendo tomada pelo pânico.

—Com todo esse teu peso acho bem provável você ser capaz de demolir minha casa. —

Ri baixo, enquanto me guia.

—Amós! —A senhora Krieger grita. Apressamo-nos para chegar até a árvore

rapidamente. Mas o que conseguimos é tropeçar. Amós está tão próximo a mim que sem

querer me empurra, antes que eu caia ele tenta me segurar, então nós dois caímos

do

segundo andar.

Amós cai primeiro—a grama fofa e ainda molhada amortece um pouco sua queda—,

antes que ele vire para o lado eu caio em cima dele.

—Que merda... —Choraminga.

—Desculpe. —Rolo para o lado.

—Você é tão pesada, acho que me esmagou. Não sinto mais meus órgãos, você me

matou. —Geme.

—Então você é um zumbi, já que continua falando. —Limpo minhas mãos sujas de

grama no joelho de minha calça jeans. —Você está sangrando. —Cubro a boca.

Ele leva a mão direita até a testa.

—Não estou não. —Semicerra os olhos.

—Não, sua mão esquerda. —Aponto.

—Ai... Devo ter me cortado na calha. —Diz enquanto se examina.

—Deixe-me ver. —Com a ponta de minha camiseta limpo sua mão, percebo que é

apenas um corte superficial no centro da palma, um pouquinho de mertiolate e pronto.

—Não está tão ruim, tenho mertiolate lá em casa que você pode usar ai. —Indico.

—Hum. Não. Estou bem. —Encara sua própria mão. —Sabe o que deveríamos fazer?

—O que? —Digo enquanto nos levantamos e corremos para o fundo do quintal —onde

há o belo jardim da senhora Krieger, minha mãe sempre vinha aqui ajudá-la a cuidar

dele, enquanto eu e Amós brincávamos de pega-pega nas estufas e quebrávamos alguns

vasos sem querer—, ficamos entre algumas árvores.

—Pacto de sangue. Seremos irmãos de sangue para sempre, topa? —Assinto. Seria

muito bom estar ligada a ele para sempre.

—Como faremos isso, devo subir lá de novo e me cortar na calha também? —Amós

suspira pesadamente e não responde, apenas retira um canivete afiado do bolso e o abre

me entregando. Mordo os lábios e aperto a lamina contra a palma da minha mão, arde

um pouco e lateja.

Amós limpa o canivete em sua blusa e o guarda, enquanto admiro o sangue vertendo

do pequeno corte.

—Devíamos falar alguma coisa antes? —Indago. Ele dá de ombros e antes que eu diga

mais alguma coisa ele une nossas mãos. Entrelaçamos nossos dedos, e um choque

percorre meu corpo, depois o dele. Sua pupila se dilata por dois segundos antes de

voltar ao normal. Caímos resfolegantes no chão, um do lado do outro. Nosso peito

subindo e descendo freneticamente.

—É isso. Estamos unidos para sempre. —Resfolega.

—Para sempre. —Concordo dando um leve aperto em sua mão, que faz meu corte

latejar mais um pouco.

*Kipá (em hebraico הפּיכ, kipá, "cobertura") é o chapéu, boina, touca ou outra peça de vestuário utilizada pelos judeus tanto como símbolo da religião como símbolo de temor a Deus.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

Abro meus olhos, e estou de volta ao Submundo. Reconheço o quarto como sendo o de

Amós. Ele está sentado sobre uma espreguiçadeira, sua testa está franzida ele pondera

sobre algo. Levanto-me da cama chamando sua atenção para mim.

—O que houve?

—Você desmaiou. —Me encara, uma pequena ruga se forma entre suas sobrancelhas.

—Por quantas horas eu dormi?

—Duas. —Se levanta e faz um coque no alto da cabeça dando um nó com o próprio

cabelo. —Na verdade, estamos atrasados para o jantar.

—E o lago? —Sussurro, enquanto coloco meus sapatos.

—Depois a gente conversa. —Diz sem nenhuma expressão. —Vamos.

Lana nos espera no corredor, seu cabelo está preso em uma trança elaborada. Ela

segura minha mão e em sua pressa me arrasta, olho por cima do ombro para ver se

Amós nos acompanha. Ele olha para todos os lados, menos para mim.

Noto que há algo errado. O salão está todo iluminado por diversas velas na mesa de jantar—quem vê de longe até poderia pensar que é um despacho e não um banquete—,

tudo aqui é refinado. Da louça a prataria, até mesmo o uniforme dos criados. Desta vez

a mesa não está repleta de doces. Há vários tipos de carnes assadas, arroz, sucos, tortas e bolinhos, ambos de sal.

Minha fome diminui ao perceber a anfitriã na cabeceira da mesa.

—Que bom que vocês pôde se juntar a nós. —Lihrá diz como se tivesse mais alguém na

mesa além dela. Pergunto-me se ela sabe que eu sei o que ela pretende fazer, deduzo que

não. Se soubesse não se esforçaria em me tratar “bem”, me jogaria em algum tipo de

calabouço de uma vez.

—Sua enxaqueca melhorou? —Pergunto docemente mostrando que eu também sei jogar

esse jogo.

—Estou bem melhor. —Olha lascivamente para Amós enquanto ele se senta ao meu

lado. Finjo que não percebo e Serene nos serve suco de frutas. —Pode nos trazer

cerveja? —Serene assenti. —Aqui temos a melhor cerveja do mundo, aposto que você

adora uma boa cerveja, não? —Se dirige a Amós.

—Prefiro vinho. Cerveja tem gosto de mijo. —Morde selvagemente uma coxa de

frango.

É impressão minha ou há tensão por aqui? Lana se senta do meu outro lado e começa a

brincar com a comida. Obrigo-a comer um pouco de arroz, ervilhas e milho. Serene

retorna carregando um enorme barril de madeira, quase o deixando cair pelo chão.

—Leve de volta, nos traga vinho. —Minha bisavó abana a mão. Serene volta de fasto

bufando. Há meia dúzia de soldados em volta da mesa de prontidão, poderiam muito

bem ajudá-la com o peso. Ou até eu... Mas preciso ficar de olho nessa megera, ela não

para de secar meu amigo, e preciso estar preparada para esganá-la a qualquer momento.

Serene volta novamente, segurando uma espécie de gamela pesada. Amós se levanta e

se oferece para ajudá-la, ele pega o pesado recipiente como se não pesasse nada,

depositando-o sobre a mesa. Os olhos de Serene se iluminam, e ela agradece diversas

vezes.

—Sempre cavalheiro. —Lihrá o encara descaradamente. Clarence aparece para nos

servir, recuso, resolvo ficar apenas no suco.

—Eu tenho algumas perguntas para te fazer. —Pigarreio. Amós olha para mim tentando

ler minha expressão, mas tento ficar neutra.

—Também tenho uma. —Começa. —Sua mãe deu-lhe algum anel antigo, de pedra

verde?

Algo se remexe em mim, e um arrepio desce minha espinha. Faço minha melhor cara

de mosca morta e digo:

—Não. —Assusto-me ao perceber em como a mentira sai facilmente. —Por quê?

—Nada importante. —Sorri falsamente, devolvo soando ainda mais falsa. Lana nos

encara franzindo a testa. Sorrio para ela e aliso seu cabelo. —Sobre o que você quer

saber?

—Por que todos do reino estão adormecidos, e alguns de seus soldados não?

Ela pigarreia.

—Um terrível encanto foi lançado sobre meu reino, mas não conseguiu atingir ninguém de dentro do castelo, por causa da minha proteção mágica. —Explica.

—Que conveniente. —Enrolo uma mecha de cabelo no dedo. Amós chuta de leve meu

pé. —Mas quem poderia ter feito isso?

—O rei noturno do reino vizinho, é claro. Ele não deve ter gostado nada de quando eu

libertei sua irmã das garras dos sombras.

—Sombras?

—Sim, foram eles que raptaram sua irmã pra início de conversa, a mando do rei.

—Para que finalidade? —Pergunto sem vontade. Sentindo uma enorme raiva, por ela

achar que pode me enganar assim. Será que ela acha que sou idiota?

—Provavelmente ele queria usar as habilidades dela em atravessar coisas. Ouvi dizer

que ele sonha em escravizar os humanos, e trazer suas tecnologias para cá. —Beberica

seu vinho, sustento seu olhar. Percebo que seus olhos são âmbar, e não castanhos como

os meus.

Ela desvia o olhar, ponto pra mim.

—Quanto tempo pretende nos manter aqui? —Tenório esbugalha seus olhos, agora que

eu tinha me dado conta de que ele estava ali. Todo atrapalhado como sempre.

—Vocês não são meus prisioneiros. —Diz olhando para Lana, eu, e por último

Amós.

—Então podemos ir embora? Agora, se quisermos. —Digo claramente. Lana abre a

boca para protestar, mas a impeço com o dedo erguido. Um silêncio perturbador se

instala, Serene e Clarence se entreolham, depois os soldados.

—Claro, poderiam ir agora se quiserem. —Sorri, mordendo os lábios. Reparem

“poderiam”, quer dizer que não vamos. —Mas os portais estão selados neste momento.

Eu disse sempre tem o “mas”.

—Por quê? —Meu sangue esquenta.

—São selados na véspera e período de lua de sangue. Minha tia Miranda foi quem

elaborou esse feitiço. —Jurava que quando ela disse Miranda seus olhos faiscaram de

ódio. —Muitos daqui raptavam humanos durante a lua de sangue para... Fins

desconhecidos.

Desconhecidos... Sei.

—Mas há outra forma, não é?

—Claro. Vocês duas são vagantes podem criar um portal próprio, e ir e vir sempre que

sentirem vontade. —Olha para mim e minha irmã.

—Ótimo! —Esfrego as mãos uma nas outras. —Como eu faço isso?

—Você precisaria de um amuleto poderoso tal como o anel que comentei. Para

canalizar

seu poder...

—Mamãe te deu um anel, não foi Ally? —Lana interrompe.

Engulo em seco. Às vezes as crianças são muito inconvenientes, penso comigo mesma.

—É mesmo? —Os olhos de gato de Lihrá cintilam.

—Sim, mas eu o perdi. —Minto na cara dura. Os olhos dela caem sobre meu decote.

Um ou outro, ou ela está me secando, ou percebeu que meu anel está escondido ali. Pelo

jeito que ela olha para Amós com certeza é a segunda opção.

—Você também pode usar uma pedra elementar específica. —Sibila. Isso já estava me

dando uma baita dor de cabeça. —Mas para isso precisaríamos descobrir em qual

elemento sua magia está ligada. Se é terra, ar, fogo ou água. Isso levaria algumas

semanas.

Claro que levaria...

—Você também tem magia, por que não cria um portal para nós?

—Me desgastaria demais, sou bem mais velha do que pareço. E preciso manter minhas

forças intactas, nunca se sabe quando entraremos em uma guerra mágica.

Sei muito bem pra que ela quer manter suas forças. Pra poder estar novinha em

folha

quando for executar sua macumba tradicional, vagabunda!

—Mas se puderem esperar daqui a quatro dias após a lua de sangue os portais se abrirão

para vocês. Então poderão partir. —Sorri largamente, seus dentes cintilam a luz de

velas. Parecia simples demais... Parecia.

Claro que sim, que conveniente. Assim ela nos mantém aqui até o dia de seu ritual

satânico, safada mentirosa!

Mas o que digo é:

—Seria ótimo. —E sorrio até meu rosto doer, pelo resto do jantar.

Depois

Após o jantar Lihrá nos diz que pela manhã nos levará para andar pelas redondezas e

apreciar em como seu reino é belo. Se ela fosse homem eu chutaria sua bolas bem forte,

infelizmente era mulher, mas eu já me contentaria em dar uns bons socos em seus

peitos.

Serene nos acompanha até nossos quartos, digo para Lana pegar alguns travesseiros e

dormir comigo. Amós entra no quarto sem me dizer boa noite. Lana brinca de boneca no

carpete, enquanto repasso tudo que aquela mentirosa me disse—se é que também não é

tudo mentira—, retiro meu anel de dentro do meu sutiã, evitando que Lana o veja.

É bem provável que ela me dedure para a descabelada da minha bisavó vadia. Fico

imaginando qual elemento tenho mais afinidade, odiava água demais, fogo eu duvidava

muito. Ar e terra eram bons candidatos. Ouço uma batida na porta, provavelmente deve

ser Amós.

Meu sorriso desvanece ao perceber que é Clarence.

—Foi até o lago?

—Claro que não. Estou esperando todos dormirem primeiro. —Bufo.

—Ninguém aqui dorme. Principalmente os guardas que rodeiam este castelo. Lihrá não

irá facilitar para você chegar até o lago. Terá que usar sua magia, criar um portal lá para fora.

—Como faço isso?

—Use seu anel. —Gesticula. Olho para o carpete e vejo que Lana adormeceu agarrada a

uma boneca de louça. O coloco em meu dedo.

—Não seria melhor você fazer aquele troço de casulo?

—Como quiser. —Diz algumas palavras e a porta se tranca e o casulo reaparece.

—Tem que me ensinar a fazer isso. —Olho para cima ainda maravilhada.

—É muito fácil. Nós feéricos do Submundo precisamos de palavras para usar a magia,

precisamos aprender e guardar muito feitiços. Já você é uma mestiça, é capaz de acessar

sua magia bem mais rapidamente, e ser mais prática.

—Mestiça? —Pergunto.

—Sim, você e sua irmã. São parte feérica e parte humana, mestiças. Por isso são

vagantes. —Explica. Lembro-me de ter sentido algo em Lihrá, algo além da minha

compreensão. Recordo da primeira vez que bati os olhos nela eu soube que éramos

parentes, não pela semelhança, mas senti algo nela. Talvez sua áurea...

—Lihrá é uma vagante. —Soa mais como uma pergunta, mas é uma afirmação. —Ela é

mestiça, não é uma nativa...

Clarence arregala os olhos.

—Como você chegou a essa conclusão?

Dou de ombros.

—Não sei muito bem, mas eu senti. Já ouviu a expressão “Só um louco para reconhecer outro”? —Suspiro. —Você precisa me ensinar em como acessar meus poderes.

—Tudo bem. Preste muita atenção ao que vou lhe ensinar. —Assinto dando-lhe toda a

minha atenção. —Você precisa visualizá-la como um ajudante faz-tudo. Precisa

imaginar o que quer que ela faça, e assim será. —Sorri.

Continuo a encarando e ela me encara de volta com seus grandes olhos negros.

—E...? —Arqueio a sobrancelha.

—Não tem e, nenhum.

—Sério é só isso, que você tem para me ensinar? —Faço pouco caso.

—Sim. O que você achou que aconteceria?

—Sei lá. Um treinamento Jedi... Minha bisavó disse que levaria semanas só para

descobrirmos a qual elemento eu estava ligada. —Não que eu acreditasse naquela

vagabunda.

—Ela mentiu. —Dá de ombros.

—Então eu apenas visualizo o que eu quero que a magia faça por mim, e puf? —Ela

assenti. Lembro-me que consegui afastar aqueles ursos de pelúcia infernais do lago,

com certeza eu usara magia—sem ter consciência disso, é claro—, eu não dissera

nenhum “abracadabra”, simplesmente a acessei. Claro que eu estava sob muita pressão,

talvez fosse isso, eu precisasse ficar sobre pressão. Apesar de que daqui á pouquíssimos dias minha bisavó pretendia sugar eu ou minha irmã em algum ritual, será que isso

contava? —Quem é Miranda? —Quase havia me esquecido de perguntar.

—Na hora certa você descobrirá. —Retira uma adaga de prata do bolso do vestido e me

entrega. Pego relutantemente.

—Pra quê isso? —Indago enquanto a admiro. Sua lamina reflete um brilho azulado. O

cabo é cravejado de rubis, e todo ornamentado. Há algo gravado na lamina—em um

idioma que desconheço—, mas desaparece quando tento ler, como se eu fosse entender.

—Na hora certa você saberá como usá-la. —Dá de ombros. Isso começa a me irritar,

por que tanto mistério? Por que já não despejava sobre mim tudo que eu deveria saber,

era tão difícil? Antes que eu faça qualquer outra pergunta Clarence me deixa.

Coloco sofregamente Lana sobre minha cama e fecho as cortinas dos dóceis. Ainda são

onze da noite, esperaria mais alguns minutos para me esgueirar para o quarto de Amós

—apesar de que aparentemente ninguém ali, exceto nós três, dormia—, precisava

descobrir o que havia de errado.

Antes que eu esqueça guardo meu anel novamente—preso na correntinha de prata—,

entre meus seios. Reparo pela primeira vez uma enorme estante de carvalho que vai do

chão ao teto, repleta de livros. Talvez ali tivesse algum livro que ensinasse como uma

mestiça acessa sua magia—o que eu duvidava muito—, pelo menos devia ter um que

me explicasse o que eram Feéricos.

Já ouvira esse termo em algum lugar, mas associava apenas a fadas, pelo visto o termo

abrangia muito mais que isso. Por que eu nunca havia me aventurado a ler livros de

fantasia? Aposto que eu teria uma ideia de tais coisas. Todos os livros que folheio estão em um idioma muito esquisito que não tenho a mínima ideia do que pode ser.

Retiro um livro todo empoeirado de veludo amarelo ouro, e o abro. Folheio as

páginas, mas não há uma figura sequer. O fecho e o devolvo. Olho para a estante, analisando-a.

Percebo a ponta de um enorme livro—com cara de grimório sinistro e antigo—, ele

parece ser folheado a ouro, seu brilho quase ofusca meus olhos.

Respiro profundamente e me concentro imaginando que minha magia adormecida

dentro de mim é um pônei e sai saltitando de mim até o livro e o trás até mim. Abro os

olhos e nada acontece. Sinto-me idiota. Mas sei que não sou. Afinal estou no Submundo

onde existem fadas, gigantes, anões, e ninfas. Vasculho meu quarto todo cor-de-rosa e

avisto uma cadeira estofada de oncinha rosa-choque.

Não me sinto nem um pouco culpada quando piso nela—mesmo assim não consigo

chegar até o livro—, droga de cadeira inútil. Tenho a maravilhosa ideia de escalar a

estante, uso o encosto da cadeira como um degrau e vou ao “Infinito e além”, só que

meu infinito é bem perto, então eu escorrego, e minha bunda encontra o além no chão.

Com minha queda brusca alguns livros caem pelo chão fazendo um barulho terrível,

olho para Lana e ela continua dormindo. Deus a abençoe. Levanto-me novamente e

coloco meu anel no dedo mais uma vez. Fecho meus olhos. Concentro-me na cadeira

bufante e imagino que minha mágica é apenas uma bruma cor... Cor-de-rosa. Droga!

Não acredito que imaginei isso, será que tem como mudar?

Abro meus olhos e uma espécie de bruma rosa pálido sai de mim e envolve a cadeira,

me assusto e dou um salto para trás—sem querer me lembro de quando matei a ninfa

d'água e meu anel sugou algo dela—, a bruma volta para mim novamente,

desaparecendo.

—Ok. Isso foi muito sinistro. —Digo baixinho, para que Lana não acorde. O que eu

acreditava ser bem difícil já que nem se mexera quando todos aqueles livros caíram.

Queria contar a Amós o que acabara de acontecer. Mas primeiro eu precisava chegar

naquele livro esquisito. Algo ardia dentro de mim, ali tinha coisa, certeza.

Concentro-me novamente, e a bruma lentamente se desprende de mim e vai até a

cadeira a envolvendo—dando um leve solavanco nela—, imagino que minha magia a

faz levitar, e é o que acontece. Meu anel começa a ficar quente em meu dedo e toda

minha pele formiga.

Testo a cadeira para ver se ela aguenta meu peso, ela não quebra quando subo nela.

Imagino-a abaixando-se para que eu suba depois me erguendo até o livro. Em poucos

segundos eu estou em cima de uma cadeira de oncinha cor-de-rosa que levita. Quando

minha mão toca o livro, ele não se mexe. Começo a impulsioná-lo para frente e para

trás, continua intacto. O puxo para cima, ouço um “Click” e de repente o espelho ao

lado da cama começa a se tornar transparente, até que dá lugar a uma passagem escura.

Desconcentro-me tempo suficiente para cair no chão. Ouço um som esquisito do meu

estômago batendo contra o carpete, viro de lado antes que a cadeira caia em cima de

mim. O livro folheado a ouro continua erguido—como se uma mão invisível segurasse

sua parte superior para cima—, percebo que eu havia encontrado uma passagem secreta.

Pergunto-me se Lihrá tem conhecimento daquilo. Procuro por alguma lanterna, mas

não encontro nenhuma. Decido entrar assim mesmo. Sinto uma brisa deliciosa com

cheiro de canela ao adentrar na escuridão. Meus sapatos de salto alto faz um barulho

ecoante no corredor escuro. Após atravessar o corredor me deparo com uma espécie de

quarto da bagunça ou sei lá o quê. Apesar de estar totalmente escuro eu enxergo

muito

bem ali, então foi bem fácil encontrar o interruptor de luz.

128

O acendo e visualmente vasculho o quarto que é repleto de tapeçarias—com vários desenhos multicoloridos de fadas, cogumelos gigantes, ninfas e belas princesas—,

quadros, baús fechados. Tento abrir um por um, mas todos estão trancados. O chão é

todo acarpetado de vermelho escuro. Apesar de tudo, ali parece muito limpo—era magia

—, ou alguém vinha aqui limpar todos os dias.

Entro debaixo da enorme mesa—afastando as enormes franjas da toalha, que servem

como dóceis—, e me vejo em uma maravilhosa cabana daquelas que crianças amam se

esconder—Lana iria adorar brincar ali—, percebo que do outro lado da franja têm uma

pequena porta ornamentada.

Repleta de desenhos antigos e arcaicos. Garras projetam dela e agarram suas laterais.

Falo “Abracadabra”, “Shazam”, mas a porta nunca se abre. Há um centro vazio nela, em

forma de um círculo pequeno, mas não dou muita importância a isso. Saio de debaixo

da mesa e volto para meu quarto. Preciso mostrar tudo isso para Amós.

Livro-me dos meus sapatos de salto e fico de meia para não fazer muito barulho.

Destranco minha porta e vou pé ante pé até a porta de frente ao meu quarto. Bato duas

vezes—de leve—, com os nós dos meus dedos. Amós abre a porta de arranco e uma

carranca, mas se desfaz quando ele percebe ser eu.

—Ally. —Dá um meio sorriso. —Pensei que já tivesse dormido.

—E quem você estava esperando? —Tenho um mau pressentimento.

Ele passa a mão sobre o cabelo e o joga para trás.

—Para que veio até aqui? —Muda de assunto, não gosto nada disso.

—Lembra-se do lago? Você disse que depois conversaríamos sobre isso. —Sussurro,

não querendo fazer escândalo no corredor e chamar atenção.

—Podemos deixar isso para amanhã?

—Amós, nós não temos tempo para ficar perdendo. —Seguro seu pulso e o puxo, ele

não se mexe.

—Ally... —Franze a testa.

—Amós... —Imito seu tom de voz cauteloso.

—Tudo bem, mas espere ok? —Corre até sua cama e coloca vários travesseiros debaixo

do cobertor para fingir que ele está ali dormindo—isso funciona só com pessoas lerdas,

em minha opinião, mas... —, ele apaga a luz e me acompanha.

Enquanto fecho a porta coloco meu anel de volta na corrente e o escondo. Amós

olha

para a passagem secreta ainda aberta, seus olhos instintivamente voam até o topo da

estante onde o livro folheado pende de uma maneira esquisita.

—Gostou? Descobri sozinha. —Falo orgulhosa. Tranco minha porta e me dirijo até a

passagem, Amós segura meu pulso.

—Vai entrar mesmo aí? —Indaga preocupadamente.

—Não se preocupe já entrei antes, você precisa ver. —Ele assente e me acompanha.

Passamos pelo corredor, e percebo uma alavanca do lado de dentro—em forma de uma

cobra enrodilhada—, seguro-a e a forço para baixo e a passagem se fecha. Olho para

Amós, maravilhada, mas ele tateia as paredes às cegas.

—Ally, você está bem? —Sussurra. Respondo que sim, ele vira seu rosto em minha direção, mas sem conseguir me enxergar. Noto que eu consigo enxergar no escuro por

causa de minha parte Feérica.

—Que legal. Tem uma alavanca por dentro, é bem mais fácil do que ter de subir naquela

estante enorme. —Levanto a alavanca e a escuridão se dissipa revelando uma passagem.

Digo a Amós que é melhor trazermos Lana conosco, ele não entende, mas faz o que eu

peço. Adoro que ele me obedeça sem questionar. Fecho a passagem e ouço um barulho

de Click. Talvez seja o livro voltando ao lugar.

Acomodamos Lana em meio a um monte de almofadas, eu a cubro com uma colcha

branca de linho. Amós examina o quarto, e dá um meio sorriso, aprovando.

—Será que a megera sabe desse lugar?

—Não sei... —Murmuro. —Vem cá, tem algo mais que quero lhe mostrar. —O levo

para debaixo da mesa, afasto as franjas que dão para a parede e lhe mostro a pequena

porta ornamentada.

—O que você acha que tem do outro lado? —Pergunta tão próximo de mim que sinto

seu hálito quente em minha nuca, ainda bem que estávamos debaixo da mesa no escuro,

então ele não me vê se contorcer como uma cobra.

—Não faço a mínima ideia. —Falo desapontada. Amós abre as franjas novamente e sai

de debaixo da mesa, espero alguns segundos e saio também. O encontro admirando uma

tapeçaria.

—Aqui não tem janelas, não faz sentido. Aqui devia ser abafado. —Murmura.

—Nada aqui faz sentido. —Dou de ombros. Conto a Amós minha primeira experiência

com a magia, a cor que ela é e em como ela me ajudou a encontrar essa passagem. —

Agora só precisamos encontrar uma forma de ir ao lago. Tenho que ouvir o que o

espírito inquieto vai nos contar, depois com certeza eu conseguirei abrir um portal para nós voltarmos.

Amós contrai sua mandíbula.

Pergunto-me o que tem de tão ruim em ir embora. Será que ele se apaixonara por Lihrá

e não queria deixá-la? Ou Clarence havia jogado alguma macumba mágica nele?

—Qual é o problema? —O encaro. Ele suspira audivelmente, e passa as mãos pelos

cabelos.

—Sobre o lago... —Passa a mão sobre a barba por fazer. —Acho que não precisamos

mais encontrá-lo. —Olha para o chão.

Eu sabia! Não acredito que eu perdera Amós para minha bisavó, que tipo tinha uns

trezentos anos, praticamente uma múmia bem conservada.

—Do que você está falando? —Exijo saber, meu sangue esquenta e sinto meu rosto

queimar.

—Tem outra forma de você e Lana partirem. —“Você e Lana” ecoam em minha mente.

As lágrimas pinicam meus olhos, mas as reprimo.

—Você... Não vai? —Tento parecer calma, mas minha voz sai engasgada, e isso

faz com

que ele me olhe, me prendendo em seus olhos azuis.

—Ally. Eu te amo você é minha melhor amiga, só quero o melhor para... —O te amo foi

incrível, mas veio acompanhado de “minha melhor amiga”, qual é?

130

—Não me venha com essa! —Interrompo-o. —Estou cansada de ser a droga da sua melhor *amiga*. —Quero ser bem mais que isso, você não vê? Mas não digo.

—O que...? —Dá dois passos para trás.

—Para de fingir que não está rolando nada entre nós. —Pronto falei.

—E o que tá rolando? —Seus olhos procuram os meus, mordo os cantos das bochechas,

pensativa. Ele semicerra os olhos. Na verdade, eu não sei muito bem o que está rolando,

exceto todos os flertes, apesar de que flertar pode fazer parte de sua personalidade

cativante. Será que eu lera os sinais tudo errado? E agora estava fazendo papel de

idiota?

Por que Lana não acordava para me salvar? Olho para ela, e escuto seu leve roncado.

Onde estão os irmãos inconvenientes quando se precisam deles?

—Isso. Esse lance entre a gente. —Cruzo os braços sentindo todo o meu sangue subir

para o rosto. Daqui a pouco eu não aguentaria mais ficar de pé, já que todo meu

sangue

estava sendo bombeado para cima. Amós me encara ponderando sobre algo. —Você

disse que me ama certo? —Mudo de tática.

—Certo. —Responde muito rápido. Que não tenho nem tempo para pensar no que dizer

a seguir. Quando a pessoa mentia ela respondia rápido demais, ou demorava demais...

Não me lembro, mas já havia lido sobre isso. Não importa.

—Então por que quer ficar aqui?

—Quem disse que eu quero? —Se aproxima. Agora minha mente dá um nó.

—Você disse que apenas eu e Lana partiríamos... —Ele contrai a mandíbula novamente.

Qual é o problema?

—Se eu te contar o motivo de tudo isso—gesticula para si—, promete que não vai

surtar?

Ai minha paciência, eu quero mesmo ouvir o que ele tem a dizer? Assinto com a

cabeça.

—Ally. Prometa. —Pedi.

—Vou ver o que posso fazer, darei meu melhor. —Pronto, não menti. Ele passa a mão

pelo cabelo novamente—será que aquilo surtia um efeito calmante nele? —, seu cabelo

comprido e loiro cai em cascatas sobre seus ombros largos.

—Sua bisavó me fez uma proposta, enquanto você esteve desacordada. Ela me fez

prometer que não te contaria, mas não vejo porquê eu seria leal a ela. —A sombra que

havia em seus olhos se desfaz, respiro profundamente, sentindo que um peso enorme sai

de minhas costas e coração.

—Que proposta? —Engulo em seco.

—Ela deixaria você e Lana partir se... —Seu rosto fica vermelho e uma veia pula em

sua testa, penso que ele vai enfartar, mas mesmo assim o pressiono.

—Se...?

—Se eu dormisse com ela. —Respira aliviadamente. Já eu prendo a respiração e pisco

sem parar. Meu coração se acelera e o calor que se concentrava em meu rosto se espalha

pelo meu corpo, eu quero esganar aquela... Eu sabia que ela estava de olho cumprido

para cima de Amós, mas isso? Isso já era demais.

Ela queria usá-lo como um brinquedo, porque era óbvio demais que ela não permitiria que Lana e eu partíssemos. Nós éramos seu bem mais “precioso”, ela precisava sugar

uma de nós duas para aumentar seu poder.

Saio dali pisando duro. Imaginando em como vou usar minha magia para matá-la.

Amós segura meus ombros e me força olhá-lo.

—Você prometeu. —Diz, preocupado.

—Não prometi nada. —Digo a verdade e me afasto de arranco, ele me segura

novamente desta vez mais forte. Explodo de raiva e o empurro. —Ele não se move um

centímetro sequer, mas ele é homem, quero ver Lihrá continuar intacta depois que eu

acabar com a raça dela. —Por que isso, você quer dormir com ela? Ótimo, não vou ser

nenhuma empata-foda, divirta-se. —Grito. —E me avise quando eu puder ir embora.

—Não é nada disso, Ally. Mas não seria sensato atacá-la agora, ela está se alimentando

da força vital de quase todos deste reino...

—Talvez ela não esteja cem por cento, afinal de contas ainda não chegou a lua de

sangue. Quem sabe eu posso acabar com ela? —Falo mais calma.

—Não é recomendável fazer nada de cabeça quente. —Acaricia minha bochecha, um

choque elétrico percorre meu corpo. Lembro-me de que ele me considera apenas como

amiga, e que li todas as porcarias dos sinais errado.

Vou até a mesa e tento me debruçar sobre ela—mas ela é alta demais, parece até mesa

de gigante. —, viro-me tão rápido que me choco com o corpo sólido de Amós que se

aproximara sorrateiramente. Ele me olha ternamente e pega uma mecha de meu cabelo,

um arrepio desce pelo meu corpo. Qual o é problema dele? Se não queria nada comigo

então por que todo esse flerte?

Um silêncio se instala, e consigo ouvir os roncados de Lana. Amós olha para o mesmo

ponto que eu como se estivéssemos sincronizados.

—Por que você ficou tão furiosa com Lihrá por sua proposta indecente? E não venha

negar, igual você fez na floresta quando te questionei sobre a ninfa da água. — Me olha

esperando pela resposta. Tropeço nas palavras antes de começar a falar.

—Eu... Não sei... —Minto. Ele suspira, passa o indicador e o dedo do meio sobre seu

lindo nariz.

—Vamos tentar de novo. —Se inclina até ficar da mesma altura do meu rosto. Pisco,

tendo a certeza de que seu movimento inesperado fez meus olhos juntarem. — Você

sentiu ciúmes? —Engulo em seco enquanto olho para seus lábios, quase me esqueço da

pergunta que eu tenho que responder.

—Senti. —Falo, e minha voz sai pior do que eu imaginava. Ele dá um largo

sorriso,

admiro o quanto seus dentes são perfeitos.

—Por quê? —O sorriso ainda brinca em seus lábios. Reviro os olhos, e sinto meu

coração querendo pular de dentro do meu peito. Tinha certeza de que eu estava inteira

vermelha, e ele continuava com um ar brincalhão, despreocupado. A vida era mesmo

injusta, um dia desses pediria conselhos a ele de como me parecer tranquila em uma

situação dessas.

—Não quero dizer. —Limpo as palmas das mãos suadas em meu vestido.

—Mas eu quero ouvir. —Diz de um jeito todo sexy que—com certeza—, faz meus

olhos juntarem de novo. Sinto o nervosismo me pinicar, quero rir, mas se eu fizer isso

vou quebrar todo o clima igual fiz na caverna. Não ria estúpida Allykah Grace Flowerence.

—Eu fiquei furiosa porque achei que você a quisesse também. —Respiro com

dificuldade. Sem querer eu contornei a resposta que ele queria, e dei a mesma resposta

de antes só que mais enfeitada. Eu que não ia botar todas as cartas na mesa, enquanto

ele ficava nessa de gato e rato comigo.

—Claro que não. —Faz cara de nojo. —Não cheguei a me interessar por ela um minuto

sequer, eu sempre quis você. Sempre foi você, Ally. —Confidencia. Sinto um calor

emanar de seus olhos azuis árticos. Será que eu devia dizer alguma coisa, ou grudar ele?

Eis a questão... Antes que eu tome uma decisão seus lábios pressionam os meus.

Uma descarga elétrica me invade, percorrendo todo meu corpo em instantâneo. Ele me

encara novamente interrogativo—talvez porque eu não tenha retribuído o beijo, será que

ele também sentira aquele choque? —, recuperando-me rapidamente da surpresa

ofereço minha boca a ele.

Amós me pega no colo—seguro em sua blusa, assustada, ele literalmente me pegara de

surpresa—, e me senta sobre a mesa. Antes que eu olhe para baixo ele enterra sua boca

na minha. Jogo os braços em seu pescoço puxando-o, como se já não bastasse, cruzo as

pernas em suas costas para garantir que ele não fuja.

Seus lábios são macios e cálidos, ele me beija intensamente, seus piercings me

arranham de uma maneira prazerosa. Fogos de artifício explodem em minha cabeça,

pareço flutuar para longe daquele quarto e planar no espaço sideral. Onde só nós dois

existimos.

Tento acompanhar, mas devo estar errando em tudo. Ele interrompe nosso beijo e me

olha fascinado.

—Seu beijo... —Arfa. —É tão bom... Muito melhor do que eu imaginei. Eu quero mais.

Demorou.

—Tá... —É o que consigo dizer. Ele segura minha cintura me pressionando para baixo e

me obrigando a deitar. Meu corpo senti falta de seu calor, e reclama. Ele tenta subir na mesa—eu disse que ela era gigante—, mas não consegue.

—Que merda de mesa. —Gargalha. Lana balbucia algo enquanto dorme e se vira para a

parede. Olhamos instantaneamente para ela. Sento-me novamente e jogo meu cabelo

para trás, Amós me pega novamente me ajudando a descer. —Acho que devíamos voltar

pro quarto, e deixar ela aqui. —Suas pupilas estão tão dilatadas que seu olhar se torna

negro.

Quase concordo. Mas Lihrá poderia aparecer, ou até mesmo Clarence. Aqui estávamos

escondidos e protegidos.

—Aqui é mais seguro. —Ainda respiro com dificuldade. Ele assente, vai até onde Lana

dorme e apanha algumas almofadas e as coloca ao lado dos meus pés. Mordo os lábios e

as chuto para debaixo da mesa, ele me olha por alguns segundos sem entender. Agacho-

me, afasto as franjas, e a última coisa que vejo é seu sorriso se abrindo enquanto as

fecho.

133

Depois

Empurro algumas almofadas em direção à parede e deito a cabeça em cima de uma. As

franjas se abrem novamente e Amós entra. Sinto seu corpo pressionar o meu, o contraste

perfeito de seus músculos contra minhas macias curvas.

Seu coração bate três vezes mais rápido do que o meu. Seus lábios procuram pelos

meus, ele me beija, faminto. Sua barba me arranha enquanto ele desce pelo meu queixo

e mordisca minha bochecha, meu pescoço... Enrolo minha mão em seu cabelo sedoso e

empurro ainda mais sua boca contra a minha. Sinto um calor intenso se espalhando pelo

meu corpo, tento retirar a jaqueta, mas Amós não larga minha boca.

Ele entende o que quero fazer e me ajuda. Deslizo minha mão por baixo de sua roupa,

e sinto os pelos macios de sua barriga contra minha pele. Com as mãos livres tento

retirar sua blusa, mas é impossível, ele mesmo a retira e joga ao nosso lado.

Sinto o

calor de seu corpo irradiar pelo meu me fazendo pegar fogo.

Com uma chave de coxa subo nele e o jogo no chão ficando desta vez por cima.

—Eita! —Arfa.

Deito-me em cima dele e retomo nosso beijo do ponto onde havíamos parado. Quanto

mais eu o beijo, mais eu o quero, mais o desejo. Uma sensação inebriante me toma—a

mesma sensação que senti depois de ter matado a sereia do mau, mas afasto esse

sentimento de mim—, me sinto aquecida, e revigorada.

Amós passa um braço pelas minhas costas—no início acho que ele quer me apertar

ainda mais contra si—, e sinto meus seios serem pressionados contra seu peito. Com um

golpe rápido ele está por cima de novo.

Continuamos devorando um a boca do outro—a minha já começava arder um pouco,

mas eu não me importava—, Amós faz um vaivém com sua língua dentro da minha

boca, me provocando, ofego.

—Espera... —Falo ainda dentro de sua boca, ele a separa de mim e espera que eu

termine. —Você tem preservativo? —Era bem difícil eu receber uma resposta positiva,

mas me senti no dever de perguntar. Não que eu achasse que ele tivesse alguma coisa,

mas Amós não era nenhum monge—lembrei-me de quando eu o flagrara com a

amiguinha do sexo, afastei esse pensamento de mim, isso era passado —,Também queria

ter uma ideia de onde isso ia dar.

Ele ri e bufa ao mesmo tempo.

—Ãnnn... Não...? —Faz um silêncio. —Desculpe. Mas quando eu estava escalando sua

janela eu não pensei “Nossa porque eu não aproveito e levo uma camisinha, quem sabe

mais tarde rola”? —Dá uma risada rouca e rola para o lado. Instantaneamente sinto falta

do seu calor, ele me puxa para deitar em seu braço e beija o topo de minha cabeça. —O

que você achou que aconteceria?

Olho para ele, e um sorriso brinca em seus lábios.

—Não sei... Do jeito que as coisas estavam indo. —Arrisco um sorriso, sei que ele não

consegue me ver nitidamente nessa escuridão.

—Bom. Essa é primeira vez que a gente fica. —Semicerra os olhos. —Eu quero

aproveitar mais a sua boca, sabe. Antes de partimos pro *créu*.

Não consigo conter uma gargalhada e tapo a boca para não acordar Lana.

—Argh! Então é isso que você pensa de mim? Sou moço de família. —Segura meu queixo e me beija rapidamente.

Dou um tapa em seu braço livre.

—Sinto muito por abusar da sua inocência. —Gargalhamos ao mesmo tempo.

—Essa mesa não é assim tão merda, afinal. —Diz depois de alguns minutos.

—Só estávamos do lado errado dela. —Brinco. Ele concorda com uma gargalhada.

Minha respiração volta ao normal, mas Amós ainda respira com dificuldade.

—Faz muito tempo que eu quero isso, sabia? —Arfa, seu peito subindo e descendo

freneticamente.

—Então por que nunca me beijou? —Sinto raiva por ter demorado tanto. Ele me olha e

dá um leve sorriso.

—Pensei que você não tivesse a fim. Algumas vezes parecia que você estava me dando

mole, mas em outras... —Me encara por longos segundos, será que ele também estava

conseguindo enxergar nesse breu assim como eu? —Ally?

—Sim...?

—Seus olhos estão brilhando. —Boceja. —Como de um gato. É como duas estrelas,

você está conseguindo me enxergar, não está?

Droga! Acabou minha diversão de espiá-lo no escuro.

—Estou. —Ele estremece quando afago seu peito peludo. Sempre achei homem peludo

nojento, mas não Amós. Eu amava cada pedacinho do seu corpo, estar abraçada a ele era

como deitar em um urso.

Boceja novamente.

—Acho melhor dormirmos por aqui essa noite, estou muito cansado... —Queria beijá-lo

mais... Como ele podia estar tão cansado dessa forma, enquanto eu estava saltitando de

tanta energia?

—Quer dormir agora? —Sussurro.

—Sim. Não estou conseguindo manter meus olhos abertos, e minhas pernas estão

bambas até agora. —Mordo de leve minha bochecha, um arrepio me toma e sinto

vontade de pular nele novamente. Cerro os dentes e procuro me controlar, não posso

ficar pensando apenas nisso. Tento me lembrar do que eu devo fazer, mas minha mente

está nebulosa, e o único pensamento coerente que tenho é que quero muito colocar

algumas partes minhas em Amós novamente.

—Bambas? —Pergunto, e olho para ele me certificando de que ele ainda esteja

acordado já que eu demorei quase um século para responder.

—Sim... —Diz de olhos cerrados. —Literalmente, estou sem força alguma, não consigo

nem mexê-las.

Fecha seus olhos, e sua respiração se torna ritmada—como se já estivesse dormindo há

séculos—, dou uma sacudidela em seu corpo, mas ele não acorda. Continua imóvel e

lindo. Levanto-me para poder olhá-lo melhor, ele parece tão sexy. Passo minha língua

em meu lábio superior, e se eu...

135

Dou-me uma bofetada, mentalmente. Preciso sair daqui antes que eu grude nele, não confio em mim. Beijo sua bochecha rapidamente e me obrigo a sair de debaixo da mesa.

Longe dele meus neurônios retornam ao seu funcionamento, fico sem entender.

Lembro-me de ter feito o mesmo gesto de Lihrá—ao lamber meu lábio, como se Amós

fosse um doce muito gostoso, bom não era mentira a parte do *gostoso*—, bem que eu podia voltar para lá e obrigá-lo a acordar e recomeçar a nossa sessão de pegação.

O que está havendo comigo? Começo a chorar baixinho, pego um travesseiro e me

deito ao lado de Lana—minha mãe sempre dizia que chorar antes de dormir faz o rosto

inchar—, não me importava. Será que eu era algum tipo de ninfomaníaca?

Esvazio totalmente a minha mente e decido que agora eu preciso dormir amanhã me

preocupo com tais questões. Não sei que horas são, mas já deve ser bem tarde.

Apesar

de me sentir pronta para correr em uma maratona, não me lembro de muita coisa após

fechar meus olhos.

136

Depois

—Sem chance, você não vai encostar nela! —Ouço Amós esbravejar.

Espreguiço-me, sentindo-me novinha em folha, ainda alheia ao que acontece ao meu

redor. Pisco duas vezes para acreditar em quem vejo.

—Zuuuum. —Sorrio e me levanto num pulo. Meu velho amigo Zum está parado á

poucos centímetros de mim, Amós está entre nós o fuzilando com os olhos.

—Conhece esse... —olha-o de cima a baixo mais uma vez—cara?

—Sim, é o Zum. —Estendo os braços. Zum saltita em minha direção e me dá um abraço

de urso. Inspiro seu cheiro de lavanda. Reparo sua roupa um tanto exótica, um terninho

rosa-choque, e acompanhado de botas de cowboy. Ele retira a echarpe branca de cetim e

a joga no chão. Imagino comigo mesma que ele até poderia se passar por um humano,

se não fossem seus olhos lilases, cabelo e sobrancelhas cor cinza. Seu cabelo

desgrenhado cai em fios alvoraçados e rebeldes.

—Senti muita saudade de você. Tentei me comunicar antes, mas... Por que eu estou

tentando me explicar? Você me i-g-n-o-r-o-u! Cachorra. —Gira o pescoço.

—Não fale assim com ela. —Amós se aproxima para intimidá-lo com seu olhar gelado.

Sorrio feliz por ele me defender.

—Uf. Que calor, quem é esse raio de sol? —Se abana.

—Segura sua onda. Esse é Amós. —Aponto. —E para seu próprio bem, acho melhor

ficar longe. —Amós entrelaça seus dedos nos meus, os aperto e sorrio para ele. —Que

história é essa de que te ignorei?

—Foi o que me pareceu. —Examina suas unhas sujas. —Enquanto rocei na sua perna.

Senti o corpo de Amós ficar tenso.

—Aah você era aquele gato estropiado? —Falo, examinando Amós. Reparo que ele

solta o ar e seu corpo relaxa. Olho para as almofadas e Lana ainda dorme, eu devia me

preocupar? Será que minha bisavó havia lhe lançado algum feitiço à distância?

—Estropiado. —Repete ofendido.

—Como entrou aqui? —Amós interroga.

—Já estava aqui desde ontem. —Me lança um olhar cúmplice, minhas bochechas

coram. Será que ele estava espiando Amós e eu enquanto nos pegávamos com

vontade?

Meu rosto queima ainda mais, tenho vontade de chutar suas bolas.

—Não foi essa merda que eu te perguntei. —Amós esbraveja. Zum dá uns passos para

trás—intimidado com a altura de Amós, ou seu olhar, tanto faz porque adorei—, e quase

cai sobre as almofadas. Se ele havia mesmo ficado ali desde ontem nos bisbilhotando

ele bem que merecia uns tapas.

—Eu entrei aqui quando Allykah foi até seu quarto. Ia me mostrar, mas achei melhor

esperar até que eu saísse da forma de gato.

—Então você ficou assistindo a gente de camarote...? —A tensão volta para o corpo de

Amós.

—Sim. —Responde sem hesitar. Quase engasgo, o rosto de Amós se torna vermelho

intenso e ele cerra os punhos. —Aliás, você tem um abdômen fenomenal. Parabéns!

—Vou te dá três segundos para correr, e depois disso eu vou fechar minhas mãos no seu pescoço e quebrar ele!

—Ele não está falando sério, né? —Zum treme igual a uma vara verde, mas não sai do

lugar.

—Não. Ninguém aqui vai matar ninguém. —Acalmo Amós afagando seu braço —ele

estremece involuntariamente, me fazendo sentir também um frio na barriga—, pigarreio

ciente de que Zum nos observa. Um sorriso brinca em seus lábios.

Pergunto-me que horas são.

—Você precisa se arrumar para o café da manhã. —Zum interrompe meus pensamentos.

—Não quer irritar a megera, não é?

Assinto, me aprumando.

—O que você é, quais são seus poderes?

—Não consigo criar um portal, se é o que está pensando Allykah. Se não eu já tinha é

dado o fora daqui, queridinha. —Cruza os braços e usa um tom afetado. —Eu sou um

duende mestiço, minha mãe era uma bruxa, ou sei lá o quê. Consigo fazer alguns

truques, principalmente me metamorfosear. Por enquanto só em gatos. —Dá de ombros.

—Então você é um inútil? —Amós arqueia a sobrancelha.

—Eu disse que essa limitação é temporária. —Responde ofendido. —Pelo menos eu

tenho algum poder.

—Que beleza de poder, hein? —Amós debocha.

—Pelo menos não sou um humano idiota. —Mostra a língua. —Uma presa fácil...

—Sou humano sim, mas sou bem mais perigoso do que você ousa pensar seu duende

anãozinho idiota.

—Perigoso. —Zomba. —Eu percebi mesmo o quão perigoso você é. Ficou miando

como um gatinho enquanto nossa pequena Ally fazia um banquete de você.

Foi à gota d’água. Amós se desvencilha de minha mão e agi tão rápido que quando me

dou conta Zum já está no chão se debatendo enquanto as enormes mãos de Amós se

fecham em seu pescoço.

Lana acorda, finalmente, pena que é em um momento tão tenso. Peço para Amós soltá-

lo, mas seu ódio o impede de me ouvir.

—Tire esse gigante cabeludo de cima de mim. —Zum bota a língua pra fora se

sufocando. —Nossa... Estou me apaixonando.

Lana cobre a boca e corre para meu lado. Não sei como parar Amós, o rosto de Zum

passa do vermelho para azul, e não posso deixar que ele o mate. Agacho-me e envolvo

meus lábios nos de Amós, quentes e macios, ele momentaneamente se esquece de tudo

—como eu havia planejado—, mesmo quando Zum está livre eu aprofundo ainda mais

nosso beijo.

Tudo desaparece, e sinto a sensação inebriante me tomar.

Sinto mãos de aços segurar minha cintura, e me puxar para longe de Amós,

choramingo.

—Dois namoradinhos.... —Lana cantarola.

Luto e escapo dos braços de Zum querendo esganá-lo.

—Por que fez isso? Se não percebeu eu te salvei. —Coloco o cabelo atrás da orelha.

—E em troca eu salvei seu humano. —Retruca com uma expressão seríssima. Olho para

Amós que cai arfante no chão.

—Cale a boca *Willy Wonka**. —Se levanta com dificuldade. —Acho que preciso comer algo...

Lana corre e tenta ampará-lo com suas minúsculas mãozinhas.

—Eu te ajudo cunhadinho. —Sorri para mim, retribuo, e depois me viro para Zum.

—O que você quer dizer? —Indago baixo.

—Seus poderes estão aumentando, não pode ficar tendo contato com o humano antes de

aprender a controlá-los. —Com um pulo ele se senta sobre a mesa, acho aquilo incrível,

depois ia pedir pra ele me ensinar o truque.

—Mas o que tem a ver...? —Bufo. —Percebi que sempre que o beijo ele fica fraco. —

Digo com desgosto.

—Você é uma descendente *bem*—coloca ênfase no “bem” — distante de Threline, no

entanto, tem resquícios dela igual à Lihrá, pelo visto são apenas vocês duas. Temos que

esperar Lana chegar à maturidade, mas creio que ela seja diferente.

Não entendo muito bem o que ele quer me explicar, tinha parado de ouvir assim que o

nome de Lihrá foi proferido. Seja lá o que fosse não poderia ser verdade, não queria ter mais nenhuma semelhança com aquela mulher.

Olho ao redor e percebo que Amós—Talvez—, esteja alheio a nossa conversa.

—Quem é Threline?

—Quando conseguir chegar ao lago terá suas respostas. —Responde, resignado.

Que droga! Por que todo esse mistério?

—Por que vocês todos são tão misteriosos, por que todo esse suspense?

—Allykah. —Pega em minha mão e a aperta de leve. —Precisamos descer.

É tudo o que diz. Aproveito para lavar meu rosto e escovar meus dentes antes de

descer. No caminho pergunto aos cochichos no ouvido de Zum se Lihrá ou Clarence

tem conhecimento daquele lugar, ele responde que não, nem mesmo ele tinha até ontem

à noite.

—Não deixe a bruxa saber que você está conseguindo acessar seus poderes. —Cochicha

em meu ouvido.

Antes que eu possa responder ele se metamorfoseia em um gato preto magricela e

estropiado. Roça-se nas pernas de Lana. Amós caminha na frente, Lana no meio junto

ao gato, e eu por último. Ele queria que descêssemos de mãos dadas, mas eu disse que

seria melhor se Lihrá não soubesse sobre nós.

Pensar em “Nós” me dá esperança. Esperança de conseguir abrir um portal, e escapar

daqui levando as duas pessoas mais importantes da minha vida, mas não sem antes dar

uma lição em Lihrá e despertar todos os habitantes daquele reino. Eles não mereciam

ser sugados sempre que ela precisasse de uma *forcinha* extra.

139

Cumprimento-a com desgosto—sem me dar ao trabalho de fingir simpatia por ela—, e me sento. A raiva—por ela pensar que poderia me roubar Amós, por uma noite sequer

—, ainda está em minhas entranhas, e olhar para sua cara de vagaba não ajuda em nada.

—Você demorou. —Sorri sem vontade. —Vocês demoraram, algo especial aconteceu?

—Se dirigi a Lana.

No quarto havia pedido total sigilo sobre o quarto secreto—disse que ela poderia

brincar lá sempre que quisesse, e era um segredo apenas entre mim, ela, Amós e

Zum—,

mas crianças são imprevisíveis, não sabia o que esperar.

—Siiiim. —Lana cantarola. Minha garganta se fecha, paro de respirar, até mesmo Amós

congela.

—E o que aconteceu de tão empolgante? —Dá ênfase ao “Empolgante”.

—Allykah me mostrou todas suas maquiagens, e penteou meu cabelo de um jeito bem

diferente. —Menti descaradamente, mas seu rostinho lindamente esculpido faz tudo

ganhar uma veracidade assustadora. Engulo em seco. —Por isso demoramos.

Lihrá sorri não muito satisfeita.

Relaxo meus ombros, Amós faz o mesmo. Ele faz uma montanha de comida á sua

frente e começa a devorá-la rapidamente, faminto. Lana o imita e faz uma pequena

montanha para si, pena que não consegue comer tão rápido. Ele termina com tudo em

poucos minutos, e depois pega mais uma montanha de coisas.

Solto um “caramba”, e ele apenas sorri. Até que não queria ficar o encarando, mas

olhá-lo devorando toda aquela quantidade de comida é... Fascinante. Não entendo como

ele consegue ter tanta fome em um momento como esse, mas bom pra ele. Olhá-lo

comer é como assistir um animal voraz se alimentando, algo se agita dentro de mim,

mas o fogo se apaga ao perceber que Lihrá nos encara, alternadamente.

Lihrá nos convida a passear com ela para conhecer a extensão de seu reino, mas

recuso, quase que imediatamente.

—Tudo bem. Lana e Amós vão adorar me acompanhar, estou certa? —Sorri de forma

lasciva para Amós, ele trava a mandíbula, depois lhe lança um sorriso amarelo.

—Claro. —Coloca as mãos nos bolsos.

—Não sei... Acho que olhar para um reino repleto de cadáveres estropiados no chão não

é o melhor passeio para uma criança. —Faço minha melhor cara de sonsa.

—Eles estão dormindo, não mortos!

—Amós? Você não precisa ir apenas para não fazer desfeita a minha querida *bisavó*. —

Digo, lembrando a ela o quanto é velha.

—Tudo bem eu quero ir. —Dá de ombros, e quando Lihrá se distrai por um segundo ele

diz “Encontre o lago”, apenas mexendo os lábios. Assinto, triste que ele e Lana precise

acompanhar a megera.

*Willy Wonka é um dos personagens principais do filme e do livro do escritor galês Roald Dahl, ambos chamados no Brasil de A Fantástica Fábrica de Chocolate.

Depois

Subo até meu quarto e encaro os três até que desaparecem em uma carruagem

monumental. Infelizmente nenhum dos guardas a acompanha—não que ela precise que

alguém a defenda, na verdade, é o contrario—, provavelmente ela ordenara que eles

vigiassem o castelo, preciso urgentemente achar uma forma alternativa de sair daqui e

chegar até o lago.

Desço pelas escadas largas e espirais, e vou até a cozinha procurar por Clarence.

Sufoco um grito quando me deparo com duas criaturas bizarras tagarelando entre si,

engulo em seco me decidindo entre correr ou fingir que nada aconteceu.

Antes que eu me decida a primeira faz um floreio e diz:

—Alteza. —Sua voz é bela e melódica, um contraste com sua aparência. Ela é

comprida, seus braços, pernas e pescoço também. E sua cor é verde desbotado, seu

cabelo é de um rosa pálido, que cascateia em cachos sobre os ombros. Fico a encarando

de boca aberta, mas me recupero depressamente.

—Olá. —Minha voz sai abafada, e faço um meio floreio. Ela se volta novamente para

sua panela, pelo visto ela é a cozinheira. A segunda criatura empina seu nariz cor de

pêssego e sai pelos fundos, como se eu estivesse fedendo.

—Não se incomode com Jitn. Ela é leal a Lihrá, mas eu não. —Pisca. Tento não encarar

seu corpo comprido—nem quando ela estica os braços de uma forma assustadora para

pegar um ingrediente para sua sopa—, e pergunto:

—Sabe onde está Clarence?

—Ela está fora cumprindo uma ordem de Lihrá.

Assinto e agradeço. Volto para o enorme salão, depois vasculho todos os cômodos do

castelo—fora os que estão trancados, que são apenas dois—, fico imaginando o que

Lihrá esconde nesses aposentos. Instintivamente encontro seu quarto—aberto—, reparo

que sua cama está toda bagunçada dos dois lados. Acho que mais alguém andou se

divertindo ontem à noite além de mim.

Só de lembrar-me da pressão do corpo de Amós sobre o meu, coro. “Não é hora pra

isso”, digo á mim mesma. Dou uma geral no quarto, em busca de algo que possa me

ajudar contra ela. Passam-se minutos e ainda não estou nem na metade, ela tem dois

closets um masculino e um feminino.

Examino as roupas masculinas, parecem ser caras, e todas são de tons escuros, apenas

as gravatas—ultra coloridas—, que contrastam com todo aquele ambiente

sombrio. Um

frio ártico sobe por minhas canelas e se alastra pelo meu corpo. Saio o mais depressa

dali. Das duas uma, minha tia tem um amante/marido/namorado ou sei lá o quê, ou ela

tem fetiche e se veste de homem das trevas na calada da madrugada.

Pelo o que conhecia dela—se é que eu conhecia sequer um pouco dela—, poderia ser

qualquer um, então fiquei dividida. Saí do quarto de Lihrá mais insatisfeita do que

quando entrei, não encontrei nada incriminador—apenas cremes, maquiagem, roupas e

etc... —, ou que servisse para mim em algo.

Já havia se passado quase uma hora e nada deles voltarem. Volto para meu quarto e

tomo um demorado banho frio. Aquelas roupas masculinas, e a cama desarrumada

daquele jeito não me saia da cabeça.

Se ela tivesse mesmo um namorado ou qualquer coisa do tipo, não teria nos apresentado? E, com certeza não ficaria dando em cima de Amós, certo? Talvez ela

tivesse um rolo com aquele soldado... Qual o nome dele...? Tenório—já que ele

literalmente parecia beijar o chão que ela pisava—, no entanto, ele não tinha cara de ser do mau—claro que o mau não tinha cara—, muito menos de ser o dono daquelas roupas

sombrias.

Claro que se fosse ele mesmo o amante de Lihrá, então ela realmente tinha “motivos”

para escondê-lo, já que ele era um soldado, e ela uma rainha. Não que eu me importasse

com hierarquia, mas fazia sentido. Talvez Lihrá fosse ainda mais louca do que ousei

achar, podia ter transtorno de personalidade, e quem sabe nas madrugadas selvagens ela

dava uma de “*Norman Bates**” .

Após me trocar, visto uma calça jeans, e uma camiseta de renda—que me parece

transparente demais—, tranco a porta do meu quarto e abro a passagem secreta. Nem

mesmo aquele gato magricela idiota está aqui para me ajudar.

Engatinho debaixo da mesa e retiro as almofadas de lá e me aproximo da pequena

porta repleta de insígnias arcaicas. Forço a tranca, depois me viro e acerto-lhe uns bons chutes, mas a maldita portinha continua intacta.

—Hey magricela malcriada! —Vocifera. As insígnias desaparecem, e um rosto

envelhecido se forma na porta. Grito, e a porta tenta morder meu sapato. —Você não

tem um pingo de educação com os mais velhos? Sai distribuindo pancada, sempre que

pode?

—Me desculpe... —Digo me sentando. —Escuta, será que você...

—Você é igualzinha a todas que vieram antes de você. Não, na verdade você é ainda

pior que as outras. —Me interrompe e não para de falar um minuto sequer, tento outra

vez lhe perguntar como posso abri-la, mas não consigo sobrepujar sua voz.

—Cale a boca! —Bufo. —Me desculpe, eu não sabia que portas... Eu não sabia que

você era... Viva. —Tropeço nas palavras.

—E por que portas não seriam vivas, do mundo aonde você vem por acaso não existem

portas?

—Claro que existe. Mas elas não são como você, são portas normais...

—E eu não sou normal? —Vocifera. Reviro os olhos. —Mais que isso, eu sou especial,

sou a melhor porta que existe neste reino, pois levo a muitos lugares se você souber me

usar. Sou a porta mais bem-educada que existe...

—Já entendi. —Minha cabeça começa a doer de tanto que aquela porta tagarela. Tenho

vontade de chutá-la de novo, mas me contenho e pergunto: —Pode me levar a qualquer

lugar?

—Claro. Se você souber aonde quer ir posso te levar a qualquer lugar deste mundo...

—Ok. —A corto antes que comece um monólogo. —Você pode me levar de volta para

minha casa?

—Já não está em casa? —Incrivelmente essa deve ter sido a frase mais curta que soltara

em toda vida.

—Não. Eu não sou daqui, moro na terra.

142

—Hmm. Filha de Eva, uma criatura feita de barro, não? Você não parece uma, talvez seja uma mestiça. Sim, você é mestiça é metade barro e metade Feérica. Faz muitos

anos que ninguém vem até aqui falar comigo...

—Qual foi à última vez? —Pergunto antes que ela tenha tempo de falar mais.

—Há um tempo.

—E quem foi?

—Lilmá. —Responde, sombriamente. Aquilo não faz sentido quem é Lilmá?

—Quem é Lilmá?

—A irmã gêmea de Lihrá. Bom, era...

Minha cabeça dá um nó. Então Lihrá teve uma irmã gêmea, mas o que isso tudo

significa?

—Tudo bem. Você disse que pode me levar aonde eu quiser... —Começo e me ajoelho

diante dela tendo que me abaixar para ficarmos cara a cara. —Poderia me levar de volta

para minha casa?

—Não sou um portal, sou simplesmente uma porta.

Reviro meus olhos.

—Você disse que era a melhor de todas. —Bufo. Ela estala a língua e faz cara feia para

mim. Instantes depois ela sorri—revelando dentes extremamente pontudos—, me afasto

com receio de que ela me morda.

—A chave. —Sorri. Franzo a testa e me pergunto se ela enlouqueceu ainda mais, mas

seus olhos continuam grudados abaixo de minhas saboneteiras, olho instintivamente

para o mesmo ponto que ela, e me deparo com meu anel pendendo na corrente presa em

meu pescoço.

—Isso é uma chave? —Seguro o anel e o indico.

—Não foi o que eu acabei de dizer? —Arreganha os dentes, e seu rosto desaparece. No

lugar reaparecem as insígnias junto ao mesmo pequeno centro vazio. A pedra do anel se

acende iluminando todo o lugar com uma luz verde resplandecente. Apesar de minha

visão de mestiça me permitir enxergar bem no escuro, essa luz é ainda muito bem vinda.

Insiro a pedra do anel no círculo—que cabe perfeitamente—, ouço um click, e uma

engrenagem oculta e enferrujada começa a se mover. As garras se abrem, depois

recuam

para algum lugar oculto, e com outro click a porta se abre.

Um vento frio sopra meu rosto, hesito então a porta se fecha em outro click, as garras

retornam adornando a porta como se ela mesma estivesse de mãos cruzadas. Com um

estalo ela solta meu anel. O rosto na porta não reaparece, saio de debaixo da mesa e o

escondo dentro de meu sutiã—já que não confio na transparência de minha camiseta—,

alguém bate em minha porta.

É Amós e está sozinho.

—E ai? —Diz entrando em meu quarto. Ele dá uma longa olhada em meu corpo de

cima abaixo—se demorando ainda mais na parte da transparência—, como se decorasse

todas minhas curvas de uma só vez.

—Não encontrei ainda. Mas achei uma coisa que pode ser bom... Onde está Lana?

—Não se preocupe, ela está bem. Está com Clarence, Lihrá está descansando. —Dá de ombros.

Assinto.

De repente uma escuridão se apodera do meu quarto—como se já fosse noite—, meu

corpo treme, corro até a janela e olho para o céu que está de vários tons de rosa, lilás e laranja. Raios cortam o céu ocasionalmente.

—Está começando... —Sussurro. Amós se aproxima e me abraça por trás. Seu calor me

aquece e me conforta. Os pelos do meu braço se eriçam quando ele acaricia minha

bochecha com seu nariz. —Como foi o *passeio*?

—Bom, tirando a péssima companhia. —Gargalha ao pé do meu ouvido, estremeço. —

Esse reino é deslumbrante, e claro tirando toda a morbidez em relação aos habitantes...

Fecho as cortinas. Fico imaginando se já não é tarde demais, se eu não deveria

aproveitar esse último dia com Amós. Tudo que eu quero é ficar envolta em seus braços

e sentir seu gosto novamente em meus lábios, me afundar em seu corpo...

Mas não é só por mim que estou à procura de uma saída. É por ele, é por Lana. Mesmo

que Lihrá me mate, ela não libertará Amós—e só de pensar que ela o deseja, meu

sangue ferve—, talvez deixe Lana partir para que ela procrie, e então a história se

repetirá, e repetirá. Nunca terá um fim, e ela sempre vencerá.

—Qual foi a coisa boa que você achou? —Amós me rodopia para me encarar.

Desvencilho-me dele e tranco a porta. O levo até debaixo da mesa—e o sorriso

malicioso que ele me lança me ferve o sangue. —Bem, não era bem isso que eu tinha

em mente, mas...

—Não é nada disso. —Dou um soco leve em seu braço sólido. —Retiro meu anel da

corrente e o coloco novamente no mesmo círculo. Click, e no segundo click a porta se

abre. Mesmo com minha visão de Feérica eu não consigo enxergar muita coisa.

—Uau. Então é uma chave... —Prende seu cabelo em um coque no alto da cabeça. —

Vamos entrar ai, então?

Assinto. Ele me afasta gentilmente da porta.

—Beleza. Eu vou primeiro para ter certeza de que é seguro. —Beija minha testa e entra,

antes que eu possa protestar. Penso que seu peito e ombros largos não vão passar, mas

ele entra, e o sigo pegando meu anel de volta. Click e a porta se fecha atrás de nós. Meu coração salta.

Estamos em um túnel muito escuro e úmido, pelo menos não há nenhum cheiro ruim.

Espirramos ao mesmo tempo pela poeira.

—E agora, o que faremos? —Indaga calmamente.

Não tinha pensado muito nisso. Devia ter perguntado aquela porta tagarela como que

usava esse túnel.

—A porta disse que ela poderia nos levar em qualquer lugar se soubesse usá-la. —Dou

de ombros.

—Até para casa? —Sinto um fio de esperança em sua voz.

—Não... —Suspiro. —Vamos seguir em frente.

144

E é o que fazemos logo em seguida. Rastejando de quatro andamos pelo túnel até que ele se alarga, percebo que ele tem várias ramificações muitos outros caminhos, como

um labirinto de minhoca. Que cocô. Amós fica de pé, faço o mesmo e me pergunto se já

não podíamos ter feito isso antes.

—Há doze caminhos, qual deles? —Amós não parece estar preocupado, como se ele

confiasse cegamente em mim, o que não é mentira. “confio em você”, ele disse isso

muitas vezes, e era verdade porque Amós nunca mentia. Uma de suas qualidades —e

talvez defeito—, era sua honestidade genuína. A confiança dele é como um energizante

para mim.

—Aquele. —Aponto para o mais próximo. Tenho a leve impressão de que qualquer

caminho que nós peguemos nos levará ao nosso destino. Visualizo o lago ao

adentrarmos, seguro na mão de Amós, e demos dois passos, o terceiro é em falso e

caímos.

*Norman Bates é um personagem fictício criado pelo escritor Robert Bloch como o

protagonista de seu romance Psycho.

145

Caímos.

E caímos. Pousamos de bunda no chão sobre algo estéril e escorregadio, gritamos,

escorregamos ainda de mãos dadas. A escuridão é amedrontadora demais para que eu

abra meus olhos, mas sei que ainda estamos no escuro. Amós xinga todos os palavrões

que ele conhece, é como estar naqueles escorregadores de parquinho, só que esse nunca

tem fim, e tem várias ramificações e curvas.

Sinto em meu bumbum que ele tem sim um final, e somos atirados no ar—como em

uma catapulta invisível—, nossas mãos entrelaçadas se soltam, e eu abro meus olhos.

Amós e eu caímos em uma fonte, agito os braços e pernas freneticamente, mas percebo

que ela é rasa.

Levanto-me resfolegante.

—Cassete. Até que foi divertido. —Sorri para mim enquanto torce seu cabelo.

Concordo com a cabeça e meus olhos entram em êxtase. Amós segura minha mão e me

ajuda a sair da fonte de água cor-de-rosa. Há um leão selvagem com o pescoço de um

cervo preso entre seus dentes, e da boca do cervo escorre a água cor-de-rosa—como se

ele sangrasse eternamente—, apesar de ser mórbido eu aprecio.

Andamos pela grama verde resplandecente, repleta de árvores multicoloridas que

piscam—como os pisca-piscas de natal, no entanto elas não estão ligadas em nenhuma

tomada—, os cogumelos gigantes e salpicados de cor psicodélicos eram quase tão altos

quanto Amós.

Uma multidão de formigas coloridas tenta se esconder de nós atrás de árvores e

cogumelos. Ao notar o chapéu triangular e as orelhas pontudas percebo que não são

formigas, mas homenzinhos.

—Veja. —Aponta. —Oompa-Loompas! —Amós gargalha.

—Acho que são duendes. —Sorrio. Ele corre por entre as árvores e pula de barriga a

fim de pegar um, mas suas mãos gigantes se fecham no vazio e ele rola a gargalhadas

pela grama. Os duendes multicoloridos gritam em uníssono, são vozes agudas como de

formiguinhas. Gargalho também, logo à frente posso ver o lago.

Cinco figuras ectoplasmáticas giram balouçantementes de mãos dadas sobre o lago,

como se fizessem uma ciranda eterna. Aproximo-me e Amós segura meu pulso, só ai

percebo que ele está lado a lado comigo.

—É seguro? —Sussurra.

Nego com a cabeça. Na verdade eu não sei. Elas param de girar e se viram para nós

nos encarando, não reconheço nenhum rosto instantaneamente, mas sei que elas são

lindas de morrer, dois rostos se tornam familiares para mim. O primeiro se parece com

minha avó—igualzinha a uma foto que eu vira no álbum de família, de quando ela e sua

irmã gêmea eram ainda muito jovens e posava alegremente para a foto—, e o outro é...

Minha mãe.

Bom, se parece muito com minha mãe, mas sei que não é ela. A minha mãe de verdade

está em casa se lamentando pela perda de Lana, mas não pela minha...

—Uau. Aquela se parece com...

—Eu sei. —Sussurro caindo de joelhos.

Uma delas se aproxima e sinto uma brisa gélida no rosto, ela estende a mão balouçante

e pálida como osso para mim. Amós se posta em minha frente.

—Acho melhor darmos o fora daqui.

—É aqui que Clarence nos disse que há os espíritos inquietos, e aqui estão eles. —Me

levanto decidida. —Acho que ela tem algo para me dizer.

A mulher fantasma continua parada me encarando fixamente, saio detrás de Amós e

dou um passo em sua direção.

—Você tem algo para me contar? —Pergunto me sentindo um pouco boba. Ela não

responde de imediato, mas uma voz fraca ecoa em minha mente.

Não posso contar, mas posso lhe mostrar.

—Ok, mostre-me. —Sussurro.

O humano terá de ficar.

—Amós você terá que me esperar aqui. —Sinto mãos gélidas segurar meu pulso,

percebo que todas se aproximaram e me circundam.

—Ally...? —Segura o cós da minha calça jeans e olha feio para as figuras

fantasmagóricas.

—Tudo bem... Confie em mim. —Ele me solta e se senta na grama verde

resplandecente, seus lindos olhos azuis parecem estar torturados enquanto ele me vê

sendo arrastada para o lago. Os duendes se aproximam dele e alguns até sobem em sua

perna o observando, como se ele fosse o *esquisito* dali.

Com as mãos fantasmagóricas prendendo meu corpo flutuo graciosamente acima do

lago azul esverdeado. Do alto vejo o extenso jardim de rosas pretas e vermelhas que se

concentra do outro lado—o mesmo que vi pela janela do meu quarto—, trepadeiras

recobrem as pedras em volta, e folhas coloridas flutuam sobre o lago translúcido.

Com movimentos rápidos elas me soltam, caio e afundo tão rápido que não tenho

tempo de gritar. Caio em espiral na água gélida, mas não me afogo, chego ao fundo em

questão de poucos minutos. Meus pés se firmam no chão criando ondas de poeira

branca em toda a água.

Fecho meus olhos.

Quando volto a abri-los a fantasma reaparece, antes que eu abra a boca para dizer algo,

ela gira e gira até que forma um tornado branco e ofuscante. A cor verde azulada da

água se transforma em algo espesso e diáfano, fico imersa em um branco total como se

nada existisse. Até que percebo que estou no meio de um filme obscuro em preto e

branco que aos poucos ganha cor e me deparo com um casal de namorados que se

amam.

Juntos os dois concebem um casal de gêmeas. Tudo se desfoca até que reaparece outra

imagem dos dois se separando e cada um levando consigo uma gêmea com dez anos de

idade...

A gêmea que fica agora está em seus vinte anos tem volumosos cabelos ruivos—assim

como a outra, só que o dela arde como chamas—, a vejo enquanto empunha uma adaga

ornamentada e cravejada de rubis—a mesma que Clarence me dera—, a vejo assassinar

a própria mãe.

Ela enlouquece ainda mais e cria milhares de portais à procura de sua irmã, me lembro

da história que eu ouvi da boca da princesa Danis...

Sinto que seu nome é Stella, e de sua irmã é Sllara. Sllara morreu jovem, mas antes concebeu duas filhas gêmeas Marine e Miranda, quando Stella descobre isso ela se ira,

dez anos depois ela leva Marine para o Submundo. Miranda desce até o Submundo e

assassina Stella—sua tia—, libertando sua irmã Marine. Tempos depois Marine dá a luz

a duas crianças Lihrá e Lilmá.

Resfolego sentindo o drama e o enredo que ainda me aguarda...

Vinte anos depois Lihrá dá a luz a Petra e Petúnia, Miranda sequestra Lihrá, e esse é seu erro fatal. Lilmá desce até o Submundo em busca da irmã. Lihrá é ainda mais ambiciosa

que Miranda jamais foi, ela a assassina, e depois assassina a irmã a sangue frio,

roubando a força vital de ambas. Trinta anos depois Lihrá sequestra sua própria filha

Petúnia e a mata, tornando-se ainda mais forte do que Stella jamais fora.

Petra—minha avó, que todos acreditavam ter enlouquecido após o desaparecimento

inexplicável de sua irmã gêmea—, não consegue ouvir os sussurros e muito menos ver

os Feéricos, não atende ao chamado, ela não encontra uma forma de descer até o

Submundo, talvez ela não tenha sangue Feérico. Talvez ela fora a única poupada...

Talvez o gene Feérico tenha ficado adormecido nela.

Então foi ela que nunca veio atrás de sua irmã perdida, não porque não quis ou se

acovardou, mas por que ela não conseguiu encontrar...

Ela dá a luz a Alina—minha mãe—, e Alyne, sua irmã gêmea. Dezoito anos depois

Lihrá rapta Alyne. Vejo mamãe ficar desesperada e descer ao Submundo.

Ela passa pela cachoeira e luta sozinha com a besta alada e consegue chegar ao o outro

lado, passa pelo lago, ameaça à *ninfa* da floresta com o anel, senta-se a mesa com Torinn—no mesmo lugar que eu—, engana os orcs e encontra-se com Lihrá sua avó.

Reencontra sua irmã Alyne, encontra a mesma porta que eu... O lago...

Ela descobre o que tem que ser feito, ela se acovarda. A vejo abandonar sua irmã Alyne

e fazer um trato com a avó. Lihrá gargalha e aceita sugar Alyne e libertar mamãe, e em

troca ela lhe dará a primogênita... Eu.

As imagens desaparecem e no lugar vejo a fantasma de Stella me encarando. Ela

segura meu pulso e me leva até a beira do lago. Dobro-me no meio e choro. Todas

aquelas fantasmas são almas aprisionadas e inquietas que foram assassinadas por

parentes do próprio sangue.

Pior. Eu venho de uma longa linhagem de assassinas. E sei que o único jeito de sair

daqui é assassinando minha bisavó com aquela adaga e tomar o seu lugar como rainha,

só assim poderei salvar Lana, e Amós, talvez a mim...

Amós vem até mim e me abraça, meu corpo treme convulsivamente contra o seu.

Percebo que estou gelada até os ossos. Minha mãe... Alina me enganara. Eu sempre fui

uma moeda de troca, realmente as criaturas pegaram a irmã errada quando trouxeram

Lana.

Alina nunca me amou, ela me concebera apenas para poder me trocar. Eu a odeio com

todas as minhas forças. Agora entendo o porquê Amós sempre se cansa após nossos

beijos. A rainha que deu origem as gêmeas má e a boa, era uma súcubos, mas pelo visto

apenas eu e Lihrá guardamos os resquícios dos genes dela.

—Ally. O que houve? Elas te machucaram? —Me abraça ainda mais forte, o calor de

seu corpo não consegue aquecer o meu, e eu entendo o porquê. Estou gelada até os

ossos... Até a alma.

148

—Eu sei... O que preciso fazer. —O aperto contra meu corpo.

—O que elas disseram?

Conto a ele tudo o que vi com meus próprios olhos, como se eu fosse uma espectadora

que esteve muitas eras observando aquela única geração de assassinas. Conto desde o

início até o final, e quando termino ele parece tão chocado quanto eu.

—Isso é horrível e inacreditável. —Balança a cabeça como se quisesse espantar um

calafrio.

—Precisamos voltar. —Digo sem expressão nenhuma e Amós me acompanha pela

floresta encantada—suas cores em nada me animam agora—, lembrando-me de como

Alina fez quando chegou perto da fonte com o leão de pedra, imagino a porta

ornamentada que me levará de volta ao meu quarto.

Ela reaparece em segundos maior do que jamais fora e entramos.

Deparamo-nos com Clarence e Lana sentadas em minha cama.

—Foram ao lago. —Não foi uma pergunta, mas sim uma afirmação. —Agora você

sabe.

Assinto.

—Vocês precisam se trocar. Lihrá dará um banquete homenageando a chegada da lua de

sangue.

Amós se separa de mim para tomar banho, ele beija minha bochecha antes de ir, tenho

vontade de beijá-lo, mas tenho medo que esse simples gesto possa drená-lo. Enquanto

eu não aprender a controlar meus poderes isso será perigoso. Clarence leva Lana para

seu quarto a fim de prepará-la. Retiro minhas roupas sujas de lama preta—do túnel—, e

vou para o banho.

Lá há duas criadas coloridas que insistem em me banhar, deixo—já que estou

sobrecarregada demais para protestar—, no fim elas me maquiam. Vestem-me com um

lindo vestido esvoaçante de chifon perolado, e deixam meu cabelo solto selvagemente, o

decorando com flores azuis, brancas e rosas.

Olho-me no espelho e quase não acredito no quanto estou linda. As flores ressaltam a

cor castanho-mogno do meu cabelo e minha pele tem um brilho viçoso como de uma

fada, provavelmente o meu poder que despertara.

Quando Clarence reaparece traz consigo Lana—que usa um lindo vestido azul do

mesmo tecido que o meu, que destaca seus lindos cabelos loiros—, elas me elogiam e

saem. Não quiseram me esperar—enquanto eu perscruto meu quarto em busca da adaga

—, a encontro debaixo de meu colchão.

Clarence havia deixado uma bainha de couro com um cinto preso nela, a deslizo por

minha perna e a prendo em minha coxa nua, e coloco a adaga no coldre. As criadas se

retiram deslizando pelo chão, como se flutuassem. Alguém bate na porta.

É Amós. Suas pupilas se dilatam instantaneamente a me ver. Giro me exibindo.

—Você está... —Não consegue terminar. Coro e suspiro audivelmente. Seu cabelo está

preso em um coque no alto da cabeça, e ele usa uma túnica verde-escura ornamentada

com desenhos escuros, calças e botas escuras. Está lindo. Sua barba está por fazer o que o deixa ainda mais sexy e selvagem. —Eu sei... —Percebe meu olhar. —Estou muito

gostoso. —Diz ironicamente, depois bufa decepcionado. —Você parece uma princesa de contos de fadas, e eu um Robin Hood hippie e doidão.

Gargalhamos.

Não resisto e o puxo para mim fazendo-o inclinar, nossos lábios se tocam suave e

rapidamente como se testando, uma corrente elétrica me sacode e sinto borboletas no

estômago, sinto como se eu nunca mais precisasse comer.

Amós beija minha bochecha, minha orelha, depois meu pescoço sua barba roça minha

pele me machucando prazerosamente fazendo um calor latejar entre minhas pernas. Fico

de pernas bambas e praguejo em pensamento por não ter tempo o suficiente.

Uma risada cruel nos interrompe.

—Que cena excitante. —Lihrá diz sorrindo amplamente com seu vestido negro de

viúva-negra.

—Devia ter imaginado o motivo de tanta demora. —Diz acidamente. Ela está recostada a parede do corredor, seus olhos âmbar cintilam. Com um movimento rápido me coloco

entre ela e Amós.

—É falta de educação espiar as pessoas. Uma mulher na sua idade já devia saber disso.

—Sinto o corpo de Amós se enrijecer, ele me segura pelo o ombro e me puxa para trás

de si, mas não antes de Lihrá ver o anel em meu dedo.

Ela dá uma risada ácida.

—Que gracinha. Ele acha mesmo que pode protegê-la de mim. —Ajeita sua postura ao

se desencostar da parede. —Sabia que tinha mentido para mim. —Aponta para o anel e

estala a língua. —Não posso te matar até meia-noite de amanhã, mas isso não quer dizer

que não posso te fazer sofrer.

Meia-noite, por que tudo tem que ser a meia-noite? Antes que eu pense muito sobre

isso ela ergue uma das mãos, e uma luz vermelha brilha. Amós pula sobre ela e a joga

no chão imobilizando-a com seu peso. Suas mãos se fecham no pescoço dela, e ela se

sufoca, ainda sem acreditar que ele a surpreendera.

Provavelmente ela devia tê-lo subestimado—igual a mim, quando subestimei sua força

ao enfrentar Liel—, mas melhor para nós. Uma dúzia de guardas aparece—antes que eu

erga meu vestido e apanhe minha adaga presa a minha coxa—, com lanças apontadas

para nós.

Amós arma um soco no ar para acertar o rosto de Lihrá, mas hesita. Droga, essa não

era uma boa hora para cavalheirismo, penso. Ela sorri e conjura algo e ele apaga. Antes

que eu lhe dê uma lição algo sólido bate em minha nuca e tudo fica escuro.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

Acordo sentindo uma tremenda dor de cabeça. Noto que não estou amarrada, mas

mesmo assim não consigo me mexer, magia, concluo. Meus olhos se acostumam à

claridade e param de doer. Estamos no mesmo salão de banquetes, a mesa está afastada

o mais longe possível, a fim de liberar todo o espaço que Lihrá precisa.

Um trono feito de ossos foi colocado no centro onde Lihrá esta sentada analisando suas

unhas gigantes. Olho para todos os lados em busca de Amós, o encontro ajoelhado junto

a Clarence—eles também não estão amarrados, então com certeza estão sob efeito de

magia também—, Lana está presa em uma jaula de ouro que pende no teto.

Ela segura as duas barras com as mãozinhas e enterra a cabeça entre as grades,

choramingando. Os guardas estão por pertos prontos para qualquer imprevisto, como se

eu fosse capaz de fazer muita coisa, paralisada desse jeito.

Percebo que o anel ainda está no meu dedo—provavelmente ela não me teme, acha

meus poderes tão medíocres em comparação a ela, que nem se importou em me tirá-lo

—, felizmente a adaga também está comigo. Azar o dela. Só precisava de um plano—

muito bom—, para escapar e matá-la.

Não sabia se eu conseguiria cravar essa adaga bem fundo em seu coração, mas fora tão

fácil com a ninfa da água, talvez se eu não pensasse muito...

—Eu sabia que você estava mentindo, escondendo algo. —Lihrá diz calmamente ainda

sem olhar para nós, apenas para suas unhas. Flexiona os dedos e continua: —Até

mesmo essa pirralhinha mentiu para mim. —Gargalha. —Não posso culpá-las, vocês são o que são. Meu sangue corre em suas veias...

Tento xingá-la, mandá-la para o inferno, mas minha voz não sai. Olho para Amós e ele

devolve meu olhar, arrasado, um músculo se mexe em sua mandíbula. Lihrá devia ter

nos silenciado também.

—Você foi ao lago, não foi cadelinha seca?

Levanta-se e vem até mim para me fitar, empino o nariz e devolvo o olhar. Ela remexe

o enorme colar de pedra vermelha no pescoço, vejo rostos conhecidos se remexerem lá

dentro em uma agonia sem fim.

Um grito se sufoca em minha garganta.

—Fico feliz por isso. Agora já sabe aonde você vai terminar, dançando eternamente com

suas ancestrais. —Gargalha sombriamente. —E eu ficarei com seu humano.

Tento me levantar, mas mãos invisíveis me mantem no lugar.

—Você achou mesmo que estava me enganando, não é? —Reconheço Tenório entre os

soldados, ele devolve meu olhar, encolhendo os ombros, envergonhado. —Quer saber?

Não vou deixar nenhuma de vocês duas vivas. Matarei as duas!

Quero gritar que isso não é possível, que ela precisa que uma sobreviva para dar

continuidade a suas descendentes—que de preferência seja Lana, se for para uma de nós

morrermos, que seja eu—, mas minha voz não sai.

—Sei o que você está pensando. Que uma de vocês precisam continuar viva, não é? —

Aproxima seu rosto do meu, tento cuspir em seu rosto, mas não consigo. —Errado! —

Grita. —Você é tão burra Allykah, não acredito que tem mesmo meu sangue. Sua mãe é

uma vergonha ainda maior, uma covarde, mas você... —Diz com desgosto. —Como

acha que o seu mortal atravessou o portal? Você foi ao lago, viu que minha filha Petra

não conseguiu atravessar, muito menos ver algum portal, porque de alguma forma

lastimável meus genes não despertaram nela. Por que seu humano conseguiu? Já se

perguntou isso?

Gargalha.

—Vou te dar um minuto para pensar no assunto, não me decepcione garota. —Se senta

graciosamente sobre o trono enquanto encara Amós.

Não preciso pensar muito já tenho a resposta, mesmo que a ideia nunca havia me

ocorrido antes... Até agora. A lembrança de Amós e eu fazendo o pacto de sangue em

nossa infância repassam em flashes em minha mente, fragmentos mágicos de meu

sangue devem ter se fixado ao próprio DNA de Amós.

Por isso ele foi capaz de durar tanto naquela noite quente que tivemos. Se fosse um

humano comum provavelmente teria entrado em coma e sucumbido em pouco tempo,

mas ele era diferente tinha um pouco de minha magia em seu sangue, apenas um pouco,

mas o suficiente para torná-lo forte o bastante para conseguir atravessar o portal,

enxergar os Feéricos...

—Seu tempo acabou tolinha. —Se aproxima. —Pela sua expressão acho que não é tão

lenta como pensei. Que alívio! Então é o seguinte: Quando eu matar vocês duas —

gesticula alternadamente entre mim e Lana—, irei possuir seu humano e quem sabe nós

até teremos algumas crias... Crias o suficiente para eu sugar para o resto da eternidade.

Com os resquícios Feéricos que ele tem no próprio sangue—aponta para Amós —, teremos crias bem fortes.

Lagrimas escorrem pelo meu rosto. Lihrá vai até uma planta e apanha uma cobra

albina de olhos carmins, e a coloca em volta do pescoço como uma echarpe.

—Ainda não me decidi em como farei isso. Talvez mate Lana primeiro e obrigue você a

assistir... Posso te manter viva tempo suficiente para me ver usar seu *namorado*. Ele deve ser delicioso.

Meu sangue ferve e um calor se espalha por todo o meu corpo.

Um grito explode de minha garganta. Livro-me de seu feitiço—sem saber como —,

tempo o suficiente para arrancar a adaga do coldre em minha coxa e cravar em seu

peito. Mas seu bicho de estimação tenta me impedir, entrando na frente do golpe,

enterro a adaga no fundo da garganta da cobra—que abriu a boca para me morder—, e

ela cai no chão, dura.

Lihrá olha pasma, alternadamente para mim e para seu bicho de estimação, agora

morto no chão. Os guardas nos olham imóveis sem saber o que fazer. Antes que eu

recupere minha adaga, ela sai do estupor e conjura um feitiço que me lança longe. Caio

pesadamente no chão, percebo que estou paralisada novamente.

Lihrá ergue a adaga no ar, com olhos fulminantes.

—Quais são suas últimas palavras? Oh, que pena será apenas o silêncio! —

Grunhi.

Ouvimos simultaneamente uma risada sombria ecoar pelo salão.

—Seria um pecado matar algo tão belo, sem ao menos tirar algum aproveito. — Uma

voz melódica explode do alto da escada. Não consigo ver a fonte da voz já que Lihrá

ainda está sobre mim, com a mão congelada no ar e uma expressão de espanto no rosto.

Quem seria esse que até mesmo ela teme?

—Vou matá-la pelo que ela fez a minha pobre, Lith. —Lihrá diz sem convicção.

—Que mentirosa. —A voz cantarola. —Você só quer matá-la porque ela é mais bonita

que você.

Lihrá se levanta como que se recompondo, e então parado ali á poucos metros de

distância eu vejo o homem mais lindo de todo esse mundo.

Depois

Ele está todo vestido de preto, e sua lapela colorida é a única a se destacar em toda

aquela escuridão. Seu cabelo é curto e castanho escuro, ele tem costeletas—assim como

aqueles galãs de filmes de épocas—, seus olhos são de um azul profundo.

Com certeza ele é o dono daquele closet sombrio. Trevas parecem emanar de seu

corpo, como se sua áurea fosse feita de tristeza, solidão, angustia e escuridão...

Ele me olha lascivamente.

—Você não tem o direito de me interromper. —Lihrá diz fracamente, e deixa os braços

pendendo ao lado do corpo.

—Claro que tenho. E você me conhece muito bem para saber que posso. —Fala

arrogantemente. Ele estala os dedos, e as mãos invisíveis me soltam. Levanto-me

rapidamente sem me importar de encará-lo, um frio me sobe a espinha.

Ele coloca as mãos nos bolsos casualmente, como se apreciasse o modo como eu o

encaro. Talvez pense que eu o deseje, mas na verdade, eu estou é morrendo de medo.

Meus instintos de sobrevivência nunca tinham apitado assim antes—nem mesmo em

meus piores pesadelos—, ele devia ser realmente ruim.

Fico na dúvida se eu o agradeço por ter salvado minha vida ou se corro para bem

longe.

—O que pretende fazer agora? —Lihrá me fuzila com o olhar. —Lith precisa ser

vingada.

—Não se incomode com isso. —Ele dá de ombros. —Eu realmente a odiava.

—Quem é você? —Pergunto. Mas a real pergunta é: Quem é você que faz Lihrá se

borrar toda apenas com sua presença?

Seus olhos azuis profundos piscam, como se ele acabasse de levar um tapa.

—Sou o rei da noite. Ouvi dizer que você pode criar portais para o mundo humano. —

Ronrona e se aproxima me prendendo em seu olhar. Lihrá abre a boca para dizer algo,

mas com um aceno ele a silencia. —Lihrá é minha protegida, mas me cansei dela —

sussurra a última parte—talvez seja hora de arranjar uma nova pupila.

O arrepio em mim cresce. Ele gargalha.

—Lihrá acha que sugando todas vocês aumentará o seu poder o bastante a ponto de me

vencer. Ela quer dominar todos os três reinos e juntar um exército suficientemente forte para invadir a terra, dizem....

—Você pode me ajudar a voltar para casa? —Suplico. Quem sabe ele nem era tão ruim

assim? Ás vezes nos deixamos levar pela aparência, mas não acho que fosse o caso

dele...

Ele refleti com o indicador sobre o queixo másculo.

—Não... Balder... Não. —Lihrá o fulmina com o olhar. Balder a ignora.

—Não, não posso, mas você pode.

Olho para Amós e Clarence ainda ajoelhados no chão, seus rostos parecem tão

assustados como o meu agora.

—Sabe do que eu gosto? —Não respondo. Ele estica o corpo e se senta no trono de

Lihrá. —Gosto de jogos, apostas, e fazer sexo com lindas mulheres. —Sorri lascivo

para mim. Lihrá bufa. —Mas o que odeio é o tédio.

Ele massageia as têmporas, entediado.

—Eu proponho que joguemos. —Espanto-me quando minha voz sai controlada, já que

por dentro eu me consumo em medo. Seus olhos azuis—de outro mundo—, cintilam.

—Façamos um acordo. —Se levanta. —Miranda tirou algo meu há muito tempo e eu

gostaria de recuperá-lo.

—Não ela é minha! —Lihrá interfere.

—Shhhh. —Ele sorri gelidamente para ela, que estremece. —Você o traz para mim e eu

lhe consigo tempo o suficiente para criar um portal e partir.

Olho mais uma vez para Amós e Lana antes de dizer algo.

—Eu trago essa coisa para você, e em troca quero partir levando Lana e meu amigo

Amós comigo. —Gesticulo. — Quero a liberdade de Clarence—aponto—, e também

quero que você retire o feitiço que Lihrá jogou em todos os habitantes deste reino.

Ele gargalha.

—Pelos deuses! Quantas exigências.

—Essas são minhas condições! —Digo entredentes.

—Não pode prometer isso a ela.

—Você a superestima muito, alteza. Até parece mesmo que ela sairá viva do labirinto.

—Balder pisca. —Mas como estou de bom-humor deixarei que você dite uma parte do

acordo, querida.

Lihrá suspira e endireita o corpo. Uma cobra pronta para o bote.

—Tudo bem. Tenho uma charada para você. E se você me der a resposta certa um portal

se abrira instantaneamente perto do lago para você. —Sibila mostrando os dentes. —É

bem fácil.

Semicerro meus olhos a alternativa dela é fácil demais, talvez tivesse algo oculto que

eu não percebera. Será que o portal dava para um lugar diferente, onde eu ficaria presa

para sempre?

—Cumpra minha tarefa ou responda a charada de sua bisavó, e você e seus amigos

estarão livres. —Balder gargalha. Parece fácil demais...

—Se eu acertar sua charada, eu quero sair daqui levando Lana e Amós comigo, todos os

habitantes deste reino ficarão livres de sua magia—Aponto para Lihrá—, e seu poder

ficará adormecido até que eu tenha partido.

155

Lihrá semicerra os olhos e um largo sorriso se estampa em seu rosto. Ela parece indecisa, e... Orgulhosa? Sinto ainda mais ódio dela. Provavelmente ela decide que eu

não ofereço nenhum perigo real.

—Assim será.

—Qual é a charada? —Indago, destemida.

Lihrá sorri contente consigo mesma.

Ela recita:

Eu sou o oposto, o outro lado da moeda.

Não conseguem ver a si próprio em mim.

É impossível tocar, mas possível me ver.

Sorrateiramente eu vou,

Sorrateiramente eu volto.

Termina com outro largo sorriso.

Repito tudo novamente em minha cabeça. Doença (?). Ela sempre vem e sempre vai

embora. Ou não? Droga, essa é muito difícil.

—Lembrando que você tem direito a responder somente uma vez, e tem que ser a

resposta certa. —Morde a ponta do dedo.

Suspiro desanimadamente.

—Tudo bem. Qual é a tarefa? —Pergunto. E tenho o pressentimento de estar fazendo

acordo com o próprio demônio.

Depois

Ajeito minha adaga no coldre em minha coxa—agora que meu vestido está sem a

metade da parte debaixo cheia de tules, posso me mover melhor—, Amós confere se sua

espada está mesmo em sua cintura.

Após eu fechar o maldito acordo com Balder, exigi que Amós me acompanhasse nessa

empreitada. Ele concordou e nos guiou por um portal frio—fomos recebidos com uma

salva de vaias pelos muitos Feéricos que ali esperavam—, no fim viemos parar em uma

espécie de labirinto de cerca viva. Lihrá nos entregou uma ampulheta—que prendi em

minha cintura—, tínhamos que encontrar um coração de pedra em tempo recorde e

quebrá-la, e assim voltaríamos ao grande salão.

Se não voltássemos a tempo ela sugaria Lana. E eu e Amós ficaríamos presos aqui para

sempre. Milhares de Feéricos gritavam na entrada insultos como “Vocês vão morrer”,

“Tolos”, tivemos até que nos desviarmos de alguns cuspes quando entramos. Pelas suas

roupas escuras eles eram do reino da noite.

Ainda não entendo porque aceitei esse acordo estúpido, eu ouvira Balder dizer

que não

sairíamos vivos daqui, como eu pude ser tão tola?

Amós me abraça forte e eu retribuo.

—A gente vai conseguir Ally. —Diz otimista. —No seu lugar eu teria feito o mesmo.

—Você acredita mesmo que Balder cumprirá sua parte do acordo? —Indago baixinho.

—Claro que não, não confio nem um pouco naquele cara. —Cuspe as palavras. —Mas

pelo menos teremos algum tempo para pensar em uma saída.

—Você sabe a resposta daquela charada?

Ele balança a cabeça negativamente.

—Não consigo encontrar a resposta, literalmente, sempre que penso sobre o assunto

uma dor de cabeça lancinante me pega.

—Lihrá deve ter enfeitiçado a todos, menos a mim, já que ela não acredita que eu seja

uma ameaça. —Dou de ombros.

Amós beija meus lábios rapidamente.

—Pronta?

Assinto. Olho para a ampulheta e não perdemos tanto tempo assim. Olho para o céu

que está de um cinza escuro, raios rasgam o céu, ocasionalmente. Uma névoa espessa se

desprende do chão. O labirinto tem muitas aberturas, e apenas uma é a certa.

As vozes altas dos Feéricos desapareceram, eles já devem ter migrado para o outro

lado do labirinto—julgando que nós chegaremos lá, julgando que venceremos—, ou

estão em qualquer parte observando de perto nossa provável derrota.

Escolho o caminho esquerdo, caminhamos normalmente dando voltas corriqueiras pelo

labirinto, passa-se um tempo e pela terceira vez nos deparamos com o mesmo arbusto

em forma de arcanjo.

157

—Qual é a probabilidade de ter vários desses—Aponto para o arcanjo—para nos confundir?

—Talvez devêssemos voltar, e escolher outro caminho. —Amós trava a mandíbula.

Um arrepio desce por minha espinha.

Voltamos para o início, desta vez deixo que Amós escolha, infelizmente esse labirinto

não é igual ao túnel mágico detrás daquela porta ornamentada, qualquer lugar que

pegarmos aqui não vai nos levar ao lugar certo. Precisamos confiar em nossa sorte ou

azar...

Amós escolhe a do meio—previsível, mas não digo nada—, caminhamos depressa

enquanto as gavinhas verdes parecem agarrar nossos pés, Amós começa a cortá-las com

a espada.

Tenho uma ideia.

Detenho-me no lugar por um instante, e imagino a cor rosa pálida de meu poder —meu

anel começa a brilhar—, se transformando em um casulo grande o bastante para abrigar

a mim e Amós. E é isso que acontece.

O casulo nos envolve como uma bolha gigante de sabão, podemos sentir a brisa fria

mesmo assim, no entanto, as gavinhas não conseguem mais chegar até nós. Elas tentam,

mas ricocheteiam no chão.

—Nossa. Você é incrível. —Amós parabeniza. Coro, dizendo que é apenas um

truquezinho bobo, mas ele nega, e diz que sou fascinante. Um orgulho me infla, mas

não dura muito já que ouvimos um rosnado.

Que ecoa por todo o lugar, fazendo com que nossa bolha mágica estremeça. Amós

coloca a mão instintivamente sobre o cabo da espada, continuamos a dar voltar pelo

labirinto até que saímos em um beco sem saída, escuro.

Algo se mexe na escuridão, retrocedemos de costas devagarmente um pé de cada vez.

Outro rosnado se irrompe. Uma forma gigantesca e monstruosa se mostra a parca luz da

noite. Assemelha-se a um homem, mas tem cabeça de leão, e patas. Na verdade, é um

leão gigante e peludo que anda sobre dois pés e não usa calças...

Uma enorme protuberância se balança entre suas pernas quando ele se move.

—Por favor, diz que aquilo é outra perna. —Amós saca a espada, e ela rasga nossa

bolha, que estoura num estalo de brilhos, que ilumina tudo por um breve instante. —

Corre! —Grita.

Obedeço e Amós me segue.

Corremos desesperadamente. Oro repetidas vezes, o mais alto que meus pensamentos

me permitem. A criatura nos persegue alucinadamente. Amós segura minha mão tão

forte que quase esmaga meus dedos, ele corre rápido demais—já que tem as pernas bem

mais longas que as minhas—, e praticamente me arrasta. Agora que não estamos mais

protegidos contra as malditas gavinhas elas nos atacam sem dó nem piedade.

Amós corta a maioria com sua espada. Tento alcançar minha adaga, mas é impossível

com toda essa velocidade—quando eu mais tropeço do que corro—, lembro que tenho

magia. Mas não me serve de consolo já que não consigo pensar em nada, apenas

naquela coisa assustadora que nos persegue.

A criatura se aproxima cada vez mais.

158

Tropeço, e desta vez eu caio. Amós se detém e seus olhos se arregalam para algo atrás de mim, grito, ele brande a espada no ar, mas gavinhas se prendem em seus braços e

panturrilha. Elas o erguem no ar de cabeça para baixo.

—Ally fuja! —Grita tentando cortar as malditas gavinhas.

Imagino um raio feito com minha magia se lançando contra elas e cortando as

gavinhas ao meio, Amós se liberta o suficiente para começar a cortar as que se grudam

em sua panturrilha.

Mãos bestiais agarram minha cintura e me puxa. Grito de horror. A criatura me vira

para encará-lo, seus olhos ardem em duas brasas cor de sangue, quatro presas

despontam, duas sobre o lábio superior, e duas sobre o inferior.

Essa coisa me lembra da Fera do conto a *Bela e a Fera*.

—Tire suas patas de cima dela desgraçado! —Amós grita com tanto ódio que a criatura

o olha, mas dura apenas um instante, e ele volta a cabeça lupina para mim novamente, e

dá um largo sorriso.

—Uma fêmea. —Saliva escorre pelos cantos da boca. —Há muito tempo não vejo uma

fêmea.

Desço minha mão até a coxa e empunho minha adaga pronta para enterrá-la em

alguma parte importante dele. Amós lhe acerta um chute que o joga para o lado, ele

prepara um golpe que decapitaria a fera, mas ela se precipita, e com um golpe rápido

seu *membro* gigante—por assim dizer—, joga a espada longe.

—Ally o que ainda está fazendo aqui, não mandei você correr? —Amós evita com

evidente nojo olhar para as partes baixas da criatura. Obedeço e começo a correr —antes

lhe jogo minha adaga—, a criatura tenta me seguir, mas Amós coloca o pé em sua frente

e a faz tropeçar.

Gavinhas se grudam nele, e Amós aproveita para cravar minha adaga em seu olho, a

criatura a tira com tranquilidade e a joga longe, com um movimento ele se livra das

gavinhas. E acerta um golpe no rosto de Amós—acreditem se quiser usando seu

membro—, ele cai no chão com ânsias de vômito.

—Que nojo. —Cuspe no chão repetidas vezes. —Eu acabei de ser molestado.

—Saia do meu caminho macho humano. —A criatura ruge. Com alguns saltos ela me

alcança, tento liberar alguma magia, mas ele me joga com tanta força no chão que todo

o ar de meus pulmões sai.

—Não. —Grito em agonia.

—Calada fêmea.

Mordo uma de suas mãos que me prendem ao chão, mas ele parece nem sentir.

—Amós! —Grito e choro ao mesmo tempo.

Tento acessar meus poderes, mas o horror me domina a ponto de meus pensamentos

não passarem de borrões de suposições de como será dolorosa minha morte. Cuspo em

seu rosto e praguejo.

Com um rápido movimento ele me deita de bruços e força minha cabeça contra o chão

envolto em brumas, é impossível lutar contra sua força inumana. Então esse é o meu

fim. Que forma mais vergonhosa de morrer.

159

A pressão que força minha cabeça a se enterrar no chão diminui, percebo que a espada de Amós atravessa o corpo peludo do leão. Ele rugi e se levanta num pulo, como se a

espada alojada no corpo não fosse nada. Deito-me no chão, resfolegando, ainda

tentando recuperar minhas forças.

—Você pediu macho humano. Agora eu vou te rasgar como uma roupa velha! —Mostra

uma fileira de dentes tão monstruosos quanto ele próprio.

Amós engoli em seco empunhando minha adaga.

—Quando você diz rasgar... É no sentido figurado da palavra, né? —Treme. A fera

gargalha, Amós lhe disfere um soco no rosto—que parece doer mais nele do que na

própria criatura—, e com a outra mão ele puxa sua espada de volta. Ela sai coberta de

sangue e carne. —Se esconda Ally.

—Não! Minha fêmea. —A besta grunhi se distraindo, dando tempo suficiente para

Amós cravar-lhe a adaga em seu pescoço, ela estremece, mas não desaba. Rastejo-me de

costas para longe dali.

A fera ira-se e prepara seu membro novamente para atacar Amós—que já o espera

empunhando a espada—, a *coisa* dele cria espinhos na ponta e ricocheteia o ar. Amós semicerra os olhos e faz careta.

Antes que a coisa cheia de espinhos acerte o rosto de Amós novamente ele a pega

ainda no ar—bem no centro evitando os espinhos—, e com um corte limpo da espada a

separa de seu dono. A fera urra e cai de joelhos.

Amós lhe joga seu membro decepado em seu rosto.

—Minha fêmea! —Diz antes de degolá-lo.

Depois

Com um puxão rápido ele me coloca de pé.

—Obrigada. —Fungo em seu corpo enquanto o abraço.

—Tudo bem. Já acabou. —Me aperta mais contra si. —Que nojo. Vou desinfetar minha

mão ao chegar em casa. —Gargalha. Sua risada faz seu peito tremer. —Vem precisamos

encontrar o caminho certo desta vez.

Assinto. Amós me entrega minha adaga—que cheira a sangue—, ao invés de guardá-la

permaneço com ela. Ele coloca sua espada de volta na bainha e seguimos para o início

novamente.

Desta vez eu escolho nosso caminho. Só desta vez, talvez, tenhamos sorte. A abertura

pela que entramos se ramifica em muitos caminhos, seguimos instintivamente, e

entramos em mais aberturas. Andamos em espiral no labirinto e encontramos ainda mais

ramificações, escolho a esquerda, seguindo meus instintos.

Amós não diz nada, apenas me segue em silêncio, pensativo. Talvez estivesse

pensando em seu pai, ou se perguntando se sairíamos daqui vivos. Começa a chover,

uma chuva forte, torrencial e gelada. Ela nos ensopa, e faz o chão do labirinto se tornar barro sob nossos pés.

Meus ouvidos captam barulho de asas, tento enxergar em meio a chuva que cai e

tenho

uma maravilhosa surpresa. Três minúsculas fadas do mesmo tom cinza-esverdeado se

aproximam, estico a mão e uma delas pousa.

—Talvez elas possam nos ajudar. —Murmuro.

Amós dá de ombros.

Elas voam a nossa frente e nós as seguimos. Sinto o chão tremer sob nossos pés, como

se houvesse algo sob todo aquele barro. Trinco os dentes e me forço a continuar, Amós

entrelaça suas mãos nas minhas. Seu calor me acalma e me sinto segura.

O chão treme novamente. Começo a correr arrastando Amós comigo, as fadas

gesticulam e estancam no lugar como se não temesse o que quer que esteja sob a lama.

Uma enorme serpente verde irrompe da terra—ela é larga como um ônibus e longa

como um metrô—, a serpente abre sua bocarra e exibe uma dúzia de fileiras de dentes

em forma de espinhos.

Só percebo que havia parado de correr quando retomo minha corrida desesperada pela

vida novamente.

Amós estanca no lugar e a fita boquiaberto.

—Uau! É como a Iormungand*.

Grito para ele correr antes que seja tarde demais, mas ele se vira e coloca os dedos entre os lábios indicando que eu me cale. Fico furiosa, e começo a chorar. Será que ela havia

lhe lançado um feitiço? As fadas também estão estancadas, esperando. Todo mundo ali

havia enlouquecido?

A enorme serpente de olhos amarelos e leitosos passa batido por Amós, vendo que ele

está ileso começo a correr novamente.

—Pare de correr! —Amós grita. A serpente se detém e se volta em sua direção, antes que ela o ataque, as fadas chamam atenção para si. Amós aproveita a deixa e corre para

perto de mim. A serpente consegue abocanhar uma das fadas, enquanto as outras voam

em ziguezague para distraí-la.

Amós se joga no barro, ficando imundo. Ele puxa minha canela e com um gritinho caio

no chão. A serpente se vira em nossa direção novamente e se aproxima se arrastando,

rápida e pesadamente.

—Shhhh. —Amós gesticula para mim e se joga em cima do meu corpo, a serpente me

encara com seus enormes olhos amarelos com pupilas verticais. Meus olhos se

esbugalham, Amós tapa minha boca com sua mão suja de lama. Cravo minhas unhas em

suas costelas, de medo, ele grunhi baixinho.

Quando não há mais perigo de eu gritar—agora entendo que a cobra é cega—, Amós

passa o barro frio em meu rosto e pescoço. A serpente abaixa sua cabeçorra e fica a

pouquíssimos centímetros da cabeça de Amós—que nessa escuridão toda e todo coberto

de lama eu só consigo enxergar um par de olhos azuis—, a chuva começa a nos lavar.

A serpente se inclina mais um pouco, evitando movimentos bruscos enterro a cabeça

de Amós entre meus seios e o seguro ali, sinto seu corpo se convulsionar em uma risada

silenciosa. Com o mínimo de concentração nos envolvo em um casulo mágico. A

serpente dá as costas e se embrenha entre a lama novamente.

—Já pode sair. —Digo baixo, evitando gargalhar com as cócegas que sua barba me

proporciona.

—Não. Estou bem aqui. —Murmura.

—Engraçadinho. —Enterro a mão em seu cabelo e o puxo.

De volta ao nosso percurso—envolvidos pelo casulo—, seguimos as duas fadas

restantes. O labirinto se abre em uma caverna abafada e iluminada por tochas, a luz

âmbar dança bruxuleantes pelos milhares de caveiras recostadas casualmente nas

paredes.

Bem no centro há uma redoma minúscula sobre uma pedra grande e antiga com

símbolos entalhados nela. Dentro da redoma há um coração reluzente que parece feito

de diamantes.

As fadas não ousam entrar.

Amós e eu empacamos no lugar.

—Acho que essas coisas estão adormecidas, é só não fazermos muito barulho. —

Cochicho no ouvido de Amós. Ele assente, antes que adentramos a caverna. Um ser

metade humano e metade porco aparece, nos dando um belo susto.

Grito, as caveiras se estremecem, mas não ganham vida.

—Ora, ora. Vieram aqui atrás daquilo? —Ele diz apontando para a redoma.

Como se ali tivesse outras opções atraentes, penso.

—Sim. —Sou eu quem responde. —Por quê?

—Nada. —Dá de ombros me encarando com seus minúsculos olhos negros.

—Vou até lá pegar aquele coração de pedra. —Indico a redoma e lhe mostro minha

adaga.

—Faça o que quiser mestiça. —Responde azedamente. Amós e eu nos aproximamos sincronizadamente.

—Epa. —Pigarreia. —Só um pode chegar até lá, você tem de ficar. —Aponta para

Amós.

—Tudo bem. Eu já volto Amós. Fique de olho nele. —Sussurro o final. Amós assente e

retira a espada da bainha apontando para a criatura esquisita.

Avanço até a redoma e a encaro imaginando em como irei abri-la. Conseguir qualquer

tipo de ajuda daquela minúscula criatura está fora de cogitação.

—Então Amós é seu nome, humano. —A criatura muda seu peso para o pé esquerdo. —

Engraçado, se ela não me dissesse seu nome, e eu não ouvisse sua voz grave,

continuaria a achar que você fosse uma versão gigante e nariguda da *Avril Lavigne*.

Sobressalto-me. *Avril Lavigne*? Pergunto-me o quanto esse mundo sabe sobre meu *mundo*. E o quão perto toda essa bizarrice está à espreita. Amós uni suas sobrancelhas e lança um olhar gélido para a criaturinha.

Pelo canto do olho vejo que a mão ossuda de uma das caveiras se mexe rapidamente.

Volto-me novamente para a redoma, há uma frase entalhada minusculamente na pedra.

Não consigo entender, releio diversas vezes, mas não tem nenhum sentido. Repito a

frase em voz baixa, mas nada acontece.

A criaturinha ainda provoca Amós, ele fica vermelho de raiva, os nós de seus dedos

ficam brancos à medida que ele cerra as mãos. Não entendo o porquê de essa criatura

idiota ficar provocando-o. Mais caveiras se mexem.

—Não entendo o que está escrito aqui. —Falo por cima do ombro. —Acho que está em

hebraico—Arrisco—talvez seja melhor que você dê uma olhada.

Amós arqueia a sobrancelha.

—AH!AH! Então porque eu sou judeu você deduz que eu sei ler hebraico? —Zomba.

Reviro os olhos para ele, e trocamos de lugar. A raiva dele diminui ao olhar para mim.

—Então você não sabe...?

—O que? —Se aproxima da redoma e tenta erguê-la. —Isso é uma ofensa, é claro que

sei hebraico. Mas esse não é o ponto, sua pergunta foi bem estereotipa... —Ele se

interrompe para examinar a frase entalhada na pedra. —Puta merda, Ally. Isso é latim.

Sua percepção é uma droga. —Gargalha.

—Você lembra bem que até em língua portuguesa eu me dava mal na escola. —Mostro

a língua. —Agora latim, por favor, não é uma língua morta?

—É. —Começa a ler as palavras, baixinho. —Teoricamente, se você soubesse o quanto

se usa latim nos dias de hoje...

Há pepitas de ouro espalhadas pelo chão do tamanho de um punho fechado, remexo

uma com os pés enquanto Amós tenta traduzir as palavras. A criaturinha começa

a me

provocar.

—Você não podia estar mais sexy do que agora, toda coberta de barro. —Gargalha. —

Barro combina bem com você. Espera vocês—Indica Amós e eu—foram criados a partir

do barro, não é mesmo?

Bufo, não dando importância.

—Vocês são mesmo criaturas imundas e repulsivas. São insetos por aqui.

Minha face fica em chamas.

—Quem você está chamando de repulsiva sua criaturinha imbecil. Já se olhou em um

espelho? Seu ridículo. Cara de porco! —Sibilo.

Ele guincha, e continua a me provocar, tenho vontade de lhe partir ao meio. Me seguro

para não rachar-lhe a cabeça usando minha adaga.

—Aperite in nomine deorum. —Amós repete a frase. —Abra em nome...

Explodo de raiva e acerto a criatura com magia, ela voa longe. Algumas caveiras

ganham vida e é ai que minha ficha cai. Elas não despertam com barulho, mas sim com

raiva...

Elas endireitam o corpo e se aproximam de mim. As fadas entram e distrai algumas,

chuto o joelho ossudo de uma caveira e ela desaba no chão e começa a rastejar. Amós

vem ao meu socorro e destrói algumas caveiras separando o crânio do corpo—o único

jeito de pará-las—, acabamos com meia dúzia delas.

—Só preciso desvendar mais uma palavra... —Arfa, e acidentalmente pisa em uma

pepita de ouro. Ela cria pernas e se joga sobre seu rosto, crescendo como um polvo

gigante e o asfixiando.

—Amós! —Grito. Ele tenta se livrar do bicho que se agarra cada vez mais ao seu rosto.

Seguro na protuberância redonda—que parece ser uma cabeça nua e escorregadia—, e

puxo com força, o bicho o solta, mas lança algo em seus olhos.

Ele grita enquanto enxuga os olhos.

—Ally! —Grita enquanto tateia o ar. —Não consigo enxergar...

Com minha adaga destruo o maldito bicho, e vou até Amós para guiá-lo, a fim de

impedi-lo de pisar em outra pepita.

—Vai ficar tudo bem. —Sussurro.

—Não diz isso. As pessoas sempre dizem isso quando tudo está fodido. —Me abraça, o

aperto bem forte contra meu corpo. —Que merda, eu não consigo ver nada. Ally, como

vou te proteger?

Choro. Mesmo estando cego, e ainda mais vulnerável—eu pelo menos tenho magia,

mas Amós... —, ele ainda se preocupa com a minha segurança, e não a dele. Existe

alguém mais altruísta? Lembro-me de mamãe me vendendo para Lihrá e abandonando

sua irmã... O mundo precisava de mais pessoas genuinamente boas como Amós.

Azar do mundo porque ele já era meu, um sentimento possessivo se desenvolve em

mim. Retiro a ampulheta e vejo que nosso tempo já está acabando.

—Me espere aqui eu já volto. —Fico na ponta dos pés para beijá-lo, mesmo assim não

consigo alcançar seus lábios. Então o abraço forte e corro até a redoma. Leio e releio as palavras em voz alta, mas nada acontece.

O bichinho esquisito retorna parando no mesmo lugar.

—Não deixe que ele te enfureça. As caveiras despertam pela raiva. —Grito para Amós,

ele assente enquanto olha para todos os lados sem enxergar. Fico imaginando se aquela

cegueira é temporária ou... Depois eu resolveria isso, primeiro tinha que cumprir essa

maldita tarefa. Chegamos até aqui e enfrentamos muitos obstáculos, e Amós havia perdido a visão isso não aconteceu em vão.

—Eu consigo ler seus pensamentos humano. —A criatura reinicia. —Você tem

pensamentos muito quentes em relação a ela...

—Cale a boca! —Desferi vários golpes no ar.

A criatura cai na gargalhada.

Mais caveiras ganham vida. As fadas as distraem como pode e eu grito de raiva

enquanto me vejo impotente. Guio Amós dizendo “A sua direita, a sua esquerda”, mas

me sinto uma covarde por não estar lá ao seu lado, o defendendo.

A criatura corre e se esconde em algum ponto da caverna.

—Aperite in nomine deorum. —Repito dezenas de vezes.

—Acabei de me lembrar, Ally. —Grita por cima do ombro. —Significa: Abra-te em

nome dos deuses!

A redoma de vidro desaparece como mágica. Apanho a enorme pedra de diamante em

forma de coração e a guardo dentro do vestido. Com um grito estridente imagino todos

os cadáveres se tornando poeira. É o que acontece. Guio Amós para que ele não pise em

nenhuma pepita, pego as fadas e as coloco dentro de sua túnica.

Rasgo um pedaço de meu vestido e arrebato uma daquelas pepitas e as envolvo

delicadamente sobre o tecido. Guardo-a também em meu vestido, seguro a ampulheta

com uma mão e a outra entrelaço nas mãos de Amós.

—Pronto? —Ele assente. Jogo a ampulheta no chão que se estilhaça em milhares

de

pedaços. Digo as palavras que Balder me ensinou e somos tele transportados de volta.

* Iormungand: Na mitologia nórdica, Iormungand ou Jormungand é o segundo filho do deus Loki com a gigante Angrboda. Iormungand tem o aspecto de uma gigantesca

serpente.

Depois

Somos cuspidos do labirinto. Levanto-me rapidamente e encaro a multidão que nos

espera—boquiabertos—, ajudo Amós a se levantar.

—Conseguimos Ally? —Aperta minha mão.

—Sim. —Dou um meio sorriso e empino meu nariz encarando a todos triunfantemente.

Uma salva de palmas eclode, e fico desconcertada.

—Que porra é essa? —Amós debocha sem saber para aonde olha.

—Não faço a mínima ideia.

Meu olhar foca em algo no chão. Um gato magricela abre caminho entre milhares de

pés e se aproxima. O encaro de cara feia. Ele se transforma em Zum—que está todo

vestido de prateado—, ele dá um largo sorriso para mim.

—Veja só se não é minha adorável Allykah...

—Adorável. —Semicerro os olhos. —Onde estava você quando eu mais precisei?

Ele dá de ombros, ofendido.

—E quem você acha que acordou o rei Balder. —Mostra a língua. Quero brigar com ele,

dizer que então tudo isso é culpa sua, mas ele encara Amós pensativo. Talvez ele possa

ajudá-lo, me agarro a um fio de esperança.

—Uma coisa dentro da caverna jogou algo em seu rosto que o fez perder a visão. —

Respondo, antes que ele pergunte.

—Hmm. Lastimável. Ele tem olhos tão lindos.

Estica a mão para tocar o rosto de Amós, dou-lhe um tapa forte antes que ele consiga.

—Você pode ajudá-lo? —Pergunto rispidamente.

—Só se deixar eu me aproveitar dele um pouco. —Diz arrogantemente.

Amós rosna e leva a mão a espada, coloco a mão em seu peito.

—Nem nos seus sonhos mais safados. —Mostro os dentes. Ele gargalha diz algumas

palavras e estala os dedos. Amós pisca duas vezes e sorri para mim me encarando.

—Como você é linda. —Segura meu rosto com as duas mãos. Gargalho me lembrando

que estou coberta de lama.

—Ai que *nojoso*. Vou vomitar. —Zum diz azedamente.

—Você não é tão inútil assim, afinal. —Amós pisca para ele.

—Vou encarar essa como um “Muito obrigado” velado, só porque você é gostoso. —

Zum revira os olhos. Amós faz careta e sorri para mim. —Você tem sorte que ele é

humano, em Feéricos a cegueira dura dias. —Olha para mim.

—Ótimo. —Sorrio sombriamente. Zum pisca e se metamorfoseia em gato novamente.

Liberto as fadas—que sobrevoam nossas cabeças—, meia dúzia de guardas vem a nosso

encontro nos escoltar.

Somos conduzidos até o grande salão onde Lihrá e Balder nos espera. Os guardas

esperam do lado de fora. Lana corre em minha direção, jogo meus braços sobre ela—

sem me importar em sujar seu lindo vestido de festa—, vasculho o salão e encontro o corpo de Clarence pregado a parede, esfolado.

O ar escapa de meus pulmões. Sufoco um grito e enterro meu rosto no peito de Amós.

—Você quebrou o trato! —Amós acusa.

Lihrá dá uma sombria gargalhada enquanto brinca com a ampulheta nas mãos.

—Desculpe docinho. Mas Balder ficou entediado.

—Você está com o que é meu? —Ele se empertiga.

—Você quebrou nosso acordo! —Coloco Lana atrás de meu corpo. E o fito

furiosamente, seu sorriso se alarga e seus olhos faíscam.

—Meu pitelzinho eu não quebrei trato nenhum. Você disse claramente que queria

Clarence livre. —Indica seu corpo na parede. —Não existe liberdade maior do que a

morte. —Dá um sorriso cruel.

Lágrimas descem por minhas bochechas.

—Olhe só para vocês dois estão tão imundos. —Estala os dedos e toda a lama

impregnada em nossas roupas e pele desaparecem. Toco meu cabelo e ele está limpo e

cheiroso como antes. Não deixo transparecer meu alívio para Balder.

—Só entrego a você se prometer que vai nos deixar partir agora. —Falo firmemente.

Não tenho a mínima ideia para aonde ir, no entanto, qualquer lugar no Submundo é

melhor do que esse maldito castelo. E depois de amanhã os portais se abrirão então

poderemos ir embora deste lugar para sempre.

—É claro, temos um trato não é? —Se aproxima. Amós toca no cabo da espada

enquanto o fulmina com o olhar. —É claro minha adorável Allykah que preciso lhe

informar de que você não foi específica em nosso acordo.

Semicerro meus olhos e trinco os dentes.

—O que quer dizer com isso?

—Bom você não especificou quando eu deveria deixar vocês partirem, nem quando eu

deveria retirar o feitiço de Lihrá sobre os habitantes. —Suspira, depois estala a língua.

Lihrá me encara triunfante. —Então cabe a mim, decidir. Estou pensando, talvez, daqui

algumas décadas.

Gargalha e Lihrá o acompanha.

—Assim eu terei tempo o suficiente para te usar de todas as formas possíveis. —

Umedece os lábios. Amós tenta avançar, mas o seguro pela túnica. —Agora seja uma

boa garota e dê o que é meu!

—Não entregue Ally, podemos usar isso para barganhar...

—Cuidado humano. —Balder o alerta.

—Não. Vou entregar á ele. —Digo resignada. Tateio dentro de meu vestido e retiro um

embrulho. —Espero que agora que sabe o quanto estou submissa a você possa pensar

melhor em minha parte do acordo. —Falo o mais mansa que consigo.

Balder desconfia, mas basta que lhe ofereça uma boa vista de meu decote para que

seus pensamentos alcem voo. Entrego-lhe a pedra embrulhada em um pedaço de meu

vestido. Ele a pega sorridente e pisca para mim.

Dou um meio sorriso.

Dou as costas e lanço um olhar cúmplice para Amós.

—Não Ally... —Diz chateado.

Lana começa a chorar. Tudo estava indo como o planejado. Interrompo-me no meio do

caminho e me viro para Lihrá.

—Parece que vamos passar *muito* tempo juntas, querida. —Sorri amplamente.

—Ah. Já ia me esquecendo. —Faço a minha melhor cara de boa moça. A resposta havia

surgido em minha mente desde quando abri a redoma. Era tão fácil que me senti meio

lerda por ela não ter me ocorrido antes. Balder desenrola a pedra de diamante e a coloca sobre a palma da mão. —É *noite*!

—Como é que é querida? —Ela não entende de imediato.

—A resposta a sua charada é: *Noite*. —Sorrio sombriamente. Lihrá urra de ódio e

conjura algo em minha direção, mas o feitiço não chega. —Você está sem seus poderes,

querida. —Digo o mais condescendentemente possível. —Até que eu esteja fora daqui!

—Dizendo isso eu faço com que o lustre ganhe vida e se transforme em uma espécie de

polvo.

Os cristais que pendem no teto crescem e se tornam cipós transparentes que se agarram

aos braços e pernas de Lihrá a prendendo. Por último ordeno que tapem sua boca.

—Cansei da sua voz, vadia! —Balder encara tudo boquiaberto e dá uma estrondosa

gargalhada.

—Que garota levada. —Murmura. Olho para ele triunfantemente e estalo o dedo. A

ilusão se quebra e o diamante que ele segura se mostra sendo na verdade uma daquelas

pepitas esquisitas—que eu colhi na caverna—, ela pula em seu rosto e cresce.

Amós e Lana gargalham divertidamente. Ele consegue tirá-la, mas não sem antes ela

lhe cuspir um líquido viscoso em seus olhos, o cegando instantaneamente. Ele urra de

dor e raiva, depois gargalha.

—Que garota adorável! —Diz entre gargalhadas, a esmo já que não enxerga. —

Guardas! —Grita.

Antes que eles entrem eu fecho a porta com um baque e móveis criam pernas invisíveis

e se arrastam para bloqueá-la. Gargalho me sentindo triunfante.

—Vamos! Não temos muito tempo. —Falo indicando a escada. Amós assente. Juntos

nós três corremos para o andar de cima até meu quarto. Abro a passagem secreta e

chegamos até debaixo da mesa depressamente. Com meu anel abro a pequena porta, e

em poucos segundos nos rastejamos pelo túnel escuro. Pego Lana no colo antes que

caímos no tobogã.

Dessa vez aterrissamos perto do lago e não dentro da fonte. Lana olha—fascinada—, o

lindo jardim de árvores coloridas e cogumelos gigantes—sinto angústia em abandonar

esse lugar—, mas sei que é o certo a se fazer.

E espero nunca mais voltar.

Enxergamos o portal azul-marinho de longe. Entrelaço meus dedos nos de Amós e com

Lana em meu colo caminhamos—ainda sem acreditar—, tranquilamente pelo jardim.

Zum está parado ao lado do portal com uma expressão triste—talvez tivesse descoberto

sobre o fim trágico que Clarence tivera—, ou só estava triste pela nossa partida.

—Acho que é adeus. —Suspiro.

—Quando os portais se abrirem você sabe que eu e Clarence iremos te importunar. —

Zomba.

Amós e eu nos entreolhamos, mas não dizemos nada.

Constato que uma multidão de Feéricos se aproxima, parecem furiosos.

—Acho que é hora de partirem. —Zum diz tristemente.

Assinto e caminhamos para o portal. Solto um “Ai” ao bater minha testa em algo duro,

tentamos novamente, mas não conseguimos entrar. Mais essa... Será que havíamos sido

enganados novamente?

Bom, se esse fosse o caso pelo menos estávamos do lado de fora, e havíamos resgatado

minha irmã. Poderíamos muito bem fugir para qualquer lugar, nos juntar a Nação da

Morte por uns tempos...

—Que droga é essa? —Amós bufa enquanto olha por cima do ombro para a multidão

em fúria que se aproxima.

—Allykah. —Zum diz com pesar. —Sinto muito...

—Pelo o que...? —Minha voz é apenas um fio de esperança que já está se rompendo.

—Esqueci-me de mencionar que você só pode atravessar com um deles em sua áurea.

Lihrá criou um portal apenas para duas pessoas. —Aponta para o portal, que exibe o

número dois fantasmagoricamente.

Começo a chorar, isso não pode ser verdade. Isso não é verdade. Não posso escolher

entre Amós e Lana. Lihrá devia ter planejado isso o tempo todo. Coloco Lana no chão e

seguro sua mãozinha.

—Então ficamos todos. —Decido. Amós solta minha mão delicadamente e segura meu

queixo.

—Vá e leve Lana. —Diz encarando meus olhos. Desabo e jogo meus braços ao seu

redor.

—Não... Eu vou ficar! —Afundo minhas unhas em seu corpo enquanto o abraço.

Ensopo sua túnica com minhas lágrimas.

Amós me segura pelos ombros, e olha rapidamente para Lana que chora e soluça.

—Ally. Volte e leve Lana. Eu fico dessa vez, mas eu sei que você vai voltar para me

buscar. Eu confio em você. —Seus olhos ficam marejados.

—Não... Não vou te deixar. —Bato o pé e limpo meu nariz na manga do vestido.

—Vai sim. Vou esperar aqui por você. —Abre um lindo sorriso com muito esforço. Meu

coração se parte, se estilhaça em mil pedaços.

—Eu cuido dele. —Zum sussurra, sem nenhuma malícia na voz. —O manterei seguro.

—Sim. —Amós concorda. —Ficarei bem Ally. Encontrarei Torinn e ficarei seguro até

seu retorno. Mas você precisa ir agora ou não teremos como fugir daquela galera ali. —

Aponta para os Feéricos da noite.

Assinto contrariada, sem nenhuma opção. Não posso correr o risco de atrasá-los

ainda

mais. Puxo Amós pela túnica e o obrigo a se curvar. O beijo desesperadamente, nosso

beijo de despedida doce e ao mesmo tempo salgado—por minhas lágrimas—, ele me aperta tão forte contra si que quase me parte ao meio.

Eu odeio despedidas. Em pensar que ficamos quase dez anos longe um do outro para

no fim estarmos nos separando novamente.

—Eu amo você. —Sussurra em meu ouvido. —Eu sempre te amei... —Mordo os lábios

—para evitar chorar ainda mais—, tão forte que quase sangra. Com um golpe rápido

corto uma mecha de seu cabelo, e a seguro.

—Eu volto para te buscar... —É só o que consigo dizer. Ele assente enquanto cerra os

lábios. Zum o puxa pelo braço o incitando a se afastar, e antes que eu corra para seus

braços novamente os dois desaparecem pela floresta.

Choro. Lana também chora comigo, me abraçando. A pego em meu colo e limpo seu

pequeno rostinho, e antes que aquelas criaturas cheguem a nós eu entro no portal frio.

Ele nos abraça e nos tele transporta para longe.

↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔

Ouço sons de passos, enquanto me levanto do chão do quarto de Lana. Olho para o

relógio e ele marca uma e um da manhã. Esse tempo todo no Submundo, e só se

passaram um minuto aqui na terra. Poderia acreditar estar em um pesadelo— queria

acreditar que era só bater na porta dos Krieger, e Amós atenderia a porta com o rosto

amassado e olhos sonolentos—, poderia... Se não fosse pela mecha loira do cabelo dele.

Minha mãe—a palavra “Mãe” soa estranha para mim, depois de tudo—, entra no

quarto.

—Mamãe. —Lana grita e corre ao seu encontro. Minha mãe chora desesperadamente e

quase esmaga Lana em seus braços. Ela diz um “Obrigado” por cima do ombro. Quero

gritar com ela, quero dizer que sei sobre tudo, que ela é uma mentirosa, que eu a odeio...

Mas o que faço é cair de joelhos.

Dobro-me ao meio enquanto choro. Como eu vou explicar ao senhor Krieger que

abandonei seu filho no Submundo? Que ele não vai mais voltar?

Como explicar ao meu coração que eu não tive opções se não deixá-lo lá? Mas eu

voltarei, tenho que voltar. Fiz uma promessa...

Limpo o rosto e me levanto, recompondo-me. Ainda segurando a longa mecha de

cabelo loiro passo por minha mãe e Lana, e vou até meu quarto. Tranco a porta, antes

que meu pai tenha a oportunidade de entrar.

Não vou me isolar lá como antes.

Pego minha mala de viagens e coloco alguns pertences dentro dela. Guardo a mecha de

cabelo, e retiro o coração de diamante do meu vestido e também o guardo muito bem—

num fundo falso—, meu pai esmurra a porta. Ele se assusta quando a abro.

—Allykah que roupa é essa? —Me olha dos pés a cabeça. —Filha o que aconteceu? O

que...? —O abraço fortemente, ele recua, mas depois retribui. —Anjo o que está

acontecendo?

Livro-me de seus braços e encaro minha mãe que segura Lana em seu colo. Ela me

censura com o olhar, mas a ignoro.

—Pergunte a ela. —Indico. —Eu amo você pai.

Antes que ele diga algo eu puxo minha mala de detrás da porta e a arrasto pela escada,

papai me segue e me pede para ficar, minha mãe o segura e diz que eu preciso de um

tempo, sozinha.

Bato a porta atrás de mim e saio para a rua ainda escura—iluminada pelas luzes

ofuscantes dos postes—, sem saber para aonde ir—sei apenas que não posso mais ficar

naquela casa. —, caminho a esmo, o céu ainda está de um azul escuro. Minhas pernas

me levam até uma casa creme de dois andares, e com duas palmeiras enfeitando a

entrada.

Bato na porta duas vezes com os nós dos dedos. Penso que terei que bater novamente,

mas ouço o barulho de uma chave entrando em uma fechadura, e “Click”. Jayne boceja

a me ver e aperta os olhos sonolentos. Ela não está surpresa já que provavelmente me

vira pelo olho-mágico.

—Allykah? —Arqueia uma sobrancelha e olha para mim, depois para minha mala. —O

que houve com você? Sua maquiagem está toda borrada, seu vestido rasgado... Você foi

violentada, atacaram você? —Retira o casaco e o coloca sobre mim.

Suspiro demoradamente.

—Será que posso passar o resto da noite aqui? —Sussurro.

Olá, você gostou deste livro?

Por favor, deixe um feedback positivo no site Amazon.com, skoob, ou

qualquer blog literário. Sua opinião é muito importante para mim e me

incentiva a escrever mais. Se você gostou indique aos seus amigos, e se

não indique para os inimigos. Gosto muito de trocar ideia com meus

leitores. Você pode me encontrar em:

https://twitter.com/Natymycha

172

Agradecimentos:

Há uma porrada de pessoas que me ajudaram a criar esse maravilhoso trabalho, se eu

dissesse que foi um trabalho solitário estaria mentindo. Há tantas pessoas que tenho

medo de me esquecer de alguém, se acontecer desculpe minha memória não é grande

coisa.

Queria agradecer especialmente ao Sammuel, você é incomparável devo esse livro a

você. Obrigado por ter me orientado, ter criticado alguns textos, enfim obrigado por

tudo. Você é um grande homem com um coração maior ainda.

Obrigado a todos meus amigos pela leitura crítica e espero não ter decepcionado vocês.

Um abraço especial ao Maurício Rosenberg, Renata Höltz, Blumberg pelo feedback

show de bola. Os conselhos... Obrigado por me deixar brincar com seu cachorro feioso

com cara de porco, altos pesadelos...

Obrigadooo ao Elias por me inspirar a criar aquele gigante *a italiano* (foi inspirado em você, não me processe).

A minha família por todo apoio incondicional, sei que passo muito tempo escrevendo,

mas vocês me apoiam desde o início. Os amo por isso.

Também as maravilhosas bandas Imagine Dragons, Sia, Lana Del Rey, Dimmu Borgir,

Hammerfall, In Flames, Lacuna e Fresno. Fresno é sinistro.

E por último, e não menos importante aos meus leitores que estão comigo desde

“Meia-noite: O vale das sombras”. Em especial a Nakamura, Angélica, Amanda e

Angel. Muito obrigada vocês são demais, amo todas vocês.